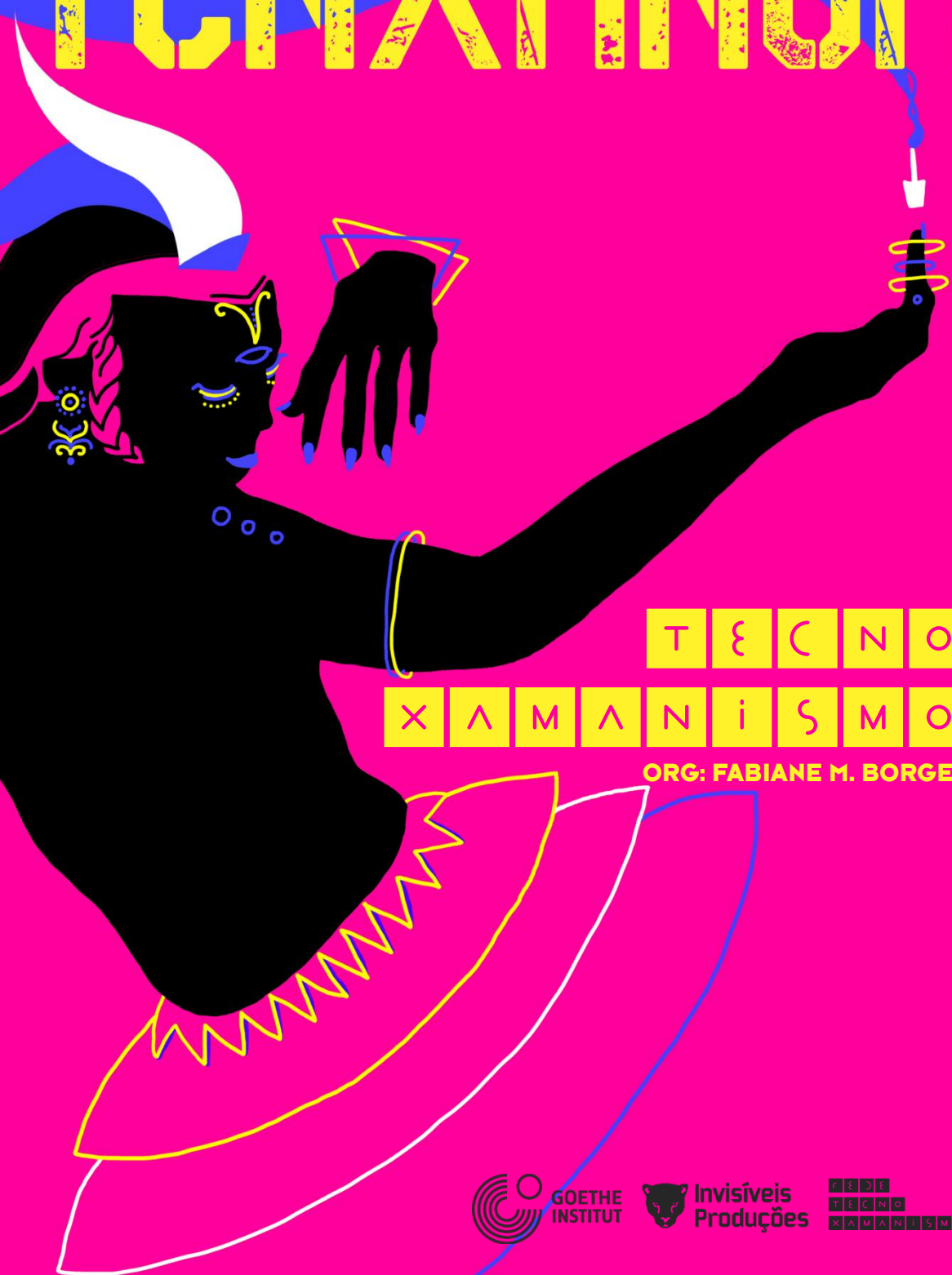
TCNXMNSM



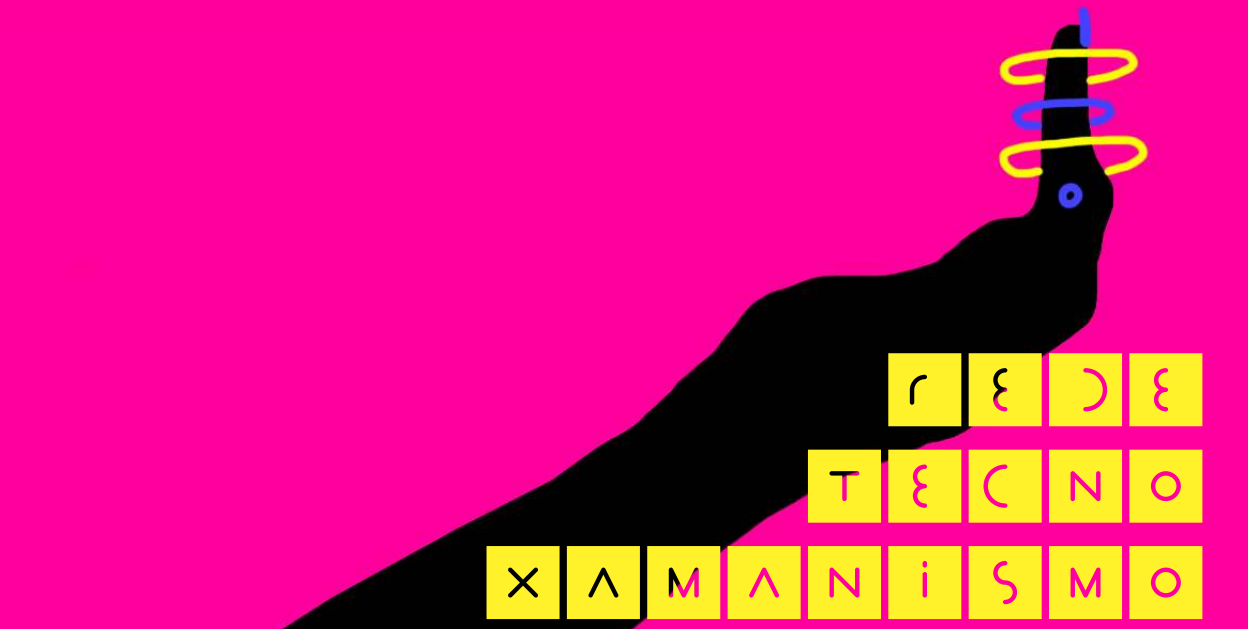
TECNO XAMANISMO

ORG: FABIANE M. BORGES

GOETHE INSTITUT
Invisíveis Produções
REDE TECNO XAMANISMO



TCNXMNSM



REDE TECNO XAMANISMO

CONCEPÇÃO E ORGANIZAÇÃO: FABIANE M BORGES. COM COLABORAÇÃO DE GEORGE SANDER, CARSTEN AGGER, GISELI VASCONCELOS. PROJETO GRÁFICO: DANIEL LIMA. TRADUÇÃO: GLERM SOARES E SIMONE BITTENCOURT. REVISÃO: FERNANDA LOMBA. REALIZAÇÃO: REDE TECNOXAMANISMO, GOETHE INSTITUT SÃO PAULO E INVISÍVEIS PRODUÇÕES. COM TEXTOS E IMAGENS DE ADRIANO BELISÁRIO + AKELARRE CYBORG + AZAEL VALDERRAMA + CARLA LYRA + CARLOS EDUARDO SOUZA AGUIAR + CARSTEN AGGER + CLAUDIA LOPES BORIO + DANIEL LIMA + DANILO LIMA + DOGMA COLETIVO CENTRAL + EDGAR FRANCO + EDUNOISE + ELEONORA OREGGIA + FABIANE M. BORGES + FABIANO FONSECA + FERNANDO GREGÓRIO + HENRIQUE MASERA LOPES + HILAN BENSUSAN + INGRID TARTAKOWSKY LÓPEZ + ISAAC FILHO E JULIANA DE MORAES + JOANNA FOSTER + JOESER ALVAREZ + JONATAN SOLA + JONATHAN KEMP + KADIJA DE PAULA + KALOAN + LAURA SOUBENES + LAURA PLANA GRACIA + LEANDRO NEREFUH + LECHEDEVIRGEN + LUÍSA HERVÉ + LUIZA SOH + MAÍRA DAS NEVES + MANDRÁGORA + MARCELO BRAZ + MARCELO GHANDI + MARCIO JUNQUEIRA + MARTIN HOWSE + MORGANA GOMES + NUBIA ABE + PABLO DE SOTO + PALOMA KLISYS + PAOLA BARRETO + PEDRO DIAZ + PEDRO VITOR BRANDÃO + PEETSSA + PHILIPPE WOLNEY + PIERRE HERVE LAMBERT + PILANTRÖPÓV + PILAS MACHINE + QUIMERA ROSA + RAFAEL FRAZÃO + RAISA INOCÊNCIO + RYAN JORDAN + SONJA VAN KERKHOFF + SUE NHAMANDU + TIAGO FIORAVANTE + TRANSNOISE + UNMONASTERY + VALENTINA MONTERO PEÑA + VINCENZO TOZZI + VICTOR VENAS + WLAX DYNE + WONJUNG SHIN + YASODARA CORDOVA

ISBN 978-85-66129-23-6

CONCEPÇÃO E ORGANIZAÇÃO: FABIANE M. BORGES
COM APOIO DE GEORGE SANDER, CARSTEN AGGER E GISELI VASCONCELOS
EDIÇÃO DE TEXTO: FABIANE M. BORGES
EDITORAÇÃO E PROJETO GRÁFICO: DANIEL LIMA
TRADUTORES: GLERM SOARES E SIMONE BITTENCOURT
REVISÃO: FERNANDA LOMBA
PRODUÇÃO: INVISÍVEIS PRODUÇÕES
REALIZAÇÃO: REDE TECNOXAMANISMO, GOETHE-INSTITUT SÃO PAULO E INVISÍVEIS PRODUÇÕES

INVISÍVEIS PRODUÇÕES É UM CENTRO DE CRIAÇÃO, AÇÃO E REFLEXÃO QUE TRABALHA NA INTERSECÇÃO ENTRE ARTE E POLÍTICA. A INVISÍVEIS PRODUÇÕES OPERA DE FORMA AUTÔNOMA, TRANSVERSAL E HORIZONTAL. AUTÔNOMA NA MANEIRA DE MOVIMENTAR-SE, CRIANDO DIFERENTES DIAGRAMAS E VÍNCULOS INSTITUCIONAIS SUSTENTANDO SUA INDEPENDÊNCIA DE PENSAMENTO. TRANSVERSAL NA MANEIRA DE COLETAR E REUNIR UMA RESERVA CRÍTICA DE VOZES DISSONANTES. HORIZONTAL NA FORMA DE PRODUZIR E COMPARTILHAR LIVREMENTE O CONHECIMENTO EM LIVROS, FILMES E PROJETOS CULTURAIS.
CONHEÇA E BAIXE NOSSAS PUBLICAÇÕES EM **ISSUU.COM/INVISIVEISPRODUCOES**
PARA CONTATO ESCREVA PARA **INVISIVEISPRODUCOES@GMAIL.COM**

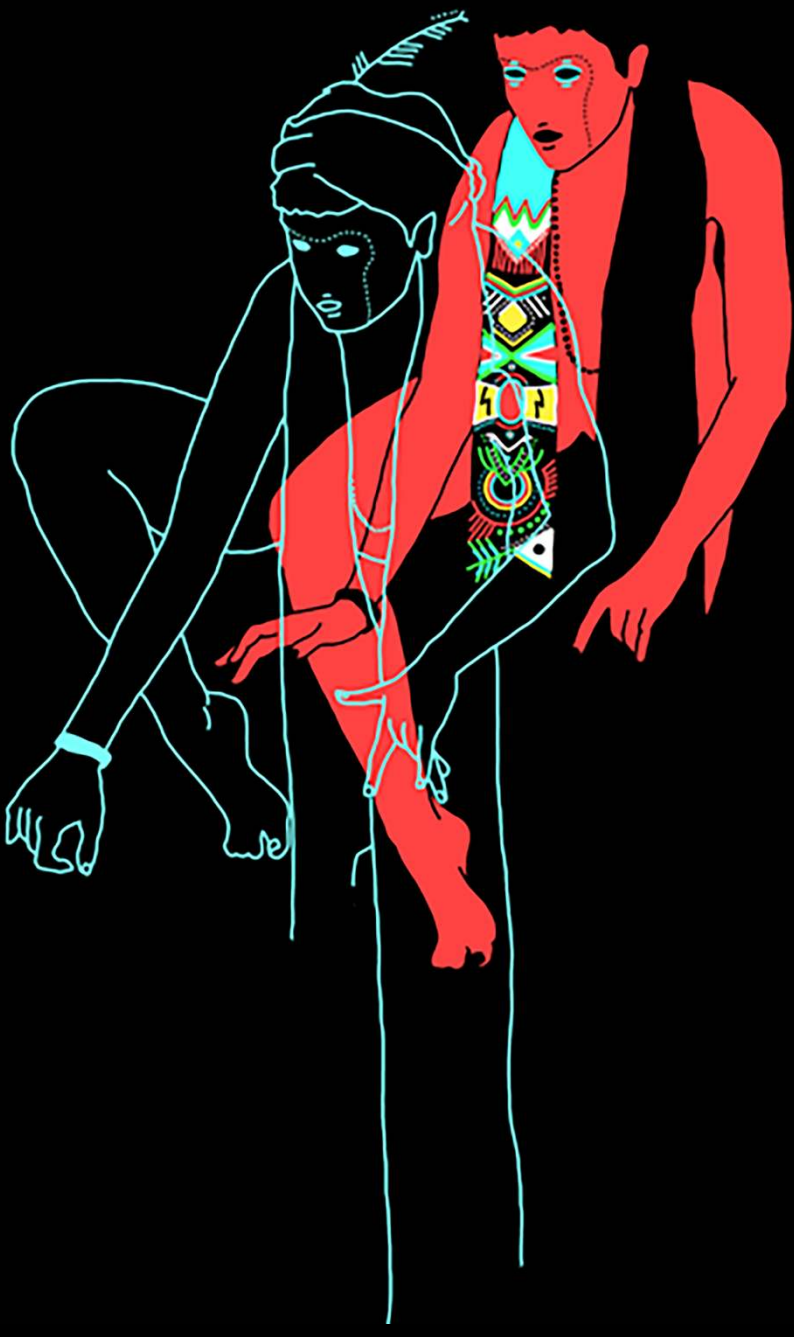
CREATIVE COMMONS
ATRIBUIÇÃO-USO NÃO-COMERCIAL 3.0 BRASIL WWW.CREATIVECOMMONS.ORG/LICENSES/BY-NC-ND/3.0/BR/
ESTE LIVRO PODE SER UTILIZADO, COPIADO, DISTRIBUÍDO, EXIBIDO OU REPRODUZIDO EM QUALQUER MEIO OU FORMA, SEJA MECÂNICO OU ELETRÔNICO, INCLUINDO FOTOCÓPIA, DESDE QUE NÃO TENHA OBJETIVO COMERCIAL E SEJAM CITADOS OS AUTORES E A FONTE.

Realização:

GOETHE INSTITUT

Invisíveis Produções

REDE TECNOXAMANISMO



ÍNDICE

TECNOXAMANISMO 09
FABIANE M. BORGES

TECNOXAMANISMO 14
KALGAN

ANTROPOCENO, CAPITALOCENO, CHTHULUCENO, VIVENDO COM O PROBLEMA EM FUKUSHIMA 21
PABLO DE SOTO

TRANSCENDENDO TECNOLOGIA: COMPUTAÇÃO UBÍQUA OU TECNOMAGIA? 31
ELEONORA OREGGIA

PLEX 37
LEANDRO NEREFUH

COSMOGONIA LIVRE - RITUAIS FAÇA VOCÊ MESMO (DIY) 47
FABIANE M. BORGES

TECNOXAMANISMO ANTROPOFAGIA DA TÉCNICA 69
ADRIANO BELISÁRIO

TECNOXAMANISMO E A ESTRANHA CIRCULARIDADE DO MUNDO 73
CARLOS EDUARDO SOUZA AGUIAR[1]

TECNOXAMANISMO 83
PILANTRÖPÓV

QUE MEMÓRIAS SÃO ESSAS? 91
DANILO LIMA

TECNO XAMANISMO 95
LUIZA SOH

REFLEXOS TRANS.LÚCIDOS 97
MORGANA GOMES

XAMONAS: XAMÃS + MONAS 101
TIAGO FIARONTE

TECNOXAMANISMO EM AARHUS 103
CARSTEN AGGER

JOGO, CORPO, TECNOLOGIA E SOBRE O GRANDE ABRAÇO-MÃE 109
FERNANDO GREGORIO

DO RITO À PRÁTICA, DO OCIO À TÉCNICA, DO AMOR AO DELÍRIO, DA FOME AO FIM. 117
RAISA INOCÊNCIO

XAMANISMO: CORPO E PLANTAS DE PODER 125
CARLA LYRA

A TÉCNICA COMO DIPLOMACIA COM NÃO HUMANOS 131
HILAN BENSUSAN

#EXCERTO3 141
MBRAZ

EROSÃO & RESTAURO 145
PHILIPPE WOLLNEY

ENTREVISTA AO CIBERPAJÉ 149
EDGAR FRANCO

CINEMA DE PLANTA 163
PAOLA BARRETO

COMPOSTAGEM 169
CLAUDIA LOPES BORIO

"A LENDA DE THYTH, O GIGANTE", OU "O QUE JAZ SOB THE PIT" 177
KADIJA DE PAULA
MAÍRA DAS NEVES
PEDRO VICTOR BRANDÃO

RECEITA DE YOPO OU COHOBA (RAPÉ XAMÂNICO) 181
JOESÉR ALVAREZ

O QUE É AKELARRE CYBORG? 183
AKELARRE CYBORG: QUIMERA ROSA + TRANSNOISE

COSMOGONIA SONORA 187
PEDRO DIAS

O MUNDO CRISTALIZADO 195
JONATHAN KEMP

PARA REFLETIR O CONHECIMENTO LIVRE E PROPRIETÁRIO: DO CÓDIGO ÀS SEMENTES 205
ISAAC FERREIRA FILHO E
JULIANA DE MORAES

O ÉTER E SEU DUPLO 209
MARTIN HOWSE

BRUXARIA DIY: UM DECÁLOGO SOBRE MAGIA E ARTE DE PERFORMANCE 217
LESHEDEVIRGEN TRIMESISTO

A TERRA COMO XAMÃ E NOVAS MÍDIAS 225
SONJA VAN KERKHOFF

NOTAS VISÍVEIS SOBRE O INVISÍVEL 291
SUE NHAMANDU

RUÍDO, SILÊNCIO E TECNOXAMANISMO (NO IGAPÓ DAS ALMAS SINTETIZADAS) 295
HENRIQUE MASERA LOPES

SOBRE ENTEÓGENOS, A QUÍMICA DA CONSCIÊNCIA E DISPOSITIVO RACIONAL 239
VALENTINA MONTERO P.
INGRID TARTAKOWSKY L.

A CANÇÃO DA VELA 247
WONJUNG SHIN

PERFOMANCE LIMPEZA AZTECA 251
XAMÃ CE QUIAHUIT
MARCELO GANDHI

A VIAGEM DE MANA 255
VINCENZO TOZZI

POSSESÃO TRANCE 257
RYAN JORDAN

GERADOR QUILOMBOLA 261
PEETSSA

AGROFLORESTA E TECNOXAMANISMO 265
JONATAN SOLA

WARSCAPE SONATA 273
VLAX DYNE

CONECT RADIX 277
PALOMA KLISYS

SAMBAA K'E PRINT STUDIO 285
JOANNA FOSTER

LUZ-CORPO: TRANSCENDÊNCIAS POÉTICAS DO MOVIMEMTO 293
VISTOR VENAS

MÁQUINAS COMPLEXAS E PERDIDAS 297
YASODARA CORDOVA

ESCUTANDO AS PAREDES: O UNMONASTERY 299
UNMONASTERY

MANDRAGORA 305
DOGMA COLETIVO CENTRAL

EDUNOISE 317
PATRICIA RAIJENSTEIN
JORGE BARCO
SELU HERRAIZ

FRAGMENTOS PARA A DESESTABILIZAÇÃO DOS CORPOS: MEDIAL AGES 321
LAURA PLANA GRACIA

ATA DA REUNIÃO TRANSESPECÍFICA DELIBERATIVA 327
RAFAEL FRAZÃO

AMATEUR, THE SOCIAL ROBOT 333
FABIANO FONSECA

EKOPORNOXAMANISMO 339
AZAEL VALDERRAMA

MINIDICIONÁRIO ILUSTRADO DE PATXÕHÃ 341
MARCIO JUNQUEIRA
FIRMINO

PARTICIPANTES 345

BIBLIOGRAFIA 355

DESENHOS POR
LUÍSA HERVÉ

CAPA E PÁGINAS 5, 32, 62, 124 E 130

"SER NASCENTE EM MOVIMENTO
SERPENTE, DANÇA DE ENERGIAS
E CONSCIÊNCIA DESPERTA.
A KUNDALINI BRILHANTE.
EMPODERAR-SE E EXPRESSAR-SE:
XAMONA SER DE FORÇA SEXUAL QUE
PERMEIA E ABSORVE, IMPULSIONA
E ACOLHE, FUNDE E SEPARA.
XAMONA GUERREIRX QUE ASCENDE
E PROCESSA DIFICULDADES
E EMOÇÕES QUE SE APRESENTAM.
O ENCONTRO DA IDENTIDADE FINITA
DO AGORA COM AS INFINITAS
IDENTIDADES CÓSMICAS."
POR LUÍSA HERVÉ

TECNOXAMANISMO

FABIANE M. BORGES

A PROPOSTA PARA A PRODUÇÃO DO LIVRO TECNOXAMANISMO SURGIU LOGO APÓS A REALIZAÇÃO DO I FESTIVAL INTERNACIONAL DE TECNOXAMANISMO REALIZADO NA COSTA DO DESCOBRIMENTO, MAIS ESPECIFICAMENTE EM ARRAIAL D'AJUDA, SUL DA BAHIA, NO SÍTIO DE PERMACULTURA ITAPECO, EM ABRIL DE 2014.[1]

CONSTRUÍDO PRIORITARIAMENTE NA INTERNET, O FESTIVAL MOBILIZOU UMA REDE DE PESQUISADORES, PROGRAMADORES, ATIVISTAS, ARTISTAS, CIENTISTAS DE VÁRIOS LUGARES DO BRASIL E OUTROS PAÍSES. FOI BANCADO ATRAVÉS DE UMA CAMPANHA (CROWNFUNDING) FEITA NO CATARSE[2], ONDE CONSEGUIMOS ARRECADAR R$ 15.502,00. FOI FUNDAMENTAL A AJUDA DE TODOS OS APOIADORES, E PRINCIPALMENTE O APOIO DA VOODOOHOP QUE ORGANIZOU EM SÃO PAULO, JUNTO COM PARTICIPANTES DA REDE TECNOXAMANISMO, UMA FESTA NO TEATRO OFICINA QUE COBRIU QUASE INTEIRAMENTE A IDA DO ÔNIBUS HACKER, QUE LEVOU PESSOAS DO ESTADO DE SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO. O RESTO DO DINHEIRO SERVIU PARA CONSTRUIR A ESTRUTURA DO FESTIVAL (ÁREA DE CAMPING, BANHEIROS SECOS, ALIMENTAÇÃO, RECICLAGEM DE LIXO, ETC). OUTRAS VÃS E ÔNIBUS TROUXERAM OUTROS GRUPOS (AUTONOMAMENTE) DO ESTADO DA BAHIA, COMO O GRUPO LCCPI (LABORATÓRIO DE CORPO-CRIAÇÃO-PERFORMANCE-INTERFERÊNCIA) DE VITÓRIA DA CONQUISTA

A ESCOLHA PELA TERRA DO DESCOBRIMENTO SE DEU A PARTIR DE 2 PONTOS:

1. PORQUE PARTE DAS PESSOAS DA REDE TECNOXAMANISMO PERTENCE A OUTRAS REDES COMO METARECICLAGEM E SUBMIDIALOGIA, QUE DESDE 2008 ORGANIZAM ENCONTROS EM ARRAIAL D'AJUDA VIA O ESPORO DE METARECICLAGEM BAILUX. A APROXIMAÇÃO COM OS PATAXÓS VEIO DESSES ENCONTROS REALIZADOS NO ESPORO BAILUX QUE CONECTAVA-SE COM A ALDEIA PATAXÓ VIA PONTO DE CULTURA DA ALDEIA VELHA PATAXÓ E A ESCOLA ALDEIA VELHA PATAXÓ. ISSO QUER DIZER QUE AO LONGO DESSES QUASE 10 ANOS OS PATAXÓS FORAM TENDO ACESSO A ESSAS DISCUSSÕES SOBRE SOFTWARE LIVRE, TECNOLOGIAS LIVRES, MÍDIA E AUTONOMIA E POR OUTRO LADO, NOSSAS REDES FORAM TENDO ACESSO À CULTURA PATAXÓ. POR ISSO QUANDO DECIDIMOS FAZER O I FESTIVAL DE TECNOXAMANISMO, NÃO TIVEMOS DÚVIDA DE QUE SERIA A CONTINUAÇÃO DOS TRABALHOS REALIZADOS POR NOSSAS OUTRAS REDES, NA TENTATIVA DE APROFUNDAR PROCESSOS JÁ INICIADOS.

2. PELO FATO SIMBÓLICO, JÁ QUE OS PATAXÓS SÃO CONSIDERADOS, ENTRE OUTROS, OS PRIMEIROS INDÍGENAS BRASILEIROS A SE DEPARAREM COM AS CARAVELAS DE PORTUGAL E ENFRENTAREM OS PROJETOS DE COLONIZAÇÃO. DESSE MODO FAZER OS FESTIVAIS ALI TEM ESSE CARÁTER DE INVERSÃO HISTÓRICA, DE RETORNAR A ALGUM PONTO HISTÓRICO PARA TRANSFORMAR A HISTÓRIA.

DURANTE O FESTIVAL CONVIVERAM CERCA DE 100 PESSOAS VINDAS VOLUNTARIAMENTE DE VÁRIOS LUGARES DO BRASIL E DE OUTROS PAÍSES. A MAIORIA SE INSCREVEU NO FESTIVAL ATRAVÉS DO WIKI DO TECNOXAMANISMO CUJA CONVOCATÓRIA ABERTA FOI FEITA EM 4 LÍNGUAS (PORTUGUÊS, ESPANHOL, INGLÊS E FRANCÊS).

DURANTE 7 DIAS OS PARTICIPANTES SE DISTRIBUÍRAM ENTRE PONTOS BASES, QUE SE DEU ENTRE O SÍTIO ITAPECO E A ALDEIA VELHA PATAXÓ. SÃO ELES:

- **A RÁDIO LIVRE** - FUNCIONOU DURANTE TODO O FESTIVAL E ALI FORAM FEITOS MUITOS DOS DEBATES, QUE FOI TRANSMITIDO AO VIVO ATRAVÉS DE UM CANAL DA WEB – **AQUI** PODE-SE VER O ARQUIVO[4].

- **O TERREIRO ELETRÔNICO** - FOI O LOCAL DAS OFICINAS DE ELETRÔNICA E MÍDIA (CONSERTOS DE ELETRÔNICOS, VIDEOMAPPING, MÚSICA, CIRCUITOS ELETRÔNICOS, PROGRAMAÇÃO DIGITAL) ASSIM COMO PALCO DAS FESTAS EXPERIMENTAIS QUE ACONTECIAM COMO VIVÊNCIAS E OFICINAS AUDIOVISUAIS[5].

- **O DOMO GEODÉSICO** - FOI O ESPAÇO DO SILÊNCIO, ONDE SE ESTABELECEU QUE SERIA USADO COMO O ESPAÇO NÃO VERBAL, DE IMERSÃO PROFUNDA, RESERVADO PARA EXPLORAR A COMUNICAÇÃO SEM PALAVRAS. ORGANIZADO PRINCIPALMENTE POR KEROØÀCIDU SUÄVÄK, COM APOIO DO GRUPO OVNEY E GRUPO XAMONAS, SURGIDOS DURANTE O FESTIVAL[6].

- **A COZINHA** - FOI O ESPAÇO DE PREPARAR AS REFEIÇÕES COLETIVAS DIARIAMENTE, TORNANDO-SE PALCO DAS DISCUSSÕES, CONVERSAS DE RODA, DEBATES DURANTES A MAIOR PARTE DO TEMPO[7].

- **O CONVÍVIO E OFICINAS NA ALDEIA VELHA** - ONDE OS PARTICIPANTES (A PEDIDO DOS PATAXÓS) OFERECERAM OFICINAS AUDIOVISUAIS PARA ALUNOS DO PONTO DE CULTURA ALDEIA VELHA PATAXÓ E DA ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ ALDEIA VELHA .[8]

- **AS PRÁTICAS DE PERMACULTURA, AGROFLORESTA E REAPROVEITAMENTO DE LIXO** - ACONTECEU DE MODO COTIDIANO, NÃO EM FORMATO DE OFICINAS OU EVENTO, MAS DE PRÁTICA COTIDIANA POR PESSOAS ENGAJADAS NO PROCESSO, E COM PARTICIPANTES DO FESTIVAL ACOMPANHANDO. LOGO DEPOIS DO FESTIVAL FOI DESENVOLVIDA POR JONATAN SOLA O PROJETO DE REVITALIZAÇÃO DE NASCENTES EM TERRA PATAXÓ APLICANDO SISTEMAS AGROFLORESTAIS (SAF'S) .[9]

- **RITUAIS COLETIVOS – COSMOGONIA LIVRE – RITUAIS FAÇA VOCÊ MESMO (DIY)** - (PERFORMANCE, DANÇAS, MEDITAÇÃO, ENCONTROS NA FOGUEIRA) SÃO PRÁTICAS QUE TEM SE FORTALECIDO NOS ENCONTROS DE TECNOXAMANISMO, JÁ QUE A IDEIA É CRIAR COSMOGONIAS PRÓPRIAS, CRIAR MEIOS DE CONEXÃO ANCETROFUTURISTAS, AMPLIANDO A PERCEPÇÃO, POTENCIALIZANDO O IMAGINÁRIO, INVENTANDO NOVAS PRODUÇÕES ESTÉTICAS, E IMERGINDO EM PROCESSOS COLETIVOS DE CARÁTER ANCESTROFUTURISTA.[10]

O FESTIVAL PROPORCIONOU QUE GRANDE PARTE DA REDE SE CONHECESSE PRESENCIALMENTE, E TAMBÉM CONHECESSE A COMUNIDADE INDÍGENA PATAXÓ, TUDO FEITO ATRAVÉS DE DANÇAS, OFICINAS, INTEGRAÇÃO AOS PROCESSOS QUE ESTAVAM SENDO DESENVOLVIDOS NA ALDEIA VELHA EM ABRIL DE 2014, COMO AS OLIMPÍADAS INTER ALDEIAS PATAXÓS E O CASAMENTO TRADICIONAL DE DOIS CASAIS PATAXÓS, AS VISITAS CONSTANTES NA HORTA DA PAJÉ JAÇANÃ, AFORA AS VISITAS DOS PATAXÓS AO SÍTIO ITAPECO, UMA DELAS SENDO PARA A CERIMÔNIA DE ABERTURA DO FESTIVAL, EM QUE OS PATAXÓS FIZERAM UM AWÊ (RITUAL).

O FESTIVAL PROMOVEU O PENSAR/PRODUZIR CONEXÕES ENTRE TECNOLOGIA E MAGIA, TENTANDO TRAZER AS POSSÍVEIS CONVERGÊNCIAS ENTRE AS TECNOLOGIAS PRODUZIDAS PELOS MEIOS ELETRÔNICOS E DIGITAIS E AS PRODUZIDAS PELOS CONHECIMENTOS ANCESTRAIS E FUTURISTAS ATRAVÉS DE RITUAIS TECNOXAMÂNICOS, SENDO QUE OS RITUAIS TRADICIONAIS MISTURAVAM-SE AO RUÍDO ELETRÔNICO, AOS VIDEOMAPPINGS PROJETADOS NA FLORESTA E ISSO CRIOU UMA CONVERGÊNCIA DE SENTIDOS E PERCEPÇÃO, QUE CONTAVA COM A SENSIBILIDADE DE TODOS.

A MAIORIA DAS PESSOAS QUE PARTICIPARAM DO FESTIVAL ERAM JOVENS, TANTO OS PARTICIPANTES DAS REDES DE INTERNET QUANTO DAS ALDEIAS PATAXÓS. ISSO COLABOROU PARA FORTALECIMENTO E POTENCIALIZAÇÃO DE AMBOS GRUPOS, JÁ QUE A TROCA DE PERSPECTIVA E O CLIMA RITUALÍSTICO TECNOXAMÂNICO PROMOVEU UM AMBIENTE DE ABERTURA E CRIAÇÃO, E

COLOCOU A SUBJETIVIDADE EM MOVIMENTO, QUE É UM DOS PRINCIPAIS OBJETIVOS DESSE FESTIVAL.

OS RITUAIS FAÇA VOCÊ MESMO ENTRAM NESSA CENA COMO MODO DE AMPLIAR O ESTADO DE CONSCIÊNCIA ATUAL, POTENCIALIZAR HABILIDADES QUE ESTÃO ESQUECIDAS DEVIDO AO RACIONALISMO EXACERBADO NO QUAL VIVEMOS HOJE EM DIA, QUE DISPUTA O PENSAMENTO DE ÍNDIOS E NÃO ÍNDIOS. SEM FALAR QUE O TECNOXAMANISMO É UMA OPÇÃO PARA OS INDÍGENAS TAMBÉM, QUE NA SUA MAIORIA TÊM SIDO ASSEDIADOS PELAS IGREJAS EVANGÉLICAS, QUE DEMONIZAM O XAMANISMO E IMPEDEM O FORTALECIMENTO DA CULTURA INDÍGENA.

MAS NÃO SE TRATA SOMENTE DE FAZER RITUAIS TECNOXAMÂNICOS, MAS TAMBÉM POTENCIALIZAR OS ESTADOS DO CORPO, DA VIDA COMUNITÁRIA, DE REPENSAR OS MODOS DE PRODUÇÃO DE TECNOLOGIA E DE REATIVAR OS CONHECIMENTOS ANCESTROFUTURISTAS. PARA MAIORES INFORMAÇÕES VER A PUBLICAÇÃO DE UM TEXTO EXPLICATIVO NA REVISTA GENI.[11]

DEPOIS DO I FESTIVAL DE TECNOXAMANISMO DECIDIMOS FAZER UMA CONVOCATÓRIA PARA PUBLICAÇÃO, FEITO EM TRÊS LÍNGUAS (INGLÊS, PORTUGUÊS E ESPANHOL), QUE FICOU ABERTO POR 8 MESES. FORAM RECEBIDOS CERCA DE 80 PUBLICAÇÕES, E O LIVRO FOI ORGANIZADO COM APOIO DO INSTITUTO GOETHE COM A EDITORA INVISÍVEIS PRODUÇÕES, ORGANIZADO POR MIM, COM AJUDA DE CARSTEN AGGER, GISELI VASCONCELOS, GEORGE SANDER E OUTROS APOIOS PONTUAIS.

ESSA PUBLICAÇÃO EXTRAPOLOU O FESTIVAL EM SI, POIS TROUXE A CONTRIBUIÇÃO DE PESSOAS DE VÁRIOS LUGARES DO BRASIL, AMÉRICA LATINA E OUTROS PAÍSES DANDO UM PANORAMA MAIOR SOBRE O TEMA DO FESTIVAL AGRUPANDO TEXTOS TEÓRICOS, PRÁTICOS, NARRATIVAS SOBRE O FIM DO MUNDO, ANTROPOCENO, TECNOMAGIA, ALQUIMIA, ANIMISMO, PROCESSOS ESTÉTICOS, ARTE CONTEMPORÂNEA, ARTE E TECNOLOGIA, DA PERFORMANCE, DO RUÍDO, DA ELETRÔNICA, DA PERMACULTURA, DOS SONHOS, DAS EXPERIÊNCIAS COM LISÉRGICOS, DAS NARRATIVAS COSMOGÔNICAS, DOS PROJETOS DE CONEXÃO ENTRE HUMANOS E GAIA, DA ANTROPOFAGIA, DO PERSPECTIVISMO, DO PAPEL DA TECNOLOGIA SUBVERSIVA, DOS HACKERSPACES, DA SINGULARIDADE TECNOLÓGICA, DO ASTROFUTURISMO E TAMBÉM DEPOIMENTOS SOBRE O FESTIVAL DE TECNOXAMANISMO.

PRETENDEMOS QUE ESSE LIVRO SEJA UM DEFLAGRADOR DAS EMERGÊNCIAS ATUAIS QUE ESTÃO ACONTECENDO EM VÁRIOS CAMPOS DO CONHECIMENTO, QUE ELE SEJA UM MOSTRUÁRIO DAS IDEIAS E AÇÕES DE PESSOAS QUE ESTÃO QUERENDO PRODUZIR UM NOVO TIPO DE HUMANIDADE, MAIS CRÍTICA E PROPOSITIVA EM RELAÇÃO ÀS MÁQUINAS, MAIS IMBUÍDA DO SEU PAPEL CÓSMICO, MAIS CONECTADA COM O PLANETA TERRA, MAIS SENSÍVEL A OUTROS ESTADOS DE EXISTÊNCIA, MENOS ANTROPOCÊNTRICA E MAIS TERRÁQUEA.

JUNTOS OS PARTICIPANTES PENSARAM A CONEXÃO ENTRE TECNOLOGIA E MAGIA, TENTANDO TRAZER AS POSSÍVEIS CONVERGÊNCIAS ENTRE AS TECNOLOGIAS PRODUZIDAS PELOS MEIOS ELETRÔNICOS E DIGITAIS E AS PRODUZIDAS PELOS CONHECIMENTOS ANCESTRAIS.
CONSTRUÍDO PRIORITARIAMENTE NA INTERNET, O FESTIVAL MOBILIZOU UMA REDE DE COLABORAÇÃO COM DIFERENTES PESQUISADORES, ARTISTAS, CIENTISTAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS, BEM COMO IMPORTANTES APOIOS LOCAIS ENTRE INDÍGENAS E NÃO-INDÍGENAS. O FESTIVAL FOI FINANCIADO ATRAVÉS DO SISTEMA CROWDFUNDING, ATRAVÉS DO CATARSE APOIADO POR INÚMERAS PESSOAS DOS MAIS DIFERENTES LUGARES.

A IDEIA DE FAZER O FESTIVAL DE TECNOXAMANISMO PARTIU DA NECESSIDADE DE SE BUSCAR RESPOSTAS PARA QUESTÕES DO NOSSO TEMPO, COMO O INGRESSO DA HUMANIDADE NO ANTROPOCENO. A ADOÇÃO OFICIAL DESTE TERMO PARA DESIGNAR A ERA EM QUE VIVEMOS É UM DOS TEMAS CENTRAIS DO CONGRESSO INTERNACIONAL DE GEOLOGIA, A SER REALIZADO EM 2016 NA ÁFRICA DO SUL. ANTROPOCENO DESIGNA A ATUAL IDADE DA TERRA, ONDE A TECNOLOGIA, INDUSTRIALIZAÇÃO E MEIOS DE PRODUÇÃO DOS HUMANOS SÃO QUALIFICADOS COMO FORÇAS GEOLÓGICAS, CAPAZES DE INTERFERIR SIGNIFICATIVAMENTE NOS CICLOS NATURAIS, TENDO COMO POSSÍVEL CONSEQUÊNCIA O FIM DO MUNDO, TAL COMO O CONHECEMOS - OU CONHECÍAMOS. OU SEJA, O FIM DAS FLORESTAS, O EXTERMÍNIO CONSTANTE DOS MODOS DE EXISTÊNCIA INDÍGENAS, A DETERIORAÇÃO DOS RIOS, ACIDIFICAÇÃO DOS OCEANOS, O DECLÍNIO DA BIODIVERSIDADE,

ENTRE OUTROS EFEITOS. NESSE CONTEXTO, SURGE A NECESSIDADE DE SE CRIAR NOVAS AGREMIAÇÕES, NOVAS REDES DE AÇÃO E PENSAMENTO, QUE COLABOREM NA CONSTRUÇÃO DESSE NOVO HUMANO MAIS CONECTADO À NATUREZA, QUE CRIE ALTERNATIVAS PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA E QUE SEJA CAPAZ DE COMPREENDER A IMPORTÂNCIA DE SE PRODUZIR EXPERIÊNCIAS MENOS NOCIVAS PARA O HUMANO E PARA A PRÓPRIA TERRA.

OS RITUAIS ENTRAM NESSA CENA COMO MODO DE AMPLIAR O ESTADO DE CONSCIÊNCIA ATUAL, POTENCIALIZAR HABILIDADES QUE ESTÃO ESQUECIDAS DEVIDO AO RACIONALISMO EXACERBADO NO QUAL VIVEMOS HOJE EM DIA. É PRECISO INVENTAR OUTRAS FORMAS DE FAZER RITUAIS, DE ESTAR JUNTOS, DE SE COLOCAR EM ESTADOS DE INTENSIFICAÇÃO DE CONSCIÊNCIA E DE PERCEPÇÃO. NESSE SENTIDO É QUE O TECNOXAMANISMO APARECE ENQUANTO PROPOSTA, BASEADO NAS SEGUINTES PERGUNTAS: QUE NOVOS RITUAIS NOS AJUDARIAM A NOS DESVINCULAR DO ANTROPOCENTRISMO EXAGERADO E PERCEBER OUTRAS FORMAS DE INTELIGÊNCIAS CONTIDAS EM NOSSO PLANETA? QUE TECNOLOGIAS O XAMANISMO PODE PROMOVER EM NOSSAS JUVENTUDES URBANAS? COMO APROXIMAR A CIÊNCIA, A TECNOLOGIA E O XAMANISMO, DE MODO QUE POSSAM ACHAR LINHAS DE CONVERGÊNCIAS?

DADA A COMPLEXIDADE DO TEMA, A CHAMADA PÚBLICA PARA ENVIO DE MATERIAIS PARA PUBLICAÇÃO SURGIU COMO UMA CARTOGRAFIA DE DIFERENTES PERSPECTIVAS E PRÁTICAS QUE SE CRUZAM SOB ESTA NOÇÃO. A PUBLICAÇÃO VISA DISCUTIR O TEMA DOS CONHECIMENTOS ANCESTRAIS E DAS TECNOLOGIAS NOVAS E OBSOLETAS, BUSCANDO ALTERNATIVAS ECOLÓGICAS, TECNOLÓGICAS E IMAGINÁRIAS PARA A CONSTRUÇÃO DE NOVOS PARÂMETROS DE AÇÃO NO MUNDO, EM UMA ÉPOCA EM QUE A LUTA PELA ÁGUA, A EXAUSTÃO DOS RECURSOS NATURAIS, O FIM DAS FLORESTAS E SEUS POVOS ESTÃO EM PAUTA. ENTRA AQUI TODA A RETOMADA DO QUE CHAMAMOS DE "ESPÍRITO DOS HACKLABS", DO "DO IT YOURSELF", DA ENGENHARIA APLICADA PARA RESOLUÇÕES LOCAIS E COM INTERESSES ECOLÓGICOS. ENTRA AQUI TAMBÉM O APOIO NA REESTRUTURAÇÃO DE SABERES, PRÁTICAS, LÍNGUAS, ENTRE OUTRAS COISAS, DOS POVOS INDÍGENAS, NOSSOS PARCEIROS.

DE MAIO A DEZEMBRO DE 2014, FORAM RECEBIDOS MAIS DE 80 TRABALHOS, A MAIORIA DELES INÉDITOS, DE DIFERENTES PESQUISADORES, ARTISTAS, ATIVISTAS E CIENTISTAS DE TODO O MUNDO, MAS COM GRANDE REFERÊNCIA NAS PRODUÇÕES BRASILEIRAS. ENTRE OS QUE ATENDERAM AO CHAMADO PARA A PUBLICAÇÃO, ALGUNS NÃO PARTICIPARAM DIRETAMENTE DO FESTIVAL, ENTRETANTO SE MOBILIZARAM A PARTIR DA CHAMADA ABERTA NA INTERNET A FIM DE CONTRIBUIR COM SUAS REFLEXÕES SOBRE O TEMA. OS FORMATOS VARIAM DE ABORDAGENS, COM TEXTOS ACADÊMICOS, ENSAIOS, POESIAS, FICÇÕES, TECNOFICÇÕES, HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, FOTONOVELAS, PASSANDO POR UM VASTO E RICO UNIVERSO DE IMAGENS SOBRE O ASSUNTO.

AGRADECIMENTOS:
REDE DE TECNOXAMANISMO
ALDEIAS PATAXÓ
INSTITUTO GOETHE
INVISÍVEIS PRODUÇÕES

Notas:
1. https://tecnoxamanismo.wordpress.com/2016/02/16/primeiro-festival-internacional-de-tecnoxamanismo /
2. https://www.catarse.me/tecnoxamanismo
3. http://tecnoxamanismo.metareciclagem.org/
4. https://archive.org/details/radio-tecnoxamanismo
5. https://www.flickr.com/photos/123679049@N08/14158657472/in/dateposted/
6. https://www.flickr.com/photos/123679049@N08/14181528253/in/dateposted/
7. https://www.flickr.com/photos/123679049@N08/14137178856/
8. https://www.flickr.com/photos/123679049@N08/page6
9. https://tecnoxamanismo.wordpress.com/2016/03/15/projeto-renascente-da-aldeia-para/
10.
https://www.flickr.com/photos/123679049@N08/14181328393/in/dateposted/
https://www.flickr.com/photos/123679049@N08/14138071686/in/dateposted/
https://www.flickr.com/photos/123679049@N08/14216813266/in/dateposted/
11. http://revistageni.org/10/tecnoxamanismos-etc/


Foto:
Nubia Abe

A palavra experimental pode convir, desde que a compreendamos como designando não um ato destinado a ser julgado em termos de sucesso ou fracasso, mas um ato de que não se conhecem as consequências.

Modos de colaboração autonomia rede de compartilhamento e desenvolvimento de autonomia compartilhamento de fontes de renda autonomia finaceira (estrategias de fluxo de grana) compartilhamento de espaço (casas, terrenos, praças, ocupações, parques, florestas, cachoeiras, rios, mares, planetas) autonomia de espaço (casas, terrenos, praças, ocupações, parques, florestas, cachoeiras, rios, mares, planetas) compartilhamento de dispositivos tecnológicos autonomia em dispositivos tecnológicos compartilhamento de transporte autonomia em transporte compartilhamento de práticas estéticas autonomia em práticas estéticas celebrações e encontros.

Sinestesia (do grego συναισθησία)

OS HUMANOS PODEM MOLDAR SEU CAMINHO. A PARTIR DO MOMENTO EM QUE VOCÊ VER O CAMINHO EM TUDO O QUE FIZER, VOCÊ SE TORNARÁ O CAMINHO.

NOSSAS CRENÇAS SE TORNARAM OBSOLETAS E DEVERIAM SER COLOCADAS DE LADO. UMA SOCIEDADE PSICODÉLICA ABANDONARIA OS SISTEMAS DE CRENÇAS PELA EXPERIÊNCIA DIRETA. A EXPERIÊNCIA DIRETA FOI POSTA DE LADO, E NO SEU LUGAR TODOS OS TIPOS DE SISTEMAS DE CRENÇA FORAM CRIADOS. A CRENÇA APARECE COMO ALGO AUTOLIMITANTE, UMA RESTRIÇÃO DA CONSCIÊNCIA. OS PSICODÉLICOS APARECEM COMO AGENTES DESCONDICIONADORES E EXPANSORES DA CONSCIÊNCIA.

a mudança

Singularidade tecnológica é a denominação dada a um evento histórico previsto para o futuro, no qual a humanidade atravessará um estágio de colossal avanço tecnológico em um curtíssimo espaço de tempo, em que a tecnologia criará um novo paradigma que torne o atual obsoleto, alterando radicalmente a civilização e a natureza humana.

Psicodelia é uma manifestação da mente que produz efeitos profundos sobre a experiência consciente.

O termo "psicodelia" origina-se da composição das palavras gregas psique (ψυχή- alma) e delein (δηλειν - manifestação). A experiência psicodélica é caracterizada pela percepção de aspectos da mente anteriormente desconhecidos, inusitados ou pela exuberância criativa livre de obstáculos.

Enteógeno é o estado xamânico ou de êxtase induzida pela ingestão de substâncias alteradoras da consciência. A palavra enteógeno, que significa literalmente "manifestação interior do divino", deriva de uma palavra grega obsoleta, da mesma raiz da palavra "entusiasmo", que refere à comunhão com a natureza e o universo. experiências visionárias, abertura de portais interdimensionais, aumento de consciência.

Glossolalia - criação de um vocabulário constituído por neologismos, balbuciares, impulsos musculares e que utiliza uma sintaxe deformada. Fenômeno extático, se origina num êxtase de comunhão com o cosmos, no qual um indivíduo emite uma série de sons ou palavras sem sentido, num processo automático e improvisado em conexão com o agora.

KAMPING EXPERIMËNTAL
between cosmic ritual and public space

PACAMÃE-MULTIVERSO ATÉ HOJE, NENHUM ÍNDIO OU COMUNIDADE INDÍGENA FOI INDENIZADO PELOS CRIMES DE DIREITOS HUMANOS OCORRIDOS NESSES LOCAIS. NUNCA HOUVE QUALQUER MANIFESTAÇÃO FORMAL DO ESTADO BRASILEIRO RECONHECENDO A EXISTÊNCIA DE TAIS CRIMES.

Alteração de estados de consciência é um dispositivo muito importante. Voltar à ideia de lucidez, e transgredi-la, criar novos parâmetros para pensá-la, atingir o estado Nagual, considerado por Don Juan de Castaneda o lugar da criação, que se debate contra o estado tonal, que é o estado de guarda, de consciência e lucidez fabricada ininterruptamente pelos estados de controle, pelo processo civilizatório, pela educação das crianças.

Com o anômalo, a relação é de aliança. O feiticeiro está numa relação de aliança com Yupana como potência do anômalo.

tenda nômade, encontro, trocas, experimentações sonoras, descanso, prazer, alegria.

Free folk: descoberta de uma ancestralidade que pode ser recriada, invenção de folclore pessoal, primitividade-concreta.

Ritual- acontecimento aberto, que assimila todos os gritos e sussurros ao seu redor.

ARROUBO EXPERIMENTAL DO CORPO À DERIVA. ATINGIR O CORAÇÃO DAS COISAS. EXPERIMENTO RADICAL. TUDO PODE SER FEITO. VIVA OS RECORTES, CONGLOMERADOS. POSIÇÕES RADICAIS NÃO SIGNIFICAM POSIÇÕES ESTÉTICAS, MAS POSIÇÕES GLOBAIS VIDA-MUNDO. UMA REVOLTA INDIVIDUAL CONTRA CADA TIPO DE CONDICIONAMENTO SOCIAL. PORQUE CORREM RISCOS. A DROGA (MEDICINA) ESCANCARA PARA NOVAS PERCEPÇÕES, NOVAS DIMENSÕES, NOVAS ESTRUTURAÇÕES.

A quebra dos condicionamentos e a tentativa de "não formular" conceitos rígidos, direções ou programas; surfar. Afim de mudar um paradigma existente, de nada adianta lutar ou ir contra. A única coisa a se fazer é criar um novo paradigma que torne o atual obsoleto.

Domos geodésicos, Naves geodésicas

A permacultura, uma filosofia de trabalhar com, e não contra a natureza; de observação prolongada e pensativa em vez de trabalho prolongado e impensado, e de olhar para plantas e animais em todas as suas funções.

Banheiro seco
Pajés Evangélicos
O que fazer com sua merda?
Jogar na agua e apertar a descarga?
Budistas
Ayahuasqueiros
Rede Planetária de espaços Autônomos e Nomadismos

botar pra rodar os imaginários indígenas e plantar sementes neles.
super fluxo de imaginários

da experimentação com aparatos que não conseguimos acesso gratuito.
Livre acesso a tecnologias.

Espaço de Práticas não verbais
Criação de Espaços de Práticas não verbais
Invenção de Práticas não verbais
Outros modos de nos comunicar

Gostamos das ocupações livres, dos transes, do experimental, de colaborar com outros e da possibilidade de outras formas de vida.

code is

Organismo de Vivência Nômade Experimental Y e suas contradições mágicas.

Faça você mesmo (em inglês do it yourself, sigla DIY) refere-se à prática de fabricar ou reparar algo por conta própria em vez de comprar ou pagar por um trabalho profissional. A prática, atualmente, engloba qualquer área de atividade, dos cuidados médicos ao design de interiores, da publicação à eletrônica.
A partir do final da década de 1970 o princípio faça você mesmo se tornou profundamente associado ao anarquismo e vários outros movimentos anticonsumistas, principalmente nos casos de grande e evidente rejeição à idéia de que um indivíduo deve sempre comprar de outras pessoas as coisas que deseja ou necessita.
Faça você mesmo, concebido como princípio ou ética, questiona o suposto monopólio das técnicas por especialistas e estimula a capacidade de pessoas não especializadas aprenderem a realizar coisas além do que tradicionalmente julgam capazes.
quer experimentar, descobrir novas possibilidades de vida

redes de fazeres interconectados, uns mandando satélites, outros produzindo medicinas sagradas.

Um bando que cria na esfera da arte-vida, experimenta o cotidiano como dispositivo de constante reinvenção da autonomia, liberdade, transdiciplinaridade, alquimia: influência de diferentes culturas, desenvolvimento de novas tecnologias rurais; organismo nômade em interação e intercâmbio cultural com outras redes, ecovilas, espaços de arte, aldeias, tribos, zonas autônomas e sustentáveis. Horizontalidade. Cultivo. Humor. Tecnocaldeirão. Amor.

A essência da festa: cara a cara, um grupo de seres humanos coloca seus esforços em sinergia para realizar desejos mútuos, seja por boa comida e alegria, por dança, conversa, pelas artes da vida. Talvez até mesmo por prazer erótico ou para criar uma obra de arte comunal, ou para alcançar o arroubamento do êxtase.

poetry



Sob a ameaça nuclear, **instalação artística de Luz Interruptus. Foto: Gustavio Sanabria.**

ANTROPOCENO, CAPITALOCENO, CHTHULUCENO, VIVENDO COM O PROBLEMA EM FUKUSHIMA

PABLO DE SOTO

Um misterioso exército de cem figuras humanas iluminadas apareceram em um bosque nas redondezas de uma cidade alemã em agosto de 2011. Era como uma estranha procissão de almas penadas avançando na metade da noite. De qual ameaça fugiam? Para onde seguiam? Trajadas com macacões brancos com o símbolo radiativo, qual era a origem das luzes interiores que emanavam? Qual a mensagem de suas cabeças baixas e bocas tapadas? Sobre que pesadelos ecológicos nos estavam alertando? O que nos diziam sobre o presente? E sobre o futuro?

A enigmática instalação, intitulada *Sob a ameaça nuclear,* foi realizada pelo coletivo anônimo Luz Interruptus, um grupo de artistas cuja proposta consiste em intervenções efêmeras por meio de elementos luminosos, capazes de resignificar os espaços públicos com suavidade e sutileza, usando a luz como matéria prima e a noite como tela. Nas palavras dos artistas, tratava-se de simular uma vida sob a ameaça constante de um vazamento radioativo. A instalação foi criada para pôr em evidência a paranoia que sofremos desde que o acidente nuclear do Japão teve início; evento que demonstrou, pela enésima vez, a falibilidade dos sistemas de segurança das centrais nucleares. O trabalho convidava à reflexão sobre o uso e abuso da energia nuclear, que pode chegar a ocasionar graves sequelas ao meio ambiente e à saúde, irreversíveis até a eternidade.

Em 11 de março de 2011, um terremoto de magnitude 9 na escala Richter, o quinto mais intenso registrado na história, fez tremer a terra durante seis minutos, ao redor de seu epicentro no Oceano Pacífico, em frente à cidade de Sendai. Em seguida, um tsunami gigantesco varreu 300 kilômetros da costa de Tōhoku, levando consigo a vida de mais de 16 mil pessoas. O choque das ondas sísmicas e das águas com a central de Fukushima Daiichi provocou a falha, um atrás do outro, de todos os sistemas de segurança. Sem refrigeração, os núcleos dos reatores se aqueceram até a fusão, e as subsequentes explosões de hidrogênio arrebentaram os edifícios de contenção que os abrigavam. A radiação ionizante se propagou em todas as direções. Mais de 160.000 pessoas foram evacuadas de suas casas. Enquanto os efeitos destrutivos do terremoto e do tsunami são patentes, quantificáveis e podem ser reparados, ao menos fisicamente, as consequências do acidente radiológico são imperceptíveis, difíceis de compreender e perduraram no tempo.

Ao responder com a potência visual e poética da arte a um evento originado a milhares de quilômetros de distância, a intervenção de Luz Interruptus evidenciava como um acidente em uma única instalação industrial tem a formidável e dramática capacidade de converter um topônimo regional em um acontecimento de significação e alcance planetário. O evento que se enuncia pelo solitário nome

de Fukushima, como antes Chernobyl, é ao mesmo tempo uma catástrofe social e ambiental, uma metáfora vivente do devir da modernidade industrial, que se une ao futuro Museu de Acidentes – a exposição para ampliar a consciência sobre os riscos ao nosso planeta proposta por Paul Virilio no começo do século 21.

No entanto, separados por 25 anos e contextos geográfico, social e econômico diferentes, sobre Fukushima supõe uma discontinuidade cultural a respeito da anterior catástrofe nuclear na extinta União Soviética. Como exclamado por Svetlana Alexeivich, Chernobyl foi por muitos anos um "espaço em branco", um mito fantasmagórico mais que um feito técnico-cultural (Bürkner 2013). Para essa interpretação contribuiu a escassa existência de imagens, livros ou de filmes de ficção sobre a catástrofe, com exceção daqueles feitos pelos cinegrafistas Igor Kostin e Vladimir Shevchenko – este não viveu para contar a história e morreu por envenenamento radiológico.

O desastre nuclear de Fukushima, ao contrário de Chernobyl, produziu uma ampla resposta artística e cultural desde os primeiros momentos e vem sendo exaustivamente interpretado de múltiplas formas. Apesar dessa produção literária e visual não ecoe nos meios hegemônicos de comunicação e sua presença em museus e centro culturais ter sido até agora discreta, muitos desses conteúdos estão disponíveis na Internet para quem tenha o interesse, a paixão e o tempo suficientes para investigar sobre o assunto.

Estos trabalhos artistitcos abordam uma realidade que parez propia da ficção científica. As paisagens da zona contaminada, assim como as da instalação da Luz Interruptus, parecem próprias de uma história desse subgênero. Múltiplos reatores nucleares explodindo um atrás do outro; edifícios de concreto de alta resistência reduzindo-se a escombros; vilas e pequenas cidades totalmente abandonadas evocando o imaginário apocalíptico da extinção humana; robôs biônicos desenhados *ad hoc* para acessar e poder filmar o coração mortífero da usina devastada; raios cósmicos empregados para detectar o combustível nuclear derretido; milhares de dosímetros de radiação com a forma de droides espalhados pelo território como novo equipamento urbano; crianças das áreas afetadas portando medidores Geiger no pescoço durante o dia e à noite e naturalizando a radioatividade nas suas conversas; manifestações ininterruptas com tambores frente aos centros de poder do Governo e de TEPCO; ação de protesto de um drone insurgente no prédio do primeiro ministro em Tokyo; operação de descontaminação sem precedentes, produzindo montanhas artificiais formadas por milhões de sacos de terra radioativa empilhadas por todos lugares; trabalhadores precários vestidos como estranhos astronautas limpando a invisível contaminação em casas, ruas e bosques; juízes em trajes de proteção radiológica em missiva para avaliação dos danos, no contexto de inspeções judiciais requeridas pela população desalojada. Essas são cenas do mundo criado em Fukushima, onde o limite entre a realidade e a ficção é uma ilusão de ótica.

Essa relação perigosa entre a realidade material e a ficção científica é o marco a partir do qual interpretamos a intervenção espectral de Luz Interruptus e sua estética visual fora dos cânones de imagens naturalizadas e facilmente digeríveis. Como uma cápsula do tempo vinda do futuro, a enigmática intervenção nos alerta, no agora, sobre um porvir distópico, salpicando sua mensagem de fatalidade do meio ambiente e da condição humana. A arte, segundo Marshall McLuhan, pode ser compreendida como um sistema de alerta prévio para monitorar sinais do futuro, como um radar capaz de

detectar as transformações que se aproximam, sinalizadas pelos avanços das tecnologias.

A intervenção anuncia uma catástrofe ambiental e um drama de refugiados em que o acidente radiológico se soma à longa lista de causas que forçam os movimentos migratórios. Esse cenário hoje é difícil de imaginar, à exceção dos que se converteram nos deslocados internos de um dia para outro em Chernobyl, Fukushima, Ilhas Marshalls ou Kysthym nos Urais. Pode-se especular, ainda, que a causa dessa catástrofe futura teria sido o colapso da capacidade dos estados em gerenciar, indefinidamente e com segurança, a energia nuclear; como se fosse crível administrar, de maneira assintótica, o impossível. Os resíduos nucleares de centenas de centrais operadas por décadas emergem como pesadelos ecológicos desse sistema de controle total, escancarando a falibilidade da técnociência hegemônica e de toda sua logística fundada na crença de poder dominar e neutralizar os efeitos da radiação. As misteriosas figuras podem ser vistas, dessa forma, como um bando de humanos em apuros, distanciando-se a duras penas do foco de um incidente nuclear; deslocados forçosos que perderam tudo, sem um lugar para onde regressar tampouco um lugar para onde ir.

Ao situar no centro do problema figuras humanas desorientadas e uma natureza danificada, *Sob a ameaça nuclear* desafia-nos a pensar como os humanos são, ao mesmo tempo, os algozes e as vítimas de suas próprias atividades sobre a Terra. Essa provocação tem a capacidade de estabelecer um diálogo com um dos grandes relatos científicos e culturais do nosso presente. Essa é a ideia denominada pelos geofísicos de Antropoceno, segundo a qual teríamos entrado numa nova era geológica no planeta onde a atividade humana teria alcançado efeitos de transformação do Sistema Terra equivalentes aos das forças geológicas. Essa Época é o aqui e agora em que vivemos; a Terra cuja atmosfera vem sendo irreversivelmente maculada pelos 1.500 bilhões de toneladas de dióxido de carbono emitidas pela queima de combustíveis fósseis. É o empobrecimento do tecido vivo terrestre, radicalmente transformado pelas novas moléculas químicas e partículas radioativas que afetarão de forma trágica a nossos descendentes. É um planeta com biodiversidade decrescente, mais alto risco de catástrofes naturais, desertificação acelerada, redução das massas de gelo, elevação dos níveis dos mares e um clima mais quente e extremo.

A ideia do Antropoceno vem tendo uma destacada e poderosa presença nos últimos anos, movendo-se rapidamente de uma proposta sobre a periodização geológica do planeta a uma conversação transdisciplinar de amplo alcance, gerando novos projetos de investigação, livros, periódicos acadêmicos, seminários, oficinas, exposições de arte e programas culturais ao redor do mundo. Capturando a imaginação dos âmbitos da Ciência Naturais, Sociais e da Arte, o Antropoceno é, hoje, um mega-conceito do qual é difícil escapar, um choque nas palavras dos historiadores Christophe Bonneuill e Jean-Baptiste Fressoz. O importante não é o anúncio da catástrofe, pois todos a sabem, mas sim o sentido que damos a ela e a maneira que novas sensibilidades podem emergir, como pontuam Isabelle Stengers (2009) e Deborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro (2014).

Nesse panorama cultural e acadêmico em formação que pensa o futuro desde o presente, a arte de *Sob a ameaça nuclear*, bem como a ideia do Antropoceno, nos desafiam a repensar, radicalmente, a relação entre a natureza e os seres humanos. Isso porque em Fukushima, tal qual no Antropoceno, a na-



Duas mulheres consultando na internet um mapa da radiação, Nagano, 2012. Foto: Pablo de Soto.

tureza já não é mais o que a ciência convencional imaginou que era. A natureza se converte em uma Zona onde o tempo e o espaço são alterados pela ação humana e, a contrário senso, nossa sensorialidade não evolui na mesma medida para perceber essas transformações. Como consequência, se produz um estado de desorientação e a necessidade de recalibrar nossos sentidos.

Um dos primeiros pensadores a advertir sobre essas transformações produzidas na escala dos fenômenos tecnológicos foi Günther Anders. Ele se preocupou com os desafios éticos que os avanços técnicos desenvolvidos a partir da Segunda Guerra Mundial suportavam, tendo sido pioneiro da filosofia da técnica e um dos grandes pensadores contra a bomba atômica. Viveiros de Castro lembra-nos, com Anders, a ideia presente na biologia a respeito dos fenômenos subliminares à percepção: aquela coisa que é tão baixinha, que você ouve mas não sabe que ouviu; você vê, mas não sabe que viu; como pequenas distinções de cores. São fenômenos literalmente subliminares, abaixo do limite da nossa percepção. Segundo Anders, estamos criando agora um algo a mais que não existia, a "supraliminaridade". Quer dizer, há algo tão grande que não se pode nem ver, nem imaginar. A crise climática ou uma catástrofe nuclear como a de Fukushima são uma dessas coisas. Como vamos imaginar algo que depende de milhares de parâmetros, um transatlântico invisível movendo-se com enorme massa inercial? As pessoas se paralisam. Se dá uma espécie de paralisia cognitiva. Ou, como Paul Virilio escreveu a respeito de Chernobyl, um acidente do conhecimento.

Como dois problemas que atravessam as esferas intelectuais, sociais e políticas, as duas formulações, a do Antropoceno e a de Fukushima, estão em discussão. Conforme se enunciará a questão, assim se formulará as respostas a essas crises do século 21.

A respeito do desastre nuclear, a descrição e a qualificação do acontecimento como problema está em disputa: está acontecendo algo em Fukushima ou o desastre foi solucionado?

A posição hegemônica mantida pelo governo e pela indústria é que o desastre teria sido superado. Nesse sentido, o acidente é apresentado pelas autoridades como "está tudo sobre controle", conforme encenado pelas afirmações do primeiro ministro Shinzo Abe durante a cerimônia onde Tóquio foi eleita cidade-sede dos Jogos Olímpicos de 2020. "Se sorrires a radiação não te afetará", afirmava o experto em saúde do Governo de Fukushima, o Doctor Shunichi Yamashita. Esse plano em curso assegura que é possível descontaminar a terra e voltar a repopular as áreas evacuadas. É a eterna reconstrução do mito da segurança dos reatores nucleares, como no filme Jellyfish Eyes de Takeshi Murakami. Nas afirmações dos físicos vinculados à indústria nuclear, os acidentes atuais, inclusive aqueles de nível máximo como Chernobyl ou Fukushima, são comparáveis aos incêndios resultados da domesticação do fogo, inevitáveis para passar a outro estágio da evolução humana.

Por outro lado, cientistas independentes e uma parte substancial da sociedade enxergam o desastre como algo ainda não solucionado, um Chernobyl em câmera lenta (Gundersen 2012), cujas consequências vem sendo, desde o início, subestimadas pelas autoridades. Essa pauta repercutiu nos maiores movimentos sociais de protesto ocorridos no Japão nos últimos 40 anos, em que a população denunciava a ocultação de informação a respeito do acidente por parte do Governo e TEPCO, demandava medidas adequadas para a proteção da saúde da população, especialmente a das crianças, e



Retrato de uma familia no acampamento de refugiados da radiação em Aizuwakamatsu, prefeitura de Fukushima, 2012. Foto: Pablo de Soto.

exigiam o fim da energia nuclear no arquipélago. Apontavam, ainda, o empobrecimento da democracia tendo em vista medidas regressivas, como a promulgação da Lei dos Segredos. Na esfera internacional, organizações científicas independentes, como a Fairewinds Energy Education e a IPPNW (Congregação Internacional de Médicos para a Prevenção da Guerra Nuclear), criticam as informações das agências internacionais como a UNSCEAR (Comitê Científico de Nações Unidas para os Efeitos da Energia Atômica), indicando seu menosprezo quanto às consequências do acidente para a saúde pública.

O Antropoceno, como narrativa em ascensão meteórica, não está, contudo, imune à questionamentos e proposições alternativas.

Uma das principais contra-formulações parte da crítica que o Antropoceno naturaliza uma formação histórica e política específica, o capitalismo, como o único modo de produção e reprodução da vida humana. O argumento põe foco no poder das corporações, no neoliberalismo, no neocolonialismo e no extrativismo, e defende que não foi Antropos, como espécie humana indiferenciada, quem causou a destruição que o Antropoceno assinala. A sexta extinção em massa de espécies ou o aumento de quatro graus da temperatura média do planeta pela queima de combustíveis fósseis, por exemplo, foram e continuam sendo causadas, sobretudo, por uma pequena fração da humanidade, um grupo de países e umas centenas de grandes corporações – o denominado 1%. Um de seus principais impulsores é Jason Moore, sociólogo do Centro Fernand Braudel, cujo questionamento pode ser traduzido na seguinte pergunta: estamos realmente vivendo no Antropoceno, retrocedendo a um ponto de vista curiosamente eurocêntrico da humanidade e na sua fé no determinismo tecnológico, ou estamos vivendo no Capitaloceno, uma época formada por relações que privilegiam a acumulação interminável de capital? Moore parte da perspectiva da crise do binômio ecologia/economia até uma teoria unificada do capitalismo como ecologia-mundo, sumando a acumulação de capital, a busca do poder e a produção da natureza em uma unidade dialética. A ideia do Capitaloceno define nossa época como aquela em que a natureza não pode trabalhar por muito mais tempo para manter o ritmo de extração e produção da máquina industrial contemporânea, pois a maior parte das reservas da Terra foram drenadas, envenenadas, exterminadas, ou simplesmente, exauridas.

Argumentando que Antropoceno e Capitaloceno são histórias grandes, mas não suficientemente grandes, Donna Haraway nos propõe voltarmos à ficção científica, especulação fabulativa e feminismo especulativo como mecanismos como mecanismos para visualizar um futuro mais vivível. Como uma figuração completamente diferente que serpenteie por dentro e através da Era de Antropos e a Era do Capital, a autora propõe o nome Chthuluceno para resgatar as criaturas tentaculares que a modernidade relegou como algo do passado, como aquilo que já foi derrotado, mas que não o está de verdade. O Chthuluceno como um tempo heterocrônico em que o limite entre o antigo e o contemporâneo se fundem, que nomeia as forças sim-chtônicas em marcha, às quais todos nós pertencemos. A potência da figura oferece um ponto de partida onde os atores não são apenas "nós": uma saída metodológica ao excepcionalismo humano. Ante a compreensão de um mundo que enfrenta desastres ambientais sem precedentes induzidos pela humanidade, o Chthuluceno convida a uma exploração da co-dependência e co-produção das espécies e dos sistemas da

terra, que Haraway denomina como viver com o problema".

Com seus diferentes repertórios teóricos, aparatos analíticos e metafóricos, Antropoceno, Capitaloceno e Chthuluceno são maneiras de ver que iluminam e obscurecem umas e outras lutas situadas. São formas de nomear o que esta acontecendo ao nosso ar, água, terras, rochas e oceanos, aos animales, plantas e a nos mesmos. Seja denominada de uma ou outra maneira, nossa época marca descontinuidades graves. Como em Fukushima, o que vem depois não será como o que era.



Notas:
1. A Alemanha foi o primeiro país a anunciar o abandono total de energia nuclear em 2022.
2. Este texto integra a introdução da Tese de Doutorado "Antropoceno, Capitaloceno, Chthuluceno; vivendo com o problema em Fukushima", desenvolvida dentro do Programa de Posgraduação em Cultura e Comunicação da Escola de Comunicação da Universidade Federal de Rio de Janeiro, sob a orientação da Ivana Bentes e Antonio Lafuente.



Protesto antinuclear "Os tambores da furia'' nas ruas de Shinjuku, Tokyo, 2012. Foto: Pablo de Soto.

TRANSCENDENDO TECNOLOGIA: COMPUTAÇÃO UBÍQUA OU TECNOMAGIA?

ELEONORA OREGGIA

COMO PODEMOS TRANSCENDER A TECNOLOGIA? COMO A TECNOLOGIA NOS TRANSCENDE? TECNOLOGIA PODE SER USADA COMO UM INSTRUMENTO DE EXPANSÃO DA SUBJETIVIDADE E CRIAR OUTRA REALIDADE? O USO DIFUNDIDO DA TECNOLOGIA NOS DIAS DE HOJE LEVANTA UMA SÉRIE DE QUESTÕES E PERSPECTIVAS RELATIVAS À ESPIRITUALIDADE: A PESQUISA FOI REALIZADA ATRAVÉS DE ENTREVISTAS E LITERATURA SELECIONADA; DIFERENTES MANEIRAS DE INCORPORAR ASPECTOS DA ESPIRITUALIDADE EM NOSSAS INTERAÇÕES COM TECNOLOGIA SÃO DESCRITAS NESTE ARTIGO.

Como podemos imaginar, e, eventualmente planejar, sistemas que integram tecnologia contemporânea e as formas tradicionais de espiritualidade em nossa vida cotidiana? Tecnologia e espiritualidade influenciam-se mutuamente e deformam-se entre si e com o mundo que nos rodeia, e a percepção da realidade está passando por uma metamorfose constante. Erik Davies, em seu livro "TechGnosis", investiga como a linguagem e as ideias da sociedade da informação têm moldado e até transformado muitos aspectos da espiritualidade contemporânea. No capítulo "O fogo alquímico", ele introduz o conceito de inconsciente tecnológico, um inconsciente que emana do imaginário eletromagnético: agora que a corrente elétrica, energia, foi transformada em informação, "a eletricidade levaria três aspectos diferentes da imaginação alquímica para o mundo moderno: o fascínio com a vitalidade dos órgãos, o desejo de espiritualizar a forma material, e a vontade milenar de transmutar as energias da Terra para a realização divina de sonhos humanos "[1].

Se a tecnologia, por um lado, percebe parcialmente alguns dos sonhos de magia natural tradicional, como ação a distância, a comunicação remota e a possibilidade de criar e manipular uma realidade alternativa (virtual) – onde a ação humana pode ser comparada com a ação do sobrenatural – por outro lado, ela estimula o desenvolvimento de diferentes dispositivos e aplicativos que podem formar a estrutura de uma nova prática espiritual contemporânea. A conexão entre a tecnologia e o sobrenatural é instintivamente presente em nossa mente, mas em que consiste atualmente a espiritualidade?

Desde o século XIX, tendências em formas emergentes de espiritualidade combinaram o apelo da magia popular com o pensamento místico, tradição hermética europeia com o pensamento metafísico do Oriente, às vezes misturando e combinando as novas visões de mundo evolutivas e eletromagnéticas da ciência com as novas políticas globais de fraternidade universal. Em anos mais recentes, o Ocidente tem visto por um lado uma estranha difusão do budismo e do nascimento da cultura de uma nova era agnóstica, alimentados por uma fusão doce, feliz e politicamente correta de es-

piritualidade e tecnologia (sem qualquer forte orientação ideológica como background), por outro lado, a re-apropriação tribal da subjetividade e do direito de explorar mundos exteriores e estados alterados de consciência têm surgido no contexto da música techno, xamanismo pós-moderno[2] e outras formas reeditadas de magia, onde a reinvenção do uso da tecnologia auxilia a criação desses meta-espaços de experimentação que a Capoeira[3] define como textura sagrada – onde jogo e ritual são alocados naquele espaço específico expandido por dança e música.

O applicativo "Buddify[4]" de Rohan Gunatillake é uma tentativa de propor uma forma de meditação, direcionada para hipsters ao invés de hippies, como alega o autor: o alvo, suas personalidades, são usuários em harmonia com a correria da civilização que os rodeia, permitindo a otimização de seu tempo de transição – todos aqueles momentos quando se está viajando diariamente, esperando na estação de correios ou travado numa fila de ingressos – preenchendo esse vazio específico com meditação de fácil digestão; meditação torna-se, então, um método de preenchimento dos intervalos da sua rotina para manter-se como multitarefa, e, em vez de assumir a forma de um tempo-espaço dedicado e uma técnica onde a pessoa procura uma alternativa para um estilo de vida frenético, amalgama plenamente com a metodologia moderna de produtividade, propagando a ideia de que de alguma maneira o tempo vale dinheiro e que deve sempre ser usado com uma espécie de atitude empreendedora, obtendo o máximo resultado com o mínimo esforço.

Kaffe Matthews, a artista e compositora de "Sonic Bed[5]", atingiu um efeito muito mais profundo ao buscar um objetivo diferente: disposta a criar uma cama apoiada em alto-falantes, a fim de desenvolver um sistema na forma de uma instalação interativa de arte sonora, que ofereceria a possibilidade de ouvir o som da vibração ao invés da percepção audível, de repente viu-se diante de uma obra de arte que pode jogar instantaneamente o usuário em um profundo estado de meditação.

O artista de ruído eletrônico Ryan Jordan, em resposta à difusão generalizada de máquinas de sonho e outros dispositivos estroboscópicos caros para a criação de um nirvana faça você mesmo (DIY), desenvolveu seus óculos de rolos de papel higiênico: o paraíso não está tão longe se todos podem fazer, usando componentes eletrônicos baratos fáceis de encontrar e alguns descarte de eletrônicos, o seu pequeno dispositivo para transcender visões e alcançar transformação espiritual; a democratização do direito de sermos xamãs nas sociedades contemporâneas que prejudicam tanto o mundo do conhecimento enigmático e o mundo dos engenheiros do éter, enquanto na verdade todos com um pouco de esforço poderiam ser ensinados a construir o seu próprio... oráculo midiático. Mas este é apenas o começo da história porque, se por um lado todas estas diferentes aplicações baseiam-se no uso da música como auxílio para espiritualidade, por outro lado as questões levantadas merecem uma análise mais aprofundada.

COMPUTAÇÃO CALMA

Em computação, tecnologia calma visa reduzir o sofrimento potencial de sobrecarga de informação, permitindo que o usuário selecione quais informações estão no centro da sua atenção e o que pode ser periférico. O termo foi inventado no final dos anos 80 por Mark Weiser, diretor de tecnologia, e John Seeley Brown, diretor do laboratório de pesquisa da Xerox de Palo Alto, prevendo a necessidade de princípios de design e métodos que permitem aos usuários detectar e

controlar o que imediatamente lhes interessa enquanto retendo consciência periférica de outras possibilidades de informação que eles podem, a qualquer momento, optar por focar. Enquanto os dispositivos de programação embarcados tornaram-se uma parte onipresente de nosso meio ambiente, a capacidade de projetar ambientes e dispositivos tranquilizantes está se tornando cada dia mais importante.

E esta é a computação ubíqua, um modelo pós-desktop de interação humano-computador em que o processamento de informações foi completamente integrado às atividades quotidianas e objetos. Definida como a terceira onda na computação, de mainframes à computadores pessoais, com a computação ubíqua, ou a era da tecnologia calma, a "tecnologia que retira-se para os bastidores de nossas vidas"[6].

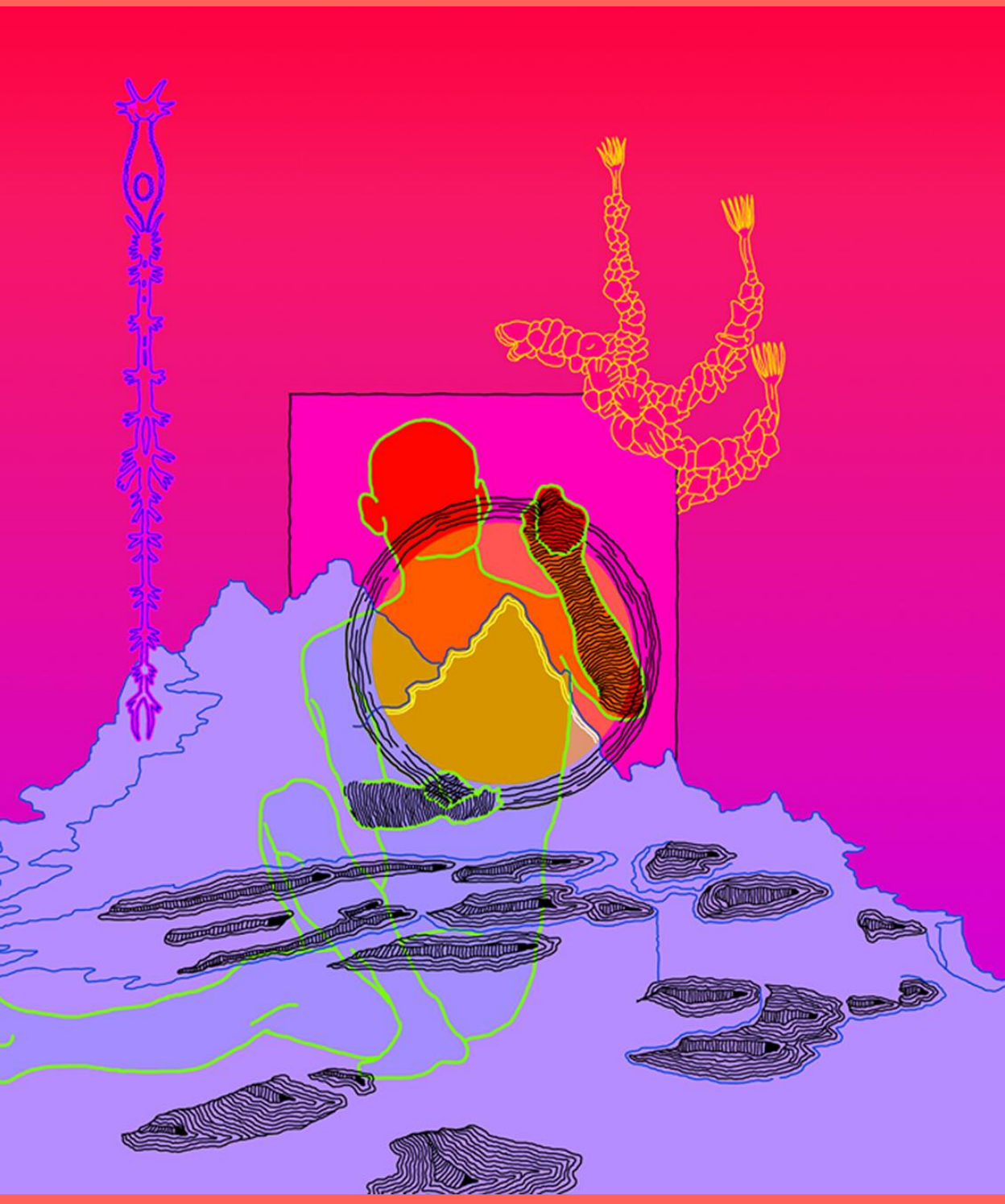
A ideia é um tipo de mundo desenrolado e sobrecarregado com microtecnologia inteligente que começa a reagir e interagir conosco sob nosso critério, ou seja, quando nós prestamos atenção nele, ou quando ele decide que é oportuno interagir. Este tipo de design multiverso, ou projeto para universos paralelos trazido à existência pela atenção e a presença do observador pode ter herdado um pouco da consciência que os ensinamentos de Werner Heisenberg e os princípios da física quântica trouxeram, mas a computação ubíqua é ainda mais assustadora do que isso, já que princípios não são desenvolvidos com a intenção de respeitar o indivíduo, nem de maneira que os direitos pessoais não sejam violados por uma queixa intrusiva da tecnologia.

COMPUTAÇÃO ESPIRITUAL

Craig Warren Smith, ex-professor da Universidade de Harvard e agora conselheiro sênior do HITLab, declarou em uma entrevista recente[7] que os princípios da computação calma, aplicados em ambientes comerciais, têm distorcido a visão de Wieser de um mundo tecnológico que se dissolve na indistinção, indefinindo ultra-espaço do potencial interativo, criando uma espécie de realidade em múltiplas camadas que nos lembra da multiplicidade de Bergson, a multiplicidade de fenômenos unificadas pela singularidade da consciência. Tentando responder a ideia centro / periferia de Wiener em um tecnologia calma, ele olha para a fenomenologia com os olhos budistas e sugere que, na computação espiritual o mundo espiritual em geral refere-se ao cultivo de informações, sabedoria, consciência, e um estado consciente na qual a linha dividindo pensamento e tecnologia está ficando mais fraca a cada dia. Nesta vigília espiritual, humanos e máquinas podem ser unidos em um "crescimento espiritual" mútuo; a consciência humana pode ser melhorada, mas, ao mesmo tempo, a espiritualidade, como ele declarou recentemente, está ameaçada pela tecnologia: "A tecnologia não é intrinsecamente espiritual, é uma ferramenta para a experiência de imersão e experiência imersiva que pode absorver você e a absorção pode viciar você e o vício é o oposto do desenvolvimento espiritual "[8].

CW Smith, por 30 anos professor budista, hoje parece mais cauteloso em relação à tecnologia e seus efeitos sobre os seres humanos – após definir a Computação Espiritual como: "as idéias, métodos e práticas necessárias para trazer" espiritualidade ", na concepção de tecnologias de próxima geração"[9], em 2001, e afirmar que a tecnologia poderia finalmente embarcar até construções espirituais que tiveram milhares de anos para se desenvolver.

Envolvido como um dos fundadores do movimento global para fechar o abismo digital, sua pesquisa abordou os impactos culturais e espirituais das tec-



nologias digitais em mercados emergentes. O conceito de abismo digital refere-se a quaisquer desigualdades entre os grupos em termos de acesso, utilização, ou conhecimento de tecnologias de informação e comunicação. Em uma escala internacional os países se tornam as unidades de uma análise que examina a divisão entre países em desenvolvimento e desenvolvidos. Conectividade está em estreita relação com a produtividade e o acesso torna-se uma condição necessária para superar o abismo digital. Hoje em dia a transformação de eventos acelerou seu ritmo, e o saldo (un) econômico global está mudando à medida que escreve.

Outra divisão conceitual e histórica está a mudar e mudou nos tempos modernos: a do conflito entre a massificação do consumo ocidental e espiritualidade oriental. Os países em desenvolvimento não estão se tornando a nova força de trabalho de produção capitalista contemporânea fetichista de objetos e serviços?

A espiritualidade oriental não foi lentamente devoradas pela tendência antropofágica ocidental de assimilar formas culturais heterogêneas em um supermercado total unificado?

Como o budista Vidyadaka afirmou, "estamos nos tornando uma economia de consumo global do mundo e a espiritualidade impulsionada não está fortemente associada mais com o Oriente, e há um forte surgimento do estilo de vida espiritualizado em todo o mundo ..."[10].

TECNOMAGIA

Fabi Borges, uma psicóloga brasileira que utiliza rituais que integram tecnologia no processo de terapia individual e coletiva, narra a história peculiar do Brasil, onde as práticas de software de fonte aberta e hackers encontraram o xamanismo, dando à luz a tecnomagia[11], uma tendência que emergiu simultaneamente em várias partes do mundo sob uma variedade de nomes, tecnobeduínos, tecnoxamanismo, etc.

Tecnomagia não é outro nome para a realidade aumentada, nem identifica qualquer das ilusões que a tecnologia pode desencadear; ao contrário, é a integração, e a reinvenção, de práticas espirituais locais (ou seja, o candomblé) e rituais antigos (ou seja, a ayahuasca), com as possibilidades de expansão da subjetividade que a tecnologia oferece. Se a tecnologia torna-se, em certo sentido, um acessório da experiência pessoal / individual, oferecendo, por exemplo, a possibilidade de gravar e amplificar o som, em outro sentido, é o substituto de uma forma de privação: xamanismo tradicional é, de fato, fortemente ligado ao território e os espíritos que se acredita que nele habitam; no entanto, várias ondas de migração e a onipresença que a Internet e a tecnologia moderna geram, estimularam uma total nova relação com o eu individual e da comunidade em torno dele. Além disso, tecnomagia preenche a dicotomia presente nas gerações jovens entre tendências contemporâneas e vanguardistas sobre a tecnologia, música e cultura, que hoje em dia são, por vezes comuns para um tecido de gerações em todo o mundo, mas também para as tradições locais antigas. Tecnomagia é sobre o nosso presente, não faz acreditar em um futuro maravilhoso onde tudo vai ser melhor, tecnomagia não acredita na evolução ou desenvolvimento, os olhares tecnomágicos, ao invés disso, estão estendidos pela textura constituída pela multiplicidade e unicidade da percepção simultânea do presente que passa por toda parte, e se conecta aos nossos corpos.

CONCLUSÃO

Raciocinar sobre a tecnologia em relação à espiritualidade, e vice-versa, é um passo difícil e necessário que precisa

ser perpetrado no mundo contemporâneo. O tema é crucial e particularmente denso, e pode merecer um maior desenvolvimento e análise. A música tem sido identificada como um fator que promove o desenvolvimento espiritual. Tecnologia e espiritualidade não parecem estar em oposição; eles podem, sim, ser complementares, ou becos sem saída, como Fabi Borges sugere[12].

Gary Lachman[13] propõe ao olhar para trás e inspirar-se pela etimologia grega: enquanto techne refere-se a um know how, ou uma técnica, e é geralmente colocado em oposição a episteme, que é o conhecimento no sentido da ciência, ou o que é verdadeiro – gnose, a palavra comum para conhecimento, veio para indicar, ao longo dos séculos, uma forma de conhecimento espiritual.

Tecnologia e espiritualidade são, no final, nada mais do que a expressão de duas formas diferentes de conhecimento.

Notas:

1. n.t. http://buddhify.com/
2. https://vimeo.com/49406849
3. Erik Davies, TechGnosis: Myth, Magic and Mysticism in the Age of Information (Nevada City, U.S.A.: Harmony Books, 1998).
4. A good reference on this theme is: Daniel Pinchbeck, Breaking open the head (New York, U.S.A.: Broadway Books, 2002).
5. Capoeira é uma arte marcial brasileira que combina elementos de dança e música.
6. Mark Weiser, 1986.
http://www.ubiq.com/hypertext/weiser/UbiHome.html
7. Spiritech: transcending technology. London, 2003, 147.
8. ibid.
9. Craig Warren Smith, 2001.
www.stc.arts.chula.ac.th/.../PPT-files/Craig-SC%20Chula%20pres.ppt
10. Spiritech: transcending technology. London, 2012.
11. A primeira reunião oficial de tecnomagia terá lugar na localidade Visconde de Mauá (Itatiaia, Brasil) entre os dias 10 a 13 de Maio de 2012.
http://nuvem.tk/?tecnomagias
12. Spiritech: transcending technology. London,2012.
13. ibid.

PLEX

LEANDRO NEREFUH

A questão é
O PLEX E O SED PLEX CIVILIZATÓRIO
CIVILIZATIONAL PLICAS
CIVILIZATIONAL EX-PLICA

E a resposta CI, MÃE DO MATO,
ME AJUDA!

A coisa anda tão braba bíblia boi bala no BR 2010's que é preciso argumentar a capacidade de recorrer à imaginação para sair por tangentes renovadoras, e às tecnologias de gênero. Recorramos mais uma vez às mulheres-entidades míticas da terra e do mato
Jurema
Supupema
Janaina
Juçara
Iracema
Umbelina
Amazona
Malinali

Ci, mãe do mato
O mato é o caminho, inclusive para perder a si mesmo, que significa perder o pronome reflexivo.

AJUREMAR como estratégia de re-enraizamento. *Paradójicamente, en todas partes es visible la noción de re-enraizamiento, en un sentido diferente al concepto antiguo de identidad. Creo que es un movimiento muy poderoso y que está relacionado con la ecología, por supuesto, aunque la ecología tiene sus propios problemas.*

Conforme o paradigma de boa-minha-ventura, os pilares apropriação-violência abrem passagem à força a territórios colonizados. Enquanto que, simultanea e interdependentemente, os pilares regulação-emancipação abrem (e fecham) a passagem para o ocidente. Plus ultra. Ultrapassar as fronteiras do mar, terra e ar. Arrancar as riquezas da terra. Qual é a senha?

Enquanto as feitiçarias e encantarias abrem outros portais encantados e passagens. Atalhos tecno. Ou backdoors. Deserção ou mesmo escapismo aberrante. The passage vodum reatua e resolve traumas e dores causadas durante a middle passage, o entre-meios do tráfico negreiro no atlântico.

Com o propósito de contribuir para a evolução social e humana no continente americano, empreendemos a expedição telepática ou psicocênica da tribo perdida, que somos nós. Nós que habitamos os trópicos e fomos enganados pela promessa de progresso e crescimento anual. Começamos nossa jornada beyond caverna. Nosso sentido evolucionário não principia no mocó de pedra, em volta da fogueira, e na imitação da caça animal nos chapadões. Tampouco na grande descida da árvore nas florestas, que aparenta o humano ao macaco em busca do missing link. Seguimos a deusa branca da selva, que vem pregar uma nova insurgência telúrica.

Profere Umbelina:

O humano beyond-caverna
é o sentido da terra
Exorto-vos a permanecerem
fiéis à terra
e a não acreditar em quem vos
fala de esperanças
supraterrestres.
O humano beyond-caverna
só poderá existir na terra
e com a terra.

Do ponto de vista do ocidente, a caverna é o berço da humanidade. A caixa-preta da civilização. O grito, o grunhido, o mugido e os rabiscos na parede antecedem a fala, a voz e a escrita. O sentido existia antes mesmo do humano, e permanece escondido em traços ininteligíveis e materiais quebrados. Arqueofósseis. O filósofo retorna vez e outra à caverna. Poetas e ladrões erguem templos incrustrados na caverna. O profeta vive por 30 anos na caverna adorando o sol e sibilando com(o) as serpentes. A virgem santa procura a caverna pra dar a luz, e o povo nascer de novo. As antigas cidades muradas replicam o mocó de pedra, de medo do que se esconde nas montanhas e nas selvas - índios, espíritos, bruacas, guerreiras, matilhas desordeiras, subcomandantes, entidades e criaturas aos milhares, milhões…

A besta bruta, prenúncio do humano, puxa sua comida pelo rabo pra dentro da caverna, criando assim o senso e o contra-senso da história. As pegadas apontam pra um lado enquanto o mugido ecoa de outro. Traço e som, senso e contrassenso. Etnomusicólogos ensaiam a flauta pré-histórica na esperança de descobrir se o som é festivo, funerário ou o que. Ou, em outra dimensão mítica, beyond caverna, Curupira transvia aventureiros dentro da floresta, com assobios e sinais falsos.

O surgimento do humano implica na possibilidade de um novo humano, que também é uma questão de gênero, de moda e de culinária. Quem vai parir, o que vai vestir e o que vai comer esse novo humano? Para além do mocó de pedra, a floresta brota como ambiente propício para o surgimento do *além do humano.* Análoga à caverna e ao deserto, a floresta é fronteira temática de nossa língua.

Ao mesmo tempo, o "Brasil" anda tão machista que hoje em dia a floresta só pode ser concebida 100% raspadinha. *Brazilian Wax* a Amazônia, conforme piada de noticiário internacional. Nesse sentido, o recente movimento de mulheres pelo direito ao suvaco cabeludo e colorido de verde, azul, rosa… e pela xoxota cabeluda (vide texto da Morena Socialista) é paralelo a uma chamada contra a cultura do boi, da bala e da bíblia.

Penso, de qualquer forma, que se deve insistir na ideia de que o Brasil tem – ou, a essa altura, teria – as condições ecológicas, geográficas, culturais de desenvolver um novo estilo de civilização, um que não seja uma cópia empobrecida do modelo americano e norte-europeu. Poderíamos começar a experimentar, timidamente que fosse, algum tipo de alternativa aos paradigmas tecno-econômicos dos capitalismos informacional, cognitivo, tardio, desértico, solar, etc… **Enfim, O COMPLEXO CIVILIZATÓRIO REVISTO E REVISITADO**

POR UM NOVO SED PLEX MULTIVERSAL

Imaginava o poeta moderno que as sociedades primitivas seriam capazes de oferecer modelos de comportamento social mais adequado à reintegração do "homem" no pleno gozo do ócio a ser propiciado pela civilização tecnológica. O "homem", assim mesmo, no masculino genérico, conforme eles dizem. Portanto aqui entra uma questão de gênero complicada e largamente ignorada nas propostas de utopia brasileira. Para O. de A., o ócio a que todo "homem" teria direito fora desapropriado pelos poderosos e se perdera entre o sacerdócio (ócio sagrado) e o negócio (negação do ócio). Para recuperá-lo, propunha a incorporação do "homem natural", livre das repressões da sociedade civilizada. A formulação essencial do "homem" como problema e como realidade era capsulada neste esquema dialético: 1.º termo: tese – o "homem" natural; 2.º termo: antítese – o "homem civilizado"; 3.º termo: síntese – o "homem" natural tecnizado. A humanidade teria estagnado no segundo estágio, que constitui a negação do próprio ser humano, e no qual fora precipitada pela cultura messiânica. Contra a cultura messiânica, repressiva, fundada na autoridade paterna, na propriedade privada e no Estado, advogava a cultura antropofágica, correspondente à sociedade matriarcal e sem classes, ou sem Estado, que deveria surgir, com o progresso tecnológico, para a devolução do homem à liberdade original. Ressurge ai o mito do continente fêmea e o surgimento do novo "homem" amerykano. E, nesse plano, existe uma estranha simetria de desejos do conquistador colonial e do poeta moderno. Ambos viam no novo mundo a possibilidade de se redimirem e se reinventarem como "homens civilizados". A arrogância do conquistador colonial, e, por outras vias, a anarquia do poeta moderno, desencadeiam na transfiguração da paisagem em mistério-fêmea – Iracema, Jurema, Norma, Valéria, Eva, Umbelina, Deusa, Amazona - robusta paridora que instiga desejo e ameaça. *Lábios de miel. Vulva caníbal.*

A paisagem transfigurada em índices econômicos

Ceci, a portuguesinha casta que por fim se entrega ao índio converso e vira mãe

Iracema, a índia virgem, solícita ao nobre herói português OU a prostituta da transamazônica

Norma, a história mal contada da mulher branca moqueada na tribo arara

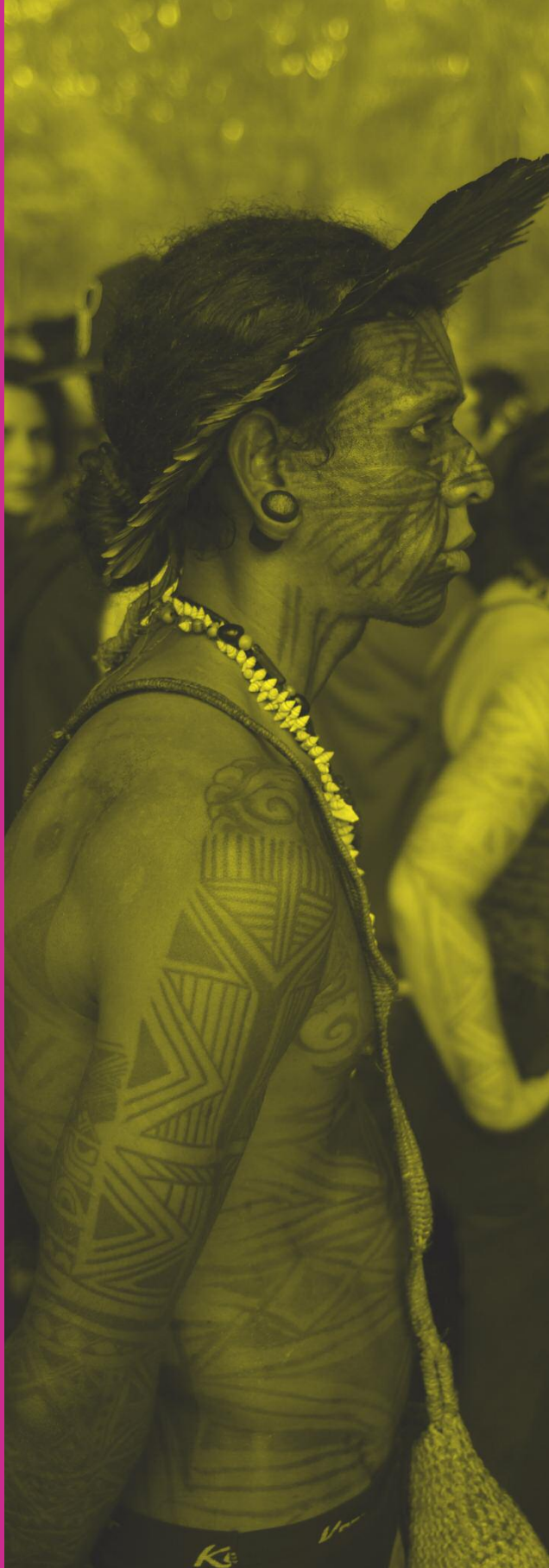
Amazona, a mulher que dá de mamá aos macacos pra fazer fluir o primeiro leite materno, depois corta a teta e vira guerreira – o inverso da ama de leite negra de Tarsila do Amaral

E mais tarde, Umbelina Valeria - um dos mistérios mais fascinantes da selva amazônica – tem 23 anos, é viúva, professora e nascida em Belém do Pará, raptada pelos araras – de prisioneira a cacique. Uma história da arte brasileira em capítulos, 1, romance indigenista; 2, fotojornalismo de invenção; 3, experiência midiática; 4, literatura moderna e *kinema*. Distinta dos profetas bíblicos perambulando pelo deserto com suas longas túnicas empoeiradas. Distinta do profeta de montanha que mora na caverna

com suas fiéis companhias, a águia e a serpente. Umbelina é guia sem voz (aparição) e amante dos homens que se desgraçam pelos emaranhados da selva, e que, quando saem vivos, inventam seus relatos e reclamam sua "vantagem literal".

A imagem de prodigiosa exuberância da selva, a exuberância vulvânica, a exu-berânica vulva da selva alimenta um legado de projeções utópicas (do homem branco) sobre o novo mundo - *"Lá, as condições favorecem a consumação dos destinos do homem do Ocidente. Ou mesmo o surgimento do novo homem."*

No momento em que a história ganha contornos coloniais, a representação de um continente fêmea à mercê da penetração, dominação e conquista do homem reforça o pensamento abissal que separa natureza (fêmea) e sociedade (macho). Enquanto mantidas distintas e irreconciliáveis, natureza e sociedade servem como os pilotos modernos para uma história oficial de profecia e conquista. Ou, o advento de Brasília conforme a lábia do progresso e desconforme o avanço do ruído frente à melodia litorânea. Sendo que o poder da elite brasileira se configurou historicamente no litoral. Ao mesmo tempo, o novo humano ou *além do humano* também surge na ameryka como outro. Utopistas, colonos pobres, desiludidos em geral, esperançosos, anarquistas, antropólogos, artistas, xamãs, biólogos, que se alimentam largamente do vislumbre dialético e sincrético: a síntese dos mundos natural, misterioso e tecnizado, em solo amerykano.
Ou um *unexpected congress with technology.*





FOTOS: DANIEL LIMA
PROTESTOS DE 7 DE SETEMBRO DE 2015 ORGANIZADOS PELOS TUPINAMBÁ NA AV. PAULISTA, SÃO PAULO.












AMA MBAÉ TABA AMA
TABA TUPINAMBÁ



Ritual de Carolina Barreiro no Encontro de Tecnoxamanismo em Brasília (deCurators). Foto: Mathew Weeb.

COSMOGONIA LIVRE - RITUAIS FAÇA VOCÊ MESMO (DIY)

FABIANE M. BORGES

SOBRE ESSE TEXTO

Esse texto se propõe a fazer uma dupla articulação: 1) Elaborar o conceito de Ancestrofuturismo que temos utilizado na rede de tecnoxamanismo[1] e 2) Compartilhar pesquisas e experimentações que temos feito no campo da Cosmogonia Livre e Rituais faça você mesmo (diy) por acreditar que isso tem sido um ponto chave dos encontros dessa rede.

ANCESTROFUTURISMO

Ancestro + Futurismo são dois termos que aparentemente surgem de uma impossibilidade, da ambivalência de dois mundos em disparada que é o arcaísmo e o futuro. O futuro, a grosso modo, é atrelado à idade moderna, entendida geralmente como a era que retira(ria) a humanidade do obscurantismo, do universo de crenças e superstições e a coloca(ria) no progresso, no desenvolvimento evolutivo dominado pela ciência e pela tecnologia. A ancestralidade, sob esse ponto de vista é considerada um conjunto de valores tradicionais que rege as sociedades arcaicas, ignorantes da verdade científica, que cultivam saberes obsoletos desprovidos de comprovação. No entanto interessa ao ancestrofuturismo conceitos que trabalham com outras noções de tempo e história e que ressignifiquem a suposta linearidade entre passado e futuro, ou seja, desconstruam a ideia de tempo e de história vertical que vai do arcaísmo em direção ao futuro e horizontalizem essa perspectiva[2].

A modernidade gera cada vez mais suspeitas sobre sua promessa de "futuro". Em um momento de câmbios climáticos em que o antropoceno (e seus paralelos capitoloceno, Chthulucene , etc) se torna a idade da terra, o futuro que se anuncia é o da modernidade chafurdando no lamaçal de Mariana, ou no desastre nuclear de Fukushima e Chernobil[3]. Estamos diante do que Isabelle Stengers chama de "intrusão de Gaia", quando diz que não será dado aos humanos a liberdade de ignorar Gaia como têm feito até agora: *"A intrusão do tipo de transcendência que nomeio Gaia instaura, no seio das nossas vidas, um desconhecido maior, e que veio para ficar. E, aliás, talvez seja isso o mais difícil de conceber: não existe um futuro previsível em que ela nos restituirá a liberdade de ignorá-la, não se trata de "um momento ruim que vai passar", seguido de uma forma qualquer de happy end no sentido pobre de "problema resolvido". Não seremos mais autorizados a esquecê-la. Teremos que responder incessantemente pelo que fazemos diante de um ser implacável, surdo às nossas justificativas. Um ser que não tem porta-voz, ou, antes, cujos porta-vozes estão expostos a um devir monstruoso[4]".*

Essa incompatibilidade entre o futuro apresentado pela modernidade e o futuro verificável na contemporaneidade tem servido de palco para as mais variadas especulações, desde o campo econômico até o filosófico, desde o campo científico até o metafísico, e nessa conjuntura o tecnoxamanismo se apresenta como mais uma rede de especulação, que tal como inúmeros outros movimentos sociais implicados nesse

dilema, produz conjecturas, constrói narrativas e desenvolve práticas que endossam a provocação contra a ordem das relações ainda vigentes entre cultura e natureza, e ainda propõe alternativas enquanto experimenta processos novos e remixados, sendo um deles, o ancestrofuturismo, com suas cosmogonias livres e seus rituais do it yourself.

Ao contrário de se perceber na conjunção das palavras ancestro + futurismo a tentativa de criar um monismo[5], ou uma unidade, o que se pretende aqui é ativar seus sentidos, de modo que se perpassem, se conectem, se entremeiem, que gerem outros conceitos e práticas e não paralisem numa divisão ou numa união irresponsável, em que só uma das partes sobreviveria. Para compreender a magnitude do ancestrofuturismo é necessário constituir uma rede de conceitos que lhe dê suporte, para que ele consiga assumir-se em seu caráter criativo, para que funcione como um dispositivo de ruptura com os sistemas viciados de interpretação metafísica (teologia/religião) e para torná-lo um gerador de imaginários livres.

Nesse sentido a ficção entra como aliança fundamental, pois como diz Dona Haraway é preciso acionar a ficção científica, a fabulação especulativa para desestabilizar nossas próprias histórias com outras histórias, com séries de desnormatização do pensamento, desestabilizar mundos de pensamento com outros mundos de pensamentos, destruir mundos para conseguirmos visualizar outros mundos, ou quando ela cita Virgínia Woolf no "Think we Must" que diz: *"importa qual histórias contam histórias, importa quais pensamentos pensam pensamentos? Importa quais mundos mundeiam mundos"*[6].

HIPERSTIÇÃO

É aqui que conceitos como hiperstição de Nick Land vão fazendo sentido para o ancestrofuturismo, pois também trata de ficção, fabulação, narrativa e especulação, mas com um peso capaz de interferir na história do mundo, ou na história do futuro e do passado. Hiperstição[7] é um neologismo que combina as palavras "hiper" e "superstição", para descrever a ação de ideias que acabam por se transformar em realidade. Enquanto superstição é considerada um mecanismo de produção de ideas falsas e crenças infundadas, a hiperstição significa ideia potente, mobilizadora, capaz de materialização na realidade em algum *ponto do tempo. "Só porque algo não é "real" agora, isso não quer dizer que isso não será real em algum ponto do futuro. E uma vez que isso é real, de algum modo, isso sempre foi.*[8]" Uma forma de registrar a influência do futuro sobre o passado. Alguns exemplos de hiperstição segundo Land podem ser "a economia capitalista, onde atos confiantes agem como tônico efetivo de sua própria produção (auto ajuda sabe disso), ou a ficcional ideia sobre ciberspace que contribuiu para o fluxo de investimento real e se transformou rapidamente em uma tecnologia social da internet, ou ainda o monoteísmo abrâmico (Abraão) que tratou Jerusalém como a cidade escolhida de Deus e com um destino histórico judaico, e isso entrou na produção imaginária, cultural e política e tornou-se uma realidade, ou ainda o Apocalipse, que mais cedo ou mais tarde há de acontecer ou provavelmente já tenha acontecido outras vezes"[9].

Delphi Carsten[10] pontua quatro características da hiperstição que Nick Land descreve no Catacomic (1995): 1- capacidade de torna-se a si mesmo real; 2- um elemento ficcional capaz de promover viagem no tempo; 3- um intensificador de coincidências; 4- uma chamada aos antigos. Ele alerta que essas características tem poder de produzir influências diretas na arena cultural e portanto histórica, mas que sobretudo a hiperstição sinaliza o

retorno do irracional ou do monstruoso "outro" (alteridade radical), que influencia a história porvir. Nos importa aqui pensar na hiperstição como um dispositivo fundamental para o ancestrofuturismo em sua capacidade de gerar uma realidade a partir de uma qualidade ficcional, que nos ajuda a pensar a quebra da estrutura linear do tempo, enquanto nos dá dicas sobre como operacionalizar a intensificação de acontecimentos convergentes (o que Land chama de intensificador de coincidências), já que o ancestrofuturismo é mais do que uma relação com os ancestrais, mas um gerador de atualização de imaginários e temporalidades.

O retorno do "irracional ou monstruoso" dialoga enormemente com o mundo espectral que volta a povoar o pensamento no contemporaneo, exatamente porque diante das catástrofes ambientais, o "horror" aparece como sensação de fundo e o horror é povoado por existências espectrais que foram retiradas a duros golpes da arena cultural através da inquisição católica no ocidente, e logo depois através do projeto de desenvolvimento científico/tecnológico que aparece fortemente a partir do renascimento. Mas essa limpeza generalizada teve sua grande conquista nos últimos 70 anos, impregnados de conquistas espaciais, nanotecnologias e robôs inteligentes, quando realmente pensou-se que estaríamos a caminho de uma sociedade moderna, e a industria farmacêutica e psiquiátrica colaboraram muito para criar a adaptação a um mundo que pressupunha a superação definitiva da animalidade constitutiva da humanidade.

HORROR

Sobre o "horror" Fabián Ludueña Romandini[11] fala que ele é necessário para despertar a humanidade para o equívoco do envólucro antropológico Kantiano, que é a soberania humana sobre a natureza em geral, levando em conta aqui as críticas que dizem que nunca foi e nunca será uma generalização já que existiram, existem e existirão comunidades humanas que não concordam com tal postulado. Nesse momento em que a Terra se mostra como uma força em "devir monstruoso" capaz de auto-aniquilação, é preciso desenvolver outras relações com esse planeta que escapem dos ideais civilizatórios promovidos pelo antropocentrismo. Se há um tempo atrás, como no existencialismo francês e alemão, a angústia foi considerada uma tonalidade de fundo (sensação) devido a falta de sentido da existência ou as impossibilidades de transformações verdadeiras através da militância política, hoje em dia o horror aparece como tonalidade contemporânea, não suprimindo a angústia mas fazendo-lhe frente diante de um estado de ameaça planetária permanente.

As catástrofes ambientais geram um estado de horror permanente, ao mesmo tempo que se conjuram os poderes que tentam manejar o horror e o medo, o medo inclusive do horror, isso é notório em campanhas políticas e capitalistas que tentam manejar esse horror de fundo para seus interesses ideológicos e mercadológicos, como durante o período da Guerra Fria em que a ameaça constante do lançamento de bombas nucleares, que causariam a destruição do mundo foram aproveitadas por empreiteiras e construtoras para alastrar construções de bunkers milionários, ou a atual guerra ao terror que é utilizada para fundamentar projetos de extermínio de povos que afrontam a ideologia dos países soberanos e sobretudo para manter 'o horror' sob controle.

Mas Ludueña alerta que se pensarmos bem nunca estivemos em uma situação diferente, mesmo que nunca tenhamos estado numa situação igual.



Encontro de Tecnoxamanismo em Berlim (Schillerpalais). Foto: Mario Cordeiro.





Encontro de Tecnoxamanismo no Rio de Janeiro (Casa Nuvem). Fotos: Rafael Frazão.

De certa forma sempre soubemos que mais cedo ou mais tarde a vida na Terra poderia vir a acabar, seja por catástrofe induzida pelo sistema civilizatório ou pelo apagamento do sol. Só que isso já não é somente um conjunto de crenças produzidas pelas superstições, pois hoje em dia temos essa consciência através dos inúmeros aparatos tecnológicos que nos permitem ver para além das capacidades dos nossos sentidos, através de telescópios, satélites, instrumentos de medição e análise, que o planeta realmente está passando por processos de transformações radicais, e isso desperta espasmo e horror em seus habitantes.

Essa tonalidade de fundo, ainda segundo Ludueña, pode servir para transformar radicalmente alguns traços constituintes da civilização humana (ou parte dela), já que pode acionar nossas capacidades hipersticionais, nossa fabulação especulativa, nossa ontologia criativa capaz de inventar mundos e estabelecer outras relações com esse planeta, ao invés de sucumbirmos aos geradores do medo e da paranóia. O horror em última instância pode ser utilizado como um mecanismo de fuga da rota de colisão apocalíptica, uma potência contra os ideais modernos, contra o antropocentrismo e a favor da criação de novos humanos e novos mundos.

HIPERSTIÇÃO E COMUNIDADE DOS ESPECTROS

Há uma correspondência eloquente entre a hiperstição de Nick Land e as comunidades dos espectros de Ludueña. Essa correspondência se dá na medida em que a hiperstição é compreendida como um “operador” ou uma “metodologia” implícita na constituição social. É como se descobríssemos um modo de operação maquínico que habita as diversas culturas humanas que diz: se um grupo de pessoas cria uma ficção e passa a nutrir sua existência, mais cedo ou mais tarde ela se materializará 'de alguma forma' no campo da realidade, e isso tem poder de reconstituir tanto o futuro quanto o passado. Já a comunidade dos espectros são essas entidades ficcionais que povoam o inconsciente coletivo e maquínico, que estão no plano do insólito mas que existem. Ela é feita de criaturas incorpóreas, entes que sobrevivem à sua própria morte (mesmo que através de um postulado como alguns personagens mitológicos: Oxum, Helena, Aquiles, Jesus Cristo, Buda), seres que habitam um ponto indistinto entre vida e morte (ciborgues, andróides na ficção científica e nos projetos científicos), coisas imateriais que podem vir a adquirir diferentes consistências, que pode vir a se materializar, como por exemplo, os ressuscitados da Cristianópolis que aos poucos ganham materialidade nos projetos transhumanistas[12].

No caso dos transhumanistas, o espectro se atualiza na realidade através da influência implacável de um legado sofisticadíssimo da teologia cristã sobre os modernos, que são os corpos dos ressuscitados em Jesus Cristo. Os corpos dos ressuscitados são pensados como 'corpos de luz' que tem como função a purificação e o abandono progressivo da animalidade humana. Na Cristianópolis os corpos de luz tem as funções do aparelho digestivo minimizadas, já que comer, fazer digestão e depois *cagar* demonstra uma animalidade sem sentido para o reino dos céus, onde o grande objetivo é louvar a glória de Deus. E são esses mesmos corpos caracterizados como passíveis, sutis, ágeis e claros, os corpos ressuscitados, que se tornam o parâmetro para o projeto dos corpos transhumanistas, os corpos da realidade virtual, da matrix, que terão nanorobôs em seus glóbulos sanguíneos para contabilizar, entre outras coisas, a medida exata dos nutrientes

necessários para manutenção dos corpos vivos. O projeto prevê que esses nanorobôs são os responsáveis pela redução da operacionalidade do sistema digestivo, cuja função é descaracterizar a animalidade grotesca pregressa, e aos poucos aproximar os transhumanistas do ideal dos corpos ressuscitados: sublimes e angelicais[13]. Eis aqui como processualmente vai se materializando uma ficção teológica na concretude de projetos científicos e tecnológicos.

Podemos falar que a hiperstição é um dos operadores da constituição das comunidades dos espectros, sejam eles quais forem e quais ideologias guardam. Nem a hiperstição nem a comunidade dos espectros são estruturados a partir de uma referência específica de ética ou moral. Ambos operam um sistema potente de concretização real de fabulações, especulações e narrativas ficcionais, que podem ser libertárias ou fascistas, angelicais ou demoníacas. O que importa aqui é entender que a ficção não é só um dado imaginário, mas material, ou pelo menos, um dado que existe ou pode vir a existir de fato, e mesmo não existindo, já existe.

COMUNIDADES ESPECTRAIS NÃO HUMANAS

Para complexificar a questão, quando falamos das comunidades dos espectros é bom que fujamos do antropocentrismo falado acima, para não pensarmos nelas a partir de um paradigma só imaterial ou só fruto da imaginação humana, já que a ideia aqui é exatamente destituir o "humano" do centro do mundo, para que se torne possível perceber os espectros produzidos por imaginários não humanos, pois vivemos em um planeta vivo, produtor de redes espectrais e inserido em um cosmos vivo e espectral.

O perspectivismo de Eduardo Viveiros de Castro[14] nos ajuda a compreender a natureza desses espectros não humanos. Quando fala do animismo ameríndio ele aponta para a presença do que poderia ser entendido como comunidades espectrais, quando qualifica o xamã como um diplomata interespécie que se relaciona com o espírito da água, da árvore, das abelhas, da onça, quando fala na incorporação que o xamã faz no corpo de outras espécies ou quando essas incorporam no corpo do xamã. Davi Kopenawa no livro "A Queda do Céu"[15] confirma essa ideia quando conta sua iniciação xamânica, sua relação com os xapiris que pre-existiam sua própria existência, chamando-os de xapiris dos antepassados. Em uma das cenas ele descreve como os xapiris deixaram seu corpo, depois de o iniciar:

> *"Mais tarde, os xapiri vieram juntar novamente os pedaços de meu corpo que haviam desmembrado. Porém recolocaram meu torso e a minha cabeça na parte de baixo de meu corpo, e ao inverso, minha barriga e minhas pernas na parte de cima. É verdade! Reconstruíram-me às avessas, colocando meu posterior onde era meu rosto e minha boca onde era meu ânus! Depois, na junção das duas partes de meu corpo recolado, puseram um largo cinturão de penas multicoloridas de pássaros hima si e wisawisama si. Também trocaram minhas entranhas por vísceras de espíritos, menores e de um branco deslumbrante, enroladas com delicadeza e cobertas de penugem luminosa. Depois substituíram minha língua pela que tinham consertado, e fixaram em minha boca dentes tão belos quanto os deles, coloridos como a plumagem dos pás-*

saros sei si. Também trocaram minha garganta por um tubo, que chamamos purunaki para eu poder aprender a cantar seus cantos e a falar com clareza. Esse tubo é a laringe dos espíritos. É dele que vem o sopro de suas vozes. É uma porta pela qual nossas palavras podem sair belas e direitas".

Essa descrição parece demonstrar que um pajé depois de iniciado jamais será dono de seu próprio corpo, já que para ser "diplomata" entre espécies, é preciso ter um corpo destituído da sua individualidade para poder ser povoado de espectros multi-espécies.

Nesse sentido Ludueña fala que para pensar em espectrologia é preciso pensar também naquilo que nos pré-existe enquanto humanidade, e que nos sobreviverá. Ele não está falando necessariamente de Deus Jeová o criador, ou numa metafísica comprometida com um monoteísmo ou politeísmo qualquer, mas da espectrologia enquanto povoamento, enquanto olhares multiplicados humanizados e não humanizados que assistem a passagem da humanidade sobre a Terra. Não só podemos estar sendo avistados por esses espectros não humanos, como também indo mais longe podemos nós mesmos sermos espectros criados por algum tipo de comunidade não humana.

Perceber isso no caso do ancestrofuturismo deve funcionar mais como um exercício profundo de rompimento com o antropocentrismo do que um preceito religioso ou um fundamento de fé doutrinária. Como exercício é válido para ativar o gerador imaginário, intensificar os sentimentos, potencializar os afetos e validar experiências não factuais mas subjetivas, sentidas. Dignificar e ampliar o escopo do que se considera realidade. Nesses sentido o Anti-édipo em sua crítica à psicanálise mostra como esta afunila toda uma conexão da experiência com a espectralidade quando transforma o delírio, a associação de matilha, o homem dos lobos em um problema familiaresco, nuclear, interrompendo o fluxo entre outras formas de comunicabilidade. O exercício de desantropocentrizar deve levar em conta relações não factuais, investindo na criação de conexões espectrais, ou pelo menos dignificando as narrativas ficcionais. Isso provavelmente traria um novo manancial conceitual e experimental para se pensar e se relacionar com a loucura, por exemplo, ou implicaria em uma subjetividade estendida, menos manipulável pelos sistemas de doma, que crescem avassaladoramente conforme se desenvolvem as tecnologias exponenciais.

ANCESTROFUTURISMO

Então quando falamos em ancestrofuturismo é importante levar em conta os seguintes dados: 1) a comunidade dos espectros é feita de ficções humanas que podem ser atualizadas na realidade com recursos hipersticionais; 2) a comunidade dos espectros pode ser constituída de atualizações de ficções não humanas; 3) a terra como parte de um movimento cósmico pode absorver espectros não humanos e não terrestres que pré-existem a humanidade e que pode lhes sobreviver; 4) o universo anímico ameríndio não se reduz ao animismo terrestre, mas universal e cósmico, e opera com incorporação e possessão multiespectral; 5) a hiperstição é um dispositivo de atualização da comunidade espectral humana e não humana, terrestre e extraterrestre; 6) o ancestrofuturismo é um navegador que atualiza diferentes temporalidades entre o ancestral e o fututro a um só tempo, atualizando as comunidades espectrais humanas e não humanas, terrestres e não terrestres, existentes e as não existentes ainda, que se criam por convergências ficcionais e se concretizam

por dispositivos hipersticionais no presente interferindo diretamente sobre o passado e o futuro de forma não linear. 7) o ancestrofuturismo é uma fabulação (ficção) especulativa que se empenha em potencializar geradores imaginários e ampliar os espaços para afeto, sensação e experiência a fim de conferir-lhes dignidade, para que isso colabore na criação de outros humanos e outros mundos, em um momento em que o planeta passa ele próprio por mudanças estruturais.

Repetindo: ancestrofuturismo se utiliza de dispositivos como hiperstição e criação de comunidades espectrais para construir seu plano de organização. É a partir dessa base que se fundamenta as experiências imersivas propostas nos rituais do it yourself, que tem como objetivo produzir a sensação de pertencimento (*communitas*), gerar um espaço/tempo de produção criativa (de cosmogonias e mitologias livres – mesmo que remixadas com as tradicionais) e potencializar e dignificar a experiência (incitando novos devires, afetos e percepções). Ao mesmo tempo em que se desgarra das tradições teológicas, cosmológicas e religiosas em vigor em nossa sociedade, desmistificando seus estatutos de verdade, jogando a ancestralidade para a espectralidade, e o futuro para a ficção especulativa, cujo poder é vir a atualizar-se.

COSMOGONIA LIVRE E RITUAIS FAÇA VOCÊ MESMO

O tecnoxamanismo se estrutura a partir de redes relacionadas ao movimento do *software* livre, do *open source* e da cultura faça você mesmo, que reivindicam liberdade, colaboração e autonomia em relação a ciência e tecnologia. Isso explica a utilização por parte do tecnoxamanismo de termos como Livre, Aberto e DIY (autonomia). Cosmogonia livre, então, entra aqui como desdobramento desses movimentos de autonomia científica e tecnológica que agora inclui a autonomia cosmogônica. Liberar a cosmogonia da tradição e colocá-la no espaço da criação (da espectrologia livre) é uma das ações que o tecnoxamanismo tem produzido nos encontros da rede, e os rituais do it yourself servem como mecanismos práticos que fomentam esse aspecto inventivo e também propiciam vivência de experiências em níveis mais superficiais ou mais profundos, conforme o caso.

Podemos, para efeito de compreensão, citar algumas das características dos rituais faça você mesmo que estamos produzindo: 1) criação de comunidade; 2) sensação de pertencimento; 3) terapias espontâneas individuais e grupais; 4) ideia de comprometimento; 5) construção dos espectros mitológicos e cosmogônicos (espectrologia livre); 6) elaboração estética dos 'entes' 7) constituição de transnarrativas fabulativas conectando os 'entes' entre si; 8) elaboração estética das transnarrativas; 9) construção da cena (do espaço) a partir dos elementos criados; 10) produção da experiência imersiva (com público ou sem nenhum público).

Obs: Pensar na utilização dos registros mídicos e atentar para a possibilidade de fazer um segundo episódio de ficcionalização a partir deles, e assim sucessivamente.

Mesmo que as características tenham sido enumeradas, não as utilizamos sempre nessa mesma ordem, nem necessariamente do mesmo jeito. Cada lugar, cidade ou país ou ainda cada conjunção de pessoas que se forma por intermédio do tecnoxamanismo desperta uma aura particular, uma equação cosmogônica que se constrói somente naquele lugar com aquelas pessoas. As construções narrativas (ou transnarrativas) que surgem a partir dessas conjunções são singulares, o que não impede que ressurjam em outros lugares ou que sejam transladadas para

outros espaços, continuando sua existência em diferentes contextos e por vezes imiscuindo-se com outras construções transnarrativas, vindo a fazer parte de uma espectrologia sempre em processo, do tecnoxamanismo e redes afins.

É importante salientar que o tecnoxamanismo é estruturado não só por movimentos de autonomia em ciência e tecnologia mas também por redes relacionadas à clínica, a arte contemporânea, à filosofia, à ecologia, às ciências da terra e às comunidades tradicionais. Isso serve para demonstrar que o tecnoxamanismo é uma plataforma que funciona como ponto de aglutinação e produção de múltiplos saberes, que é um espaço aberto para proposição e experimentação e que existe uma enorme diversidade de propostas que atravessam seus domínios, que vai desde a agrofloresta e salvação de nascentes de água até desenvolvimento de softwares, desde criação de comunidades presenciais ou virtuais até arte de galeria, desde imersões clínicas até festivais internacionais. Cada um desses encontros contam com inúmeros projetos como criação de robôs pintores, ou operações alquímicas, rádios livres ou web rádio e propostas educacionais. Mas nesse texto específico estamos tratando de demarcar um desses campos experimentais cujo tema é ancestrofuturismo, cosmogonias livres e rituais faça você mesmo.

Aqui passo a dar alguns exemplos de rituais faça você mesmo que dialogam diretamente com os conceitos convocados acima. Lembrando que minha área de pesquisa se dá na conexão entre a clínica (psicologia), arte (contemporânea), tecnologia (livre) e é a partir dessa tríade que elaboro e organizo esses processos imersivos[16]. Sempre com um olhar especial para a produção de subjetividade. Espero que esses exemplos sirvam para ilustrar o teor dessas experiências:

CASA NUVEM – RIO DE JANEIRO[17].
TEMA DO RITUAL: CINEMA AO VIVO SCIFI - FICÇÃO E RUIDOCRACIA. (31/06 E 01/07/2015) – ORGANIZAÇÃO: FABIANE M. BORGES E LÍVIA DINIZ

O ritual foi montado como um setting de cinema ao vivo de ficção científica ancestrofuturista. Os participantes foram convidados a embarcar em uma espaçonave *do it yourself* para fazer uma viagem no tempo. O processo foi organizado a partir de três laboratórios: 1) mini-robôs que emitiam ruído através de luz nas placas solares[18]; 2) Iniciação à tecnomagia/tecnoxamanismo com ritual performático, tecno-transe, corpo alegórico/fantasia e iluminação para transes (técnicas de luz – diy)[19] e 3) construção de traquitanas sonoras e circuit bending[20].

A partir desses laboratórios foram sendo criadas as narrativas do ritual sci-fi ancestrofuturista que contou com a criação de 7 personagens – os coiotes – responsáveis pelo rito de iniciação na nave-mãe. Eles foram iniciados pelo indígena tupinambá Anapuaka, que com banhos de erva e maracá introduziu os coiotes no universo ritual, e logo eles passaram a fazer o mesmo com o público, que eram vendados e levados para dentro da nave-mãe. Outros personagens também foram aparecendo como a maga da entrada da nave[21], o drone que passava incenso pela casa e no corpo das pessoas[22], o quarto das luzes diy e das traquitanas onde as pessoas faziam os sons experimentais, além disso teve projeções ritualísticas em video mapping[23] e as performances espontâneas na rua e dentro da casa[24].

Sobre os 7 coiotes há que se dizer que cumpriram um papel importantíssimo dentro de todo processo, já que foram eles que fizeram a iniciação do público. O público entrava na nave com os olhos

vendados e era convidado a imergir no cenário ruidoso e a se relacionar com todas essas salas ocupadas por personagens ficctícios, ruídos, banhos de ervas, robôs sonoros, drones de incenso, entre outros. Quando o público tirava a venda, estava diante de um processo do qual já fazia parte, e escolhia seu lugar na nave-mãe. No final de tudo, pessoas falando que algo aconteceu ali. Foi uma experiência catártica, o transe aconteceu, houveram comunicabilidades diversas que prescindiram da palavra. A cegueira do público produziu estados de medo e de confiança. E as filmagens[25] talvez não tenham dado conta da narrativa feita ali, mas possivelmente serve como uma derivação narrativa do acontecimento, o que torna esses eventos multinarrativos.

SCHILLERPALAIS – BERLIN[26]. TEMA DO RITUAL: INTERSECÇÃO ENTRE TECNOLOGIAS DIY E CONHECIMENTOS ANCESTROFUTURISTAS (19-20/02/2016). ORGANIZADO POR FABIANE M. BORGES

O Ritual foi montado a partir de uma chamada aberta na internet convidando o público para a participação do ritual, com uma pequena explicação e um documento aberto para os interessados escreverem o que poderiam fazer no ritual, com quais recursos. Nos dias do encontro de tecnoxamanismo foi feita uma reunião (um dia antes do ritual) com cerca de 30 pessoas no porão da casa de cultura, onde começamos a conversar sobre o assunto do encontro. Duas pessoas, uma do Brasil (Vanessa Velasquez) e outra do Japão (Kaya Hanasaki) trouxeram à tona questões relativas a "Lama de Mariana" e o "Acidente Nuclear de Fukushima". Essa relação entre ambos desastres ataram dois pontos do mapa, e tornou-se o assunto fundamental do ritual.

Durante o ritual ambas mulheres trouxeram barcos de papel e começaram a criar uma performance de navegação de sobreviventes entre os desastres, o resto dos participantes receberam máscaras de proteção e ficaram sentados em volta das fogueiras digitais (som e projeções) assistindo à narrativa, que começou com as duas mulheres mas foi mudando de protagonistas. A maioria das pessoas que construíram o ritual performático foram mulheres, e isso trouxe à tona uma série de associações: rituais de bruxas, maternidade, enterro dos mortos, lamentação coletiva, danças de possessão, cantos de evocação. Em um momento começou a acontecer improvisações improváveis como o batuque de um sírio, cujo barco naufragou e veio parar na Europa à nado, com uma israelense que arrastava seus cabelos no chão e passava uma vela em torno do corpo. Levando em conta os problemas políticos e de fronteira entre Síria e Israel, a aproximação de ambos protagonistas no ritual, um deles sobrevivente de um navio naufragado, foi muito sensível. Uma argentina que fazia uma dança de incorporação com os cantos de uma inglesa. Um robô com inteligência artificial feito por Bruno Gola que emitia informações sobre Fukushima e Mariana ao mesmo tempo em que Deva Station jogava com objetos eletrônicos diy. E ainda Fernanda Sanchez performando a maternidade perdida enquando Laura Soubennes fazia o papel da bruxa diabólica aos sons de baixo de Mariana Faé. Aqui estou deixando de citar inúmeras outras pessoas e personagens que interagiram com a questão dos desastres, de forma performática e ritualística.

Esse sem dúvida foi o ritual mais eclético, cujos participantes pareciam ter vindo de todos os lugares do mundo para se encontrararem exatamente ali, e juntos, em um porão de Berlim, constituiram um ritual de abertura dos portos e dos entraves burocráticos que impedem a comunhão



Ficção e Ruidocracia. Tecnoxamanismo Hacker em Medellin (Platohedro). Foto: Platohedro.


PLATOHEDRO

entre os povos. Algo aconteceu ali. Foi uma experiência profunda, ao mesmo tempo que uma espécie de terapia de sanação, e sem dúvida um encontro performático, artístico e contemporâneo. Só acabou, duas horas depois, porque a polícia mandou encerrar, pois já era a segunda vez que chegava no espaço. Ao acabar o som as pessoas ficaram em silêncio naquele mesmo local com a cabeça baixa ou olhando uns para os outros, como se não tivessem outro lugar para ir.

DECURATORS - BRASÍLIA[27].
TEMA DO RITUAL: SOBREVIVÊNCIA - INDIGENISMO, CATÁSTROFES AMBIENTAIS E INDUSTRIAIS (01-02-03/04/2016). ORGANIZAÇÃO: FABIANE M. BORGES E GISEL CARRICONDE AZEVEDO

O ritual foi montado a partir de dois laboratórios: 1) Preparatória para o ritual I[28] – sobre interescritura e transnarrativas scifi – onde os participantes foram convidados a entrar em uma viagem de criação de futuros utópicos e distópicos trazendo à tona a questão da sobrevivência e das catástrofes e 2) Preparatória para o ritual II[29] – que foi a criação de totens eletrônicos diy, onde os participantes mexeram com eletrônica, montaram pequenos circuitos de luz e energia e criaram o totem eletrônico.

A partir do laboratório de transnarrativa, que passou pelos métodos de ruidocracia e produção imaginária coletiva se criaram alguns personagens míticos (ancestrofuturistas) como os lobos perdidos radioativos, as pajés enterradas do século XVII, de novo apareceu a guardiã da porta e mais alguns personagens que já existem, como o ciberpajé e o amante da heresia. Esses personagens interagiram entre si e produziu-se um rito ruidocrático onde o tema da sobrevivência e das catástrofes vieram à tona com muita força.

Teve uma única pessoa de público – que eu chamei na rua – que não entendia o que estávamos propondo, mas ficou muito sensibilizado com tudo o que viu. Isso demonstra que o público nesses rituais ancestrofuturistas podem ser um acaso mas não são uma necessidade. O ritual aconteceu na hora marcada como se acontecesse sempre, como se as pessoas sempre agissem daquele modo, com suas invocações, suas liturgias, suas correlações naquele espaço e tempo mítico – profano, ancestral e futurista. A experiência aconteceu. Depois de algumas horas, aos poucos os participantes foram saindo dos seus transes e voltando a normalidade. Todos quietos, alguns mais sensibilizados que outros, mas quase todos falando que algo aconteceu ali.

Trago esses três exemplos de forma rápida e até superficial, porque cada um deles exigiria um texto próprio, que atentasse para cada uma das minúscias que suscitam. Porém, para efeito de entendimento, espero que esses exemplos funcionem de forma a gerar curiosidade e replicação. Talvez a parte mais radical dessas experiências seja a indicação de um caminho mais livre em relação à "espiritualidade", "religiosidade", "transe", "catarse" aos "processos imersivos", à "intensificação de consciência", "singularidade da conexões" e ao "processo criativo coletivo". Quando um grupo de pessoas se juntam de forma a deixar emergir processos de imanentização, inconscientização e singularização, coisas acontecem, e é preciso analisar e perceber essas coisas, de forma que não fujam de um certo controle, nem despertem radicalismos ou fanatismos ou até mesmo uma formação psicótica. O que quero dizer aqui é que é preciso cuidado e atenção para os entornos produzidos durante esses rituais. O cuidado é prioridade. Porém, enquanto acontecimento, esses rituais têm sido muito potentes e inovadores, assim como um ponto chave da produção da rede de tecnoxamanismo.

Notas:

1. Para saber mais sobre o tecnoxamanismo, sugiro dois textos da minha autoria: 1) Tecnoxamanismos, etc. Revista virtual Geni. Nº 26 Acessado 05/05/2016 http://revistageni.org/10/tecnoxamanismos-etc/ e 2) Prolegômenos para um Possível Tecnoxamanismo - Publicado na Revista Cadernos de subjetividade - 2013 – Vol 10, nº15 Acessado em 05/05/2015 https://catahistorias.files.wordpress.com/2014/03/prolegc3b4menos-para-um-possc3advel-tecnoxamanismo.pdf

2. Por exemplo o pensamento de J. W. Dunne - "An Experiment with Time". Publisher: A. & C. Black Faber & Faber. England. 1927.

3. Cfe. Svetlana Alexievich - "Vozes de Chernobyl – Crônica del Futuro" Ed. Elsinore. Reimpressão. 2016. *"Han pasado veinte años de la catástrofe, pero hasta hoy me persigue la misma pregunta: ¿de qué dar testimonio, del pasado o del futuro? Es tan fácil deslizarse a la banalidad. A la banalidad del horror… Pero yo miro a Chernóbil como al inicio de una nueva historia; Chernóbil no solo significa conocimiento, sino también preconocimiento, porque el hombre se ha puesto en cuestión con su anterior concepción de sí mismo y del mundo. Cuando hablamos del pasado o del futuro, introducimos en estas palabras nuestra concepción del tiempo, pero Chernóbil es ante todo una catástrofe del tiempo. Los radionúclidos diseminados por nuestra Tierra vivirán cincuenta, cien, doscientos mil años. Y más. Desde el punto de vista de la vida humana, son eternos. Entonces, ¿qué somos capaces de entender? ¿Está dentro de nuestras capacidades alcanzar y reconocer un sentido en este horror del que seguimos ignorándolo casi todo?"*

4. Cfe. Isabelle Stengers - "No Tempo das Catástrofes" (pag.41) - Ed. COSACNAIFY – São Paulo/2015

5. Eduardo Viveiros de castro faz uma crítica a algumas correntes contemporâneas que tentam juntar o antigo com o ultramoderno (neoprimitivismo e tecnofilia), como no caso dos transhumanistas ou ciberpunks que na maioria das vezes caem na equação da unidade, pensando que está fazendo sobreviver os dois enquanto que está somente fazendo um deles desaparecer. Não considero ser o mesmo caso do tecnoxamanismo, ou ancestrofuturismo, já que esse busca a multitplicidade e não a unidade. Cfe. Entrevista de Eduardo Viveiros de Castro para Marc Kirsch – La Lettre du Collège de France, para o número especial da publicação comemorativa do centésimo aniversário de Claude Lévi-Strauss. São Paulo/2009 – Acessado 24/04/2016 - http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142009000300023

6. Cfe. Palestra de Donna Haraway "Anthropocene, Capitalocene, Chthulucene: Staying with the Trouble", 05/09/14 – Acessado 24/04/2016 – (vídeo) https://vimeo.com/97663518

7. Cfe. HYPERSTITION – Delphi Carstens – 2010 - Acessado em 16/04/2016 http://merliquify.com/blog/articles/hyperstition/#.VxLWz-Rplfb

8. Iden.

9. Cfe. Hyperstition an introdution – Delphi Carstens enterview Nick Land – 2009 – (tradução livre). Acessado 24/04/2016 http://merliquify.com/blog/articles/hyperstition-an-introduction/#.Vx2GfeRplfY

10. Iden.

11. Cfe. Fabián Ludueña Romandini – Entrevista – Vídeo - https://www.youtube.com/watch?v=7kQCQf8R98A – Visto em 16/04/2016

12. Cfe. Wikipedia: "transhumanism is a international and intellectual movement that aims ot transform the human condition by developing and creating widely available sophisticated tehnologies to greatlye enhance human intellectual, physical, and psychological capacities. Transhumanist thinkers study hte potential benefits and dangers of emerging technologies that could overcome fundamental human beings may eventually be able to transform themselves into different beings with abilities só greatly expanded from the natural condition as to merit the label of posthuman beings. https://en.wikipedia.org/wiki/Transhumanism (visto 04/05/2016) – Para saber mais do projeto ver: Ray Kurzweil - The Singularity Is Near: When Humans Transcend Biology. Ed. Viking Penguin. 2006.

13. Cfe. Fabian Ludueña Romandini - "Comunidade dos Espectros" - Ed. Cutltura e Barbárie – SC -2012.

14. Cfe. Eduardo Viveiros de Castro. Metafísica caníbales. Katz Editores. Madrid 2010.

15. Cfe. Davi Kopenawa e Bruce Albertt - "A Queda do Céu – Palavras de um xamã Yanomami" Ed. Companhia das Letras. São Paulo/SP 2015.

16. Cfe. Fabiane M. Borges e Marc Etlin – Imersões, Reciclagens e Singularidades – Multitudes Magazine. 2008/2 (nº33). Ed. Associ. Multitudes. Paris. https://catahistorias.files.wordpress.com/2011/03/imersc3b5es-reciclagens-e-singularidades.pdf

17. https://tecnoxamanismo.wordpress.com/2016/02/17/tecnoxamanismo-ficcao-e-ruidocracia-na-casa-nuvem-3001-e-0102-de-2015/

18. BEAM - Mini Criaturas Autônomas que produzem sons com placas solares - Malu Fragoso e Marco Aurélio Damasceno. - Oficina criada pelo NANO - Núcleo de Arte e Novos Organismos - Mais informações aqui: organismos_solares_tecnochama_.pdf

19. Iniciação à tecnomagia/tecnoxamanismo - ritual performance, tecno-transe (Fabiane M. Borges), corpo alegórico e fantasia (Lívia Diniz), Iluminação para transes (Isis Passos).

20. Traquitanas Sonoras e circuit bending com NuvemHub.

21. A líder do movimento trans e do ENEN -Indianara Alves Siqueira.

22. Drone pilotado por Lot Elx- Construtor de drones diy.

23. Responsáveis: Rafael Frazão e Victor Guerra.

24. Conduzidas principalmente por Marcela Lucatelli e Paloma Klisys.

25. https://tecnoxamanismo.wordpress.com/2016/02/17/technoshamanism-meeting-in-berlin-19-202016

26. Responsáveis pelas filmagens: 1- Amanda FloU, 2- Bruno Vianna, 3- Victor Guerra, 4- Rafael Frazão, 5- Angela Donini.

27. https://tecnoxamanismo.wordpress.com/2016/03/29/tecnoxamanismo-no-decurators-em-brasilia/

28. Com Léo Pimentel, Fabiane M. Borges e Carol Barreiro.

29. Com Phil Jones, Krishna Passos e Gisel Carriconde Azevedo (deCurators).


TINKIM

TECNOXAMANISMO ANTROPOFAGIA DA TÉCNICA

ADRIANO BELISÁRIO

Para alguns, conceitos como tecnoxamanismo ou tecnomagia parecem realizar uma aliança improvável entre domínios distintos ou mesmo inconciliáveis. De um lado, a técnica, concebida usualmente a partir dos paradigmas objetivos do conhecimento cientificista da natureza; de outro, o xamanismo ou a magia, entendidos como crenças irracionais ou esoterismos meramente subjetivos. Tal esquematismo é marcado pelo emprego de velhas dicotomias, como a oposição entre conhecimento (*episteme*) e crença (*doxa*); sujeito e objeto; cultura e natureza. Nesta perspectiva, as tecnologias são intervenções humanas culturalmente diversas em uma natureza única e objetiva. Para o xamanismo, animismo ou a magia, até admite-se o emprego de técnicas ou mesmo de tecnologias. Porém, estas encontram-se reduzidas a uma espécie de "prática natural" pré-científica. São pobres em objetividade. Seriam práticas pré-modernas: parte de nosso passado, não do futuro. Ou seja, em última análise, tecnoxamanismo ou tecnomagia seriam nada mais que oxímoros, conceitos carentes de lógica e embasamento concreto.

No entanto, nos últimos anos, observamos a emergência de uma série de conceitos e práticas que operam um deslocamento dos sentidos tradicionalmente atribuídos à técnica na modernidade. Ao mesmo tempo em que a noção de tecnociência ganha espaço nos debates sobre tecnologia e sociedade, proliferam-se também trabalhos, teorias e ações artísticas que recorrem a conceitos como tecnoxamanismo, tecnomagia, tecnoanimismo, ciberxamanismo, entre outros. A despeito de suas diferenças, em geral, tais ideias conjugam a técnica (indicada pelo prefixo *tecno* ou *ciber*) com noções rejeitadas na modernidade (magia, xamanismo ou animismo).

Essa emergência prático-conceitual é visível na proliferação de eventos e produções acerca destes temas. Para citar apenas alguns encontros recentes, foi realizado em 2012, na cidade de Mauá (RJ), o Encontro Internacional de Tecnomagia[1], reunindo diversos pesquisadores, artistas e ativistas para uma série de debates, oficinas e intervenções. Em abril de 2014, Arraial d'Ajuda (BA) recebeu o I Festival Internacional de Tecnoxamanismo[2]. Fora do Brasil, temos o exemplo do 'Festival de Oratória Ancestral - Tecnoxamanismo e Novas Narrativas'[3], realizado em Guayaquil, no Equador, em outubro de 2014, e do encontro 'Tecnoxamanismo - autodeterminação, liberdade e sustentabilidade no antropoceno'[4], feito no município de Aarhus, na Dinamarca, em novembro de 2014.

A este respeito das diferenças de abordagens entre os encontros, parece-nos oportuno citar o relato do hacktivista espanhol Pedro Soler sobre suas impressões acerca de dois eventos distintos sobre o tema:

> *A linha entre magia e ilusão é muitas vezes confusa. O que entendemos por magia é, geralmente, hoje, prestidigitação ou a capacidade de enganar o público.*

Em 2007, Medialab Prado[5] trabalhou no tema de magia e tecnologia a partir deste ponto de vista. Não só eles fizeram uma série de obras de arte, em particular usando realidade aumentada, incluindo o trabalho com um mágico profissional, mas também um seminário. Um dos palestrantes do simpósio salientou que a magia do século 18 e 19 e a ciência não eram separadas, bem como parte de um ramo independente do show business. […] O encontro Tecnomagias em maio de 2012 na Nuvem, um espaço ecotech de pesquisa nas montanhas a 2 horas do Rio de Janeiro, nasceu com um foco diferente. A reunião foi convocada para explorar as interseções entre tecnologia e magia a partir de uma visão mais ampla, ecológica, mística e política (SOLER, 2014, p. 35)

Nessa emergência de conceitos e práticas, temos abordagens bastante diversas entre si. Em linhas gerais, podemos traçar alguns dos planos nos quais as reflexões sobre tais noções se desenvolvem. Observamos desde aquelas mais superficiais ou espetaculares – como as que confundem magia com mágica – a outras mais complexas e interessantes, como as reflexões a partir das chamadas técnicas do êxtase e a cultura das *raves*[6]; a convivência de relações tecnológicas ditas pré-modernas em sociedades modernas (JENSEN; BLOK, 2013); aquelas que enfatizam o caráter eminentemente afetivo da apropriação das novas tecnologias de comunicação (MAFESSOLI, 2009; SUSCA, 2008); ou ainda as que operam a partir da revalorização dos saberes tradicionais e da apropriação tecnológica, em especial no sentido das 'baixas tecnologias".

Dada tal complexidade do assunto, nesta investigação, iremos nos ater somente ao último plano, a fim de compreendê-lo em sua relação com uma possível antropofagia da técnica, influenciada por Oswald de Andrade. Pelo mesmo motivo, dada a extensão do trabalho de Oswald, neste momento, analisaremos especialmente as considerações sobre a técnica em sua tese 'A Crise da Filosofia Messiânica', ainda que recorramos pontualmente a outros trabalhos do autor.

I

No texto mencionado, Oswald identifica o Matriarcado e o Patriarcado como duas tendências históricas fundamentais. A primeira corresponderia a um estado de natureza, caracterizado pelo ócio, o direito materno e a propriedade comunal. A segunda, ao homem civilizado, trazendo consigo o trabalho, o direito paterno e a propriedade privada. Ao invés de afirmar a supressão de uma pela outra, ele defende que estes dois hemisférios coabitam, alternando-se e articulando-se. Mais que isto, Oswald anuncia o surgimento de uma síntese ou, em suas palavras, um novo Matriarcado, uma nova cultura antropofágica.

No mesmo texto, Oswald aproxima a técnica do esquema civilizacional do Patriarcado, a partir da relação entre trabalho e messianismo. Produzidas "quando o homem deixou de devorar o homem para fazê-lo seu escravo", as doutrinas messiânicas e convicções imortalistas trazidas pelo Patriarcado guardariam íntima relação com a "marcha técnica do homem", sustentada pela escravidão. "Primitiva, caótica e desordenada, numa civilização sem relógio, a técnica só podia ser eficiente, apoiada no braço escravo. O escravo só podia existir na condição miserável a que estava reduzido, com a esperança messiânica da outra via". (ANDRADE, 1972, p. 97) Ou seja: sem vida

após a morte, não haveria escravidão. Sem escravidão, não haveria progresso técnico.

Mas Oswald não limita-se a denunciar a técnica[7]. Trata-se antes de reaproximá-la da cultura antropofágica. O novo Matriarcado anunciado caracteriza-se justamente pela apropriação das conquistas técnicas do Patriarcado, a partir de valores e práticas do Matriarcado. "Só a restauração tecnizada duma cultura antropofágica, resolveria os problemas atuais do homem e da Filosofia", diz. (Idem, p. 128). Neste sentido, no Manifesto Antropofágico, ele mesmo reapropria-se positivamente da noção de "bárbaro tecnizado" da obra *'O Mundo Que Nasce',* do filósofo alemão Hermann Graf Keyserling, para concebê-lo como esta síntese do encontro entre o homem natural, nu, e o "homem civilizado": eis então o homem natural tecnizado – não mais o bom selvagem de Rousseau, mas o canibal, um mau selvagem nietzscheano.

Para Oswald, a reconquista do ócio do novo Matriarcado seria possível graças ao avanço da técnica. "A fase atual do progresso humano prenuncia o que Aristóteles procurava exprimir dizendo que, quando os fusos trabalhassem sozinhos, desapareceria o escravo" (*Idem*, p. 128), afirma a quinta tese central do texto 'A Crise da Filosofia Messiânica'. É notável a repetição desta imagem aristotélica da automação técnica como emancipadora do homem na obra de Oswald. Em outro momento, o autor afirma: "É em torno do Robô que se está construindo a civilização de nossos dias. O escravo só desaparecerá quando a mecânica o substituir, isto é, quando os fusos trabalharem sozinhos". (*Idem*, p. 208) A escravidão aparece aqui não como uma questão social, mas como um problema técnico. Nesta lógica, só há escravos, pois o desenvolvimento tecnológico não progrediu o suficiente. Ou seja, a fórmula se inverteu: sem progresso técnico, haverá escravos. Mas sem escravidão, não há progresso técnico.

De certa maneira, a solução encontrada por Oswald para sair deste "dilema da escravidão" foi escravizar as máquinas. A nova Era do Matriarcado era também a Era da Máquina. Curiosamente, a análise de Oswald sobre a crise da filosofia messiânica encerra-se com uma anunciação de uma nova era por vir: a "Idade de Ouro" ou o "matriarcado de Pindorama", como retornos antropofágicos, totemizações dos tabus da sociedade moderna – porém amparadas no potencial de automação das máquinas que se desenvolviam no século XX.[8] De fato, como o próprio Oswald afirma, "o sobrenatural não está longe do milagre físico que a técnica cria". (*Idem*, p. 95). Sua constatação parece-nos possível de ser aplicada à sua própria teoria.

II

Mas – a bem da verdade, vale destacar – o atravessamento de imaginários não científicos no desenvolvimento das máquinas modernas do século XX não era exclusivo de Oswald, sendo também notado por um dos criadores da cibernética.[9] Em 1962, o matemático norte-americano Norbert Wiener escreveu o livro *'God & Golem Inc – A Comment on Certain Points Where Cybernetics Impinges on Religions',* em que traça paralelos entre os computadores ("máquinas pensantes") e a figura do Golem na magia judaica: um ser animado antropomórfico, criado a partir de matéria sem vida. Quando um dos primeiros computadores israelenses foi inaugurado, em Tel Aviv no dia 17 de junho de 1965, o historiador judaico Gersom Scholem tentou tirar a ideia do papel, solicitando a formalização das pesquisas sobre magia e computação, amparado em alguns dos desdobramentos da cibernética de

Wiener: "Todos os meus dias tenho me queixado de que o Instituto Weizmann não mobilizou os fundos para construir o Instituto de Demonologia Experimental e Magia que tenho há muito tempo proposto. Eles preferiram o que eles chamam de Matemática Aplicada e suas possibilidades sinistras à minha abordagem mais direta e mágica"[10].

Ao longo da segunda metade do século XX, a esperança de uma nova era cibernética também ressoou em movimentos contraculturais norte-americanos, como entre os *hippies* californianos, que enfatizaram o caráter emancipador das (então) novas tecnologias de informação e comunicação. Richard Barbrook e Matteo Pasquinelli mobilizam respectivamente os conceitos de "ideologia californiana" e "digitalismo"[11] para identificar o surgimento e a persistência destas tecnoutopias. Tais abordagens também encontram eco em certos discursos influenciados pela cibernética de Wiener, como as teorias transumanistas a respeito das tecnologias, como o tecnogaianismo, os defensores da "singularidade tecnológica" e do extropianismo. De modo geral, estas correntes partilham uma fé inabalável na racionalidade do desenvolvimento tecnológico: entusiastas do tecnogaianismo defendem o desenvolvimento e uso das tecnologias de geoengenharia e biotecnologias como remédio para as crises ambientais do antropoceno; adeptos da singularidade tecnológica (como Ray Kurzweil, atual diretor de engenharia do Google) postulam que a inteligência das máquinas irá superar a humana em um futuro breve, alterando radicalmente toda nossa realidade social e, por fim, defensores do extropianismo acreditam que a ciência e tecnologia um dia poderão tornar as pessoas imortais. Todas elas disputam diretamente um certo imaginário mágico da tecnologia a partir das altas tecnologias, ao lidar com questões outrora consideradas da ordem do sobrenatural, como a vida eterna, a criação de vida artificial ou a restauração de um equilíbrio com as forças da Natureza.

Ao contrário de Wiener, o filósofo francês Gilbert Simondon não considera as máquinas completamente autônomas como o último resultado de uma longa evolução teleológica da técnica. Muito pelo contrário, na sua compreensão da natureza sociotécnica dos objetos, um autômata possui funcionalidades reduzidas. Para Simondon, mais do que máquinas que independem do ser humano, interessam os objetos abertos com margens de indeterminação, que não estão submetidos a uma separação entre sua construção e sua utilização, entre produtor e consumidor.

Segundo Simondon, a cibernética havia sido mal compreendida, pois "esta tentativa eminentemente nova foi reduzida, julgada em função de noções ou tendências antigas". (Idem, p. 165). Seu propósito maior é então desfazer aquilo que chama de alienação pré-capitalista essencial, por meio de elucidações sobre a natureza dos objetos técnicos e dos seres humanos. E aqui reencontramos criticamente a solução para o "dilema da escravidão" de Oswald de Andrade: "É difícil tornar-se livre transferindo a escravidão a outros seres, sejam homens, animais ou máquinas; reinar sobre um povo de máquinas que converte em servo o mundo inteiro segue sendo reinar, e todo reino supõe a aceitação de esquemas de servidão". (Idem, p. 21).

Em sua crítica à cibernética e ao evolucionismo tecnológico da época, Simondon também reaproxima tecnicidade e religiosidade, porém de maneira radicalmente distinta. Para ele, técnica e religião são dois fenômenos simétricos, desdobramentos do pensamento mágico, anterior à "Grande Divisão" da moder-

nidade, como definiria posteriormente Bruno Latour.

> *Tecnicidade e religiosidade não são formas degradadas da magia, nem sobrevivências da magia; são provenientes do desdobramento do complexo mágico primitivo, reticulação do meio humano original, em figura e fundo. […] A religião não é mais mágica que a técnica; é a fase subjetiva do resultado do desdobramento, enquanto a técnica é a fase objetiva destes mesmo desdobramento. Técnica e religião são contemporâneas uma da outra e, tomadas cada uma em separado, são mais pobres que a magia da qual emergem (SIMONDON, p. 191).*

Através de uma série de relatos antropológicos da relação entre tecnologia e xamanismo em diferentes sociedades, como os Barasana, Macus, os xamãs *tamus* (Nepal) e os Araweté, o antropólogo Pedro Peixoto também tece considerações semelhantes sobre a relação entre os xamãs e as máquinas. Sobre aquele último povo, o pesquisador retoma uma descrição do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, que relata uma associação direta entre potencialidades xamânicas e tecnológicas: "'O xamã é um rádio', dizem. Com isto [os Araweté] querem dizer que ele é um veículo, e que o corpo-sujeito da voz está alhures, que não está **dentro** do xamã.". (VIVEIROS, 1986, p. 543; sublinhado no original) Em seguida, Pedro Peixoto afirma que:

> *Poderíamos perguntar: qual é o limite entre o xamã enquanto ser humano e o rádio enquanto objeto técnico? Ora, tal não parece ser a questão colocada pelos próprios xamãs. Antes, eles parecem evidenciar a existência de uma realidade pré-individual, anterior à distinção entre sujeito e objeto, entre o homem e a máquina, na qual um devir xamã-rádio (ou outros devires homem-máquina) se forma e passa a funcionar enquanto máquina desejante mítico-ritual. Talvez os Araweté não estejam sendo tão metafóricos afinal, quando dizem que "o xamã é um rádio", visto que o próprio rádio não parece ser mais do que um aspecto da virtualidade tecnológica do corpo do xamã que foi externalizado e tornado objeto atual (PEIXOTO, 2006, p. 191).*

Formulado por Viveiros de Castro e Tânia Stolze, o perspectivismo ameríndio apresenta-se como uma formulação da mesma família da antropofagia oswaldiana[12], associando-se especificamente a duas importantes características das sociedades da Amazônia: "a valorização simbólica da caça, e a importância do xamanismo" (VIVEIROS, 2002, p. 357). A caça envolve sempre uma perspectiva, ou seja, posições relacionais de predador e presa – que podem se inverter a qualquer momento. Já o xamanismo consiste na elaboração de "correlações ou traduções entre os mundos respectivos de cada espécie natural, isto é, na busca de homologias e equivalências entre os diferentes pontos de vista em confronto" (Idem, idem), ou seja, em uma espécie de tradução diplomática de perspectivas. "O xamanismo é a continuação da guerra por outros meios: mas isso nada tem a ver com a violência em si mesma, e sim com a comunicação" (Idem, p. 469). Neste sentido, em consonância com as observações sobre o pensamento mágico e a tecnologia em Simondon, o xamã pode ser considerado como o primeiro

técnico. No entanto, se a tecnociência opera pela objetificação das máquinas e do mundo, o tecnoxamanismo necessariamente deveria proceder segundo o princípio de subjetivação do mundo, como a arte.

III

Como veremos mais adiante, a reabilitação ontológica proposta pelo perspectivismo ameríndio em relação aos modos de vida e saberes tradicionais é de grande relevância para a compreensão de formulações recentes do tecnoxamanismo para além da questão da apropriação tecnológica. Antes disto, porém, cabe observar que já no final do século XX, a questão da técnica começou a ganhar novos contornos teóricos e estéticos com os movimentos e pensadores influenciados pelo movimento antropofágico. Diretamente abordada na figura do "bárbaro tecnizado", a relação da técnica com uma não-modernidade ou uma alter-modernidade também foi posteriormente vislumbrada por movimentos influenciados pela antropofagia oswaldiana.

Em 1974, Jorge Mautner havia decidido fundar o Kaos, uma publicação "cósmico-democrata", como o jornalista e roteirista Luiz Carlos Maciel definiu. Durante "a primeira sessão da Kaos", a reunião preparatória do jornal com Luiz e Mautner, Caetano Veloso usou o termo "tecnomagia" em referência às possibilidades de convergências entre as ciências exatas e os movimentos artísticos e culturais ligados ao tropicalismo. (MACIEL, 1996, p. 259). Mais recentemente, na década de 1990, a Big Science devorada por Chico Science e outros artistas pernambucanos pôs ainda mais em relevo esta antropofagia da técnica com a emblemática imagem-síntese do satélite enfiado na lama.

Já em 2003, foi realizado o Festival Mídia Tática Brasil, que contou com a participação de Gilberto Gil, John Perry Barlow, Richard Barbrook, Peter Pál Pebart, Suely Rolnik, entre outros. Tal encontro foi decisivo para a futura formulação das políticas públicas dos Pontos de Cultura e do Programa Cultura Viva, em especial no que tange ao conceito de cultura digital[13], baseado no uso de softwares livres e de código-aberto, durante a gestão de Gilberto Gil no Ministério da Cultura. Em 2004, a partir dos acúmulos das práticas e debates acerca da mídia tática no Brasil, a antropofagia da técnica consolida-se em um novo conceito: digitofagia.

> *"A concepção de Digitofagia foi pensar uma prática antropofágica que reatualizasse esse ideário [da antropofagia] no contexto da cultura digital, reabastecendo seu viés libertário. Para tanto, abraçar práticas espontâneas na cultura contemporânea brasileira, como a pirataria, os camelôs e a gambiarra, seria, quem sabe, uma forma de trazer a mídia tática para um campo mais familiar e mais cotidiano aos praticantes, teóricos e ativistas brasileiros" (VASCONCELOS, ROSAS, 2006, p.11)*

Em 2006, Ricardo Rosas aprofundou suas reflexões sobre a relevância da gambiarra em um contexto de uma antropofagia da técnica – ou de uma digitofagia. "Não será novidade nenhuma afirmar que no Brasil a gambiarra é uma prática "endêmica". Mesmo assim, por que até hoje não há uma teoria que lhe contemple a práxis?"[14]. No texto 'Gambiarra – Alguns pontos para se pensar uma tecnologia recombinante', o ciberativista brasileiro enumerou algumas características desta prática:

Acima de tudo, para entender a gambiarra não apenas como prática, criação popular, mas também como arte ou intervenção na esfera social, é preciso ter em mente alguns elementos quase sempre presentes. Alguns deles seriam: a precariedade dos meios; a improvisação; a inventividade; o diálogo com a realidade circundante local, com a comunidade; a possibilidade de sustentabilidade; o flerte com a ilegalidade; a recombinação tecnológica pelo reúso ou novo uso de uma dada tecnologia, entre outros. Tais elementos não necessariamente aparecerão juntos ou estarão sempre presentes. De qualquer modo, alguns deles sempre aparecem por uma circunstância ou por outra (ROSAS, 2006, p.3).

Rosas aproxima a gambiarra do conceito de bricolagem, formulado por Lévi-Strauss. Ao contrário da engenharia, a relação estabelecida pela prática da gambiarra com os objetos técnicos não se submete a um projeto pré-definido transcendente à prática. Ao contrário, ela opera pela imanência em uma recombinação constante, caracterizando-se mais como um processo do que como produto final. A gambiarra é uma prática aberta. Há nela sempre algo a se terminar, ajustar ou acrescentar. Rosas cita a reflexão de Lisette Lagnado acerca do tema, onde esta destaca a distância que separa a prática da gambiarra da bricolagem:

"Este é um dos sentidos da gambiarra que mereceria um desenvolvimento: gambiarra, tomado como conceito, envolve transgressão, fraude, tunga – sem jamais abdicar de uma ordem, porém de uma ordem muito simples. É um jogo ambígüo e cheio de humor, que a bricolagem salientada por Lévi-Strauss na "ciência do concreto" sequer pretendeu. […] Gambiarra não se faz sem nomadismo nem inteligência coletiva" (LAGNADO).

Como devoração de alteridades, a gambiarra surge aqui como um arranjo técnico que parece corresponder de alguma maneira à filosofia oswaldiana. A devoração nunca é uma mera assimilação daquilo que vem de fora, a incorporação de um objeto fixo por um sujeito delimitado. A aceitação passiva de um produto acabado. Ao contrário, necessariamente implica em uma descodificação e uma recodificação, ou seja, uma reterritorialização que modifica simultaneamente objeto e sujeito. Produção e consumo se mesclam, confluem. A gambiarra é um "prodossumo", poderia dizer Décio Pignatari. Antes dos hackers, já tínhamos a gambiarra – parece-nos dizer Rosas, ao estilo de Oswald.

Porém, agora, não se trata da anunciação de um futuro utópico, onde as máquinas de alta tecnologia trarão abundância e livrarão os humanos da exploração por meio do trabalho. Marcante na afirmação positiva da gambiarra, na noção de digitofagia e em diversas redes da cultura digital brasileira do início do século XX, como a MetaReciclagem[15], Movimento dos Sem Satélites[16] e o Submidialogia[17], tais experiências (antropofágicas?) com a técnica enfatizam a apropriação crítica das tecnologias no presente, em geral em um contexto de escassez – e não excesso – de recursos. Ao invés do culto à nova alta tecnologia dos robôs automatizados, a baixa tecnologia da gambiarra.

A alta tecnologia está sempre por vir, opera pela promessa de futuros imagi-

nários. Não por acaso é descrita como "tecnologia de ponta": situa-se como na ponta da flecha imaginária de um desenvolvimento tecnológico, tido como linear e progressivo. Lidera-a os investimentos do exército e as grandes corporações, interessadas em manter girando as engrenagens de produção competitiva, consumo e descarte de bens e serviços e prontas para cercear seus produtos por meio de patentes ou segredos industriais. Ao contrário, a noção de baixa tecnologia aponta para o presente, para uma tecnologia das pontas, que está nas margens do sistema capitalista de produção e consumo de tecnologia e baseia-se no compartilhamento e na cooperação. Em termos deleuzianos, poderíamos compreender a baixa tecnologia ou o tecnoxamanismo como uma tecnologia menor.

Refletindo sobre a noção de tecnomagia como uma guerra ontológica entre humanos e máquinas, Thiago Novaes traça um paralelo entre a MetaReciclagem e o movimento de rádios livres, baseando-se na ruptura entre a distinção produtor-consumidor e na utilização de equipamentos de baixo custo (*low tech*) para garantia de autonomia comunicacional. Assim, a metareciclagem pertenceria a um domínio estético e tecnológico com íntima relação com a tecnomagia, por ser "pedagogicamente construído na relação de montagem e desmontagem de elementos e conjuntos técnicos que compõem a reciclagem e o funcionamento de computadores" (NOVAES, 2014, p. 50). Retomando a supracitada noção de bricoleur em Lévi-Strauss, bem como a tecnoestética em Simondon, como conceitos úteis aos pensamentos e práticas tecnomágicas, Novaes o define como um "campo de desvio que se constrói intuitiva e coletivamente, a partir do manuseio cotidiano e refletido de objetos técnicos que passam de um destino predefinido pela indústria ou cultura hegemônica à efetiva função de ruptura histórico-social" (Idem, idem).

"Neste sentido, a tecnomagia se vale de um outro entendimento da técnica, que não o mero uso instrumental com relação a fins, mas gerando um campo problemático objetivo cuja produção de soluções parte do desejo e da sensibilidade compartilhados, construídos, e cuja potência é sua atualização permanente [...] O papel da tecnomagia na comunicação social é, portanto, um ataque à apropriação representativa de qualquer espécie e refundadora da ação comunicativa interpessoal, direta e de interesse coletivo, público" (Idem, p. 52).

Em sentido semelhante, Ícaro Ferraz também relaciona tecnoxamanismo com a cultura hacker e a reapropriação tecnológica, já a partir de uma leitura oswaldiana: "Os tecnoxamãs do presente parecem encarnar o homem natural tecnizado de Oswald, são sua imagem mais bem acabada. Os novos alquimistas do século XXI restituem à brincadeira e ao encantamento sua prioridade, a um só tempo, ontológica e epistemológica. A técnica [...] é agora hackeada, desmontada e remontada em um contexto no qual os valores patriarcais de eficácia, produtividade e competitividade são constantemente colocados sob suspeita" (FERRAZ)

Por fim, além da dimensão de reapropriação tecnológica, parece-nos fundamental destacar a dimensão daquilo que poderíamos chamar de reconsideração tecnológica. Pensar hoje o tecnoxamanismo no Brasil implica também voltar-se para o reconhecimento de saberes e técnicas antes desconsiderados ou apropriados indevidamente de maneira privada, como aqueles das populações afro-indígenas. Ou seja, reavaliar justamente aquilo que usualmente concebemos como técnica ou tecnologia: será a indústria farmacêutica mais tecno-

logicamente avançada do que a erveira? Será o índio a mais avançada das mais avançadas das tecnologias? Este ponto parece-nos central na emergência conceitual e prática dos trabalhos e eventos envolvendo tecnoxamanismo e tecnomagia, no contexto latino-americano. Neste sentido, Fabiane Borges e Camilo Melo concebem o tecnoxamanismo como metodologia estética.[18]

> *[O tecnoxamanismo possui] indícios de uma nova ética, uma ética ecológica, ou ainda uma ética transformadora que conceba a tecnologia não como um projeto evolucionário mas como um organismo vivo, interdependente do seu meio e, assim como o próprio planeta Terra, capaz de auto-regulação. É uma tentativa de juntar duas formas de conhecimentos que são constantemente separadas. A bruxa e o cientista. O curandeiro e o médico. A feiticeira e o robô. A convergência entre técnica e xamanismo é um investimento de reparação de erros antigos de má distribuição de saberes e julgamentos deterministas precipitados a respeito das formas de conhecimento. O tecnoxamanismo apela ao animismo, às religiões da natureza, às visões de mundo mais tradicionais, ou ainda ancestrais, a fim de trazer à tona suas sincronicidades, fazê-las interpenetrarem-se (BORGES; MELO, 2012).*

IV

Longe de esgotar os assuntos aqui abordados, esta investigação deve ser encarada como um esboço de uma reflexão acerca do tecnoxamanismo no Brasil, a partir de uma antropofagia da técnica. Buscamos assim considerar alguns aspectos da questão da técnica na antropofagia oswaldiana, bem como algumas de suas repercussões posteriores, para contextualizar certas abordagens atuais acerca dos conceitos de tecnoxamanismo e tecnomagia. Em algumas passagens, as reflexões de Oswald soam hoje como um tecnoutopismo insustentável. Em 2015, sabemos que o desenvolvimento e a proliferação das máquinas cibernéticas e robôs "inteligentes" não nos livrou da exploração do trabalho, antes parece tê-lo tornado ubíquo e não-remunerado.

Hoje, trabalhamos quase sempre, mesmo quando nos divertimos ou trocamos mensagens com amigos e conhecidos utilizando celulares conectados à Internet. A era das máquinas já chegou sem trazer consigo o Matriarcado de Pindorama. Porém, levando em conta as práticas e reflexões antropofágicas pós-oswaldianas sobre a tecnologia no Brasil, em especial na noção de tecnoxamanismo, sabemos que, se há uma antropofagia da técnica hoje, ela certamente ultrapassa em muito as reflexões originais de Oswald de Andrade.

Notas:

1. http://nuvem.tk/wiki/index.php/Tecnomagia

2. O projeto foi realizado por financiamento colaborativo (crowdfunding), contando com a contribuição de 95 apoiadores. http://catarse.me/pt/tecnoxamanismo

3. https://tecnoshamanismoynuevasnarrativas.wordpress.com

4. http://osaa.dk/2014/11/open-call-technoshamanism-encounter-in-aarhus/

5. Laboratório de mídia baseado em Madrid, na Espanha. Mais informações em: http://medialab-prado.es/

6. A contracultura anglófona exerceu uma grande influência nesta concepção de tecnoxamanismo ou tecnomagia. Na segunda metade do século XX, Timothy Leary vislumbrava o potencial da comunicação em rede para expandir consciências, concebendo os cyberpunks como "alquimistas modernos". Posteriormente, Fraser Clark usava o termo "tecnoshamanism" para referir-se ao papel do DJ nas raves. Vale lembrar que Clark foi um dos criadores do movimento zippie (que buscava abraçar tecnófilos e hippies) e do tecnogaianismo.

7. "Mas, poder-se-ão, por acaso, negar os prodígios conseguidos através de guerras sangrentas, de sacrifícios trágicos, de entregas absolutas, que começam a dourar os dias ao século presente? Tudo isso é o produto da técnica." (p. 209)

8. Em outra ocasião, no texto “Ordem e Progresso”, publicado em O Homem do Povo 1, em 1931, Oswald afirma “queremos a revolução nacional como etapa da harmonia planetária que nos promete a era da máquina”.
9. A respeito das 'técnicas do encantamento' na cultura moderna, o antropólogo Alfred Gell observa: "O que aconteceu com a magia? Ela não desapareceu, mas tornou-se mais diversificada e difícil de identificar. Uma forma que ela leva, como o próprio Malinowski sugeriu, é a publicidade. [...] Assim como o pensamento mágico fornece o estímulo ao desenvolvimento tecnológico, a publicidade também, através da inserção de produtos em um universo mitificado, em que todos os tipos de possibilidades estão abertas, proporciona a inspiração para a invenção de novos itens de consumo.
A publicidade não serve só para atrair os consumidores para comprar itens especiais; com efeito, orienta todo o processo de concepção e fabricação do início ao fim, uma vez que fornece a imagem idealizada com a qual o produto final deve estar de acordo. [...] Os propagandistas, criadores de imagens e ideólogos da cultura tecnológica são seus magos, e se eles não reivindicam ter poderes sobrenaturais, é só porque a própria tecnologia tornou-se tão poderosa que não há necessidade de fazer isso. E se nós já não reconhecemos explicitamente magia, é porque a tecnologia e a magia, para nós, são uma e a mesma coisa" (GELL, 1988)
10. Discurso transcrito em:
http://www.commentarymagazine.com/article/the-golem-of-prague-the-golem-of-rehovoth/
11. “Economicamente, o digitalismo acredita que quase toda a reprodução de dados digitais livre de gasto de energia pode emular a produção de material de alto dispêndio energético. Certamente, o digital pode desmaterializar qualquer tipo de comunicação, mas não pode afetar a produção de biomassa. Politicamente, o digitalismo acredita em uma economia de troca (dádiva) mútua. A Internet seria, supostamente, livre de qualquer exploração e tende naturalmente a um equilíbrio social. Nesse contexto,
o digitalismo funciona como uma política desencarnada sem reconhecimento do trabalho off-line que está sustentando o mundo on-line (a divisão de classes que precede qualquer exclusão digital). Ecologicamente, o digitalismo se autopromove como ambientalmente amigável e uma maquinaria de emissão nula contra a poluição do antigo fordismo” (PASQUINELLI, 2012, 54).
12. “Vejo o perspectivismo como um conceito da mesma família política e poética que
a antropofagia de Oswald de Andrade, isto é, como uma arma de combate contra
a sujeição cultural da América Latina, índios e não-índios confundidos, aos paradigmas europeus e cristãos. O perspectivismo é a retomada da antropofagia oswaldiana em novos termos (VIVEIROS, 2007, p.129)”
13. Analisando a relação da Ação Cultura Digital com os Pontos de Cultura, a pesquisadora Adriana Veloso chega à seguinte conclusão: “A Cultura Digital não é somente a troca de conhecimentos brutos e inadaptáveis, mas um absurdo antropofágico, uma deglutição de conhecimentos, de um país que está mais do que acostumado à mestiçagem. Das oficinas, contatos e trocas ideias nascem elementos híbridos, como computadores grafitados, computambores (tambores digitais) e projetos de linux em linguagens indígenas. A perspectiva é sempre da troca, não da inclusão ou salvamento” (VELOSO, 2008, p.39)
14. Anos antes, Oswald afirmava: “Será preciso criar uma Errática, uma ciência do vestígio errático”. (ANDRADE, p.)
15. MetaReciclagem é uma rede auto-organizada que propõe a desconstrução da tecnologia para a transformação social. Mais informações em:
http://rede.metareciclagem.org/
16. Manifesto do Movimento dos Sem Satélites:
http://devolts.org/msst/?page_id=2
17. “Há alguns anos, os elementos (idéias, concepções, práticas, pessoas) que compõem a hoje difundida Cultura Livre, foram apropriados tanto pelo burocrata quanto pelo capitalista. Os que antes fizeram uso das tecnologias e meios disponíveis para criação de ações que proporcionassem o debate sobre novas perspectivas de arranjos sociais possíveis (conseguidas por ferramentas como licenças livres, redes de comunicação, softwares de código aberto), hoje são digeridos pelos velhos aparatos e mecanismos sociais que uma vez utilizavam e questionavam, participando, muitas vezes inconscientemente, apenas de um "treinamento sócio-profissional" para que venham a ocupar as mesmas funções estabelecidas pelos até então mantenedores de um sistema que está distante do que imaginamos como um agrupamento humano possível, muito menos livre”. A convocatória completa do Festival Submidialogia pode ser acessada em:
http://dev.midiatatica.info/wikka/SubMidialogia
18. Ao que nos parece, em sentido próximo a este, Beatriz Preciado formula a noção de tecnoxamanismo como um “sistema de comunicação interespécies” (PRECIADO, 2014)

TECNOXAMANISMO E A ESTRANHA CIRCULARIDADE DO MUNDO

CARLOS EDUARDO SOUZA AGUIAR[1]

Terráqueos!

Fala-se muito de algo novo no ar, numa inédita atmosfera que nos engloba, fascinando-nos e aterrorizando-nos. De fato, alguma coisa diferente existe neste nosso mundo contemporâneo. Mas, talvez, diferente não signifique, necessariamente, novo. Antes, o diferente pode significar o retorno.

Daí, o tecnoxamanismo.

Dessa curiosa junção entre o arcaico e o técnico que o constituem, enfraquece-se a tese do devir linear do mundo, o que não significa, tampouco, um retorno ao mesmo. Trata-se do devir *espiralesco* e não simplesmente cíclico. É a partir das técnicas de ponta, sobretudo digitais, que se recupera essas dimensões que soberbamente acreditávamos já ultrapassadas, neste nosso caso, o xamanismo.

Permitam-me, assim, endereçar-vos esta mensagem que tem como único e singelo objetivo traçar algumas pistas interpretativas deste nosso tempo a partir da imagem forte do tecnoxamanismo. Valer-me-ei, aqui ou acolá, de certos pensadores para endossar a perspectiva que traçarei, mas, sobretudo, relatarei uma percepção de mundo que, embora pessoal e subjetiva, é compartilhada por muitos de nós, atentos que estamos à saturação de um certo mundo e a emergência de outro, acompanhado do barulho das efervescências e da dor dos partos difíceis.

Dizia que uma das características mais evidentes do mundo contemporâneo, portanto, não é o novo, o inédito, pois a novidade pressupõe o avanço. Mas, desencantados estamos com essa ideia, quase totalitária, segundo a qual a dita humanidade avança, numa marcha inexorável, rumo ao progresso, ao mundo perfeito. As máquinas e as tecnologias seriam, nessa moderna perspectiva, meros instrumentos humanos para aceleração deste objetivo final: o paraíso terrestre.

Ora terráqueos, a modernidade dos humanos se levantara contra todos os misticismos e superstições, alijando-os ao museu dos arcaísmos selvagens. Porém, curiosamente, esse ímpeto racionalista baseava-se também em uma narrativa, aquela judaico-cristã.

E não é, então, que a sociedade ideal, projetada por capitalistas, comunistas, iluministas, nada mais foi que uma tosca retradução profana da nova Jerusalém? A razão e a ciência moderna por mais que buscassem expurgar todos os mistérios do mundo, estavam fincados, ou mesmo enraizados, na narrativa religiosa, de mãos dadas na aparente contradição das teses e absoluta identidade dos fins. A modernidade, perversamente, buscou concluir, com mais eficiência, um processo iniciado anteriormente pelas religiões do livro, religiões da verdade revelada, do Deus único. Este processo é aquele de desencantamento do mundo, da eliminação das diferenças e dos politeísmos.

Para tanto, há que sublinhar, grandes rupturas foram operadas ou intensificadas, cultura e natureza passaram a ser distintas esferas e o sujeito passa

ser oposto ao objeto. Eis, então, os elementos principais da própria gênese da tecnologia moderna, ferramenta da lógica, instrumento humano de dominação desse grande obstáculo a ser conquistado e administrado: a natureza.

Grande era a pretensão humana e grande foi seu fracasso. Acreditava-se, pretensiosamente, que o mundo, de fato, desencantara-se e que estávamos cada vez mais próximos da perfeição, no caminho reto da razão. Mas, como diz Nietzsche numa famosa página do crepúsculo dos ídolos, o mundo verdadeiro, enfim, tornou-se fábula. Isto é, a modernidade nada foi além do que uma narrativa entre tantas, e o progresso um mito entre tantos cujas raízes estavam fincadas na cultura monoteísta.

Cansamos de esperar o mundo perfeito. O que alcançamos, ao contrário e ironicamente, foi a devastação do mundo. A crise ambiental na qual nos encontramos é testemunha. Invariavelmente, não titubeamos em responsabilizar a tecnologia: a eminência do fim do mundo seria o fruto de sua proliferação que infestara a superfície do planeta e a órbita espacial e dominara nossas vidas, esgotando os recursos da natureza e tornando o ecossistema planetário inabitável para muitos de seus seres. A tecnologia, como instrumento do homem, seria a grande responsável pela insurgência de uma nova era geológica, a antropoceno. Isto significa que a espécie humana deixará suas marcas físico-químicas no planeta por milhares de anos, mesmo com o seu desaparecimento.

Diagnóstico justo, mas não absoluto, afinal, como avisava o poeta alemão Friedrich Hölderlin: "*Ali onde* mora o perigo, *cresce também a* salvação." Pois vejamos: a tecnologia seria o instrumento de aceleração do progresso, e o efeito perverso foi a devastação do mundo. Este é o sinal forte do nosso tempo, resultado deste antropocentrismo que exauriu a natureza, perante o qual o cenário é cada vez mais catastrófico. Mas há um outro efeito, este nem um pouco perverso, um sinal fraco que aponta para um retorno à ancestralidade, justamente graças a estas novas técnicas disponíveis. Celulares e *tabletes* não são, apenas, meros instrumentos de comunicação, mas nos conectam com a alteridade, seja o outro social, o outro natural ou, até, o outro sobrenatural.

Talvez isto não esteja absolutamente claro para nós, o que vemos é o sinal forte, acostumados que estamos à dimensão instrumental dos aparelhos. Mas o sinal fraco está aí, visível na crescente tomada de consciência da falência do modelo moderno pelas novas gerações, na preocupação com a diversidade cultural, social e ambiental, entre outros pequenos sinais. Não quero dizer que tudo isso é consequência lógica das novas tecnologias. Antes, gostaria de sugerir que essas tecnologias desvelam essa dimensão que durante toda a modernidade estava ali, no subterrâneo. Inspiro-me, aqui, nas ideias de um controverso filósofo chamado Martin Heidegger, que num famoso texto intitulado "*A questão da Técnica*[2]" afirmou que sua essência não é, em si, algo de técnico, é, antes, uma forma de desvelamento, de revelação de um mundo.

Seguindo esta argumentação, podemos considerar que se de um lado temos as técnicas industriais e as máquinas que revelam um mundo linear e uma natureza a ser explorada, as novas tecnologias digitais revelam um mundo mais circular e uma natureza perante a qual devemos entrar em sintonia. Aqui, podemos fazer referência a outro pensador alemão, Walter Benjamin, que numa célebre passagem de seu texto *"A obra de arte da era de sua reprodutibilidade técnica*[3]*"*, dizia que a natureza que

fala para o olho da câmera fotográfica é distinta daquela que fala para o olho humano nu. Podemos extrapolar essa ideia para todas as técnicas com as quais os homens estabelecem relações. Cada técnica revela uma distinta natureza, pois, como dizia Marshall Mcluhan[4], o meio é a mensagem.

Trata-se, no caso contemporâneo, de uma natureza revelada próxima aquela da oralidade, isto é, há uma outra afinidade com nossos artefatos que nos remetem à relação ancestral com as técnicas, por exemplo, aquelas estabelecidas no xamanismo originário. Os estudos etnográficos ou o contato direto com os índios revelam-nos que as técnicas não são uma exclusividade do homem branco, civilizado e moderno, revela ainda que o tipo de relação estabelecida é qualitativamente distinta, o que, evidentemente, pode ensinar-nos muito acerca da contemporaneidade. Eis dois pontos fundamentais a serem observados.

Primeiramente, trata-se de um preconceito etnocêntrico brutal a ideia de que a tecnológica é a sociedade moderna industrial ou, no melhor das hipóteses, as sociedades que conhecem a escritura. Não! Toda cultura é uma tecnocultura. Não há qualquer notícia de que houve civilizações que prescindiram da técnica, pois ela é nosso acesso único ao real, empregamo-las a fim de alcançar resultados em um ambiente. Hipoteticamente, somente numa atmosfera isolada – um jardim protegido e estável, o jardim do Éden – poderíamos viver sem técnicas. Não escolhemos utilizá-las, pois, já estamos imersos, e sempre estivemos, num mundo técnico. Por isso naturalmente somos ciborgues, assim como também os índios são naturalmente ciborgues[5]. Somos seres híbridos por excelência! Logo, nota-se que mesmo uma pedra, manipulada, subvertida de sua função dita natural, torna-se uma técnica, ou até nosso próprio corpo, torna-se técnica.

Pois bem, nesse caso ancestral, não se trata de um uso instrumental, de uma ferramenta que deliberadamente emprega-se para alcançar determinados fins. Trata-se, antes, de atravessamentos, fundamentais para a constituição do próprio ser no mundo. Há, nessas populações, uma sinergia mística entre a técnica e a magia, absolutamente visível nas práticas xamânicas, nas quais antes de possuir os objetos, os envolvidos são por eles possuídos. Diferente do mundo moderno, como bem sublinha o filósofo francês Gilberto Simondon[6], nessas sociedades há uma indistinção entre a dita realidade humana e a dita realidade objetiva, o que existe, segundo o pensador e como podemos também constatar observando tais sociedades, é uma rede na qual não existe uma distinção entre o natural e o artificial.

Nesse sentido, o xamanismo originário é, porque não, também tecnoxamanismo. O xamã, a partir das técnicas – seu corpo e certos artefatos naturais subvertidos de sua função originária, como pedras – acessa um mundo invisível, manipulando-o. Esses objetos e o próprio xamã tornam-se, ritualisticamente, médium a partir dos quais os coletivos acessam o sagrado. Essas mídias sacralizadas não são meros instrumentos ou intermediários neutros, mas participam ativamente na hierofania, isto é, na manifestação do sagrado.

Um pensador importante das histórias das religiões, Mircea Eliade[7], fornece-nos interessantes elementos para pensar essa relação. Para ele, existe três elementos em uma dada hierofania: um objeto natural no qual o sagrado se manifesta; a realidade invisível ou mundo sobrenatural; e o elemento mediador, aquele mesmo que confere ao objeto uma nova dimensão no momento da manifestação do sagrado, no caso do xamanismo, o corpo do xamã ou os artefatos por ele

utilizado, como raízes e pedras. Um objeto sacraliza-se quando se torna outra coisa que ele mesmo. O sagrado, pois, encontra-se na própria gênese do objeto técnico.

Não seria estranho, portanto, considerar nossos aparatos digitais – celulares, tabletes, etc. – também como objetos mágicos e sagrados. Entretanto, essa dimensão das técnicas perdeu-se no decorrer na dita modernidade, tornaram-se ferramentas de ação do homem e a tecnomagia converteu-se em tecnologia, instrumento da lógica. Por isso, parece tão estranho essa concepção mágica das técnicas digitais aos olhos mais conservadores. Mas, apesar de enfraquecida, a dimensão estava lá, escondida e, agora, parece que emerge à superfície com toda sua potência.

Vale a pena insistir sobre esse fato: o homem, imagem e semelhança do Deus único criador, empregou das técnicas para converter a natureza selvagem em mundo perfeito. Eis o cerne do humanismo moderno que resultou na devastação do planeta e na eminência da desaparição de muitos de seus habitantes.

Gaia está doente!

A saturação do projeto moderno significa, portanto, a saturação do humanismo e a emergência de uma nova situação que alguns denominam de pós-humanismo. Independente do nome dado, o importante é a desestabilização de certas fronteiras que essa nova situação aporta ao dar ênfase aos terráqueos, isto é, a todos os seres, humanos ou não, que habitam nosso ambiente.

O projeto moderno saturou-se, mas certa elite conservadora não o compreendeu, agem, ainda, guiados por essa luz que dizem enxergar no final da história. O fato é que essa dissonância causa uma aceleração, ainda mais contundente, na devastação. Basta lançarmos o olhar nas práticas governamentais, intelectuais, empresariais e jornalísticas para constatarmos a validade dessa desesperadora assertiva, os *Guarani Kaiowa* que o digam: o mito do progresso perdura e o lugar dos *outros* é à beira das estradas, agonizando, ou, quando muito, nas periféricas das cidades, convertidos em pobres, uma versão diminuída do homem branco.

Mas veja que curioso, se hoje sabemos do drama desses coletivos que não se encaixam no projeto progressista oficial é graças a certas tecnologias de comunicação como a Internet, o mundo torna-se, enfim, uma aldeia global. Surge, assim, uma oportunidade a todos nós, terráqueos, de darmos um passo atrás, em direção a nossa ancestralidade, rompendo, deste modo, não a marcha do progresso, mas o nosso declínio.

Os aparatos técnicos surgem, é importante destacar, como fármacos, ora como remédios, ora como veneno. Depende da dose e da posologia. Preferimos, até por uma questão de sobrevivência, destacar os efeitos de cura da técnica, tal qual o xamã que emprega uma dada raiz, em uma dimensão holística do mundo, para reequilibrar um corpo desarmônico. Logo, essas técnicas digitais podem revelar-nos essa ancestralidade que nos pertence, reencantando o mundo.

Em efeito, são diversos os modos que o reencatamento, ou, por que não, a aparição de gaia, se dá a partir das técnicas e acredito que é oportuno destacar alguns. Conforme já brevemente apontado e como todos nós podemos constatar, é notório que a disseminação da internet e seus aparatos diminuem as distâncias e aproxima os povos e os coletivos, sejam eles humanos ou não. Tomamos conhecimento, por exemplo, das atrocidades que os povos do baixo Xingu são submetidos sem a intermediação dos jornalistas, a partir do relato dos próprios índios via *web*. Eis ai um efeito comunicativo mais imediato.

Outro efeito mais sutil ocorre graças à digitalização de territórios, processo que introduz no interior da dita natureza novos elementos, como chips, GPS, satélites, etc. Evidentemente, se pensarmos dentro de uma concepção ecológica ou ecossistêmica, essa introdução não é neutra, antes, é capaz de metamorfosear a natureza em códigos alfanuméricos, permitindo, assim, a interconexão de todos seres terrenos e extraterrenos[8]. Tais atravessamentos desestabiliza as sólidas barreiras erguidas na modernidade, nós e eles, sujeito e objeto, sociedade e natureza. Não se trata de uma fantasia fusional, isto é, na eliminação absoluta das fronteiras, mas de atenuá-las, complexificá-las, chegando ao ponto, por que não, de destruí-las. A desestabilização, se potente, pode arruinar as dicotomias, o que, diferente de uma aniquilação, deixa traços, entulhos, em cima dos quais se construirá, necessariamente, novos agenciamentos, novas dinâmicas que recuperarão aquela imensa teia a qual Simondon fazia referência.

Contudo, é na própria relação que estabelecemos com estes aparatos digitais que, talvez, reside o aspecto mais interessante. Olhemos ao nosso redor, na nossa vida cotidiana, e não teremos dificuldade em reconhecer que todos esses objetos que fazem parte de nossa experiência do mundo, não são instrumentos que empregamos para determinados fins, mas, são eles que definem nosso modo de estar no mundo. Conectados às redes digitais, conectamos, também, a um todo mais vasto, que inclui a natureza, todas as alteridades orgânicas, inorgânicas e invisíveis.

Esta outra relação com as novas técnicas e a eminência de nossa desaparição aproxima-nos, enfim, a essas outras alteridades que tanto desprezamos: uma questão de sobrevivência. Por isso não se trata mais de uma oposição analítica entre ocidente e o mundo selvagem, mas do declínio do humanismo e a aceitação de que todos somos terráqueos ou terranos que compartilham Gaia, o lugar dos lugares, e que as técnicas participam de novos agenciamentos que apontam os limites da modernidade ocidental.

O fim de um mundo não é o fim do mundo. Quando cessa a evidência de uma ideia na qual se baseava determinada época, outra constelação aparece e novas imagens fazem-se necessárias para ilustrar as novas dinâmicas. Eis a potência criativa da noção de tecnoxamanismo.

Uma imagem que traz em si essa aparente coincidência de oposições que é o técnico e o xamanismo, retrato deste nosso período de crise e de transição de mundos, a época da sinergia entre o arcaico e o digital[9]. Trata-se de uma noção aberta e em constante reelaboração, usada para agregar vários métodos de integração das técnicas eletrônicas e digitais no interior de práticas xamânicas. O tecnoxamanismo busca tecer laços numa teia mágica que muitos adeptos identificam com Gaia, buscando inspiração na arte, na natureza, na cultura e na técnica. Nesse sentido, o próprio ambiente das redes é, antes de tudo, um espaço sagrado.

As leituras são inúmeras ao redor do planeta. Destacamos a leitura brasileira, em particular a realizada pelo grupo que organizou o primeiro festival de tecnoxamanismo[10] em abril de 2014 em Arraial d'Ajuda, sul da Bahia. A forma “festival[11]” colabora para essa visibilidade que diversos atores e movimentos praticam no cotidiano, pois permite agregar num contexto de nostalgia comunitária o imaginário ancestral, dos pequenos gestos ritualizados, e formas sociais festivas e altamente tecnológicas, que tendem a efervescência, isto é, às festas, orgias e fetiches. A mística em jogo é o acesso ao



FOTOS: LUIZA SOH. INTERVENÇÃO DE LAURA SOBENES DO LABORATÓRIO DE PRÁTICAS RITUAIS E TECNOXAMANISMO REALIZADO POR FABIANE M. BORGES NO INSTITUTO GOETHE, SÃO PAULO, 2014.







sagrado a partir das técnicas: das ancestrais, como os utensílios indígenas, as eletrônicas e digitais. Os objetos não são percebidos como algo externo, como um mero instrumento, mas como elementos portadores de dignidade ontológica, fundamentais para determinar nossa forma de habitar o mundo, ao lado dos elementos naturais, espirituais, etc.

Há um desejo compartilhado de subverter a lógica da técnica, atribuindo-lhe dimensões mágicas. Neste sentido, o xamanismo, em si uma técnica ancestral, pode colaborar a aprofundar nossa relação com a técnica, em dimensões mais profundas e mágicas, no limite, trata-se de um resgate, um novo *religare* com a natureza e com as dimensões espirituais, a partir das novas tecnologias, que, ao gosto da ética hacker, pode ser usado para manipular a natureza, para entrar em sintonia com seus mistérios. O próprio xamã é tido como um hacker da natureza, um mediador, um decodificador de códigos. Nessa leitura brasileira a técnica é o próprio espaço de reflexão, o ponto a partir do qual as tradicionais dicotomias binarias do humanismo, como entre natureza e tecnologia, ciência e religião e humano e não humano, podem ser superadas.

Trata-se de uma imagem forte que simboliza, dentro de uma perspectiva holística, um outro pacto com a alteridade no qual os objetos técnicos devem ser levados em conta na busca da harmonia com o todo. Assim, neste retorno do paganismo, subverter o mero caráter instrumental e utilitário das técnicas é condição fundamental para o equilíbrio com o cosmos e para a harmonia com Gaia.

Falo na condição excepcional de quem é somente um membro dessa rede que, como muitos, ao ingressar nessa trama mística, digital e ecológica percebe, humildemente, que novos parâmetros de ação são necessários nessa época de fim de um mundo. Sim, porque mesmo quando o mundo acaba, sobretudo, é necessário agir, ou melhor, colaborar. Para os índios da América o mundo acabou há séculos e, ainda assim, resistem.

Resistamos todos, então, às trevas sem fim. Os limites perante os quais nos deparamos nesse fim de um mundo não será o ponto no qual tudo acaba, mas o ponto a partir do qual outro mundo passa a ser: o homem torna-se terreno e o planeta torna-se Gaia. Daí, repito, o tecnoxamanismo!

Um dos tantos nos da rede. Paris,
outono de 2014

Notas:

1. cadu.s.aguiar@gmail.com

2. HEIDEGGER, M. **La question de la technique.** In: Essais et conférences. [Paris]: Gallimard, 1980.
3. BENJAMIN, W. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica.** Porto Alegre: Ed. Zouk, 2012.
4. MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1995.
5. PEREIRA, E. DA S. **Ciborgues indígen@as.br: a presença nativa no ciberespaço.** 1ª. ed. São Paulo, SP, Brasil: Annablume, 2012.
6. SIMONDON, G. **Du mode d'existence des objets techniques.** [Paris]: Aubier, 2012.
7. ELIADE, M. **O sagrado e o profano a essência das religiões.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.
8. DI FELICE, M.; TORRES, J. C.; YANAZE, L. K. H. **Redes digitais e sustentabilidade - as interações com o meio ambiente na era da informação.** São Paulo: Annablume, 2012.
9. MAFFESOLI, M. **Saturação.** São Paulo: Iluminuras, 2010.
10. http://tecnoxamanismo.hotglue.me
11. GONZALEZ, C. **Três mil Km - O ônibus, o tecnoxamanismo e os Pataxós (Documentário),** 4 maio 2014. Disponível em: < http://goo.gl/dRuoSf >. Acesso em: 24 maio. 2014

TECNOXAMANISMO

PILANTRÖPÓV

A figura do xamã sempre me intrigou muito. Demorou um tempo para que ela ficasse um pouco mais clara em minha mente e ainda guarda muitos mistérios. A magia tem muitos mistérios. O xamã tem o poder de adentrar em mundos paralelos que vibram em padrões mais sutis do que a já complexa chamada "realidade" acordada pela linguagem. Uma experiência que começa com a coragem e a curiosidade, passa pelas forças do fenômeno e bebe do tempo presente, para depois organizar a experiência vivida de maneira racional através da linguagem, da memória sensível. E outros mecanismos de impressão. Assim, um ciclo pode se completar para que uma nova viagem seja feita. O xamã regressa à sua tribo para compartilhar sua sabedoria. Em seu retorno ele deve demonstrar humildade e gratidão oferecendo seus ensinamentos. O xamã bebe diretamente do arquétipo do herói, por sua coragem em enfrentar espíritos maus, por exemplo. Nesta oportunidade o xamã encontrará mais um desafio, dissolver sua vaidade, sua sombra egóica. E mostrar respeito pelos demais seres e seus caminhos e vivências de sabor particular. Esta é uma tarefa dura que demandará paciência para lidar com tamanha responsabilidade que é ser um guia espiritual. De outra maneira o xamã não poderá acreditar em si mesmo. Ser sincero consigo mesmo é fundamental.

"O principal objetivo era a mediação do terreno com o espiritual, do real com o ideal. As técnicas de transe variavam muito, de drogas diversas ate a educação da respiração e danças intensas. A educação em técnicas de êxtase é a principal função do xamã. Esse êxtase pode ir do puro hedonismo sexual ou artístico até os mais "elevados" estados mentais de "iluminação". A pessoa comum encontra sentido numa crença, num ideal – O Xamã só encontra sentido na experiência direta." (livro Cyberxamanismo).

Vários estudos apontam, diversas vezes, para a questão da experiência direta. Só assim o xamã poderá saber com sinceridade, em seu coração, a verdade contida na experiência. Esse método investigativo é uma técnica que ajudaria ***DESEXTRATIFICAR*** pessoas da ilusão criada por simulacros que visam manter tudo sob controle extremo. Vejo neste caminho um sentido profundo de liberdade.

Aceitar a ambiguidade das coisas. Encarar a polissemia de sentidos, signos e símbolos. Enfrentar a dualidade de opostos que se alterna, se completam e se repelem para poder superar as dualidades. Nenhuma dualidade deve ser negada, assim assumiria uma carga negativa desequilibrando forças. Tanto a cabala quanto o zen acreditam que toda dualidade seja uma ilusão. Assumo por ora essa premissa como uma hipótese e sigo a luz do mistério.

A pós-modernidade marcada pelas poéticas individuais, incorporou dentre suas habilidades o desconstruir, adotando como símbolo de seu inicio as bombas atômicas. Nota-se que o sagrado esconde sua origem, a linguagem que traduz a experiência trai a própria experiência, usando a narrativa de símbolos,



representações, distanciando a experiência dela mesma e conduzindo para a manipulação de sistemas de crenças. Um dos principais pontos de meu interesse na vivência xamânica é de como o sagrado se constrói e como se desconstrói.

Onde o xamã é um artista do sagrado, onde a criatividade inspirada pela natureza e conectada com o cosmos pode escolher plantas para experimentar, fumando, comendo, banhando-se, etc. Experimentar faz parte dos ritos de iniciação.

Outra qualidade do xamã é a transmutação, o poder do caos primordial que tudo muda. Impermanência, devir eterno, fonte de renovação, vazio pleno. Transformar-se em luz, em animal, em mulher, em diversas outras entidades e seres que lhe habitam, deixar-se incorporar, ritos de passagem, raios cósmicos holográficos, mirações de paterns fractais. Visões, premonições vindas do inconsciente galático. Ser arrebatado por forças enigmáticas. Não se assustar diante do sublime.

Demos um duro danado para chegar até a Bahia. Antes fizemos uma festa no teatro oficina, em São Paulo, para arrecadar parte do dinheiro que nos levaria ate lá. Pois a vaquinha feita na internet não havia alcançado o montante necessário para partirmos, e a Fabi Borges que estava coordenando os movimentos para o festival acontecer ainda teve que ajudar com grana. No caminho fomos como hippies doidos em uma tour cheia de liberdade romântica, dentro do Ônibus Hacker todo grafitado e paloso, ouvindo um som, etc. Ansiosos para chegar ate o encontro com a tribo Pataxó e com todos os outros que participaram do festival e não viajaram com a gente. O ônibus quebrou varias vezes durante o caminho e tivemos de dormir alguns dias a mais na estrada. No dia seguinte, a chegada ao cair da noite, fomos recebidos pelos índios. Dançamos e cantamos com eles, fiquei emocionado e lembro de ter empossado meus óculos. Fiquei comovido com a luta e força de resistência do povo Pataxó. No dia seguinte o pessoal foi ate a tribo conhecer todos e oferecer oficinas. Pudemos presenciar a celebração de um casamento pataxó, a festa estava linda, conhecemos a Pagé da tribo, um momento super auspicioso, era o quarto casamento tradicional em dez anos. Durante a tarde começamos os preparos para o ritual à noite. *Macerando Wactchuma,* um cactos sagrado que a Tissa trouxe da Patagônia. Ayahuasca. E também experimentamos algo sintético, PCP, um dissociativo misturado em um chá de hibisco. O Kaloan havia construído junto com o pessoal uma geodésica usando paus de beribas, para abrigar os rituais, que tinham a proposta de acontecerem em um espaço não verbal. Este setor acabou se tornando um dos três espaços propositivos do festival no sitio, junto com a cozinha e o Hacklab Space. No outro dia fomos à praia, alguns lugares eram desérticos e maravilhosos, outros cheios de turistas nada a ver. E ao cair da noite um outro ritual para queimar a geodésica, ficamos lá a noite inteira alimentando a fogueira com a estrutura. Foi incrível sentir a energia de todos os santos que é muito especial na Bahia, e ajudar a criar e participar de rituais tão únicos. Esta foi a primeira edição do festival. Tinha um clima mais intimista. De lá um núcleo de pesquisa se formou, com pessoas que tem o interesse no xamanismo sujo, a mistura típica do Brasil de crenças ecumênicas. Que venham as outras edições!





RITUAL NA GEODÉSICA E RITUAL DE ABERTURA COM A JUVENTUDE DO POVO PATAXÓ NO I FESTIVAL INTERNACIONAL DE TECNOXAMANISMO. FOTOS: NUBIA ABE, 2014.







QUE MEMÓRIAS SÃO ESSAS?

DANILO LIMA

DO EFEITO QUE CAUSA UM EFEITO QUE REPERCUTE ATÉ NESSA MINHA ESCRITA, OU, QUE MEMÓRIAS SÃO ESSAS?
O COLETIVO PLEORAMA SAIU DE SALVADOR - BA PARA ARRAIAL D'AJUDA-BA COM NENHUMA CERTEZA, APENAS VONTADES DE ENCONTROS, SOMOS FEITOS DE ENCONTROS. EM NOSSA BAGAGEM TINHA TAMBÉM FIGURINOS PARA AS PERFORMANCES E QUE, POR FIM, SE TRANSFORMARAM EM DELICIOSOS MOMENTOS COMPARTILHADOS NAQUELE ESPAÇO/TEMPO DE PESSOAS COM BRILHOS NATURAIS. A CADA MOMENTO UMA ESTRELA NO CÉU LIMPO E INFINITO BRILHAVA COMO FAÍSCA VINDO DA FOGUEIRA DAQUELA TRIBO URBANA XAMÃ. XAMÃS. URBANOS.
ESTAVÁMOS EM PROCESSO, O PLEORAMA, O BERNARDO SANTOS, O IRLAN TRIPOLLI, O HERON SENA, O EDUARDO MACHADO, JUNTOS EM FINALIZAÇÃO DE NOSSAS IMERSÕES, INDO DE ENCONTRO COM RITUAIS DE DIFERENTES REGIÕES. CHEGAMOS AO TECNOXAMANISMO. O AMBIENTE TRANSPORTA VOCÊ PARA OUTROS SEGUNDOS DE TEMPO, ENTRAMOS NELE. VIVEMOS!
DANÇAMOS, SORRIMOS, CORREMOS, UTOPIA, VERDADES, VIDA MODIFICADA POR OUTRAS VIDAS. NÃO SOU/SOMOS MAIS OS MESMOS. NÃO. COMO RESULTADO ARTÍSTICO DE UM ANO DE PESQUISA DO PLEORAMA, NASCEU O TECNOSACRIPIXEL, O NOSSO RITO DE PASSAGEM, O NOSSO DIÁLOGO, A NOSSA COEXISTÊNCIA ACREDITADA. FOI NECESSÁRIO, FOI MODIFICADOR ENTENDER A ALQUIMIA LEVANTADA POR AQUELES QUE VINHAM DE ANTES E DAQUELES QUE VINHAM DE BEM MAIS ANTES DE TODOS AQUELES DE ANTES. REVERBERA. ENGOLI. AGORA É SAUDADE E COM DESEJOS DE RETORNO PERTO DO RIO SÃO FRANCISCO OU DE ENTÃO DENTRO DA AMAZÔNIA JUNTO COM OS POVOS ORIGINÁRIOS. A ALQUIMIA QUE FOI DADA TOMEI, RESPIREI, SUEI, ME APAIXONEI E ESTÁ MAIS BONITO CADA PASSO QUE DOU AO ENCONTRO DE ALGUM OUTRO E DAS PALAVRAS QUE FALO SOBRE ESTAS MEMÓRIAS, ELAS VEM DIRETO DO CORAÇÃO.
FESTIVAL DE TECNOXAMANISMO EM ARRAIAL D'AJUDA - BA, 2014



Viagem do Ônibus Hacker para o I Festival Internacional de Tecnoxamanismo, 2014. Fotos: Nubia Abe.







Despedida do I Festival Internacional de Tecnoxamanismo na Aldeia Velha Pataxó, 2014.



Olimpíadas Inter Aldeias Pataxós. Fotos: Nubia Abe.

TECNO XAMANISMO

LUIZA SOH



Meu envolvimento com o tecnoxamanismo começou na internet. Entrei em um grupo de facebook sem saber direito o que era, e até hoje não sei direito dizer o que é, porque fui percebendo que os caminhos que nos levam a esse encontro de tecnologia e xamanismo são infinitos e atuais em qualquer tempo. Percebo através disso tudo a vida como um enorme presente (essa perspectiva ganhei da cultura indígena, corroborando com intuições que eu já tinha a respeito do Tempo), me sinto menos cobrada por mim mesma em relação à resultados úteis dos meus *insights*, vejo que é possível reprogramar a mente – menos caricatural do que no filme Matrix e mais palpável do que eu jamais supus.

Acabei fazendo o vídeo de chamada pro I Festival que foi realizado na Bahia e isso me colocou em contato com expressões das mais diversas, que se identificavam com esse termo novo. Para a edição do vídeo, recebi materiais online e me apaixonei por cores, imagens e sons de pessoas desconhecidas. Fiquei ansiosa por conhecer essas pessoas, tocada, virtual e imageticamente, pela magia delas e desde esse momento eu já me senti no festival, já me senti próxima desses outros seres, já me senti à vontade e com vontade pra sentar e conversar e saber mais desses universos.

No período de concepção do vídeo eu não estava legal, evoquei a morte nos meus processos mentais e ela veio até mim numa queda de bicicleta que me deixou janeiro e fevereiro de cama, num calor insuportável em Porto Alegre, imóvel, questionando a vida e meus impulsos den-

tro dela. Quando me levantei, fui para São Paulo visitar meus amigos, em busca de amor, de estímulos que eu sabia que eles poderiam me dar. Nesse momento entrei em contato com a possibilidade de tomar ayahuasca, e fui. Duas semanas antes do festival tive minha primeira experiência com essa bebida xamânica, e depois dessa experiência se abriu em mim uma vibração nova, uma percepção muito sutil, de que em outra vibração se encontravam essas coisas que eu procurava no estímulo tão intenso da morte – e não sabia o que eram, só sabia que elas existiam, em algum lugar.

No festival toda essa inquietação fez sentido, me aproximei de uma rede de pessoas maravilhosas, que já haviam sentido as mesmas dores que eu, e com AÇÃO transmutaram e transmutam a cultura limitadora em que estamos inseridos.

Foram alguns dias de transborde, contato real e humano, através de tecnologia atual e ancestral. Minha vida mudou ali, vi caminhos possíveis e resolvi também me embrenhar nessa mata, buscando com mais afinco, mais determinação e consciência pôr em prática a mudança que eu percebia sutilmente.

Não há respostas para o que é tecnoxamanismo, e percebo que não buscamos respostas, essa coisa de explicar não faz mais sentido pra mim. Vejo uma rede cada vez maior de compartilhamento se formando, e me sinto parte dela. Partilhando descobertas, incentivando em mim e nos meus queridos a curiosidade sobre as perguntas sem respostas do universo, o prazer da busca, as possibilidades infinitas do cosmos. Agradeço imensamente estar vivendo tempos interessantes, agradeço imensamente me sentir parte de um todo sem limites, sempre mutante e impermanente, curioso e intenso, admirável e admirante que é esse espaço de vibração que divido com meus amigos tecnoxamânicos.







Fotos:
Nubia Abe
Tamara Gigliotti



REFLEXOS TRANS.LÚCIDOS

MORGANA GOMES

QUEREMOS SABER
(Gilberto Gil)

queremos saber
o que vão fazer
com as novas invenções
queremos notícia mais séria
sobre a descoberta da antimatéria
e suas implicações
na emancipação do homem
das grandes populações
homens pobres das cidades
das estepes, dos sertões

queremos saber
quando vamos ter
raio laser mais barato
queremos de fato um relato
retrato mais sério
do mistério da luz
luz do disco-voador
pra iluminação do homem
tão carente e sofredor
tão perdido na distância
da morada do Senhor

queremos saber
queremos viver
confiantes no futuro
por isso de faz necessário
prever qual o itinerário da ilusão
a ilusão do poder
pois se foi permitido ao homem
tantas coisas conhecer
é melhor que todos saibam
o que pode acontecer

Dos dias 23 a 30 de abril de 2014, o Laboratório de Corpo-Criação-Performance-Interferência participou do I Festival Internacional de Tecnoxamanismo, em Arraial D'Ajuda-BA. Durante esse período, ficamos imersos em uma floresta, entre o sítio do Instituto de Tecnologia Alternativa, Permacultura e Ecologia- ITAPECO, e a Casa de Barro, que ficavam a 1,5 km de distância entre si, e a alguns quilômetros da Vila. Vivemos 8 dias de intensa experimentação sinestésica nessas habitações coletivas, com produções diversificadas, como culinária, rádio livre, geodésica para comunicação não verbal, terreiro eletrônico com projeções de imagens e sons, *videomapping* nas árvores, performances individuais e coletivas, cena *queer*, fogueira, rituais alucinógenos e produção de conhecimento oral.

Viajamos cerca de 8 horas, em uma van da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, a qual o LCCPI está vinculado. Desde a nossa chegada, percebemos a mudança climática e ambiental, do frio seco do sertão urbano à atmosfera quente e úmida da floresta litoral. O deslocamento espacial favorecia a imersão e implicava uma nova temporalidade, Áion, o tempo da experiência e da criação. A expansão das dimensões espaço-temporais haveria de nos levar a problematizações quanto ao ritmo de produção industrial ao qual estamos condicionados, diante dos processos criativos simultâneos proporcionados por um método rizomático de produção. O LCCPI estava diluído no processo do Festival, compartilhávamos de uma mesma

condição metodológica, atuávamos de forma caótica e dispersa.

A Rede Social foi executada em um fluxo instantâneo, após o jantar, na quinta noite de imersão. Trata-se de uma rede de nálion 13x5m, sustentada por um corpo coletivo, em uma dança improvisada, aberta para participação do público. A Rede Social produz um ambiente relacional e interativo, um espaço-tempo de alteridade através da relação dos corpos em movimento com a estrutura da rede e a dinâmica do espaço. O jogo produzido pela disposição dos corpos na rede e da rede no espaço corresponde a uma subjetividade compartilhada pela experiência da alteridade como resistência ao modelo individualista do sistema dominante, além da ressignificação dos espaços e seus usos. Iniciamos a performance na geodésica da comunicação não verbal, onde estava a rede que fora levada por um dos nossos colaboradores, em uma performance anterior, *Nus que aqui estamos, por vós esperamos.* Abrimos nosso ritual com sons produzidos com os instrumentos disponíveis no local, os nossos corpos em movimentos e grunhidos. Deixamos a geodésica imersos na Rede, atravessamos o *campping* onde estavam algumas pessoas que nos auxiliaram a desprendê-la dos pedaços de troncos e pedras pelo chão, nos aproximamos do terreiro eletrônico, onde-quando começamos a interagir com uma sonoridade suave e projeções de luz em movimento, coloridas imagens sobre os nossos corpos em rede. Os registros audiovisuais da Rede Social foram projetados nas performances subsequentes dos artistas do LCCPI, como *As travecas da floresta,* em um ciclo (des)contínuo de produção. A Rede Social já havia sido experimentada na noite anterior, e estivera instalada entre as árvores, durante os dias do Festival. O Perfil sugerido pelo LCCPI referia-se ao desempenho individual de cada colaborador do Laboratório durante o Festival, relevando a autonomia de cada corpo e suas singularidades expressivas. Esses processos se multiplicam em cada produção posterior: cartografias sobre ou a partir das experiências individuais que constituem nossa (des)organização coletiva. A produção do LCCPI estava, também, diluída na arte e ciência da culinária à qual recorremos para a invenção do cotidiano como prática de resistência e cultura ordinária. Multiplicamos nossas pinturas corporais com as sementes de urucum colhidas no caminho da viagem, à maneira dos Pataxós, nossos parentes.

Durante o Festival, experimentamos um modo de nos organizar coletivamente e admitir uma convivência com novos laços sociais, que nos levaram a choques de hábitos e valores. A intolerância à diferença se sobressaía aos discursos proféticos de um falso paraíso, contaminado pelos ruídos da nossa subjetividade superdotada de informações (in)dispensáveis, e necessidades produzidas pela cultura da cidade e consumo.

As novas tecnologias estariam estimulando processos de individuação através de equipamentos para uso pessoal e comunicação indireta, no tempo-espaço virtual? A internet seria responsável pela crise global das estruturas vigentes, mediando articulações sociais descentralizadas, seja para contatos interpessoais ou movimentos de maior dimensão, como ocupações de rua, festivais e encontros? A diversidade das expressões virtuais estariam condicionadas à diversidade dos usuários da rede? O acesso às novas tecnologias da informação e comunicação determinariam, em alguma medida, o uso desses instrumentos? A apropriação técnica poderia nos levar a níveis mais elaborados de magia? Estaríamos experimentando novos meios e ritmos de produção, através de uma outra relação com o espaço-tempo e com as condições tradicionais do trabalho? A técnica, não

seria, em si, apenas uma ferramenta potencial à serviço das forças em jogo, no qual observamos a reprodução da lógica sócio-política-econômica hegemônica, diga-se, capitalista, com novos monopólios e mecanismos de controle? Elas não seriam impassíveis qualificações, a priori, para além do bem e do mal? As novas tecnologias estariam colaborando para a produção de uma subjetividade fragmentada e polifônica, em uma realidade concreta? O espaço-tempo virtual seria a experiência do paradoxo, por excelência, na medida em que suporta um jogo de presença-ausência em uma esfera público-privada? A cultura digital alteraria, finalmente, o comportamento das pessoas ou as características elementares de uma determinada cultura ou revelaria apenas uma expansão desses modos, como a brasilidade emergente nas redes, estimulada pelas políticas públicas federais implementadas na primeira década deste século, com uma apropriação relativamente veloz da população brasileira? Vivemos tempos difusos, (des)construindo conceitos, estruturas, modelos de organização social, relações espaço-temporais. Essas rupturas, intensificadas pelas tecnologias digitais, nos levam a experimentar novos modos de produção e difusão de conhecimento, bem como experiências sociais. A diluição das fronteiras nas imersões produzidas por festivais como o Tecnoxamanismo, seria uma boa tática para a presentificação de nossos afetos virtuais e o encontro das nossas aspirações micropolíticas? A resposta é uma grande dúvida: andamos em busca desses pretextos. Curiosamente, as conversas sobre a cultura digital no Brasil, na rádio livre Itapeco, nos levaram à atualização das nossas questões históricas, escravocratas e coloniais.

A partir das provocações do Festival, deixamos e levamos essas dúvidas, a respeito do xamanismo digital, tomando como referência a nossa experiência cotidiana e imersiva, sem pretensões racionalistas. O conceito Tecnoxamanismo nos parece, ainda, obscuro, não sabíamos, ao certo, por que estávamos ali, havia um entrelaçamento de desejos e linguagens. Aliás, estamos fartos de tanto conhecimento acumulado, não queremos mais saber. Somos, ainda, aprendizes de feiticeiros, observamos os astros, nossa alquimia é misturar imaginários afro indígenas, budistas, cristãos, entre outras tradições, com as novas tecnologias digitais, buscamos o investimento do corpo em estados de presença, a alteração dos estados da percepção e da consciência, somos a crise da humanidade que grita junto com a natureza, remanescentes medievais.





Casamento de dois casais pataxós na Aldeia Velha Pataxó, durante o I Festival Internacional de Tecnoxamanismo na Aldeia Velha Pataxó, 2014. Fotos: Nubia Abe.



Pajé Jaçanã na Aldeia Velha Pataxó. Foto: Nubia Abe.

XAMONAS: XAMÃS + MONAS

TIAGO FIORAVANTE

Alguns seres que antes só eram vistos em meus sonhos, de repente se tornaram imagens mais nítidas em minha cabeça. Eram seres da floresta, que no meu dia a dia acabavam passando despercebidos, mas que agora poderiam conviver comigo sempre que se sentissem à vontade.

A experiência do *Tecnoxamanismo* despertou um lado que antes eu temia explorar. Finalmente eu consegui aceitar e desfrutar da companhia destes seres. Com eles eu me tornava mais forte. Havia um sentimento de pertencimento, de comunidade no ar. Era tão forte que eu não sentia medo, apenas as vibrações e energia que emanavam das pessoas e do lugar.

Já durante o caminho São Paulo > Arraial D'Ajuda, a identidade *queer* era compartilhada por alguns indivíduos. Rodas de esmalte durante as paradas em postos de gasolina, conversas sobre sexualidade e gênero eram muito comuns, afinal já fazia parte das vivências de alguns de nós.

Durante o festival, pessoas de diferentes lugares acabaram se aproximando, a identidade *queer* era um fator comum. A minha aproximação se deu na varanda do sítio *ITAPECO*, quando acontecia uma roda de esmalte. Esta primeira vivência aconteceu de forma orgânica, assim como todas as outras que surgiriam daí, sempre se desdobrando em associações com o xamanismo e cultura *queer*.

Era algo tão verdadeiro, praticamente impossível de não sentir. Os abraços, os afetos, os estranhamentos. Tudo vivido de maneira tão intensa. Isso foi apenas o início das XAMONAS, foi tão especial, um momento de entrega.

Eu me sentia quase numa experiência dos *Radical Faeries* (comunidade 'não heteronormativa' que emergiu da contracultura norte-americana do final da década de 60). A identidade e cultura *queer* podendo ser vividas livremente no meio da mata. Toda esta energia concentrada culminou em algo intenso relacionado ao meu corpo, à minha experiência espiritual e física neste cosmo.

Retornando à São Paulo, continuamos a pesquisar sobre as relações entre o xamanismo e cultura *queer*, e também explorando essa energia que havíamos experienciado durante o festival. Foi então que o projeto ritualístico/performático XAMONAS começou a ganhar forma entre algumas pessoas que estiveram no *Tecnoxamanismo* e que estavam convivendo quase diariamente.

A celebração do encontro da identidade *queer* com a cultura indígena.

A proposta é coletiva e acontece de forma orgânica. Busca-se explorar momentos ritualísticos/performáticos que envolvam práticas xamânicas tradicionais, relacionando-as com o ato de pintar as unhas, cantos de outras dimensões, aplicação de purpurina, celebração do corpo e da *montação* como práticas terapêuticas e de cura.

O projeto também faz uma relação com a indumentária do xamã e a montaria das travestis e *drag queens*/*drag kings* - a preparação e processo de identificação com o que vai ser usado no ritual/apre-

sentação, como uma incorporação dessa energia presente no corpo que posteriormente se manifesta no xamã vestido e a travesti/drag montada.

O encontro entre o xamanismo e a sexualidades não normativas não é algo recente. Há relatos de xamãs siberianos e da Ásia Central que durante rituais se vestem com trajes do sexo oposto. Sem falar nos *beardaches*, ou *two-spirits* ('*dois espíritos*' em tradução livre), em comunidades nativas da América do Norte. Apenas para citar alguns exemplos, pois em diversas culturas, a figura do xamã circula entre os universos masculino e feminino.

Alguns termos começaram a se espalhar entre este grupo: 'na força da peruca', 'rapecita', 'manicura', 'cerimona', 'cujuntinho'... Surgindo inclusive um glossário, similar à linguagem do *Pajubá*, amplamente utilizada entre integrantes da comunidade gay e afrobrasileira.

Foi algo que reverberou durante o I FESTIVAL QUEER, que aconteceu de maneira independente na ocupação *Ouvidor 63*, no centro de São Paulo. Além do festival, XAMONAS continuaram no SP NA RUA, reunião de coletivos que acontece também na capital paulista, no palco *TENDADOQUEER + RG_Faleiros*, promovido pela prefeitura da cidade. No inicio desta primavera, outra reunião 'xamonica', durante o *ENCONTRO AUSPICIOSO DE PRIMAVERA*, festival ritualístico que aconteceu em Ibiúna, no Centro de Budismo Tibetano Maitreya, conduzido pela monja/xamã Ani Sherabi.

É uma construção que acredito que não tem um final, é apenas o processo em si. Onde vamos conseguir chegar não importa, afinal, a delícia mesmo é poder experimentar. Não nos definimos como xamãs, mas sim xamonas. Somos XAMONAS, em busca da cura dos corpos e do mundo através da sexualidade.

Afinal, o processo de cura e libertação do corpo envolve a sexualidade.

DEFINIÇÕES:

QUEER: A *Teoria Queer* se utiliza de um termo (o *queer*) como forma de positivar um xingamento, ressignificando e colocando o mesmo como uma prática de vida que se opõe às normas socialmente aceitas.

MONA: Tem origem na língua *Nagô* (*Yorubá*) e significa "mulher". Os homossexuais adotaram a expressão (que é usada na Umbanda e no Candomblé) para se referir tanto a mulheres quanto a outros homossexuais.

PAJUBÁ: Linguagem popular construída com palavras de vários dialetos africanos misturadas com palavras em português, usada por travestis, homossexuais e povo do santo.

TECNOXAMANISMO EM AARHUS

CARSTEN AGGER

Quando eu vi o convite para o I Festival Internacional de Tecnoxamanismo em março 2014, eu imediatamente achei que era algo especial e importante.

Por que? Principalmente, porque a chamada para a participação parecia expressar a união de nada menos que quatro correntes intelectuais da qual eu me considero parte:

- O movimento de tecnologia livre e software livre - incluindo comunidades colaborativas e organizadas de baixo pra cima como hackerspaces, e projetos com desenvolvimento de código aberto e livre.

- O movimento para uma sociedade livre e aberta, juntamente com um verdadeiro reconhecimento do valor da diversidade cultural e contra a invasão de nossos direitos civis, como se proteger de políticas de vigilância almejadas por muitos governos ocidentais.

- O movimento para encontrar um caminho para nós seres humanos vivermos em equilíbrio com a Terra, para respeitá-la e cuidar dela, e para evitar, se possível, as mudanças climáticas que ameaçam o nosso futuro.

- A luta para dar sentido a experiência espiritual da humanidade, incluindo religiões, magia, xamanismo, conhecimentos ancestrais e a necessidade de expressão artística.

O problema que eu encontrei na minha experiência com estes movimentos é que normalmente (pelo menos aqui na Europa), os movimentos são fragmentados. Se você estiver interessado na população sem-teto e nos direitos dos imigrantes, você não está necessariamente interessado em tecnologia e hackers de comunidades livres. Se você estiver interessado em liberdade e justiça social e, portanto, tenderia a apoiar os movimentos Occupy e antiglobalização, você não é necessariamente muito interessado em assuntos espirituais e o correspondente sentimento de pertencimento à Terra. E se a luta é a biodiversidade e contra a agricultura industrial e o consumo excessivo geral que esta arruinando *habitats* da vida selvagem da Terra e causando estragos no clima, você não está necessariamente interessado em qualquer um dos assuntos já citados.

E isso é uma pena, porque por não se perceber esses problemas inter-relacionados, cai-se facilmente na afirmação: "não é com isso que estamos trabalhando aqui". Tecnoxamanismo, em outras palavras, parece representar uma integração extremamente necessária destas áreas problemáticas num único movimento. Estas considerações são o que me motivaram a participar do festival na Bahia, e são suficientes pra afirmar que eu não fiquei desapontado. A seleção de arte, cultura, tecnologia e pessoas que eu conheci ali me deu uma esperança para uma nova maneira de trabalhar com os movimentos sociais e uma maneira de construir algo que pode realmente afetar o futuro de milhares ou, esperançosamente, milhões de pessoas para melhor, apesar das perspec-

tivas muito desanimadoras apresentadas pelo pico do petróleo, mudanças climáticas e destruição dos recursos naturais.

Depois de voltar à Dinamarca, continuei a trabalhar com permacultura no meu próprio jardim, para começar a viver as ideias tecnoxamânicas de sustentabilidade e equilíbrio com a natureza na prática. Eu também comecei a olhar para fora, para os potenciais parceiros com os quais poderia formar redes de pessoas que trabalhem com as mesmas ideias.

Então quando eu, por sorte, soube que Fabiane Borges, organizadora do festival no Brasil, em colaboração com George Sander, iria a Bruxelas para participar de uma conferência lá, nós rapidamente concordamos que seria perfeito se ela pudesse ajudar a organizar um evento tecnoxamânico aqui na Dinamarca durante a sua estadia. O evento aconteceria no Open Space Aarhus, maior *hackerspace* da Dinamarca, onde eu fui um membro ativo por anos.

Na Europa, um problema enorme para estilos de vida alternativos é a uniformidade devastadora da sociedade, o controle estatal exagerado na vida cotidiana e a destruição quase completa da natureza e da vida selvagem em favor da agroindústria. Como resposta a esta situação, decidimos que o tema do encontro seria "autodeterminação, liberdade e sustentabilidade no Antropoceno".

Decidimos também que desde que um dos propósitos do encontro era o de construir e fortalecer redes de pessoas trabalhando em conjunto, ao invés de organizar uma conferência com "alto-falantes" endereçados a uma "audiência", enviamos um convite aberto para que todos pudessem propor atividades que achamos relevantes e distribuí-las tão amplamente quanto podíamos. Decidimos, ainda, combinar o evento com uma oficina de permacultura, que teve lugar no jardim da minha própria casa em Randers.

No final, as pessoas responderam e enviaram uma série de propostas, e a maioria delas foram adotadas pelo evento. O evento aconteceu no fim de semana 22-23 de novembro de 2014, e foi um sucesso - com cerca de 30 participantes no sábado e 20 no domingo. O evento foi organizado com nenhum orçamento de fato.

No sábado, o workshop de permacultura começou às 10 horas, e passamos o dia plantando árvores fixadoras de nitrogênio e trabalhando com jardinagem de canteiro elevado. Na parte da tarde, a localização do evento mudou-se para o hackerspace e nós trabalhamos com o seguinte programa:

- Uma introdução ao tecnoxamanismo por Fabiane M. Borges, tocando na noção Yanomami de Xawara, o fim do mundo, a destruição de recursos naturais e do uso da tecnologia para reverter esses processos como exemplificado pela noção de descristalização, do artista britânico Jonathan Kemp.

- Falei sobre o estrangulamento agrícola da natureza dinamarquesa e apontei que muitos sítios aparentemente idílicos neste país são, de fato, menos do que parecem, já que são fortemente poluídos pelos campos de cereais plantados à sua volta.

- Esben Hardenberg deu uma introdução ao afrofuturismo e explicou como ele começa com o fato de que os escravos americanos são vítimas de um genocídio cultural: sua cultura africana foi roubada, e sua história simplesmente começa com a escravidão. Afrofuturismo é a tentativa de criar um futuro glorioso para os afro-americanos por meio de narrativas de uma ficção científica onde pessoas e tecnologia afro-americanas são parte importantes da exploração de tempo e espaço.

• A artista romena Ramona Augusta realizou uma dança do fogo xamânica com inspiração indiana.

• A artista e compositora brasileira-dinamarquesa Marcela Lucatelli realizou um ritual musical de cura com base em tons únicos cantados em uníssono como um "ajuste dos chakras" e conexão com a Terra e Universo.

Entre os convidados de fora na noite de sábado estava o marinheiro e médico Birger Schroll que passou muitos anos trabalhando com pessoas desabrigadas na Dinamarca e na Noruega. Entre outras coisas, ele foi um dos iniciadores do "Hjemløseteltet", um acampamento temporário e ocupação de uma ferrovia abandonada no centro de Aarhus. Dr. Schroll passou algum tempo a explicar seu método, que é uma mistura de autoconfiança e entendimento da dinâmica da comunidade e do grupo.

No domingo, o workshop de permacultura continuou em Randers - arbustos foram limpos e cerca de 50 árvores e arbustos foram plantados. Mais uma vez, o evento no hackerspace começou às 04:00, e tópicos do dia incluíram:

• Uma discussão sobre a militarização e racialização da mentalidade por trás da tecnologia moderna na sociedade capitalista. Na sequência a apresentação de Ole Nielsby, que abordou o interesse militar por trás do pouso na Lua e suas próprias experiências com a militarização da ciência da computação, na década de 1980 como o seu ponto de partida.

• Juan Antonio Søren E. Pedersen apresentou seu projeto de estufa, que utiliza sensores controlados por Arduíno para medir e regular a temperatura e o teor de Co2 de plantas de estufa.

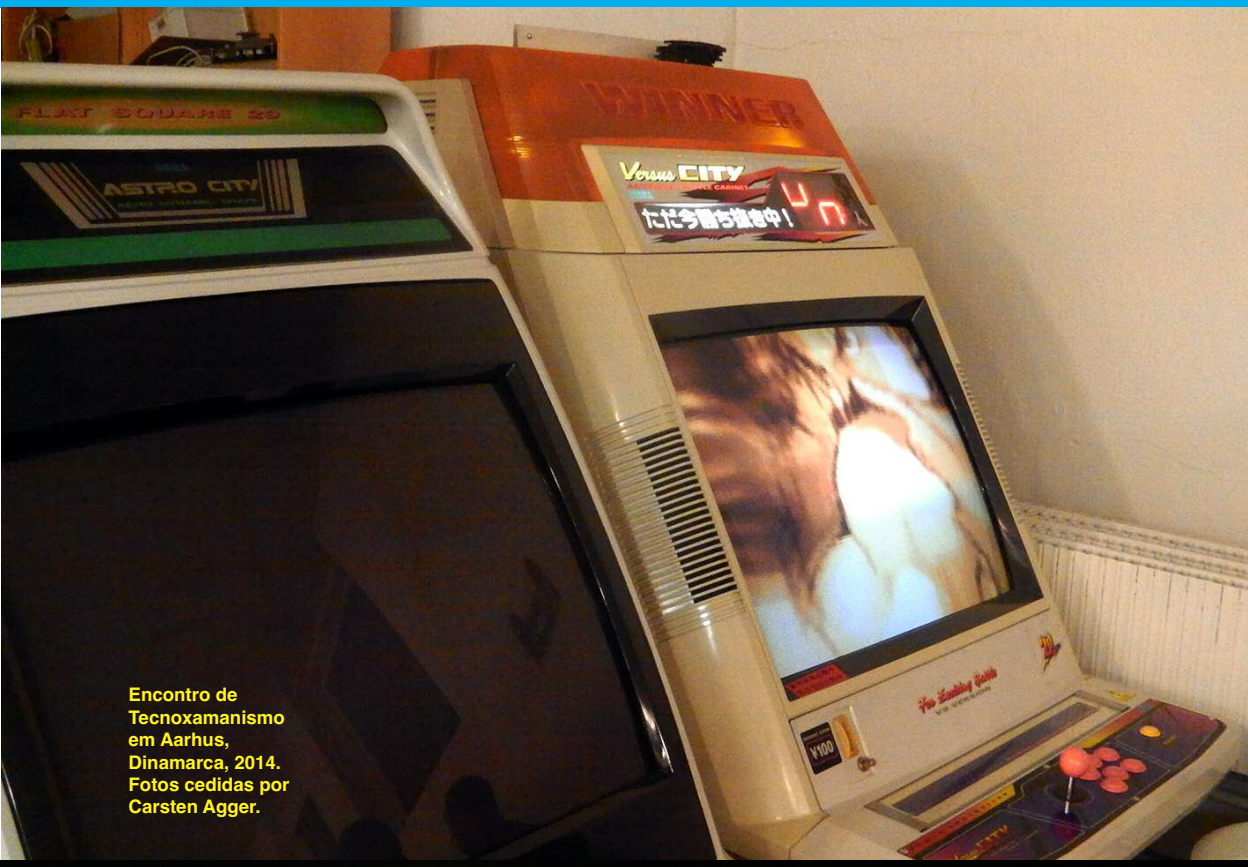
• Benjamin Christensen apresentou seu projeto para uma aplicação Android para ajudar os consumidores a fazer as escolhas certas, sustentáveis. Sob condições ideais, você deve ser capaz de digitalizar um código de barras em um supermercado e ter exibida na tela uma luz vermelha se o produto tem problemas ambientais ou éticos.

• Dr. Birger Schroll fez uma apresentação completa de seu método para trabalhar com viciados e pessoas desabrigadas e sua esperança de ser capaz de construir comunidades sustentáveis, autossuficientes de ex-moradores de rua através da construção de seu conceito de convivência, bem como sobre uma prática que ele denomina medicina antropológica.

• Uma vez que nenhum desses eventos é completo sem música, a banda de ruído anarquista Gravhund apresentou-nos uma dose pesada de ruído mágico tecnoxamã - uma experiência fascinante que também provocou uma longa discussão sobre arte e música e seu papel no xamanismo, assim como nas sociedades tradicionais e modernas.

Grosso modo, pode-se dizer que, no sábado, as ideias básicas filosóficas e práticas por trás do tecnoxamanismo foram apresentadas e as mentes das pessoas estavam em sintonia coletiva através do ritual, e no domingo estas ideias foram replicadas em uma série de discussões interessantes e necessárias na atual corrente mundial.

Mas o resultado mais importante do encontro foi a criação de novas redes, de reunir pessoas que tinham coisas importantes a dizer uns aos outros, mas ainda não sabiam como. Um dos participantes do evento, uma mulher de origem marroquina, colocou desta forma: *"Tenho*



Encontro de Tecnoxamanismo em Aarhus, Dinamarca, 2014. Fotos cedidas por Carsten Agger.





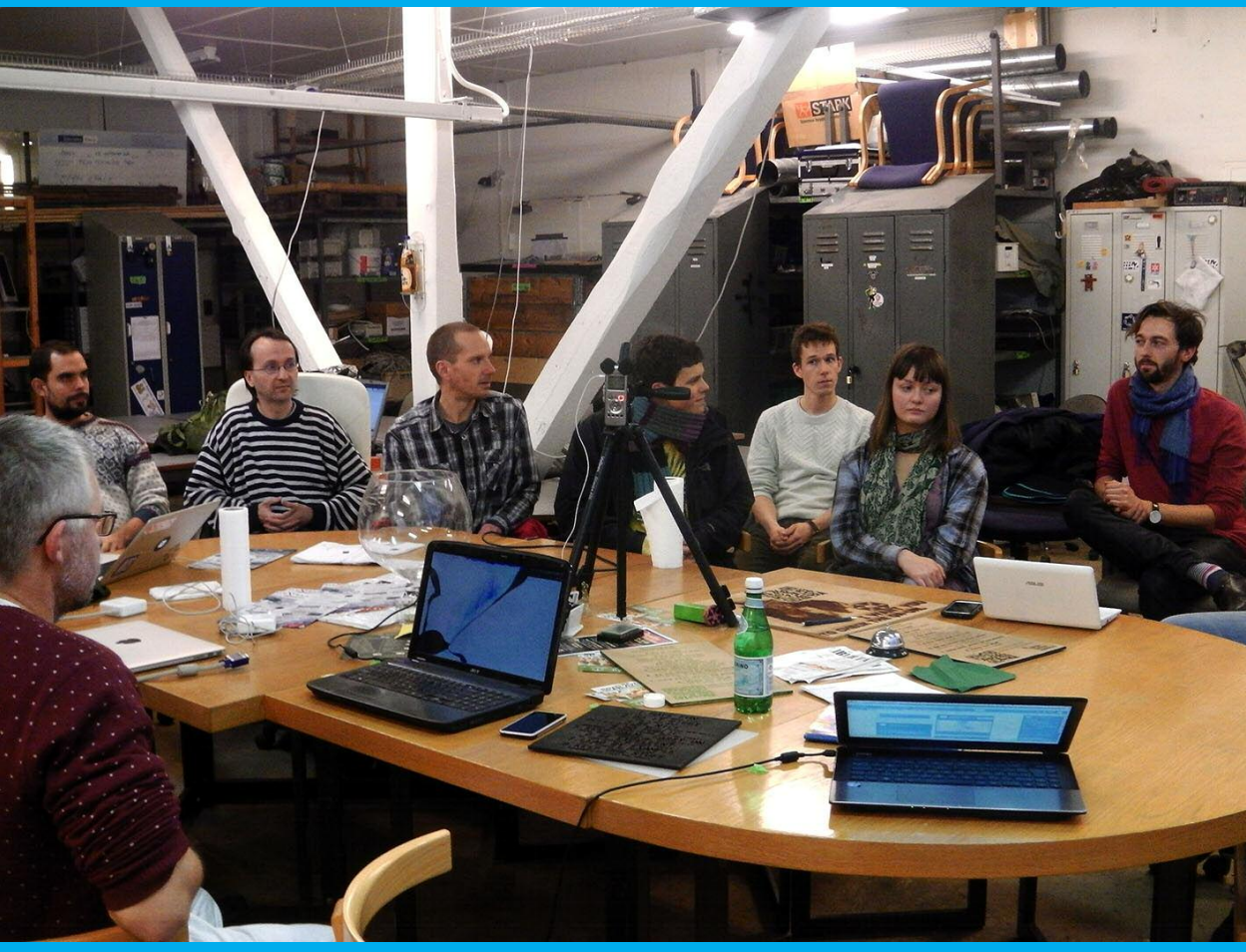
a sensação de que o sujeito, o objeto e o processo no evento foram todos tão conectados, entende? Tudo emergiu em sua plena concretização em conjunto".

Frequentemente me envolvo em eventos que tendem a ser muito "profissionais" e, muitas vezes, tenho dificuldade de achar isso inspirador: Não consigo sentir nada. Em sua configuração de "não-profissional" – entendendo o termo de maneira não pejorativa – encontrei a energia, as mãos quentes, pessoas curiosas (não só no discurso, mas também na intenção e ação).

"Mais isso. Mais isso. Mais isso. Para Aarhus"!

E talvez isto ilustre perfeitamente o que o tecnoxamanismo pode ser no seu melhor: Sementes que semeiam à medida que avançamos, as sementes que podem cair em solo fértil e crescer e formar redes e, no final, ajudar as pessoas a fazerem do mundo um lugar melhor para os que querem preservar o conhecimento e tecnologia ancestral e viver com a própria Terra em seus corações.

Reunião dos participantes no Encontro de Tecnoxamanismo em Aarhus, Dinamarca, 2014. Fotos cedidas por Carsten Agger.



JOGO CORPO TECNOLOGIA E SOBRE O GRANDE ABRAÇO-MÃE

FERNANDO GREGÓRIO

Durante o I Festival Internacional de Tecnoxamanismo, realizamos um dia de troca de conhecimento com moradores da Aldeia Velha, uma reserva Pataxó, localizada em Arraial d'ajuda.

Realizei, junto a colegas, uma brincadeira-oficina com as crianças da comunidade, em uma sala de aula da escola local.

Através do uso de uma webcam, as crianças podiam ver-se na tela do computador, sob o efeito de espelhamento, propiciando um efeito de simetria horizontal somada a distorções de cor. Usamos música e algumas guias de movimento para organização do jogo, para que todas as crianças pudessem interagir harmoniosamente com a proposta e cocriar em grupo. Uma estrutura era proposta para que dentro dela elas pudessem experimentar movimentos corporais livremente de forma lúdica. Depois, elas podiam ver-se projetadas sobre a parede da sala.[1]

Fiquei emocionado com a experiência. A empolgação e capacidade de fruição delas com um aparato tão simples foi inspiradora. Nunca havia trabalhado com crianças. A experiência era, de certa forma, precária e improvisada, mas muito potente.

Agora percebo como essa experiência reflete o pensamento que venho desenvolvendo sobre corpo-tecnologia. Primeiro, porque atende a uma necessidade didática básica para a sociedade da comunicação: experiênciar qualquer tipo de processo de criação audiovisual para gerar a consciência de que aquilo que chega como produto midiático pronto não é verdade absoluta. E sim, realidade que é construída a partir de um sistema de produção e um ponto de vista específico, limitado e nunca ausente de intenção.

Segundo, porque serve como protótipo de ações lúdicas que utilizam a tecnologia da informação para ampliar a consciência corporal. Um dos riscos da sociedade tecnológica industrial é a alienação sobre a escuta do próprio corpo, o qual tem a capacidade natural de apontar padrões negativos ou não-saudáveis de comportamento.

Essa surdez pode resultar em um instrumento base de dominação e exploração humana, para servir ao interesse mesquinho e cego de pequenos grupos por acumular capital. Por isso, dá-se a necessidade do desenvolvimento de ambientes virtuais onde o corpo e a mente interajam de forma ativa e construtiva, como faz o xamã. Isso torna obsoleto de uma vez por todas a ilusão de controle sobre o conteúdo através do gesto de mudar o canal da televisão e expande a percepção de que o alimento que comemos ou o ar que respiramos está em condições quase inaceitáveis.

A tecnologia pode servir para ampliar noções básicas de vivência consciente, amplia-se a consciência sobre a realidade e espaço real em que é acessada. Penso sobre a necessidade de pequenos produtores de conteúdo espalhados por todas comunidades, produzindo de acordo com o ambiente em que vivem, com uma estética própria, sem importação ou colonização de conteúdo. Também sobre a possibilidade de sermos



Performance de Fernando Gregório (AngaMaion) no Ocupa Cine Marrocos junto a Mamba Negra/2014. Foto: Luisa Hervé.

todos produtores de conteúdo consciente que altere a realidade de forma positiva. Já possuímos instrumentos para construir essa nova realidade, através do uso de softwares livres aliados à internet.

Acredito na potência do jogo tecnológico interativo e educativo, que pode levar informação corporal e virtual de forma lúdica. Isso me faz pensar no encontro que está ocorrendo entre a sociedade tecnológica e comunidades tradicionais indígenas, que realizam o acesso a esse mundo virtual através de outros procedimentos. Também tecnológicos, alquímicos, mas naturais, em contato com o ambiente em que vivem, a floresta. O uso de enteógenos orgânicos como a Ayahuasca, por exemplo, possibilitam esse acesso.

Minhas maiores experiências de acesso ao virtual foram com o uso dessa bebida de poder. Pude experiênciar a sensação de estar inserido em um ambiente completamente virtual com o qual eu interagia ativamente, de forma que um domínio sobre o meu corpo e suas potências era absolutamente necessário para ampliar as capacidades da experiência. Estava imerso em um jogo abstrato de interação entre mim e outras formas de energia ou manifestações geralmente invisíveis, que podem e desejam interagir com o ser-humano, que deveria a meu ver estar constantemente reaprendendo a manter esse diálogo. A bebida fez com que eu ampliasse minha noção espacial e de integração com o todo.

Outra intersecção importante entre o game interativo e práticas xamânicas, também presente em religiões afro-brasileiras, é a da incorporação de seres ou entidades, que, em religiões mais contemporâneas, como a Ayaumbanda, estão constantemente variando e se atualizando. Como se novos seres estivessem tentando contato e novos tipos de manifestações buscassem espaço para acontecer. Esse espaço deve ser criado para que sigamos expandindo.

Esse importante movimento de acesso ao virtual para simultaneamente atualizar o software-corpo e incorporar, animar – trazer para a realidade material através de ações corporais é vista também em práticas contemporâneas como a de Anime, geralmente baseada em games de RPG ou desenhos animados, na qual os jovens jogadores/espectadores reproduzem a indumentária dos personagens e recriam as práticas vistas nas telas em situações de embate corpo a corpo. Da mesma forma que o xamã, esses jovens diminuem o espaço entre virtualidade e realidade, promovendo expansão e mudança de padrões nos dois tipos de espaço.

Se há esse fluxo que parte do protótipo virtual para o hábito da vida, fica clara a importância de gerar espaços virtuais onde conceitos importantes a vivencia em sociedade estejam alojados, como autogestão, horizontalidade e convivência com a diferença. Também penso na possibilidade de experimentarmos novas formas de interação primeiramente no virtual, testando sua viabilidade e funcionalidade, para depois materializarmos a estrutura. Talvez assim, menos erros sejam cometidos. Muitos erros estão sendo cometidos e a incapacidade de consciência sobre a necessidade de incorporar novas descobertas ao nosso código genético, talvez tornem a vivência nesse planeta cada vez mais indesejada.

Um novo ser-humano quer se apresentar. Ele não é dependente da tecnologia, mas aliado a ela. Não é dependente ou vítima do consumo, mas consumidor consciente que modifica o mercado e ruma para a autonomia. Esse caminho virtual-material já existe e educativos que envolvam a expansão da consciência sobre as tecnologias da comunicação e da informação aliados à

uma maior consciência da tecnologia primordial e mais avançada, que é a natureza, da qual brota e faz parte o nosso corpo é uma das soluções viáveis.

SOBRE O GRANDE ABRAÇO-MÃE

Após o fim do I Festival, algo me disse para prolongar a estadia na Bahia. Não voltei com o Ônibus Hacker, em que tinha vindo, e rumei para Caraíva, cidade próxima à do encontro. Depois de um dia inteiro de caminhada na beira da praia, só, silêncio, vazio[2] e na volta um reencontro à beira do rio.

Nesse reencontro Fabi, George, Sérgio, Doug e David, tecnoxamãs prosseguindo o Festival em conversas. "Não acaba nunca", comentamos... e ainda é verdade. Da mesma forma que não começou exatamente com o festival, ainda reverbera em mim em diversos planos.

Desse momento, surgiu o combinado de irmos, no outro dia, conhecer Akurinã, filho da Pajé, morador da Aldeia Mãe Barra Velha, outra comunidade Pataxó, próxima de onde estávamos.

Foi um dia de muita caminhada e passagens até chegarmos no Pará, um braço da comunidade, o mais longe que pudemos ir naquele dia.

Lá morava Mãe Coruja.

Ela nos abraçou, um por um. E o pequeno-gigante ápice dessa viagem para o Festival foi o abraço de Mãe Coruja.

Eu só queria falar sobre os abraços dela, os nossos abraços. Isso é tudo sobre um **grande abraço feminino.**[3]

Éramos um *tentaculinho* de um organismo que chegou ali, e ela, o centro de outro, a grande mãe nos recebendo. Ficamos ali conversando.

Mãe Coruja contou sobre o que costumavam fazer, sobre como era ser a curandeira (não gostava de ser chamada de Pajé) da comunidade. Disse do conhecimento que chegava até ela de forma intuitiva, como se de repente soubesse o que fazer, apenas ouvindo a.....

O Sol se pondo e partimos.

Mãe Coruja me lembrou minha avó Lourdes, o abraço de quando chego para visita-la no interior de São Paulo, onde nasci. "Como você aprendeu a ser benzedeira?", perguntei outro dia. Ela: era tudo o que fazíamos...

Outra sensação em comum: quando vamos sempre ao seu quintal olhar as plantas e sinto que toda a magia necessária nesse planeta está contida ali, no ninho do passarinho apoiado na árvore que dá a flor e faz sombra pra crescer melhor o alimento.

Porque criamos tanta coisa? Como é possível estarmos chegando no espaço e não conseguirmos alimentar todos ou respirar ar puro? Nem aprendemos a interagir com toda a magia que já existe de forma harmônica e seguimos complicando nossa convivência.

Junto a isso pulsa uma urgência. E penso que não fosse a expansão do pensamento proporcionado pelo uso de tecnologias que permitiram o acesso à internet, dali do quarto em Laranjal Paulista, talvez eu não estivesse aberto para toda essa percepção muito ancestral que tento colocar em palavras. Uma volta está sendo dada. Um círculo-abraço que gira corrente de braços.

Em um pequeno ramo do círculo espiral, minha avó, descendente de europeus, que cresceu no campo, em contato direto com a terra: plantando, colhendo, sem indústria, sem esgoto, nadando no rio que hoje fede. Minha mãe também nadou nesse rio, cresceu ali, trabalhando na plantação para poder comer. Também benze, como fazia seu avô curandeiro. Trabalhavam muito, me contam, não era fácil e nem sabiam o que era utopia. Nem distopia. Eram autossustentáveis, mas exploradas em algum ponto.

Minha mãe iniciou o processo de ir à cidade, junto a meu pai, aliaram-se à in-



Dona Lourdes, avó de Fernando Gregório.
Foto: Fernando Gregório.

dústria. Eu saí da cidade pequena e levei ao extremo o movimento, agora experenciado, o movimento babilônico de São Paulo capital. Movimento já iniciado por meu pai durante algum tempo, artista, comerciante pseudo-nômade que vai e volta, como era seu pai.

O urbano ao extremo e um início de retorno, o mesmo que fez com que eu me aproximasse de práticas xamânicas e que me levou ao encontro de Mãe Coruja. Resgate intensificado pelo Organismo de Vivência Nômade Experimental – O.V.N.E.Y, que retorna à cultura rural autossustentável, aliado a uma pulsão pelo trânsito constante em bando. Ação que ramifica do I Festival, mas concretizou-se meses depois, após habitar e agregar outros espaços, como uma Ocupação no centro de São Paulo e uma fazenda com práticas xamânicas e budistas.

Um retorno nada nostálgico, algo que faz a volta na grande espiral e aproxima-se do passado, mas trans-passado, com novos conceitos e mais consciência. Não fosse a experimentação artística abstrata ligada ao conhecimento tecnocientífico, a colheita seria outra. Não fosse a possibilidade de movimento, dança da realidade entre espaços geográficos, virtuais e corporais, as desconstruções e construções de novos ligamentos afetivos entre muitas esferas orgânicas não estaria nessa forma de constante transformação. E constante expansão da consciência sobre o presente e desapego de hábitos do passado que não somam. Seguimos girando e atualizando.

Notas:

1. Os vídeos podem ser visualizados no link: http://youtu.be/5YJBPbneQfc.

2. https://www.youtube.com/watch?v=Ce75ilwLFdo&index=16&list=PLrN_Z-sjEJdln0Biwqbzv8PUeWPT4oblI

3. https://www.youtube.com/watch?v=RduMDzoMw1E&index=14&list=PLrN_Z-sjEJdln0Biwqbzv8PUeWPT4oblI

4. http://ovney.tumblr.com



Mãe Coruja da Aldeia Pará Caraíva.
Foto: Fernando Gregório.

Ritual de Banho, Raísa Inocêncio. Fotos: Pierre Emmanuel Urcun.

DO RITO À PRÁTICA, DO OCIO À TÉCNICA, DO AMOR AO DELÍRIO, DA FOME AO FIM.

RAISA INOCÊNCIO

Resumo: discurso distante do festival de tecnoxamanismo, porém um relato da viagem empreendida por um casal à Arrayal d'Ajuda (BA). Historia de um rolê que culminou em Caraíva e uma dor de barriga que fez com que meu discurso (amoroso) também se chamasse Imediatamente Manga, sobre esse processo de transformação em rezadeira.

Um pouco para na escrita, pensar que nossa formação de vida tecnoxamã torna-se um livro-feiticeiro e uma vez tendo uma lupa para enxergar os meandros da feitiçaria-resistência o espelho de ação e poesia.

O amor emagrece. O amor enlouquece. O amor é a perda de senso, de rumo, de prosa, de equilíbrio – é férias para um operário, é desconto para um capitalista, é gozo para a mulher vaidosa, é delírio para o louco, é promoção e emulsão de realidade – é cata, é queda, três linhas não sabem nada do que eu senti por aquele homem, que em mil situações já escrevi, que sonhei em sonho-premonição-presságio – ia para uma festa e aquele sorriso me lembrava o amigo Yumê (não por acaso um nome que se traduz em japonês por sonho).

Da cantada mais rápida do faroeste, daquele olhar que me indagou o por quê entregaste teu coração se sabia que ia partir? Por( )que tu, pirata, me entregas esta alma, assim como quem sabe do futuro?

Conheci-o numa festa, dias depois, sexos depois, trocas culturais (antropofagia amorosa desbrava, des-ritmia, descansado), o levei a um congresso indígena, experimentamos ayahuasca, dormimos no mato, tomei argireia nervosa, ele me fiz rir no onibus, domando como um pajé, orientando as minhas viagens em uma viagem de olhar, suas caretas engraçadas e me fazer gozar só de tocar no meu ouvido.

Ele me pede cinema, eu dou escrita. E agora escrevo, escrevo, dizendo o quão natural-espontâneo-orgânico foi a intensidade de um amor – mesmo que ele representando a ingenuidade perdida do romantismo europeu, que amava e declamava seu amor, que destinava sua criatividade e potência ao Eros e ao seu oposto *delirium tremens* melancolia – sonhado.

Sonhei com ele, me imaginei com ele, mesmo sem saber que ele viria a existir realmente. Ele é o homem dos meus sonhos (portal de abertura de vida e maturidade, renascimento, por si, por outrem, discurso político amoroso, dizendo sim é possível sonhar, sonhar com o mundo amoroso do outro lado do atlântico, revela também meu lado mais cafona, mais errado, somos ou não somos erroristas?).

Em português isso logo vira um clichê barato (e que bom que seja, assim ao menos popularizamos a nossa escrita mágica). Tomei o amor que sinto e recebo de Pierre-Emmanuel como uma presença garantida e amorosa de Afrodite, a deusa do amor da mitologia grega, estudo que dedico há três anos.

Para tornar mais sério tal crença, dediquei minha monografia, na filosofia, ao

estudo do mito amoroso de Afrodite e sua função como ficção moralizante – estética que normatiza e torna o espetáculo uma terapia, uma dança de renovação espiritual – show da Madonna é o templo da dança dos tecnocratas estéticos e é ali que encontramos a libertação moral, mesmo que seja enquanto ficção ou entretenimento.

A descrição que faço não pretende fazer jus à realidade, ou ao que senti e vivenciei, aqueles tempos. Aquelas memórias são boas de sentirem como imagens distantes, em realidades possíveis de se mudar – a memória é uma ilha de edição – imaginários imaginários.

Mas aqui está uma crença da qual minha infância (ou a memória fantasiada daqueles tempos) intuitivamente dedicou rituais e banhos de mar na madrugada, entrega de corpo nu no mar solitário e mágico de Parajuru (CE), nas luas cheias de dedicar amor e infinito. Flaubert e sua deusa da lua Tânita em Cartago (Salambô).

Dedico aqui o amor que sinto a este instante inexprimível de sagrado mistério da existência, do tempo que passa e atordoa em não parar – mesmo que nossos pensamentos e textos lineares insistam em ser fotográficos, que parem imagens – instantes salvos em *download*.

Um primeiro instante – impossível de não ser comentado – experiência que tivemos anteriormente no litoral norte com o poeta Adauto e sua esposa, na comunidade chamada Sapiranga, incrível conexão com a natureza, com um rio e uma floresta emocionantes e ainda a conexão histórica sendo ali uma antiga rota de fuga e também quilombola. Com Adauto fiz entrevistas e inserções na sua horta, na sua trilha, na maneira como cria os doze filhos e na relação independente com a mulher, é lindo demais! Aqui me reservo ao direito de dizer sim, podemos encontrar "beleza" como força-fé para nossa magia, Adauto nos ensina muito sobre isso, tira da casca da árvore um pó cinza que tem um cheiro afrodisíaco e ele diz: esse é o nosso perfume, me emociono, choro e apresento pra ele, em troca, o mel de caju bruto da minha terra icapuí no CE.

Voltarei para Bahia com a certeza de que encontro amigos e uma força ancestral tranquila e comovente por sua beleza. Deu também uma folha para proteger do mal-olhado e ensinou alguns banhos, comentou como é a luta diária para manutenção da independência daquele canto, da criação dos seus filhos, das festas, do amor, fumávamos um baseadinho solto mítico (mito demais fumar um solto em Sapiranga) e nossa conversa percorria os caminhos de volta da gruta onde índios e brancos encontravam negros praticando seu batuque, encontramos no meio do caminho uma turma fumando um, a maioria negra. Outro ritual, outro baseado, outra conversa, imagine, me enchi toda, divaguei, levei até Sócrates, a viagem ao tempo perdido, pirata desbrave comigo uma ilha desconhecida, um tempo, uma imagem, a mesma luta. Uma noite só em Sapiranga e me rende meio livro de imaginação e surpresa. Obrigada, Adauto e toda comunidade de Sapiranga.

Em Caraíva tive uma dor de barriga (manga verde + cachaça + fome + medo) que me levou à uma febre uma noite inteira: no quarto em que ficamos – hóspedes de um carioca e um italiano gente boa – havia um quadro de um rosto indígena: aquele rosto me marcou como um olhar atravessamento uma viagem ao tempo que não reconhecerei mais: o dos índios.

Ao mesmo tempo que reconheço em meus familiares – mesmo catequisados e de influência franciscana da teologia da libertação e politizados – encontro traços índio, mouro, árabe em minha família, índios que em seu oficio de vender colares e outras lembranças me recordavam a mim mesma e a minha avó (referência mais ancestral de uma identidade indígena). Com-

prei um para mim e outro para PE – os outros clichês como a fita da baía de todos os santos e esses colares praticamente nos casaram em afetos (mesmo q ele tão distante, me sente quando toca seu colar e sua pulseira) lembranças que piratas criam, mesmo em mares diferentes se sentem, se presentificam.

A noite se passou em sonhos premonitórios: eu em SP com todas as drogas do mundo, a mão e eu dizendo não.

RENASCIMENTO

Aqui deixo Pierre de lado em sonhos e passo efetivamente a escrever sobre o tecnoxamanismo.

N'outro dia passei de cama, completamente imersa, em descansar do furor que foi os últimos meses: Buenos Aires – Léo – Pierre Emmanuel. À noite tive febre e para curá-la a provoquei maior com uns cobertores, suei, suei, suei entre delírios e constatações racionais de superação, suei, ria, delirava, suei, suei, até que meu corpo frio me banhou e senti aos poucos a energia voltar e por boldo à cura, fiz um banho em agradecimento – ai a operação deixou de tornar-se puramente estética - como há anos faço em performance e apresentações acadêmicas – e passou a ser ritualistica-mágica, um processo de feitiçaria, que começou na praia de Picos (CE), como exercícios de meditação e transe, tendo em Caraíva como o momento da cura, o banho não de embelezamento, mas proteção e comunicação com o si mesmo animalesco (daìmon).

A mudança foi visível (racional) como na Bahia e em São Paulo o cafuçu que é a mistura do negro com o índio também se mostrou forte. Na casa de amigo Berimba de Jesus achei uma guia, secretamente roubei e coloquei no pescoço, no pequeno altar (com umas velas e uma imagem com um homem de terno e gravata vermelha e preta) dediquei minhas homenagens venusianas e considerei aquilo um fechar o corpo (mais um dos que tantos fazemos diariamente). Acender velas, orar em silêncio, fazer passes e massagens passou a ser cotidiano, um cotidiano mágico. Encontro com a periferia paulistana, jogo do Brasil e Alemanha.

Sinestesia com a quantidade de bombas quase efeito de guerra.

No Rio a primeira coisa que fiz foi defumar a casa e fazer xarope caseiro para minha bronquite alérgica (que piora no inverno). O estudo xamânico é da ordem do corpo e vida dedicados, aos poucos a força que me fez autocurar provoca autocura em outros – historias emocionais pululam quando espiritualmente você tá tranquilo, de boa, as pessoas angustiadas, tomadas pela pulsão de morte, competitividade, impotência (o velho autoajuda que vira autoboicote). Afinal, no mundo ocidental você não permite supersticiosidades e entope sua sociedade com doenças e ansiedade. Ou melhor, como Borges, nós respondemos: “o amor que provoca magias inúteis”.

Resposta: o mundo oriental xamânico que incorpora o tecno ocidental: o amor tranquilo da vida que é mistério e produção de realidade-afeto.

Não posso deixar de terminar este texto sem antes avisar aos navegantes-leitores-piratas-magos que a realidade é a máxima magia que podemos controlar, que demanda um processo e um processo e um outro processo... Assim começa uma (viagem) quando já está acabando a outra.

Outro detalhe é que os magos que auxiliaram na criação desta persona-feitiçeira que vos fala são tão importantes quanto a vida em si. Magos amigos com pequenos toques, doses, brindes, salvam, salvam do nosso próprio autoboicote. Saber dar atenção e carinho ao outro.

Questão de alteridade. Dizem que é porque sou peixes com lua em câncer, mas é o ascendente em capricórnio que aqui escreve.





Xamanismo tecnológico é viver sem a lei de Gerson (da vantagem), sem uma hierarquia do humano com a natureza, é viver com a escuta do indizível, do mistério e da intuição do acaso, aqueles apontamentos que Sócrates chamava de daìmon (voz) que indicavam somente o que não fazer. É respeitar, enquanto xamã, que tudo é sagrado, que mesmo sendo tudo sagrado tem seu tempo (e sua profanação) próprio(a), o casaco que se perde leva ao mundo um pouco da tua energia, o amigo que se encontra por acaso naquela esquina é o resultado de um desejo já invocado, o lixo que se recicla se homenageia, se oferta, se amplifica o amor dado à deusa, etc. é o ciclo, modo de ver/sentir o tempo oriental, movimento, devir.

Por isso aqui me autodenomino rezadeira. Porque da reza se invoca o desejo, da reza se amplifica o que se quer enquanto mundo idealizado: se amplifica a voz da política singularista, ou como Bolaño diria: real-visceralista! Sou rezadeira, pratico banhos, falo de mito e desejo em grego no teu ouvido, até catarsiar, em queda você vai sentir uma vibração e esta vibração é que Lygia Clark e Espinoza trabalharam: vibração por uma potência de vida, por uma coordenação da nossa relação com outro e com o mundo (natura). E Espinoza fala tudo é deus e deus é um, somos todos parte dessa mesma energia que se manifesta por vezes em singulares telepatias...este texto no limite do erro acadêmico, em sua sincera confissão.

Acompanhantes do mundo imaginário da Raísa-rezadeira: Jodorowsky, Moebius, Marcel Mauss (esboço de uma teoria da magia), Giordano Bruno, Platão (Fedro e o Banquete), Espinoza, Flaubert, Arturo Belano e Ulysses lima.

DESCRIÇÃO DOS RITOS

Trilhas sonoras recentes:
Velvet Underground
Third Ear Band
Mutantes

Todo processo é um rito de construção da sua ficção amorosa, da sua magia de força energética, desde a minha macumba grega ao gesto da cruz, só funciona se tiver conexão.

Existe na filosofia um caminho de libertação do mundo ocidental para que o corpo possa efetivamente conectar com a natureza como, por exemplo, a superação da culpa cristã, da hierarquia entre o diferente e o igual, entre o de cima e o de baixo, entre luta de classes, entre impulso de prazer instantâneo do corpo e desejo intelectual, do humano demasiado humano, da pólis, entre experiência de mistério e de consciência da participação singular, que é a existência no universo.

ÚLTIMO RITO

A vassoura, o headphone, roupas para doar, as ervas utilizadas no xarope, algumas embalagens de chocolate. Deixado numa árvore que costuma ter alguns trabalhos – uma arvore é sinal de conexão com o mundo indígena. Deixei lá e agradeci, olhei para árvore e concordei que o que acredito me emociona e viceversa (asseguro esse espaço aqui como funcional para os coxinhas de plantão também entenderem que isso, na perspectiva , é “terapêutico”, tecnocratas não entendem as ações e os gestos senão for por esse viés pragmático).

Fiz a confissão dos caminhos, pensei, regulei meu delírio em sentir em sentir, prever mais um tempo o instante do agora, prever, prever, relaxar, respirar, agradeci mais uma vez conseguir sem a halopatia. Agradecer o retorno da natureza e, como diria Aristóteles, o clima afortunado que a deusa que acredito se apresenta: Afrodite ou Attana (Moebius – Jardim de Edena).

Tirei uma foto e continuei meu caminho até o trabalho.

Ações de purificação – NÃO SÃO RECEITAS, SÃO DESCRIÇÕES DO RITO, até porque eu não levo receitas à risca, vou criando e recriando situações de real e reza: defumar a casa com a fumaça das ervas – hortelã, eucalipto, entre outras bronquiodilatadoras.

BANHOS DE PROTEÇÃO:

Do pescoço pra baixo passando pelo corpo todo Arruda;

Se tiver com alguma dor (de qualquer natureza) acrescentar sal grosso

Embelezamento:

Esquentar o corpo com as palmas da mão; passar um hidratante por todo o corpo, invocando nas palavras o que deseja fazer: agradecer, pedir, homenagear (sabendo que todas ações tem suas balanças próprias e o nome pessoal carrega um peso), por isso rancor, ódio e vingança só podem ter um efeito contrário – desejar o mal, receber o mal – prefiro acreditar em outras ficções, mais harmoniosas e tranquilas, tendência para o mundo oriental: prática da ginástica chinesa[1] como balanceamento das emoções e da circulação de energia pelo corpo. Sinto cada vez mais a necessidade de fazer todo dia, pelo simples tempo que demanda para cuidar do corpo, sentir ele estalando, suas articulações, músculos esticando e de novo realidade que me espanta, ossos que estalam e me dão uma onda... (hehe prática junkie de sentir onda em tudo).

Também ao realizar atos do cotidiano se pode invocar as palavras que são importantes pela pessoa: ao lavar a louça, agradecer a água que não finda, a limpeza que te permite não adoecer, proteger a quem tu ama, rezar, meu amigo, rezar.

Cozinharevolucionar: usar uma cobaia aqui é permitido, quando vais fazer uma receita, dedica aqui máxima importância, porque a comida que vais passar ao amigo-acompanhante que experimentará poderá te efeitos opostos dependendo da índole, do jeito, do estilo... se quer conquistar dê preferência a pimenta! Vinho porque em *vino veritas*. Pimenta com doce é estilo. Cozinhar é um ato revolucionário por sua natureza (ousia, essência, onto). Conversar é maneiro. *Converser*, conhecer, contribuir, camaradear, entre outras imersões, ser pirata, gostar do efeito subversivo que provoca, que geme, o ponto alto é quando as pessoas experimentam e ficam nossa raísa... que tesão! Enfim... cozinhar é mais realista ao ponto q nem sei o que dizer, só comendo do meu risotto (assegurando uma realidade ainda mais concreta à palavra), coisa que só a magia consegue com a linguagem (levar ao extase, catarse, gozo).

Exemplo magnífico de magia culinária foi em Salvador, na casa de um amigo Santiago Cao. Fiz uma moqueca de arraia com carne de caju decorado com mel bruto. Pire aí companheiros! Choro só de lembrar.

Se quer acalmar, se quer agitar tudo isso, é um conhecimento de tempo e muitos segredos: minha especialidade: risotto de camarão, mas faço de tudo, suco, sopa, carne, vegetariana (prefiro até mais hoje em dia comida vegana, foi natural de repente me senti meio enjoada com o peso da massa, do excesso de carboidrato que a sociedade acredita ser o saudável, muita energia e pouco bom senso, pouco jejum).

Jejum é uma prática que limpa e purifica, importante passar por um jejum de vez em quando...

Dar um significado mágico aos objetos do cotidiano: a chave que tem uma pulseira dada por uma amiga argentina no congresso indígena, o rapé com sálvia que limpa o pulmão antes de começar a estudar junto com a amiga Cássia em sua casa, onde podemos dançar e ficar nuas (sabbath).

Olhar a lua e se deixar perder pela

contemplação... Se masturbar (até que o gozo torne-se uma ligação entre vc e aquilo que vc homenageia, no caso aqui, afrodite), a arte do grito[2] sodade[3] MIA!!!!!!!!

Se o discurso pode caminhar para uma interlocução entre o pensamento racional e o político, com a sua ação prática, cotidiana, por sua vez, mesmo que ainda dissociada de sua emoção patética, o discurso também pode ser oriundo das manías que levam ao delírio poético, baquico, erótico e filosófico com sua realidade divina em êxtase. (as quatro loucuras – fedro).

Sobre a dança, uma última e ingênua descoberta: estudo a influencia da mitologia grega no cotidiano e o mais visível que me aparece agora – que se manifesta tal qual seus deuses – é que o ocidente trata suas dores dançando. O que é a música pop senão uma esquizoterapia?

Onde as pessoas dançam, dancem seus macacos, dancem!

O ocidente trata suas ansiedades dançando e foi dançando que senti um estalo conceitual – xamânico aqui – dançando MIA, uma gata poderosa, cheguei a essa interpretação de como as pessoas conseguem sobreviver sem magia – dançando musica pop e cinema choroso dramático, novela – dançando música pop, ritual dos mais tribais – aqui tomo a palavra primitivo como ancestral, com o todo seu poder, a influência de nossos antepassados é importante; minha bisavó tatuada, minha avó – católica sem saber: índia – e minha mãe que estudou filosofia e nutre uma técnica de vida que permite um tempo dedicado à putaria, ao amor e a pólis (professora de escola pública).

Pois bem, nação de mulheres (aqui me refiro a outros textos mais na linha analise de desejo feminino, analisando personas femininas atuais, MIA aqui no caso), a dança é uma terapia, técnica de exorcismo da impotência, choro de suor, grito de gemido, a dança, minhas gurias queridas, é nosso meio de nos libertar da culpa cristã (sem medo).

Sinto que falo o óbvio, mas invoco aqui o poder da dança como um dos elementos criadores de vida.

A arte do grito.

A arte do coro.

A arte do gozo.

Notas:

1. http://www.youtube.com/playlist?list=PLIm-P2rXBQrr31hBkEpdkcowYyCBZxjL6

2. http://youtu.be/dNVrdYGiULM

3. http://grooveshark.com/s/Bucky+Done+Gun/2pzeWr?src=5

XAMANISMO: CORPO E PLANTAS DE PODER

CARLA LYRA

Século XXI - a revolução tecnológica e científica nos conduz ao diálogo com o campo da memória e do corpo para pesquisa sobre a memória indígena. Empreenderemos uma outra jornada sendo que, desta vez, a busca é sobre a construção da memória e dos segredos dos primeiros habitantes destas terras. Como se daria então a construção da memória indígena no século XXI? Como esta memória se concretizaria por meio de símbolos, imagens, cantos e rituais? Como os estudos no campo da memória e do corpo podem contribuir para a construção teórica neste campo de pesquisa? Qual a relação entre plantas de poder, corpo e memória?

A imagem, o corpo e oralidade são dimensões fundamentais do xamanismo indígena – um caminho para a comunicação com os espíritos ancestrais e manutenção da memória. Pensar a memória indígena e o corpo é também refletir sobre as perspectivas de futuro ou como coloca Farias: *"Enfim, que destino dar a um corpo que é um arquivo vivo de marcas de memória, decorrentes do encontro com o Mundo, com o representante da espécie e consigo mesmo?"* (2008, p.42). O estudo da memória indígena nos remete à noção de "alma" selvagem da corporalidade, automutilação, metamorfoses e incorporação nos rituais – uma travessia espiritual. Os autores europeus explicam que: *"c´est que pour les Amérindiens la diversité des êtres se situe au niveau du corps et pour les Européens au plan de l´âme"* (Castro, 2006, p. 50).

Para a perspectiva ocidental, seria uma alma, um espírito racional, a disposição moral, ou seja, um tipo específico de interioridade que definiria o humano. Enquanto que para os europeus a diversidade dos seres se situaria na alma, para os ameríndios ela se situa no **corpo**. Vivenciamos séculos de construção de uma memória do "esquecimento" corporal. A negação do corpo é o caminho da salvação. Para os índios, não é a dimensão subjetiva que forma a rede da humanidade. O humano seria uma coisa coletiva em que a pessoa representa um pedaço da sociedade antes de ser um indivíduo com um destino e um caráter individual. Na perspectiva indígena, a memória dos saberes ancestrais é fundamental para a manutenção da identidade coletiva, o que implica uma relação com a espiritualidade. O **xamanismo** é um canal para o equilíbrio da sociedade, um conhecimento dos saberes mais esotéricos sobre a relação dos aspectos do mundo não aparente, a princípio, a todos. Por sua vez, o **animismo** seria um meio de realizar a identidade corporal - corpo de águia, jaguar entre outros - presa ou predador conforme sua posição na cadeia alimentar.

> *As mudanças corporais não podem ser tomadas apenas como signos das mudanças de identidade social, mas como seus correlatos necessários, e mesmo mais: elas são ao mesmo tempo a causa e o instrumento de transformação das relações sociais.* ***Isso sig-***

nifica que não é possível fazer uma distinção entre processos fisiológicos e processos sociológicos; transformações do corpo, das relações sociais e dos estatutos que as condensam são uma coisa só. *Assim, a natureza humana é literalmente fabricada ou configurada pela cultura. O corpo é imaginado, em todos as sentidos possíveis da palavra, pela sociedade (Castro, 2002, p. 72).*

A imagem da opressão da nudez de uma índia descrita na Carta de Pero Vaz de Caminha - em contraste com a explanação de Viveiros de Castro do corpo imaginado pela sociedade - apresenta o primeiro choque de visões existenciais e que permeará todo o processo de colonização e catequização no Brasil. O céu dos xamãs era o mesmo céu dos portugueses, mas é a cruz e os rituais católicos que orientam até os nossos dias a jornada civilizatória no Brasil. Os caminhos e rituais para essas visões de futuro são abordados através dos enfoques da Ciência e da Religião (Latour, 2004) sendo que, a construção da memória cristã já está intensamente documentada e enraizada nas nossas células como podemos ver no exemplo de Tucker (2010):

O cristianismo precisou bem de um século até que a excitação nervosa que o originou fosse convertida em profissões de fé, dogmas e doutrinas razoavelmente fixas. Porém foi necessário um milênio até que esses coágulos mentais afundassem, por assim dizer, da cabeça até às vísceras, até que se concretizassem finalmente, por meio de símbolos, imagens, cantos, construções, rituais e hábitos, num caráter formador de homens e sociedades em sua íntegra (Tucker, 2010, p.85).

Por sua vez, a Teoria da Relatividade revelou uma estrutura espaço/tempo diversa daquela até então admitida pelo pensamento baseado nas leis de Newton. O espaço e o tempo apresentam-se intimamente conectados sob a forma de um *continuum espaço/tempo quadrimensional.* Para alguns autores como Capra (1995), a nova física é uma parte integrante da nova visão de mundo que agora está emergindo em todas as ciências e na sociedade. Esta nova visão é ecológica e baseia-se, fundamentalmente, na consciência espiritual (CAPRA, 1995, p.242). Um dos primeiros teóricos que abordaram a questão do **corpo** e **memória** foi Bergson - contemporâneo de Einstein e de sua **teoria da relatividade:**

Chega um momento em que a lembrança assim reduzida se encaixa tão bem na percepção presente que não se saberia dizer onde termina a percepção e onde começa a lembrança. ***Nesse momento preciso, a memória, em vez de fazer aparecer e desaparecer caprichosamente suas representações, regula-se pelos detalhes dos movimentos corporais*** *(Bergson, 2006, p.59).*

Cosmologias indígenas em que as células revivem os tempos dos ancestrais e nos remontam a teorias Darwinianas em suas metamorfoses ritualísticas. A travessia dos limites do corpo na viagem xamânica: células, átomos, energia. Como coloca Viveiros de Castro: **"a iniciação xamanística talvez possa ser pensada como capacidade de restaurar ou proteger a vida"** (2002, p.74). O xamã não se deixa intimidar pela linha

divisória entre o pensamento científico e o pensamento tradicional. O ponto de partida do seu pensamento é a experiência intelectual advinda de diversas viagens para outros contextos geográficos ou cosmológicos. O fenômeno do "êxtase" sendo, pois, como uma comunicação com os espíritos através de uma "viagem" pela cartografia imaginária dos céus e infernos (Eliade, 1976).

No **animismo**, a ideia de aparência é uma questão de perspectiva: a identidade do corpo percebido depende da natureza do corpo da "pessoa" na origem do olhar. O corpo pode ser analisado fora da sua relação necessária com um sujeito- testemunha, mas nenhum sujeito pode ser concebido sem uma inscrição corporal determinada. A binacionalidade ontológica do xamã pode igualmente provir de uma adoção pelo animal espírito e compaixão pelo humano que ele encontra em sonho ou na solidão da floresta (Castro, 2006, p.42).

Uma das práticas comuns para este contato é a introdução no organismo de substâncias provocando sensações mais ou menos fortes de mal estar que permite modelar a percepção simétrica. Os psicotrópicos tais como o **Yagé** ou **Ayahuasca**[1] também conhecidos como "plantas de poder" simbolizam uma metamorfose corporal paralela à alteração de consciência. Estes processos nos apontam para uma reflexão sobre espacialidade/temporalidade, a manutenção da identidade cultural e ancestralidade/simbologia. Tradução de viagens e mundos – metamorfoses - processos biológicos e sociais.

Nem todos os xamãs usam intoxicação com plantas para obter êxtase, mas toda prática xamânica visa ganhar ascensão ao êxtase. As batidas do tambor, a manipulação da respiração, penitências, jejuns, ilusões teatrais, abstinência sexual - todos são, desde muito tempo, respeitados métodos para adentrar no transe necessário para o trabalho xamânico, ou seja, um trabalho focado no corpo e nas suas sensações. São nestas experiências visionárias para contatar o mundo espiritual e obter conhecimento mágico e sabedoria ancestral onde estão fundamentados os costumes e valores das culturas xamânicas.

CORPO, XAMANISMO E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA INDÍGENA

A partir da metade do século XX, estudiosos como Lévi-Strauss, Mircea Eliade, Joseph Campbel, Richard E. Schultes, Robert G. Wasson, Darcy Ribeiro, Roberto da Matta, Michael Harner e outros abordaram estas culturas e contribuíram para mudanças do paradigma pelo qual os povos xamânicos eram até então vistos, passando-se a uma valorização de suas formas de relações sociais e práticas espirituais[2]. Em uma retrospectiva nietzschiana (Szabón, 2010), a implantação da memória através de rituais seria responsável pela construção de uma identidade tribal.

A *Antropologia Estrutural* e *Simétrica* oferecem um método para a (re)descoberta da ancestralidade em um contexto em que o saber tradicional e a biodiversidade do universo indígena são incorporados por vários grupos que praticam o (neo)xamanismo e utilizam a Ayahuasca (Goulart, 2004; Labate, 2000; Luz,1996). A Ciência, a Física e a agora a Medicina buscam também os segredos da ancestralidade indígena e o seu poder de cura. O trajeto de resgate da memória indígena e seus conceitos é fundamental para a reflexão sobre os rituais religiosos e a cura do corpo no século XXI. As narrativas dos participantes como a de Blanca Pinto[3] do Peru sobre Ayahuasca e xamanismo são um exemplo:

Enquanto que a Ayahuasca produz no aspecto bioquímico uma dinamização neuronal (durante a exposição a seus efeitos), para o aspecto psicológico constitui uma imersão da mente nas áreas do mito, dos símbolos transpessoais e os arquétipos, formando, assim, algo equivalente ao que é a essência das iniciações em muitas culturas antigas.

Para ilustrar a conexão entre estes conceitos, Luz (1996) coloca o exemplo dos Barasana e da ingestão da bebida feita a partir da *Banisteriopsis caapi*. A função da bebida neste grupo é transportar os indivíduos até o estado ancestral, devido à sua habilidade de fluir através das linhas de descendência, conectando o passado e o presente e possibilitando a viagem até o passado ancestral. Assim, a bebida representa a possibilidade de voltar ao início. Quanto mais sagrado o ritual, mais forte é a bebida e mais próximo o contato com os ancestrais originais. A bebida ensinaria aos homens a dançar e cantar, os cantos descrevem os pontos significativos na jornada dos ancestrais. A experiência corporal (vômito, diarreia, tonteira) é pensada como central e as visões são tidas como parte do estado físico que advém a quem ingere a *Banisteriopsis caapi* (Gow 1991, p.19 apud Luz 1996).

O aspecto mais relevante da questão de acordo com os autores seria a separação corpo/alma e as implicações desta para os grupos que a experimentam através da bebida. O que está em jogo é a imortalidade vivenciada durante o transe; esta é entendida como uma transcendência da condição humana que se dá no desligamento dos vínculos afetivos e sociais. Isto porque exige uma preparação que implica num afastamento do convívio familiar e social, ou seja, o uso da planta está relacionado a uma perda do corpo, tanto no seu aspecto físico como social.

Transe – uma navegação circular em torno dos **caminhos da memória.** O vídeo também é utilizado por muitas tribos como um instrumento para a manutenção da sua memória. Como coloca Damas, o vídeo etnográfico faz uma representação porque ele faz uma tradução, uma interpretação de outra cosmogonia, algo que só o xamã sabe e pode fazer. O vídeo, ao captar as imagens das narrativas e performances mitológicas, estabelece uma comunicação de **alteridade** na tradução do que está sendo filmado e na comunicação com outros seres mitológicos (Pellegrino, 2003). O xamanismo e o vídeo se inserem num mundo onde tudo são **palavras e imagens.**

O xamã narra o que viu durante a viagem, ou melhor, ele torna visível e compreensível as imagens que viu nos sonhos e viagens realizadas a outros mundos cosmológicos. Todas as narrativas orais e visuais estão submetidas à autoridade do narrador. No caso das sociedades indígenas, o xamã cumpre essa função e agora também o videasta indígena. Se o xamã nos apresenta o que viu e ouviu em suas viagens a lugares distantes, através de uma narrativa oral, a câmera e a televisão também nos apresentam o que viram e ouviram em suas viagens a lugares distantes (2011, p.4).

Xamanismo: um método trilhado por vários grupos na atualidade para acesso a sua ancestralidade e para o desenvolvimento da pesquisa sobre rituais, performance e estudos interdisciplinares

na área do corpo, memória e imagens. Enveredamos pelo **caminho do corpo** como um "lugar da memória" e construímos com o auxílio da Ciência e da Espiritualidade indígena um processo para compreensão da construção da memória audiovisual. Um método de construção conceitual que engloba várias dimensões do conhecimento para compreensão dos mecanismos de percepção e construção da memória a partir da utilização de plantas de poder.

Notas:

1. A Ayahuasca era empregada pelos habitantes das comunidades amazônicas, para os rituais da puberdade e para a iniciação dos xamãs. As técnicas da medicina tradicional e sua cosmovisão mágico-religiosa davam a suas práticas um sentido sagrado.

2. É neste ambiente que surge, de forma gradual e firme, o neo-xamanismo. Nos grandes centros urbanos, durante o movimento contracultural dos anos 60, ele aparece como um movimento espiritual oriundo do universo terapêutico alternativo, devido à proximidade "ideológica", por assim dizer, já que também baseado no conceito holístico de cura segundo o qual corpo, emoções, mente e espírito articulam-se num só sistema interligado (*hólon*), onde o espírito afeta o físico e o individual se integra ao grupal. Texto - **Cultura xamânica e sabedoria ancestral** – Rogério Favilla

3. http://www.amparodivino.com.br/ayahuasca.html



A TÉCNICA COMO DIPLOMACIA COM NÃO HUMANOS

HILAN BENSUSAN

[...] para milhares de obras sobre as maravilhas do conhecimento objetivo – e os riscos mortais que se corre ao coloca-lo em questão – não há senão dez sobre as técnicas – e nem mesmo três por assinalar o perigo mortal que se corre ao não amá-las. [...] O que faríamos de [uma filosofia da tecnologia]? Todo o mundo sabe que a técnica não é nada senão um amontoado de meios cômodos e complicados. Não há nada para pensar sobre ela. [A etnóloga dos Modernos] continua se admirando que não exista instituição legítima que abrigue as técnicas tal como não há instituição legítima para aprendera transigir com os seres psicogênicos. Como os Modernos puderam perder de vista o caráter estranho, ubíquo e, sim, espiritual das técnicas? Perder sua opacidade suntuosa? Ela começa a anotar: "Não sabemos de fato o que eles fabricam. Pai, perdoai-os, eles nem sequer sabem o que fazem".

Bruno Latour[1]

1. Técnicas estão por toda parte. Elas são, claro, todas cômodas e complicadas. Os Modernos, este povo de geometria variável e que acredita que pode separar, sem precisar de arame farpado, a natureza – domínio que eles compartem com tudo o que é não-humano – e a cultura – parte em que ocorre o que é propriamente político -, são prodigiosos em produzir, armazenar e aprimorar técnicas. Elas intermediam quase todos os passos que os Modernos dão no planeta: técnicas de produção de alimentos, técnicas de construção e manutenção de *habitats*, técnicas de comunicação. E no entanto, Latour, na epígrafe acima, entende que as técnicas repousam em um mundo impensado para eles. Latour relata o espanto da etnógrafa dos Modernos com o silêncio do pensamento de seus nativos sobre as técnicas. A saga da etnógrafa entre os recônditos é parte do seu esforço por encontrar os modos de existência que são caros aos Modernos – assim, já que vão precisar, eles podem entrar em negociações com outros coletivos sabendo o que é realmente importante para eles, mesmo entre aquilo que lhes passa despercebido. Entre os modos de existência que lhes são caros está aquele dos objetos técnicos: eles, que amam esconder-se e que extraem os segredos que permitem que as coisas se reproduzam e se transformam. O modo de existência dos objetos técnicos, uma existência opaca e suntuosa, é algo que compactua e transita no coletivo dos modernos – ainda que não caiba facilmente na maneira como eles esquadrinham seu mundo.

A técnica não é privilégio dos Modernos e nem sequer dos humanos. Latour entende que os humanoides se tornaram humanos por frequentarem os entes da ficção, da referência e da técnica. A técnica é, portanto, uma das coisas que os humanos compartilham com seus ancestrais e que tem uma longa história na transformação das paisagens da Terra. Nós somos, assim como nossos contemporâneos não-humanos, descendentes da técnica. É possível descrever a geografia e a biologia da transformação das espécies em termos de

desenvolvimentos de técnicas já que elas estão presentes sempre que algum empecilho é superado. Os entes da técnica são permissores, são aqueles que tornam possíveis passagens, transições. As técnicas humanas afetam o meio circundante de humanos e não-humanos – são técnicas que produzem nichos onde a pressão do ambiente sobre os organismos se transforma e podem ser controlada: cidades, estradas, túneis mas também florestas manejadas, terras fertilizadas, combustível fóssil extraído. As técnicas tem também suas consequências imprevistas, negligenciadas e desconsideradas e também elas – como enfatizam as tradições tecnófobas – dão forma ao mundo.

E no entanto, ainda que íntimos da técnica, os Modernos não se sentem à vontade para pensá-la. Para entender a dificuldade que espanta a etnografia, é preciso entender alguns elementos das disposições ontológicas e políticas dos Modernos. São estas disposições que estão sempre à beira de jogar os objetos técnicos em direção ao escopo do impensado. Elas tornam os objetos técnicos frequentemente excessivamente híbridos e arredios, muitas vezes submissos mas nunca inteiramente cidadãos, muitas vezes domesticados mas nunca inteiramente vizinhos, muitas vezes antropomórficos mas nunca inteiramente culturais. Eles habitam os territórios das bordas entre o puramente humano e o natural – e são incômodos porque transitam de uma maneira particular entre as vicissitudes das fronteiras através das quais os Modernos se reconhecem.

2. Para começar, consideremos a disposição ontológica atribuída aos Modernos por Descola[2] em seu esforço por comparar as diferentes formas de relação entre humanos e não-humanos no planeta. Em contraste com os animistas (do baixo Amazonas, mas também da Sibéria, de partes do Canadá e outras partes do mundo), com os totemistas (presentes na Austrália, mas também em regiões dos EUA) e com os analogistas (presentes na maior parte das populações antes do advento dos Modernos, marcadamente no México, Perú, China, Japão e Índia), os Modernos são naturalistas. O naturalismo se caracteriza pela postulação de uma fisicalidade comum entre humanos e não-humanos associada a uma interioridade diferente – humanos possuem interioridade e em variedades, assim a um mononaturalismo se ajunta um multiculturalismo. A natureza aparece como um conjunto de puras fisicalidades que engloba o solo, as camadas geológicas, o espaço sideral, os animais e as plantas. A natureza responde a uma fisicalidade comum que é frequentemente entendida como um domínio de leis – não leis politicas discutidas em assembleias, mas leis cujo estatuto ontológico é semelhante ao daquilo que está sob o jugo de um soberano estrangeiro com o qual não se pode negociar. Todo não-humano, portanto, compartilha com os humanos uma fisicalidade que obedece a leis fixas pré-estabelecidas e pode ser acessado apenas se for possível alguma medida do conhecimento objetivo que os modernos prezam, pensam ter elementos suficientes para pensar e vislumbram sempre os perigos de por em questão. O não-humano é objeto de conhecimento – tratar com ele deve ser sempre mediado por verdades que são pensadas como construções que precisam do auxílio de partes do mundo mas como uma adequação do intelecto à coisa. Para o naturalismo, o não-humano não é um polo de negociação, mas um recurso disponível.

O naturalismo, neste ponto, contrasta diretamente com o animismo que postula que humanos e não-humanos

têm uma fisicalidade distinta e uma interioridade em comum. Assim, no animismo, corpos são dissemelhantes de modo que um pode se camuflar no outro, mas uma transformação de um humano em uma onça, por exemplo, corporal só é possível se a identidade da interioridade se mantém. O animismo associa a um monoculturalismo – a cultura comum a humanos e a não-humanos centrada em uma interioridade comum que se revela na capacidade de ter uma perspectiva – um multinaturalismo que postula que os corpos são intrinsecamente diferentes. Como o não-humano tem uma interioridade, ele pode se engajar em uma negociação já que é um agente capaz de ter relações sociais de todo tipo. A interioridade não-humana pode, para o animista, ser acessada pela mesma teia de negociações e acordos que se estende pelo interior das sociedades humanas – o não-humano aparece como uma sociedade estrangeira, mas do que um elemento externo à qualquer sociedade, como o naturalista o entende por meio da postulação de uma natureza. Assim, é possível no animismo acessar o não-humano não através do conhecimento das leis que objetivamente o rege, e que não podem ser negociadas com o poder que as constituiu, mas através de uma negociação já que podemos nos relacionar com ele, por assim dizer, de interioridade para interioridade. O trabalho do conhecimento não versa sobre substâncias pré-existentes, como enfatiza Descola[3]. O não-humano pode estar fora do nosso coletivo, mas não está fora do escopo da negociação, e portanto não está fora do âmbito de qualquer diplomacia. É interessante notar que então o xamã animista atua como um diplomata, mais do que como um sábio conhecedor dos segredos prontos do domínio dos não-humanos. O xamã negocia em sonhos, por exemplo, com o xamã dos porcos selvagens antes de enviar humanos de seu coletivo à caça. Esta negociação requer que o xamã conheça como funciona a sociedade dos porcos selvagens; porém isto não é suficiente, é preciso saber apresentar suas demandas e saber abrir mão de algumas delas escutando a demanda que surge do outro lado da mesa. Como na prática da diplomacia entre países, negociadores tem que estar presentes na mesa – e tem que ter poderes para reformular demandas, reinterpretar requisitos, abrir mão do que começar a parecer, durante a negociação, menos importante. Davi Kopenawa[4], um xamã yanomami, insiste na importância da presença dos xamãs para a preservação da floresta: a palavra deles tem que estar sempre por perto, eles não podem registrar por escrito o que sabem porque suas palavras são relevantes onde elas são pronunciadas.[5] A presença dos xamãs é importante porque as negociações não obedecem simplesmente a manuais ou a instruções prontas, elas tem que ser repensadas a cada circunstância, a cada vicissitude.

As relações com os não-humanos, para naturalistas e animistas, tem portanto uma forma muito distinta. Descola cataloga diversas relações ecológicas que são possíveis entre um humano e seus outros. Entre as relações (potencialmente) reversíveis, ele considera a predação, a troca e a dádiva – as três presentes entre coletivos animistas na relação entre humanos e não-humanos. Os Jivaros – os Achuar, os Huambisa, os Aguarunas – primam por uma relação predatória com o não-humano, eles tomam o que lhes interessa e esperam hostilidade da parte prejudicada. E contraste, os Tukanos do Rio Negro se esforçam por um balanço e um equilíbrio nas relações de troca enquanto os Campa – Ashaninka, Matsiguenga, Nomatsiguenga – acreditam que sua relação com os não-humanos devem envolver

relações de dádivas. Importante que em todos estes casos, há uma disposição ontológica animista; ou seja, a ontologia não determina nenhuma relação ecológica específica com o não-humano. Mais importante é que nos três casos trata-se de relações que podem ser descritas como diplomáticas pois a predação, assim como a troca e a dádiva, pode ser entendida como uma forma de negociação na medida em que a hostilidade é esperada: há que se proteger da parte que foi predada. O roubo e o saque são, em certo sentido, ainda formas de negociação. Em contraste, os naturalistas não mantém relações ecológicas diplomáticas com o não-humano – eles nem sequer predam, já que quando saqueiam florestas ou mananciais esperam hostilidade apenas da parte dos humanos que são donos ou tem alguma forma de soberania sobre estes não-humanos. As negociações se dão sempre entre humanos e humanos – até porque só eles possuem interioridade para que seja possível uma relação diplomática. O não-humano é posto na vala comum da natureza, que não está aberta a negociações de nenhum tipo e da qual só podemos nos aproximar com conhecimento (objetivo) de causa.

Para os Modernos, naturalistas, a técnica, portanto, pode ser pensada – de soslaio e sempre de passagem – como uma aplicação prática das teorias (científicas) que fazemos sobre os não-humanos: boa a teoria, eficaz a técnica. Os Modernos pensam pouco sobre os pontos em que as aplicações e a teoria ficam incompatíveis – a técnica não tem autonomia em relação à formulação e ao teste de um conhecimento sobre o não-humano. As técnicas são um apêndice bem considerado e apreciado, porém menor das ciências. Tudo o que se pode dizer sobre elas parece ser que elas são fruto de uma aplicação bem-sucedida de uma porção de conhecimento objetivo. Quando elas lidam com o não-humano, elas são eficientes se elas estão corretamente informadas pelas leis que regem o domínio da natureza – elas são não mais do que aplicações. Os objetos técnicos só podem então ser entendidos dentro de uma ontologia em que eles são subsidiários dos postulados da ciência e súditos de um domínio de leis. As técnicas (de saúde, de construção, de agricultura) que são recalcitrantes a esta submissão ao conhecimento objetivo ficam impensadas e assim, a tecnologia, como estudo das técnicas, ou é impossível ou é um exercício trivial de tirar consequências de teorias científicas estabelecidas (ou futuras).

Gilbert Simondon se esforçou por problematizar e apresentar uma alternativa a esta ontologia das técnicas como meros corolários das especificações científicas.[6] Ele entende que um objeto só é entendido como forma e matéria fora da oficina onde ele é produzido – de um ponto de vista de dentro da oficina, a individuação nunca perde seu caráter relacional. Ele privilegia o ponto de vista da produção de um objeto, que é o ponto de vista das operações que fazem ele ter lugar – a relação de um pedaço de madeira singular com um equipamento em um estado singular, inseridos em um espaço de trabalho específico. Este ponto de vista faz com que a individuação seja não uma questão de substancialidade, mas antes de alagmática – ou seja, um assunto de vicissitudes. Alagmática vem do grego “allagma”, que é traduzida como “custo” ou “preço”. Ou seja, um objeto é sempre o resultado das operações das quais ele resultou – operações que são sempre negociações onde se paga um custo. Como em qualquer tradução, alguma coisa é perdida e alguma coisa é ganha no processo, mas o transporte por um duto, frequentemente, tem um custo. Enxergar a individuação como um conjunto de operações permite a Simondon

não entendê-la como consequência de uma substância, como consequência de um conjunto singular de operações.

Simondon então considera os objetos técnicos nesta perspectiva: eles são produtos de um conjunto singular de operações. Cada um deles traz as marcas da sua alagmática: as circunstâncias que lhes deram específicas capacidades e potencialidades. Menos que elementos de uma ordem técnica que obedece princípios técnicos de pensamento, os objetos técnicos são entendidos como emaranhados de bricolages, como sucessivas acumulações de gambiarras pelo qual o acoplamento a uma circunstância não está jamais garantida e sempre surgem variáveis custos de transporte na sua aplicação a uma outra vicissitude. Os objetos técnicos não tem uma substância que condensa um grupo relevante de leis da natureza e nem tem um escopo de aplicação demarcável de uma vez por todas. Eles são antes condensações singulares de operações de mediação a serem usadas em outras vicissitudes onde algum impasse requer uma intervenção. Assim, as técnicas para cortar galhos de árvores, manter uma roça de mandioca, construir dutos ou preservar nascentes são elementos que podem ser usados em situações específicas em que algum impasse tem lugar – uma planta que não cresce por falta de sol, uma população que não tem como se alimentar, uma falta regional de água ou uma exposição a variações climáticas. Diante destes elementos não-humanos, as técnicas são artifícios no processo de negociação. Sim, elas aparecem como artifícios a serem utilizados em particular no contato com o não-humano. Não são conhecimento da natureza – conhecimento de como substancialmente funcionam ou são compostos os não-humanos – mas são antes elementos mediadores, dispositivos de interação, em particular, artifícios diplomáticos para que certos impasses possam ser transitados. É por isso que as técnicas podem caber em um manual ou em uma caixa de ferramenta, mas os genuínos e eficazes objetos técnicos se encontram no meio das coisas, não são só palavra escrita ou repositório, mas são presença em uma específica vicissitude.

É claro o que parece emergir: há um elemento dos objetos técnicos que é um elemento diplomático, um elemento de negociação com os não humanos. É por meio da presença da técnica que alianças com não-humanos são construídas; as técnicas oferecem uma capacidade de firmar acordos que afetam as ações dos não-humanos. As técnicas são instrumentos de negociação, mas como em qualquer diplomacia, não basta que elas sejam repetidas, elas tem que ser reimplementadas em casos específicos, diante de negociações com demandas singulares. Os engenheiros, tal como os attachés das embaixadas, tem que estar muitas vezes presentes no lugar onde se desenrolam os *toma lá dá cá*. A presença dos técnicos permite que a alagmática seja conduzida de modo favorável, que se reduza ao máximo o custo de uma instalação ou de um equipamento de modo que se possa contornar vicissitudes desfavoráveis. No entanto os objetos técnicos eles mesmos fazem o trabalho de mediação – nos casos mais expressivos entre humanos e não-humanos. Eles promovem a mediação dos consumidores de água e dos mananciais, das comedores de carne e dos animais vivos, dos materiais anônimos e dos usuários de mobília. A técnica é uma diplomacia especial, ela vem de uma era pré-naturalista e se estende pelos coletivos dos Modernos. Para os naturalistas, é a sombra de uma negociação com o não-humano que eles não sabem mais como articular. Eles fazem uso dos objetos técnicos, eles fabricam, mas como ergue suas mãos para o céu a

etnógrafa, *perdoai-os, eles não sabem o que fazem.*

3. Consideremos agora a disposição política dos Modernos em contraste àquela dos chamados povos primitivos na discussão inaugurada pelos trabalhos de antropologia política de Pierre Castres. Clastres entende que a civilização com estado estão em irreversível descontinuidade com as sociedades que são sem estado (e sem poder político e sem produção de excedente). Tais sociedades são entendidas por ele como sendo sociedades contra o estado pois elas articulam todo um arsenal de dispositivos de diferentes naturezas para impedir que instituições de poder político se instaurem e se estabilizem. Os chefes guerreiros emergem eventualmente e há mecanismos que garantem que eles não se perpetuem ou estabilizem uma estrutura de poder político. Há uma proteção contra a emergência de poder político e os chefes guerreiros, em busca de prestígio, tem que negociar com outros elementos dos coletivos sua autoridade em começar ou terminar um episódio de guerra. Não há nada de estável no poder político – há uma insistente resistência à estabilidade do Estado. Clastres compara os dois tipos de sociedades e insiste que as sociedades com Estado não são apenas um produto de sedentarismo ou da presença de dispositivos neolíticos – é preciso uma revolução política para instaurá-lo. E quando isso é feito, uma teia de poder político paira sobre o que antes era negociado caso a caso; o poder político se imiscui na alagmática das relações. Mas o poder político oferece uma plataforma – e um roteiro – de negociação que paira apenas sobre os agentes humanos. Clastres pensa que uma explicação para a emergência do Estado pode estar na demografia: sociedades contra o Estado se fragmentam constantemente já que sua estrutura societária não permitiria uma maior população. Aqui é interessante especular se o preço pago pelo aumento da população humana nestes coletivos é a exclusão, por meio de um ostracismo de qualquer participação política ou, nos termos que uso aqui, de qualquer participação diplomática dos não-humanos. O Estado é, entre outras coisas, um dispositivo de ostracismo político (diplomático) dos não-humanos; esses últimos passam a ser alijados da sua condição de agentes com os quais se negocia.

Deleuze e Guattari consideram que sociedades com Estado coabitam com sociedades contra o Estado – e as últimas estão presentes na forma de muitas associações e bandos que encontram forma de exorcizar a chefia política estruturada em seu seio. Eles insistem também que tais agrupamentos são o fora do Estado, do qual ele precisa e do qual se nutre. São repositórios de acordos negociados em forma bruta sem a mediação do poder político instituído. Esta ordem às vezes combate, às vezes incorpora e às vezes convive pacificamente com tais associações. Há portanto negociações que se dão a margem do poder político e, se é assim, há negociações que se dão à margem de uma esfera que se limita a propiciar negociações entre humanos. Aqui talvez possamos encontrar outra vez os objetos técnicos: com eles formamos sempre sociedades anti-Estado. São associações que não estão à disposição – como recursos à disposição do soberano – de nenhum elemento de poder político estabelecido -, há um sentido em que tais associações não estão sob a égide do poder político ainda que ele procure não ser atacado por elas e muitas vezes intente incorporá-las para seus objetivos. Os não-humanos, assim como os mediadores que nos permitem fazer alianças com eles, estão fora do escopo desse poder e só são afetados por

ele através de uma mediação humana (como o dono da floresta a quem os Modernos sim podem saquear). O funcionamento de um drone, por exemplo, envolve uma associação de não-humanos e objetos técnicos que se acoplam a interesses humanos e que não podem ser cooptados para sempre pelos poderes do estado. A negociação com os elementos não-humanos que fazem os drones funcionarem em uma circunstância qualquer depende dos objetos técnicos que, por sua vez, estão fora do escopo do poder político. As associações que envolvem objetos técnicos são assim: passam ao largo dos poderes políticos que tentam capturá-las de alguma maneira. Em todos os casos, o que está à disposição dessa ordem de poder são os elementos humanos envolvidos nestas associações – os objetos técnicos não são cidadãos.

C V. Gheorghiu escreveu um controverso romance sobre a tecnicização da Europa nos anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial.[9] Nele, os chamados *escravos técnicos* são apresentados como uma população de submissos agentes postos à nosso serviço e que estariam gradativamente tomando o controle da sociedade humana em um episódio de escravos que se tornam mestres. Os escravos estariam então tomando conta do Estado e fazendo uso dele para seus próprios propósitos. A posição de Gheorghiu parece fazer eco a muitas outras de sua época: os objetos técnicos se mesclarão com o poder político e confabularão gradativamente uma tecno-dominação em que os humanos estarão inteiramente enredados. Esta distopia se instância, por exemplo, nos equipamentos de guerra monopolizados pelo Estado, nos dispositivos de controle à serviço da ordem política espalhados por toda parte, nos mecanismos de coleta de informação sobre humanos disponíveis para serviços estatais de inteligência.

Objetos técnicos aparecem muitas vezes como instrumentos de controle. Tecnologias são usualmente desenvolvidas como dispositivos de destruição – para fins de acoplamentos com corpos militares – e vigilância – como câmeras automáticas e drones – ou como equipamentos de aumento de produção. Em todos estes casos, mais do que negociadores com o não-humano, os objetos técnicos parecem, antes, elementos gradativamente incluídos no convívio dos humanos. E, mais do que isso, elementos que se acoplam aos humanos, os transformam em *cyborgs*, tornando-os mais controláveis, menos flexíveis e, talvez menos não-humanos. Os soldados que controlam armas remotas sentado em um painel de controle ficam menos sujeitos às vicissitudes trazidas pelos elementos não-humanos no terreno, mais vigiáveis e, ao mesmo tempo, menos sensíveis ao que ocorre do outro lado do campo de batalha. A guerra é a continuação da diplomacia por outros meios – e os dispositivos de mecanizar a guerra continuam a diplomacia do humano com o não-humano tornando o humano ele mesmo acoplado ao não-humano com o qual ele negocia. Nos casos de equipamentos de guerra, como nos de equipamentos de vigilância e de produção, os objetos técnicos se acoplam aos corpos humanos que passam a ser parcialmente dirigidos pelas necessidades da máquina.

As máquinas influenciantes de Victor Tausk[10] – ancestrais das máquinas desejantes de Deleuze e Guattari no *Anti-Oedipe* – mostram-nos como os corpos podem ser concebidos como sob a influência de uma máquina. Tausk estuda o caso, por exemplo, da paciente Natalija A. que acredita que seu corpo está sendo controlado por uma máquina operada por seu ex-noivo. Ela concebia a mecânica da

máquina como tendo aparatos eletrônicos capazes de determinar seus movimentos e que, ao mesmo tempo, substitui seu corpo. Aqui o acoplamento do objeto técnico ao corpo está em função de um controle humano, mas o resultado é que o desejo deixa de ser um elemento não-humano com o qual há que negociar – um assunto de hormônios, genes, microbiota e fisiologia do corpo – e passa a ser orientado à subserviência a um poder externo. Natalija atribui à máquina influenciante tanto seus movimentos quanto seus desejos. A máquina é parte de um dispositivo que acopla ela e seus controladores externos. Aqui também a mesa de negociação posta para Natalija é reveladora: ela negocia com o não-humano entregando a ele seu corpo. Os corpos adaptados ao acoplamento com a máquina inserem no seu interior as demandas técnicas que tornam o não-humano tratável – a alagmática do humano acoplado à técnica é a do não-humano trazido para o seu interior, no qual é possível *faire corps* com os objetos técnicos que estabelecem as ententes.

O tema do acoplamento com as máquinas é parte do debate recente, que tem muitas dimensões, acerca de um anticapitalismo aceleracionista.[11] O acoplamento margeia também a questão do incremento técnico da produção capitalista por meio da mecanização da produção que localmente diminui a demanda por força de trabalho mas, segundo uma célebre tese marxista aponta para o declínio das taxas de lucro – o problema chamado muitas vezes de *tendência*. De fato, os casos de acoplamento estudados por Tausk são um produto da revolução industrial que colocou as máquinas no cerne do convívio de trabalho. O proletariado foi quem primeiro experimentou o estado de acoplamento. O aceleracionismo defende que são os instrumentos do capital – e sua velocidade – que armam o bote para o capitalismo e que, portanto, há que se conceber o futuro como sendo maquínico, em que os corpos humanos estarão mais e mais acoplados a dispositivos técnicos e o melhor a fazer é erotizar o acoplamento – mesmo que se tenha que trilhar os rastros do (aparente) masoquismo do capital. A promessa então parece ser a de romper o confinamento do humano estabelecido pelas instituições modernas – entre elas o Estado e o Capital – por meio de uma livre entrada de não-humanos em forma de diplomatas técnicos pela porta dos fundos. Em uma interessante seção de seu recente livro de crítica ao aceleracionismo, Benjamim Noys[12] considera a máquina de trabalho e de sexo. O aceleracionismo propõe, ele diz, uma síntese entre o trabalho humano e o desejo humano. Mas com isso, ele paga o preço de trazer erotismo humano para o aborrecido campo do trabalho – e da produção. Noys entende que quando o aceleracionismo pretende encontrar uma forma de erotizar o maquínico, ele mecaniza o erótico. Não se trata, na agenda aceleracionista, de procurar uma outra técnica, uma outra diplomacia com o não-humano, mas de tratar de gostar de um sexo fordista ou, talvez, de uma prática libidinal pautada na vida pós-fordista do cognitariado. O acoplamento com a técnica aqui não fica posto à serviço senão de um esquema de diplomacia onde os elementos não-humanos já estão alistados antes do início de qualquer episódio de negociação.

Ainda assim, o acoplamento, porém, não faz dos objetos técnicos cidadãos – ou consumidores. O estado – ou o capital - tem sempre seu poder limitado às associações humanas e os objetos técnicos são diplomatas dos não-humanos contrabandeados para o meandro das sociedades com estado dos Modernos. Estes objetos não podem ser alistados a causa alguma de uma só vez,

eles resistem ao poder político porque eles habitam na alagmática da diplomacia. É o outro lado do acoplamento – aquilo que responde às associações humanas – é que é transformado com o convívio com as máquinas de produção, destruição e vigilância. O poder político – como o poder econômico - não atua sobre os objetos técnicos, mas atua sobre aqueles que se acoplam a eles. São os humanos tecnicizados que continuam parte de uma sociedade com estado – ainda que os objetos técnicos sejam alheios ao poder político. O que está à disposição do Estado são os elementos humanos acoplados – é sobre eles que pesa o impacto das instituições humanas. Os acoplamentos talvez sejam a aposta dos poderes econômicos e políticos em condicionar os humanos a algumas relações diplomáticas com o não-humano, em detrimento de outras.

4. Seja como for, podemos agora pensar no mesmo fôlego nos coletivos aglomerados sem a presença de poder político tal como aparecem nas discussões iniciadas com Clastres de um lado, e nos coletivos animistas estudados por Descola de outro. Afinal, ambos os diagnósticos apontam para os mesmos coletivos e em ambos os casos há um contraste ilustrativo que nos permite pensar em disposições ontológicas e políticas dos modernos que constituem sociedades com estado e pressupõem formas de naturalismo. Os animistas, que atribuem interioridade ao não-humano ao invés de postular uma natureza que se presta a um conhecimento de substâncias pré-existentes, são os mesmos que resistem ao estado e insistem que todo poder de chefia tem que ser negociado caso a caso e que as instituições não podem retirar a força e a soberania das negociações. Suas práticas e suas técnicas de subsistência, incluindo o xamanismo que articula acordos com os elementos não-humanos de seus ambientes são diplomáticas. Já os Modernos entendem o não-humano como fora do escopo de qualquer articulação diplomática – e entendem mesmo os humanos como parcialmente desprovidos de soberania diplomática uma vez que eles são restringidos pelo poder político instituído (supostamente de uma vez por todas). Os Modernos criaram o dispositivo do recurso: recurso é o não-humano que está à nossa disposição, resguardada a distribuição das propriedades humanas, e recurso é o que está à disposição do Estado, que tem o monopólio da coerção para fazer com que sua população possa servir aos seus interesses (econômicos, militares ou demográficos). A criação do dispositivo do recurso é também a invenção da biopolítica: recursos da fisicalidade, em grande parte independente de qualquer interioridade, estão à disposição do poder político.

Podemos então entender um pouco da dificuldade moderna em pensar as técnicas fora dos marcos das construções teóricas da ciência. As teorias científicas são elas mesmas resultado de construções negociadas com os não-humanos das quais elas tratam – e essas negociação cada vez mais depende da colaboração dos objetos técnicos dos laboratórios. Os Modernos não conseguem desatrelar a técnica da ciência porque não conseguem pensar na ciência senão como um acesso não-mediado a uma natureza pré-moldada. As negociações que envolvem a construção das teorias – e dos experimentos que provêm sua aceitação – são opacas e só transparece à face das teorias como espelhos de uma natureza subsistente. Esta opacidade faz com que as técnicas, elas mesmas, se tornem invisíveis mediadores das relações dos Modernos com os não-humanos – talvez um dos poucos canais de negociação que lhes restou, ainda que

eles não sabem o que fazem. O modelo do xamanismo, onde os não-humanos são convocados e protagonizam acordos que pautam a ação humana, não está no horizonte dos Modernos. Eles usam técnicas, mas as usam cegos pela natureza inegociável e pelo estado que pode inserir poder político em qualquer genuína articulação diplomática. Através das técnicas, os não-humanos seguem falando – e em certa medida seguem sendo escutados – mas sua voz é ouvida como se viesse de parte alguma.

Notas:

1. Tradução do autor do seguinte trecho de *Enquête sur les modes d'existence* (Paris: La Decouverte, 2012), p. 214: "[...] pour mille ouvrages sur le bienfaits de la connaissance objective – et les risques mortels que ferait courir sa mise en cause – il n'y en a pas dix sur les techniques – et pas trois pour signaler le danger mortel que l'on courrait a ne pas les aimer. [...] Que ferions-nous de [la philosophie de la technologie]? Tout le monde le sait que la technique n'est rien qu'un tas de moyens commodes et compliques. Il n'y a rien à penser. [L'ethnologue] continue de s'étonner qu'il n'existe pas plus d'institution legitime pour accueillir les techniques que pour aprendre à transiger avec les êtres psychogènes. Comment les Modernes ont-ils pu rater l'étrangeté, l'ubiquité, oui, la spiritualité des techniques? Manquer leur somptueuse opacité? Elle se met à noter: << On ne sait vraiment pas ce qu'ils *fabriquent*. Père, pardonnez-leur, ils ne savent même pas ce qu'ils font. >>".
2. Cf. *Par delà nature et culture*, Paris: Gallimard, 2005.
3. Op. Cit. 390.
4. Cf. *La chute du ciel: paroles d'un chaman yanomami*, Kopenawa, D & B. Albert (Paris: Plon).
5. A palavra escrita é muitas vezes associada a presença de um déspota, a presença de um elemento em que possa haver éditos. Os coletivos animistas, como veremos, são muitas vezes não-despóticos. Sobre isso, é interessante considerar a importância da palavra escrita na fricção entre as máquinas territoriais primitivas e as máquinas territoriais despóticas tal como ela é descrita por Deleuze e Guattari no *Anti-Oedipe* (Paris: Minuit, 1972). Ver também H. Bensusan, "O cartório e a caixa registradora", in: Trans/form/ação, 35, 3, 97-112.
6. Cf., em particular, *Du mode d'existence des objets techniques* (Paris: Aubier, 1958) e *L'individu et sa genèse physico-biologique* (Grenoble: Jerôme Millon, 1995).
7. Cf. *Societé contre l'état* (Paris: Minuit, 1974).
8. Cf. *Mille Plateaux* (Paris: Minuit, 1980), 441-446. Na edição brasileira, Mil Platôs, v. 5, tradução de Peter Pál Pelbert e Janice Caiafa, 18-24 (São Paulo: editor 34, 1997).
9. Cf. *La vingt-cinquième heure* (Paris: Plon, 1965).
10. "On the origin of the "influencing machine in schizophrenia", J Psychother Pract Res. 1992 Spring; 1(2): 184–206.
11. Cf. por exemplo, Robin Mackay & Armen Avanessian, *#Accelerate – The Accelerationist Reader*, Falmouth: Urbanomic, 2014.
12. *Malign velocities: Accelerationism and Capitalism* (Hants: Zero, 2014), pp. 46-48. As discussões sobre o aceleracionismo e sobre a "tendência" são pontos de partida para pensar a técnica como diplomacia. Deixo o caminho aqui apenas indicado.

#EXCERTO3
MBRAZ

NKWA Y AP (W)B NE AP (W)SANE
MMƆM, MƆNKAE
FA AHƆPAKYI HW AKYIRI
NA KAE

VIDA É ENLAÇES E DESENLAÇES
ENTÃƆ, LEMBRE-SE
VEJA NƆVAMENTE NƆ TEMPƆ
E LEMBRE-SE

Y W NKWANTANAN BI SƆ
W NKWA NE ƆWUƆ NTAM(U)
HWAN NA B KYER Y N KWAN NƆ
HWAN NA B BUE KWAN NƆ

ESTAMƆS NƆS ÇAMINHƆS ƆUE SE ÇRUZAM
ENTRE VIDA E MƆRTE
QUEM NƆS MƆSTRARÁ A PASSAÇEM?
QUEM ABRIRÁ ƆS ÇAMINHƆS?

Y N ARA
B Y N W'ADWENE
B Y N WƆ TUMI
NKAE NE AYARESA NTIRA
NKAE NE AWERET NTIRA

ISTƆ É
PREPARE SUA MENTE
PREPARE SUA ALMA
PRA LEMBRAR E ÇURAR
PRA LEMBRAR E DEÇƆMPƆR

KAE
W "SƆ DE SƆ WƆ MU NƆ MU" SƆ
MFA MMA ƆBI AD ESATƆR MU

LEMBRE-SE
DE SUSTENTAR A ƆUEM TE SUSTENTA
NÃƆ A AFASTE

KENTENE WƆ HƆ
TƆ DWƆM FƆFƆR BI

DESPERTE!
CANTE UMA NƆVA ÇANÇÃƆ

[LIBRE TRANSDUÇÃƆ DE UM PƆEMA GANÊS]

#EXCERTO7

[...]
Que você conheça manguezais
& realidades não-humanas
Que são a essência da Poesia
Que você conheça o sussurro do Sol
Na água ferruginosa dos seus olhos.
(RP, 2008)

Natura | Caos | MetaReal ¿Natureza é até onde percebes! ¡Pejiroquý que, ivaíta ma yvý! | ¿Aépy ojióí jevy, mamória ojirói ápy?

A civilização ocidental [isso é grande demais, não?], naquilo que se origina na filosofia grega [como se houvesse somente a Grécia em determinado momento da história…] ainda guarda em seu cerne algo de aristotélico, ou melhor, de lógica aristotélica. Por sua vez isso se mistura a uma espécie de platonismo cristão que não consegue ver as diversas camadas [instâncias] da realidade. Preso ainda em dogmas de verdade [seja lá o que isso signifique].

Usarei aqui **o conceito de Realidade na sua acepção mais simples: daquilo que é compreendido profundamente como extensão de todas as possibilidades de Existência.** Pois desse modo Existência vai além da capacidade de compreensão do humano, compreende o **Animismo** como extensão da Ciência. Concebe a Existência como o além do limite humano, como aquilo que ultrapassa a si mesmo [self]. Não vou me alongar nisso, alguns poderiam chamar de metafísica, magia, xamanismo e **pajelança**.

Para se ater a uma referência mais conhecida e próxima no tempo, apelo a excertos da fala de Deleuze [mais interessante que seus textos, pois remete a tradição oral], trata-se de uma entrevista:

"Há os conceitos, que são a invenção da Filosofia, e há o que podemos chamar de **perceptos**. Os perceptos fazem parte do mundo da arte. O que são os perceptos? O artista é uma pessoa que cria perceptos. Por que usar esta palavra estranha em vez de percepção? Porque perceptos não são percepções.

…

É Thomas Wolfe. Ele descreve o seguinte: "Alguém sai de manhã, sente o ar fresco, o cheiro de alguma coisa, de pão torrado, etc, um passarinho passa voando... Há um complexo de sensações. O que acontece quando morre aquele que sentiu tudo isso? Ou quando ele faz outra coisa? O que acontece?"

…

Para mim, os afetos são os devires. São devires que **transbordam daquele que passa por eles, que excedem as forças daquele que passa por eles.** O afeto é isso. Será que a música não seria a grande [uma das] criadora de afetos? Será que ela não nos arrasta para **potências acima de nossa compreensão?** É possível.

…

Eu sonho com uma espécie de circulação entre uns e outros, entre os conceitos filosóficos, os perceptos pictóricos, os afetos musicais. E não é de se espantar que existam repercussões. Por mais independentes que sejam estes trabalhos, eles se penetram constantemente."

Além dessas potências [possibilidades] acima de nossa compreensão temos a Paradoxa, aquilo que sabemos existir mas não queremos aceitar como Realidade. Campo vasto, amplo e complexo. Para essa jornada, a bússola da lógica clássica não serve mais. Essa jornada é a dXs misticXs, o lugar onde se

ultrapassa tanto o Real quanto a si mesmo… a característica que define tanto o Xamã quanto o Pajé: ir aos locais do desconhecido e voltar para relatá-los. Não importa muito qual é o Oráculo ou qual a técnica utilizada, há tantas quantos corpos existirem. Pois no limite dos corpos, essa técnica é encontrada. Por isso chamaremos esse modo de compreender profundamente as diversas camadas do Real de Extâse. A Poesia do Êxtase.

A seguir uma tabela onde se compara a lógica clássica [e sua profunda limitação] e uma possível tabela a partir de lógicas paraconsistentes [metaconsistentes, lá onde a verdade não é o limite já que essa mesma não pode ser definida].

Dessa triste lógica binária [na real, monoteísta, pois conserva a verdade como referência única]. Tudo que não é verdadeiro [???] ou em oposição é falso ou desconhecido. Coloca-se o desconhecido como o lugar em que não pode haver realidade [!?].

Onde houver X desconhecidX, lá caminharemos [Magia].

Além do pensamento binário/trinário [lógica booleana dogmática]
X
Tabela das Camadas Mágicas [MetalConsCi(est)encia]

A	B	A ou B	A e B	Não A
Verdadeiro	Verdadeiro	Verdadeiro	Verdadeiro	Falso
Verdadeiro	Desconhecido	Verdadeiro	Desconhecido	Falso
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Falso
Desconhecido	Verdadeiro	Verdadeiro	Desconhecido	Desconhecido
Desconhecido	Desconhecido	Desconhecido	Desconhecido	Desconhecido
Desconhecido	Falso	Desconhecido	Falso	Desconhecido
Falso	Verdadeiro	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro
Falso	Desconhecido	Desconhecido	Falso	Verdadeiro
Falso	Falso	Falso	Falso	Verdadeiro
MBraz	MBraz	MBraz	MBraz	MBraz
A	B	A ou B	A e B	Não A
Percepto	Percepto	Percepto	Percepto	Paradoxa
Percepto	Magia	Percepto	Magia	Paradoxa
Percepto	Paradoxa	Percepto	Paradoxa	Paradoxa
Magia	Percepto	Percepto	Magia	Magia
Magia	Magia	Magia	Magia	Magia
Magia	Paradoxa	Magia	Paradoxa	Magia
Paradoxa	Percepto	Percepto	Paradoxa	Percepto
Paradoxa	Magia	Magia	Paradoxa	Percepto
Paradoxa	Paradoxa	Paradoxa	Paradoxa	Percepto

ALI ONDE O GAVIÃO DO NORTE RESPLANDECE

SUA SOMBRA

ALI ONDE A AVENTURA CONSERVA OS CASCOS

DO VODU DA AURORA

ALI ONDE O ARCO-ÍRIS DA LINGUAGEM ESTÁ
CARREGADO DE VINHO SUBTERRÂNEO

ALI ONDE OS ORIXÁS DANÇAM NA VELOCIDADE
DE PUROS VEGETAIS

REVOADA DAS PEDRAS DO RIO
OLHOS NO CIRCUITO DA URSA MAIOR

NA INVESTIDA LOUCA

OLHOS DE METABOLISMO FLORAL

ALMOFADAS DE FLORESTA
FOCINHO SILENCIOSO DA SUÇUARANA COM
PASSOS DE SABOTAGEM

CARNE RICA DE EXU NAS COURAÇAS DA NOITE

GAVIÃO-PRETO DO OESTE NA TEMPESTADE
SAGRADA

INCENDIANDO SEU CRÂNIO NO FRENESI DAS AÇUCENAS.

(RP, 2008)

AVA ÑE'Ë Mβrã3

EROSÃO & RESTAURO

PHILIPPE WOLLNEY

"espiritualidade se manifesta na impossibilidade da imanência de sustentar um sentido para a vida, na coerência no pensar, falar e agir, e se revela por processos intuitivos, linguagem indireta, poética e simbólica"
Ferdinand Bohr

"os profetas são encarnações de estados da consciência"
Roberto Crema

"devemos colocar o pensamento contra o pensamento (filosofia é o trabalho crítico sobre o próprio pensamento) – deverá ser uma prática comum, para qualquer um, e não exclusivamente dos 'filósofos', a prática o levará à ética como estética da existência (não há como negar, negligenciar a política). inventar a si mesmo como arte, a vida como obra de arte"
Foucault

"hoje, a morte habita a justiça"
Passetti

EROSÃO:

"transformações econômicas vão desarticulando as comunidades – tanto no nível rural como no nível urbano – o que pode ser considerado como erosão cultural. perde-se as práticas culturais, os dados culturais acumulados histórica e tradicionalmente por certos grupos sociais"
Whitaker

"não é possível atualmente o neoliberalismo gerar riqueza sem provocar violência, guerra. tornaram-se antagônicos valores como progresso e paz, direitos humanos e desenvolvimentos"
Frei Aluizio

"que esperar de mim? / não sou ninguém / não me puxe pelo braço / sou revel / a minha consciência é o verme / e eu sou o cria corvos"
Sebastião Uchoa Leite

afasto a fuligem dos olhos com o sopro frio que anuncia as chuvas de verão : limpo o mês de dezembro : o ar menos denso por sedimentar todo o carbono cuspido pelo canavial sobre as válvulas & caldeiras & destilados & cristo branco cristalizado : esse demônio sucrolizado cânone econômico dos tropicais em desenvolvimento : ruas mudas o medo é uma musa diabólica que vicia pela publicidade de sonhos parcelados : crediários & crematórios : neons e velórios : letreiro eletrônico anunciando o nome do defunto: o autoexílio não garante a eminência de parricídios & suicídios & jogar a criança junto com a água suja : passada a era da ***eletrodomesticação****, a selvageria do sexo virtual em hiper-sub-mundo de bits & clicks & erguem-se babilônias de simulacros da vida não-privada em faces-flickrs-blogs-kuts - o cú or butt & da minha janela virtual ou não [já que isso não mais importa] assisto incinerar por mais uma noite lixo doméstico : sofá restos de almoço papel de banheiro rato morto defunto aviário panos de feridas : crianças entre as chamas & o esgoto em minha sub-estação-reptiniana goianagonia em*

pernambucanalha : uma história de contradição-sobreposição-não-linear de séculos & sacaroses & celuloses & celulites & sanatórios : um escritor louco & sem "bom-gosto & bom-senso" entre a crise do econômico & do ecológico : entre os microestados do narcotráfico & os microprocessadores da microsoft & marisqueiras : entre iphan & i-phones & impostos & importados & china & chique & chico & chopp & champignon & charque : o rural urbanizado & deteriorado & homogeneizado em plantations & agrotóxicos & vinhoto sobre o solo lixiviado : compartimentado : salinizado : águarrim : controles artificiais de comportamentos sociais que já não condizem mais ao idílico hectare da lavoura familiar : apesar destas levarem o alimento a mesa : b-boys & boias frias & bumba-meu-bois & black birds escoam na magahertz banda larga via satélite de tradição & tradução : pop-pobre-puta mpbunda num muro moralista classe-médiocentrista – quem aparece mais num trio midioelétrico? : a zona da mata pernambucana mata mesmo : mulheres pretas de floresta infantis em seus esforços de mães-viúvas-videntes & sobreviventes de holandesas batalhas a ferro & fogo & pau & pica & pus & pesca & palha : marisco-muqueca frutos da maré que salga a carne como se se preocupasse em conservar mesmo que a seco o couro de um céu crespo em mamas murchas magras : crianças sem calço e cabaço imaginam nuvens na espuma de bar na ira da boca no infecto rio na fenda ferida na fria forquilha na fome falange avante nas ruas tortas & lamacentas & lamuriosas & iluminadas por postes de mercúrio que não cicatrizam & nem envenenam apenas nos alumia num tom de dor & fim de tarde & de luas ao alcance das mãos : homens que cortam & cantam & comem & cospem & dançam & doem & dormem & adoecem & adocicam & domesticam a fome & a sede & o medo & a morte & depois-da-morte voltam & matam & bebem & fumam & falam & calam sentados velhos-pretos de pelos brancos & tragam fumo & sonhos em tamborete & num canto de parede & no balcão do bar : num só trago envenenar as várzeas do sirijí & capibaribe mirim : os fantasmas e fantoches destas terras de cidadelas & engenhocas : memória de uma pororoca de opressão

RESTAURO:

"no universo existem inúmeros compassos, dês/compassos, ritmos simultâneos, sem contradição, direções distintas ao mesmo tempo do mesmo corpo, sem anulação e tudo mantido pelo tempo. o tempo passa por nós, e sentimos seus efeitos, do passado e do futuro"
Jorge Mautner

"ao dizer a palavra, expressamos também a existência. se edificarmos um viver mais amplo e integrado, também assim expressaremos a nossa palavra"
Roberto Crema

"o mundo real não se manifesta através da álgebra, geometria ou física, mas mostra-se no seu todo. Do mesmo modo o homem e sua ação não se manifestam independente de seu entorno natural, social, cultural e emocional"
Ubiratam Ambrósio

pendões floriram no verde silêncio : pássaros – meus filhos legítimos com a ave óvni virgem : degustam a brisa & o pôr-do-sol & várzeas & vertigens & cogumelos & lírios & chás & chãs : ao longe pés de ipês flocam os restos da mata com o seu próprio sol : irmãos de fluxo & flúido o capibaribe-mirim & o tracunhaém na simbiose das águas : jovens foragidos do concreto : fugidos do asfalto cortam bambus & jangadeiam no açude imitando

jacarés de papo amianto num dia de sol & de nuvens também sobre seixos & segredos & sexos & schitosomas : miragens de monstros guaiamus arrasando sob as patas igrejas de calcário sinistros calvários de negros sisudos: mas o perdão por essas terras unem os desejos de viver : verdes vergéis de angico & vajucá & jurema preta & branca assombrações do jaraguá : oxum exu axé xangó xamã : pretos antiquíssimos deuses ainda mais : luas & loas caboclo de urorubá elús & ebós: astronautas baixam num ponto-ponte canto-iluminado num toré profano colérico esperanto : a tecnoumbanda soa nas periferias & nos seus terreiros-terraços de pouso & download de mistérios :

simultaneidades antropófagas num presente tempo líquido onde um otimismo embutido chora & delira em nosso carnaval shivaísta dionisíaco brasileirificando o mundo : um buraco negro no centro do caminho de leite brinca de babá de supernovas & pesadas senhoras anãs vermelhas imaginam nebulosas sedentas & brilhantes & brincantes & bacantes & sensuais produtoras de sóis que inutilmente iluminam a matéria escura porque a alma não tem cor : um novo modo de olhar & buscar & decifrar é através das fissuras & rasuras & brechas & fendas do pensamento : & nós em mosaico & replugados no umbigo de gaia & na mente de maia & no samba de shiva & no pão de cristo & yin-yang-jung-engenho cumbe & harebol-beleza-de boa-a toda-cantando loa & axé-odara & kaos com k & quilombo de catucá negro malungo nas bandas de cá & negro zumbi de palmares nas bandas de lá & todos os anjos & demônios & deuses & eu tocando & cantando & dançando numa espiral de luz & poesia é vida seja falada ou escrita & escrever é um ato sagrado & recitar é imitar deus & estar aqui é ser o diabo & krishina dança maracatu & vi a calunga nas mãos de omoluru & exu declama no megafone o poema que virou prece & a jurema sagrada abre os braços & sacia minha sede com a seiva dos astros & o yorubá tatua no peito o símbolo do tao caça um mantra na mata no silêncio do sol & uma procissão em confetes & serpentinas reza dançando para cristo-tupã & alfaias despertam brahma & este passeia num bumba-meu-boi & um xamã traga o arco-íris & dilata a pupila de osíris & na dança circular com pachamama & iemanjá tocam rabeca & pandeiro alá & jah

AUM-OM-UM



Ciber Pajé,
Edgar Franco
(nesta página, 152 e 160).

ENTREVISTA AO CIBERPAJÉ

EDGAR FRANCO

VIAGEM PSICONÁUTICA COM UTILIZAÇÃO DE COGUMELOS (PSILOCYBE CUBENSIS) E PROCESSOS CRIATIVOS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS POÉTICO FILOSÓFICAS

Entrevista concedida à IV Sacerdotisa da Aurora Pós-humana Danielle Barros (Pesquisadora doutoranda da Fiocruz - RJ), no dia 12/02/2014.

No dia 11 de fevereiro de 2014, Edgar Franco – o Ciberpajé, artista transmídia, pós-doutor em arte e tecnociência pela UnB, doutor em artes pela USP, mestre em Multimeios pela Unicamp e arquiteto pela UnB - e Matheus Moura – quadrinista, editor de quadrinhos e mestre em Arte e Cultura Visual pela UFG – realizaram um experimento de viagem psiconáutica, na oca do Ciberpajé, em Goiânia. O relato e desdobramentos desta experiência serão abordados nesta entrevista.

Antes de iniciar a entrevista, abro com um aforismo postado pelo Ciberpajé em sua rede social no dia seguinte à experiência, que traz uma tentativa de descrição dos sentimentos que transbordavam visceralmente de seu ser. Antes de postar, Edgar Franco me disse: "Fortemente impactado pela experiência de ontem. Não esperava que aconteceria algo assim. Foi incrível e aterrador"; e postou o que segue:

"Sou tão inocente em minha petulância de achar que conheço algo. Eu achava que conhecia as plantas, sabia o que elas são. Eu aprendi algo de biologia, plantei, achei flores belas e frutos saborosos, mas até ontem eu não conhecia absolutamente nada de uma planta, era um completo ignorante sobre elas. Angiospermas, gimnospermas, esporos, sementes, polinização, tudo isso me faz rir agora, as categorizações e as caixas. Mas ontem eu chorei, chorei de tristeza e de êxtase. Ontem um velho e imponente coqueiro do jardim conversou comigo, permitiu-me entrar em sua essência, vislumbrar as ranhuras e os ferimentos de seu tronco, tão marcado. Eu senti dentro de mim toda a sua luta silenciosa e solitária para resistir ao vento, em silêncio, eu senti o êxtase de sua conexão com a terra e a história ancestral da vida contada em cada microssulco de sua casca - inscrições de uma escrita cósmica que eu consegui desvendar naquele instante. Eu senti o vento e a chuva abraçado ao coqueiro, ou melhor, amalgamado ao coqueiro. Eu sou o coqueiro, sua impetuosidade viril e fálica, seu silêncio universal que grita. Ao saber mais sobre o coqueiro, soube menos sobre mim mesmo. E quando eu o

abraçava e tornava-nos unos, outra planta me tocou e me falou que eu jamais havia olhado para ela. Ela disse a verdade, sempre ali imperceptível para o meu olhar cotidiano enviesado e viciado pela percepção embotada daquilo que passei a acreditar ser a realidade ordinária. Chorei de tristeza por mim, não por elas, de descobrir estupefato como sou um mistério, e chorei de alegria por finalmente conhecer um pouco o que são esses seres mágicos, os vegetais. Ah como a linguagem é limitada, estou relendo isso aqui e não consegui expressar nem um milésimo do que senti. Ontem visitei tantos lugares, vi galáxias perdidas, vi seres maravilhosos e aterrorizantes. Quem sou eu?"
(Ciberpajé)

Edgar Franco é artista transmídia, professor doutor que se declarou Ciberpajé em seu aniversário de 40 anos, através de um método de transmutação e renascimento inventados por ele tendo como base seu universo ficcional da "Aurora Pós-humana". Na perspectiva de suas concepções poéticas, Franco é um ser pós-humano e esta experiência integra uma pesquisa independente sua e de Matheus Moura sobre processos criativos de histórias em quadrinhos sob efeito de enteógenos, as chamadas "plantas de poder", vulgarmente conhecidas como plantas psicoativas, ou alucinógenas. A experiência foi previamente combinada e estruturada entre Matheus Moura e Edgar Franco, visando à criação de uma história em quadrinhos em parceria criativa entre os dois durante a viagem psiconáutica, realizada com a ingestão de 14 cogumelos Psilocybe Cubensis. Franco já havia realizado outras experiências utilizando esse cogumelo, na verdade um fungo e não uma planta, e criado HQs, uma delas foi publicada na sua revista Artlectos e Pós-humanos # 7 (Editora Marca de Fantasia, 2013), mas essa foi a primeira vez que realizou parcerias criativas durante a experiência.

Edgar Franco, no dia seguinte à experiência, foi contatado por mim, Danielle Barros - IV Sacerdotisa da Aurora Pós-humana, pesquisadora e entusiasta de sua obra – e ele estava ávido por relatá-la. Entusiasmado em falar, o pensamento e as lembranças viajavam mais rápido do que Franco conseguia escrever. Esta entrevista, realizada pelo chat de uma rede social, mantém o formato de conversa informal. Ela permitirá ao leitor viajar e mergulhar um pouco nessa experiência incrível do Ciberpajé, suas percepções, criações e visões, de outros mundos e dimensões que visitou.

DANIELLE BARROS (DB): Como surgiu a ideia de realizar essa "viagem psiconáutica"? Qual era a busca de vocês? Como foram os preparativos? Conte-nos o começo dessa experiência para nos situar.

EDGAR FRANCO (EF): A ideia era criar uma HQ durante a experiência, ou seja, experimentar processos criativos sob o efeito da substância psilocibina encontrada nos cogumelos *Psilocybe Cubensis*. A princípio, Matheus Moura, desejou criar ambiências mais complexas e dar um direcionamento à experiência, como por exemplo, propondo um tema "básico" para as criações. No entanto, discordei e propus que essa primeira experiência fosse o mais livre possível. Então organizamos o espaço, selecionamos belas músicas ligadas para nós a esse universo do transe: Anathema, Faun, Omnia, Phuture Primitive, Shigurui, The Moon & Night Spirit e Merkaba, entre outras. Separei canetas que uso para desenho, lápis de cor, uma prancheta de mão e papel. Colocamos

dois colchões no chão da área de serviço da oca do Ciberpajé, posicionados para a visão do quintal da casa com muitas árvores. Curiosamente, minha esposa Rose – a I Sacerdotisa da Aurora Pós-humana – sugeriu a Matheus para se acomodar na rede que temos na área de serviço e ele gostou da ideia e passou 90% do tempo da experiência dentro dela. Bem, depois desses preparativos iniciais, Rose nos deixou a sós e saiu de casa. Então tomamos a "mistura mágica", ela foi feita utilizando 13 cogumelos desidratados que tinham sido cultivados por Matheus Moura, e 1 cogumelo desidratado cultivado por meus pais e por Anésio Neto, e suco de uva integral - tudo batido no liquidificador e dividido em duas porções iguais. Por volta de 3 horas da tarde bebemos a poção, que pela cor lembrou Matheus Moura da poção mágica de Asterix. Deixamos a música ligada no *random* com todas as bandas escolhidas - o que foi uma ideia sensacional, pois os climas sonoros mudavam a todo instante auxiliando a produzir novas percepções e visões. Matheus colocou um incenso pra queimar. E nos deitamos, ele na rede eu no colchão no chão - eu sempre de olhos abertos, vislumbrando o quintal em parte do tempo, a parede do fundo em outros momentos e também o teto. Em todos esses pontos focais tive visões transcendentes inexplicáveis!

DB: Como eram essas visões/sensações?

EF: Vivenciei visões intensas durante toda a experiência, vou relatar algumas delas: Inicialmente vi nas folhas do abacateiro do quintal formar-se uma espécie de velho sábio ancestral com longa barba que se movia ao vento, olhar nervoso e fixo em mim. Depois essa imagem transformou-se na de um LOBO enorme, só a cabeça do lobo na verdade, com orelhas pontudas e muito longas, e de lobo ele foi mutando-se em muitas criaturas: macaco, cão, um louva-a-deus e então um rato, um coelho. No teto, que tem telhas onduladas e com manchas, eu vi inicialmente a pele de múltiplas serpentes que começaram a dançar e a enroscarem-se! Detalhe: Matheus também viu serpentes ao olhar para o teto em um momento! Mas depois das serpentes, as imagens do teto formaram uma espécie de "cosmos de luz azulada" e o teto em si sumiu, e aí vi milhões, talvez bilhões de criaturas caminhando por uma longa estrada, por uma paisagem psicodélica, colorida viva e pulsante. Era como um grande "êxodo" e elas seguiam em direção ao horizonte, o céu era azul brilhante, e tinha dezenas de planetas coloridos de alaranjado, vermelho e cinza.

Mas as visões mais impressionantes das duas primeiras horas da experiência aconteceram na parede do fundo da área de serviço, que tem umas manchas de carvão deixadas pela churrasqueira do antigo dono dessa casa. Ali foi um êxtase! A parede é escura com essas manchas, então eu vi o universo, muitas galáxias e supernovas, mas a visão mais impressionante foi de uma exuberante e grande mãe cósmica!

Essa mãe cósmica parecia feita de estrelas, seu corpo tridimensional brilhava com muitos pontos luminosos e ela era escura como o negro do cosmos. Ela tinha uma cabeça altiva, olhos grandes e centenas ou milhares de grandes seios que iam descendo por seu corpo "serpentálico", até sumir em perspectiva no universo. Num momento vislumbrei algo que pareceu uma vagina enorme entre os seios, mas sumiu, e tinham coisas que pareciam pequenas NAVES espaciais, em formato de charutos, que ficavam circulando a mãe e tocando o bico de seus seios. Vislumbrei essa imagem pelo que me pareceram horas! Mas penso que na realidade foram uns 15 minutos. Até tirei fotos da MANCHA



que se tornou essa mãe cósmica! (Nota durante a revisão: Dias depois me deparei com a figura da deusa pagã “Diana de Éfeso” e fiquei estupefato com a sua semelhança com o ser que vi durante a experiência).

Nesse momento, Matheus levantou-se da rede e veio me falar da sensação intensa de calor que sentia e que estava experinciando dentro da rede, ele suava muito e sentia algo como se estivesse passando por uma “pajelança”, com aura de cura. Ele relatou que parecia que a rede sugava toda a luz e energia do sol. Eu falei da visão da mãe cósmica para ele, então as duas imagens se chocaram: ele falando do sol (princípio masculino) e eu da mãe universal (princípio feminino). Peguei o papel e comecei a desenhar. Faço aqui um parêntesis: o primeiro exercício criativo da viagem não foi este, foi o de desenhar após ler uma poesia escrita por você, Danielle Barros, a IV Sacerdotisa, mas pelo fluxo de lembranças irei continuar a relatar este, e depois relato esse da sua poesia.

Continuando, desviei o olhar de novo para a mancha na parede e a “mãe cósmica” estava lá! Do mesmo jeito, mexendo-se lentamente e sensualmente! Pensei que a imagem sumiria, mas não! Mesmo com toda a dificuldade do impacto da experiência naquele momento, comecei a desenhá-la como podia, sem me preocupar com a qualidade plástica do desenho. Matheus ficou de pé, me observando. Ele viu o desenho nascendo e lhe pedi que dissesse algo, e então recitou a frase: “Lágrimas, lágrimas por todos os poros”. Essa frase abriu a parte textual da HQ. Matheus observou que o desenho da mãe criava uma conexão com minha perna no ângulo que ele estava e brincou com isso, para ele o desenho e meu corpo eram uma coisa só, ele tentou fotografar, mas disse que a máquina não captou nada! (risos). Então tirei a primeira folha e comecei a desenhar o meu pé e joelho, e surgiu um desenho infinito, pois representei “desenho desenhando desenho” e assim por diante. Mais tarde, ao fim da experiência, ao reverem o desenho, minha esposa e Matheus disseram que o desenho não parecia ser meu! Em volta do pé maior eu desenhei um circulo induzido por uma imagem que pareceu vir do fundo do papel. Pedi a Matheus que dissesse algo para o texto da página, ele se sentiu pressionado, e incomodado, e a única coisa que disse foi: "Ao Sol". Então escrevi “AO SOL” na página e mostrei para ele. Ele viu, me entregou e começou a falar sobre o sol, o sol como deus, como grande fonte da vida, aproveitei a deixa e escrevi uma frase solta das que ele disse em outra página: "O Sol como a real Divindade".

E a partir dessa frase lembrei-me dele falar da rede como “atratora de luz”, e comecei a desenhar a rede que virou uma VAGEM com um sol ao fundo, a rede vagem viva, um desenho simples, mas com certa força poética. Matheus viu o desenho, se desinteressou do processo criativo, absorto pela experiência, continuou de pé e foi olhar o quintal mais de perto. Então eu comecei outro desenho. Esse quarto desenho, Rose e Matheus, disseram mais tarde não ser meu, e nem eu reconheci-me nele! Matheus assistiu o começo de seu surgimento no papel. Em minha visão apareciam linhas brilhantes no fundo da folha branca e eu simplesmente seguia essas linhas e desenhava sobre elas. Matheus viu o começo do desenho e falou: “- Um Dragão!”, depois ele saiu e foi deitar-se na rede, não se importava mais com arte ou processo criativo, a experiência estava impactante demais. Terminei o desenho como pude e escrevi a partir do que Matheus disse: "O Sol é um dragão, um dragão, um dr...". Coloquei as quatro páginas da HQ à minha frente no colchão (Figura 2), tirei uma foto e voltei a

me deitar para incrivelmente viver momentos ainda mais intensos. Mas nessa fase, entre as 17h30min (acho) e às 19h30min seria impossível desenhar algo!

DB: DR é o que? Neste desenho você utilizou pincel?

EF: DR é o começo da palavra "DR"agão, eu fui aumentando a letra e saiu da página! Não usei o pincel, eu tentei usá-lo no nosso desenho da poesia, mas a coordenação com ele não estava boa, então optei pela caneta nanquim de ponta fina. Usei-a no resto da experiência, foi uma opção consciente para conseguir melhores resultados.

DB: Vi que vocês conseguiram criar a HQ nessa viagem psiconáutica. Matheus tinha levado algum texto previamente escrito? Conte-nos mais como pensaram esse processo "método-louco-intuito-criativo"?

EF: Sim, como você percebeu, consegui realizar com Matheus uma HQ! Mas confesso que foi complicado. Inclusive, como já ressaltei Matheus e Rose acharam que as páginas finais nem parecem que fui eu quem desenhou. Fizemos algumas fotos, tem uma em que apareço desenhando a primeira página, tentando com pouquíssima coordenação desenhar a mãe cósmica que vi na parede, essa fêmea descomunal de seios enormes, dezenas de seios em que espaçonaves vinham tocar os bicos. Ela se mexia lentamente e sensualmente. O desenho, ele é um arremedo, foi o que consegui fazer naquele momento. Mas foi importante como parte da experiência, como um registro atávico do momento em que eu vivia aquilo. Eu desenhava e Matheus, com muito esforço, - pois para ele foi mais difícil – ditava o texto. Ficamos na área que dá vista para o quintal, Matheus na rede e eu no chão. Foi nesse ambiente que a HQ nasceu. Mais tarde eu fui para o jardim e fiquei lá por um longo tempo. Matheus ficou quase todo o tempo na rede e se levantou algumas vezes pra falarmos, mas ele ficou de olhos fechados a maior parte do tempo, e eu de olhos abertos.

DB: Matheus também desenhou?

EF: Não, mal conseguiu balbuciar algumas palavras para o roteiro. A experiência foi deveras impactante para ele, no começo sentiu forte emoção e vontade de chorar. Já eu, que nunca tinha chorado, no final chorei como uma criança. Minha esposa quando chegou se assustou; pois eu estava chorando copiosamente e tentei explicá-la sobre minha vivência com o coqueiro do jardim, ela não entendeu nada. Ela preferiu estar fora durante o período da experiência para deixar-nos mais à vontade. O final de minha viagem foi muito emocional, como o início da de Matheus. Os fluxos dinâmicos enteogênicos deixaram-me em um estado hipersensível e me implodiram. Inicialmente tive medo, pois vi que conheço ainda pouco de mim, mesmo diante de minha ancestralidade, mas depois vivi um êxtase profundo. Chorei de medo, depois de tristeza pelo desconhecimento de mim mesmo, depois de ÊXTASE pelo maravilhamento. Chorei muito. Mas isso foi só no final, eram 20h00min.

DB: A HQ foi feita dentro da proposta imaginada? Ou a intenção primeira não era primordialmente a produção artística em si e sim a experiência transcendente como um todo?

EF: Bem, quando você se dispõe a realizar uma experiência dessa natureza, objetivando CRIAR uma HQ, mas já tendo vivido experiências anteriores assim, você sabe que no final isso (criar uma HQ) terá

pouca importância dentro de todo o processo de mergulho no abismo. Mas fizemos a HQ!

Depois de tudo que sentiu e viveu na experiência, Matheus, altamente impactado e confuso, disse-me: "- Deu vontade de desistir de tudo, do doutorado. Isso não faz sentido!" E eu o compreendi perfeitamente! Após viver um drama cósmico, ser obrigado a citar idiotas arcaicos e travados para analisar algo que foge completamente ao inocente método científico é como querer ensinar pedras a dançarem. O impacto é profundo. Uma experiência assim pode ser perigosa para aqueles que tiverem um coração duro, maldoso, ou frustrado. No entanto conversei com Matheus sobre a importância de unirmos a realidade vegetal à realidade validada, e como, na perspectiva da pesquisa acadêmica, podemos legitimar a importância e impacto dessas experiências no mundo dito "real".

DB: Que percepção grandiosa. Peço licença para compartilhar algo. Certa vez passei por uma experiência de encarar um acidente de perto, e ficar diante da morte, e pensei "o que estou fazendo da minha vida? Estou perdendo tempo com coisas, mestrado, vida acadêmica, elas valem a pena?". Quando Matheus disse isso eu o entendo, mas creio que a sabedoria está em transitar os mundos. Se uma pessoa faz um doutorado para seguir a carreira acadêmica, pra ser um professor, por exemplo, ele deve dançar essa música, - sem se vender ao sistema, - tendo a clareza de sua percepção da vida! Então, se por um lado o doutorado não tem sentido, por outro tem, pois além de buscarmos uma forma de 'sustento' e trabalho, nele encontramos um meio para disseminar nossas visões de mundo e influenciar pessoas, realizar-nos. Além disso, assim como em uma viagem psiconáutica, ao estar num acidente você também vislumbra que o corpo não é tanto, porque dentre as possibilidades de acidente existe a de morrer, então você vislumbra que a vida é mais do que isso!

EF: Sim, essas experiências têm paralelos. Naquele momento do acidente, você limpou instantaneamente seu coração de toda a idiotice que te cerca, e viu o que importa, acontece isso comumente também durante uma experiência com enteógeno, como a que tivemos. A diferença é que mesmo muitas coisas que parecem importantes e que você focaria ao ver um acidente, também perderão o sentido. Eu disse a Matheus: - A vida "ordinária" pode ser mágica, ela é algo simples, e como artistas, precisamos de canais para difundir o que fazemos. E no fundo, a frustração de Matheus foi a percepção da dificuldade de mudar o mundo que está tão longe do que experienciamos. Mas Matheus, como eu, é um revolucionário do espírito humano. E como todo revolucionário da alma, temos crises de ascetismo. Quando desejamos deixar tudo e irmos pra montanha. Eu tive a coragem de misturar tudo, e eu não tenho medo de falar dessas experiências na academia, pago alto preço por isso: sou tachado de louco, naif, hippie, inocente, e blá, blá, blá. Mas cumpro certas regras necessárias ao túnel de realidade acadêmico e com isso mantenho-me no meio e com a liberdade devida.

DB: Sim, quantas vezes já quis abandonar tudo... Você disse que "uma experiência assim pode ser perigosa para aqueles que tiverem um coração duro, maldoso, ou frustrado". Gostaria de aproveitar essa deixa para falarmos sobre o "ego". Penso que uma viagem assim – para a maior parte das pessoas que convive com sentimentos como ciúmes, raiva e complexos – seria muito

forte. Pois, se por um lado, uma visão do cosmos poderia mostrar o quão ridículo é nutrir estes tipos de sentimentos, por outro, penso que para aqueles que não estejam preparados, poderiam ver crescerem seus demônios interiores. Talvez, a percepção da experiência fique prejudicada por interferência do ego. Ao invés de transcender, a pessoa pode ficar mais aterrorizada? Porque o ego nos machuca tanto?

EF: Porque acreditamos que somos o EGO, essa percepção de individualidade, de unicidade, diferenciação. O ego é o que acreditamos que somos, o fantasma que criamos para nós mesmos. Silenciar o ego é complicado. Como você vai silenciar/matar aquilo que ACREDITA SER VOCÊ, aparentemente é um suicídio. Você não quer, você quer continuar sendo o que acredita ser. Mas quando você tem experiências transcendentes, você percebe que simplesmente o ego é uma fotografia desbotada que mostra um ângulo seu apenas, e você é HOLOGRÁFICO, você é multidimensional, e o tamanho e complexidade dessas múltiplas dimensões é o tamanho do Universo! Mas não é nada fácil. Meu ego está aqui, convivo com ele, e se sofro ainda é só por causa dele. Tenho aprendido lentamente a minimizá-lo, a torná-lo o que ele é, só uma parcela mínima de meu ser, de minha complexidade cósmica. O final da jornada será fazê-lo apagar-se, mas não tenho pressa, sou um aprendiz. Quanto a você, terá uma boa viagem psiconáutica ainda. Você tem um bom coração. Vai doer, vai ser impactante, mas será mágico. Por isso quando chegar o momento: MERGULHE!

DB: E agora, como se sente? Ainda há vestígio da substância em você agindo? E o sabor é como? Amargo, doce?

EF: Os cogumelos foram ingeridos misturados ao suco de uva, absorção bem rápida, em 15 minutos já começou o efeito. Cogumelos desidratados e batidos com suco no liquidificador. Bem, ficou com o gosto de SUCO DE UVA! (risos). O etnobotânico Terence Mackenna dizia poeticamente que os esporos do *Psilocybe Cubensis* são criaturas de outra galáxia, seres extraterrestres que vieram para nos contar histórias do cosmos! Uma bela imagem poética do cogumelo! Hoje me sinto bem, o efeito da substância passou, mas o efeito que ela causou no meu *self* não, é PROFUNDO DEMAIS! Estou ainda altamente impactado, sentindo-me estranho, mas alegre e sereno. Estou me sentindo leve e pesado agora, totalmente PARADOXAL, mas é isso. Sinto-me nesse instante como uma pluma e como um saco com toneladas de chumbo!

DB: Como é isso?

EF: Vou tentar expressar, mas certamente será um arremedo. Meu coração está leve, pois vi que todos os complexos e besteiras que acho que fazem parte de mim, não são nada, ele viu mais uma vez que o LOBO É O COSMOS! E ele teve certeza disso, está leve, dançando entre as galáxias que vislumbrei ontem. Mas certos paradigmas anteriores que estão mortos com a experiência são difíceis de deixar ir embora, sinto ainda o peso deles, uma melancolia estranha por estar deixando-os ir embora, livrando-me deles, esse é o peso. Por isso sou leve como uma pluma e pesado como um fardo de chumbo! Sinto até uma "leve dor de cabeça".

DB: Então esse Edgar que estou conversando hoje não é o mesmo de ontem?

EF: Sinceramente, não sei! Eu estou aqui, pareço ser o mesmo. E as atividades triviais como digitar no computador, estar

nesse estúdio aqui agora parecem induzir certa normalidade que retorna à noção de percepção ordinária. Isso é uma espécie de vício uterino: a nossa percepção ordinária. Achar que enxergamos a realidade. Por isso uma experiência impactante como a de ontem, com um enteógeno colocanos totalmente em xeque em relação à realidade, ou ao que acreditamos ser a realidade.

DB: Depois de tudo que você viveu nessa viagem, como conseguir manter a visão do todo e dos detalhes, sempre, sem cair nesse vício ordinário?

EF: Eu já experimentei algumas formas poderosas de deslocamento dessa percepção ordinária, cada uma tem sua estrutura e causa aberturas diferentes, a magia sexual é um jogo poderoso de energias, pulsão criativa e equilíbrio interno. A psilocibina é uma implosão de todas as realidades internas, você continua ali, mas toda e qualquer verdade se dilui no instante. Se você acumulava verdades, elas vão implodir e se você tentar sustentá-las poderá sofrer e será fatídico, acredito que venha daí a chamada *bad trip.* McKenna dizia que o Cogumelo é um formatador da consciência, você a limpa de todas as sujeiras e vírus ordinários, você começa de novo, de certa maneira. Se você se entrega de verdade à experiência, certamente renasce, não é o mesmo, você muda. Mas a mudança pode doer muito, pois ao acordar, o ego ainda está ali e ele vai querer continuar a impor suas noções de realidade e verdade, mesmo depois de vê-las dilaceradas pela experiência transcendente.

DB: Esse choro que você relatou, imagino que não seja nem 1% do que você deve ter sentido, mas achei a "descrição" parecida com o que sinto várias vezes quando provo na pele as ilusões do ego se esvaírem. A dor da mudança. Conte-nos mais dessa dor e desse choro profundo seu.

EF: Sim, perfeito. Foi um choro por isso mesmo, de perceber minha grande inocência, petulância, pois por mais humildade que eu tente cultivar, ainda guardo milhares de pseudo-verdades e pequenos dogmas em meu íntimo. Vê-los desmoronar é doloroso, dá medo, gera tristeza. É difícil explicar, mas você se torna o centro focal do Cosmos e vive eventos de proporções universais naquele momento. Quando eu chorei, a princípio era meu ego, depois fui sumindo e no final eu chorava e ria de êxtase, era como uma explosão mágica, dolorida e maravilhosa. Você se sente um estranho e depois se sente bem por ser esse estranho, diverte-se com isso, de se entregar. Eu tento praticar essa entrega no meu dia a dia, deixar a coisa ser o que “é”, mas não é nada fácil, com a psilocibina isso se torna mais efetivo. Durante a experiência eu não resisto. Ontem, quando comecei a sentir a implosão de algo que pode parecer idiota: do que eu entendia como plantas, eu resisti um pouco - meu ego no princípio quis dizer racionalmente: - O coqueiro não fala com você, é um alucinógeno agindo no seu cérebro, você está pirado. Minha mente racional disse o que todos os "cientistas” dirão. Então o choro veio no início por resistir a isso, por MEDO! Medo de ver que toda a realidade sobre plantas que eu acreditava conhecer era lixo, lixo puro!

DB: Você disse que a linguagem é limitada para expressar suas visões e o que sente nessas viagens. Você já sentiu essa limitação antes, ao criar suas HQs, desenhos, músicas? A “limitação da linguagem artística” para expressar seu sentir ficou mais comprometida sob o efeito do cogumelo? Fale-nos um pouco dessas percepções.

EF: Sim, o artista deve ser condescendente consigo mesmo, deve se amar. Ou sofrerá muito, a transposição das imagens cósmicas que vislumbro em meus transes artísticos para o papel é sempre um arremedo, nunca tem a força daquilo que imaginei, e nunca terá. Mas esse é o preço pago por qualquer linguagem, a simplificação da complexidade cósmica. Por isso sou muito amoroso comigo mesmo, aprendi a lidar com essa questão de transposição das imagens transcendentes para minha arte e saber que a arte é só uma linguagem, só uma forma falha de tentar captar a realidade. Ela pode ajudar, e acredito na sua capacidade para despertar as pessoas de seu sono do ego. Mas o avançar, além disso, dependerá delas. Eu amo minha arte, eu amo o que faço, eu aceito minhas limitações, por isso me amo. Gostaria de ressaltar que essa entrevista contigo é algo MUITO IMPORTANTE, pois ela captura minhas percepções gerais da experiência ainda sob seu forte impacto!

DB: Agora gostaria de saber como foi a criação do primeiro HQforismo psiconáutico!! (HQforismo é um tipo de HQ criado por Franco, o neologismo foi conceituado por Franco e Danielle Barros, que significa: histórias em quadrinhos + aforismos).

EF: Vamos lá! Danielle Barros – a IV Sacerdotisa (você!) – aceitou a proposta de escrever um poema e me enviar para eu criar uma arte inspirada nele durante a experiência com o Cubensis. Danielle enviou o texto poético que eu não li e imprimi em uma folha sulfite e dobrei em quatro partes e deixei junto ao meu material de desenho do lado do colchão no chão. Decidi que iniciaria a tentativa de desenhar durante a experiência com esse exercício criativo.

Cerca de 30 minutos depois de o enteógeno fazer efeito, eu já estava tendo visões incríveis. Algo muito marcante foi uma imagem de um pássaro, uma pombinha/rolinha enorme, com uma mistura de docilidade e inocência. Essa imagem marcou-me muito, a vi na paisagem esverdeada do quintal, ela ficava de perfil para mim e levantava as asas com graça, de repente ela tornou-se uma espécie de leão alado, ou melhor, um felino alado. Nessa hora decidi que tentaria desenhar, virei-me para o lado e peguei a folha dobrada com o seu poema/aforismo.

Quando a abri foi um choque! Antes de ler o texto impresso, ela brilhava com muita intensidade, cheguei a cerrar os olhos, tamanha era a luz que vinha do texto. Foi incrível, a poesia estava luminosa, saia LUZ dela, muita luz, até franzi os olhos, quase me cegou! Depois de um minuto observando-a sem decodificar o escrito, eu o li e me emocionei, tive uma sensação boa, forte.

Eis o poema:

"Ao mergulharmos em nossa
unidade holográfica,
vislumbramos que somos parte do
todo univérsico,
Poderoso e integral.
Nessa visão mágica e única,
Macho e fêmea reinam unidos e
inteiros, e compreendem que são
Deuses."
(Danielle Barros)

Síntese de muitos dos meus pensamentos e aforismos, o escrito mexeu fortemente comigo. Respirei fundo e peguei a prancheta com uma folha e o pincel. Senti a conexão com a autora dos versos e desenhei uma linha cortando quase que a folha ao meio. O pincel não respondeu bem, a minha perícia estava obviamente prejudicada pela intensidade da viagem transcendente. Ainda desenhei com esforço a cabeça da pomba, figura feminina que tinha visto antes na parte de baixo da folha. Então deixei o pincel e

peguei lápis de cor alaranjado e tracei algumas linhas circulares. Troquei para o lápis cor-de-rosa, essas cores brilhavam muito e me “chamaram” para usá-las. Fiz muitos traços com essa cor e deixei-a para pegar a caneta nanquim de ponta fina. Surgiu a imagem de algo que agora me parece um feto, na parte inferior junto da cabeça da pomba e um falo ereto e um peixe na parte superior. Peguei novamente o lápis alaranjado e fiz alguns detalhes. A luminosidade fosforescente do amarelo “chamou-me” e conclui o desenho com ele. Na verdade tive que parar, pois a folha começou a ficar transparente e apareciam imagens por trás dela, era impossível continuar. Dei o trabalho por encerrado, deixei papel, prancheta e lápis ao lado do colchão e voltei novamente meu olhar para o quintal, mergulhando na experiência. Esse foi o primeiro exercício, feito antes da HQ com Matheus Moura, que foi criada por volta das 17h30min, e também antes dos dois HQforismos, que desenhei ao final, ainda com o efeito da substância mais já com domínio melhor de meu traço. Olhando agora para o desenho, vejo que ficou interessante, criando uma conexão curiosa com o poema.

DB: Achei interessante você dizer que saiu uma luz ofuscante do papel, pois quando escrevi a poesia, imaginei muita luz. O desenho tem muita leveza, é cheio de cores, vi tudo o que você viu (o falo, o peixe, o feto, a pomba), e ainda uma borboleta de perfil e a metade de um coração em torno da pomba. Extremamente simbólico! Um honra poder ter sido parte desta experiência com você. Já que entramos no assunto dos HQforismos, nos conte como os outros surgiram e como foi o processo criativo?

EF: Depois da experiência reveladora e assustadora com o coqueiro do jardim, voltei para dentro de casa, Matheus continuava na rede. Peguei a câmera fotográfica e fui para o jardim fotografar o coqueiro, tentar capturar um ínfimo das imagens poderosas que vi, da força das marcas de seu tronco que revelavam sua vida grandiosa. A chuva parou, tirei as fotos ainda sob forte emoção, lágrimas escorriam no meu rosto. Voltei novamente para dentro. Tive o impulso de desenhar algo, peguei a caneta nanquim de ponta fina, o papel e deixei a mão livre seguir o papel, o resultado gráfico foi bom, eu já estava dominando melhor a perícia manual do desenho e saiu um HQforismo, mais uma vez unindo os opostos complementares. Com um curto texto: "Atados ao todo! Todos". Terminei o HQforismo e deite-me no colchão, uma música do *Anathema*, muito emotiva tocava no som.

A lembrança da experiência com o coqueiro se misturava a imagens vibrantes que via no teto da área de serviço. Comecei a chorar novamente, um choro de êxtase, há anos não chorava tanto. Foi nessa hora que minha esposa, Rose, chegou. Eram 20h00min. Ela me pegou chorando e se assustou. Ao vê-la senti uma emoção muito boa e chorei mais ainda. Tentei explicar o que aconteceu e falei do coqueiro, mas percebi que ela não entendeu nada, mas abraçou-me com carinho. Não entendendo as palavras, mas entendendo meu sentimento. Rose ficou por uns minutos abraçada a mim. Matheus sentou-se na rede e começamos a conversar sobre tudo. O efeito da substância ainda estava ali, mas já menor. Rose foi preparar nosso jantar.

Tive o impulso de pegar o papel de novo e desenhei um HQforismo que gostei muito, ainda sentia o papel brilhar e certas gotas que aparecem no desenho, como lágrimas invertidas, surgiram brilhando no papel e me FIZERAM desenhá-las! O HQforismo destaca um ser animal mítico misterioso, com algo de lagarto, pássaro,


EDGAR FRAIA
E
ESPORO

humano e planta. Eu gostei muito do resultado visual e poético desse HQforismo. E ao olhar para ele me emociono, pois ele parece me trazer aquele momento e as sensações que eu sentia com força. Tem um sentido profundo para mim. Foi o único trabalho que eu assinei. Os outros, o desenho feito para o texto de Danielle Barros, a HQ com Matheus Moura e o primeiro HQforismo, não tinha assinado. Nesse eu assinei: Edgar Franco & o Esporo. Esse último HQforismo desenhado durante a experiência teve o texto: "Sou o sonho do som de um sonho". Depois de desenhá-lo, Matheus Moura o viu, e continuamos a conversar sobre muitos aspectos de nossa viagem psiconáutica e terminamos comendo um jantar preparado por Rose com patês orgânicos e pães integrais, além de alguns vegetais. No jantar ainda sentia os alimentos com um sabor especial, e até me deitar meus sentidos ainda estavam apurados.

DB: Para finalizar (temporariamente) essa entrevista-conversa, gostaria de perguntar algo que pensei quando reli aquele aforismo que abre esta entrevista. Ao final do aforismo você pergunta, aflitivamente: "quem sou eu?" Essa experiência de alguma forma diluiu ou afetou a ideia que você tem de si, e sua visão de Lobo? Em outras palavras: você escreveria um aforismo sobre quem é você logo depois dessa experiência, uma vez que você vez ou outra escreve sobre sua senda, pensamentos e visão de mundo? Você ainda arriscaria descrever-se, depois de toda essa experiência?

EF: Cada vez que adentro mais o meu mistério através de múltiplas experiências, observo que a percepção de Rajneesh sobre "a verdade existir nos paradoxos" é algo muito poderoso. Em certa medida o drama cósmico é cheio de paradoxos e contrários, o equilíbrio depende do choque dessas partes aparentemente opostas.

Escuridão e luz tornaram-se paradoxais para os dogmas que pregam a negação da sombra do ser em detrimento de uma luz absoluta, uma bondade sem precedentes. E o final disso é sempre doença e perversão, todos os dogmas criam doentes espirituais, pois obrigam a negarmos aspectos de nosso ser. Ao viver a experiência, eu revi o LOBO, ele estava ali, ele apareceu em imagens inclusive, o seu impacto simbólico para mim: o selvagem que deseja com força, mas controla o desejo à sua vontade, o que é violento e justo, mas nunca cruel. Essa é a essência do LOBO que assumi para mim, ela está aqui, e eu a vislumbrei. Mas durante a viagem psiconáutica, o LOBO se diluiu em inúmeras outras esferas, tornou-se claramente o que ele é: um aspecto ínfimo da complexidade de meu ser que se choca com outros aspectos paradoxais. Eu senti em um momento certa compaixão tão profunda, tão visceral, que ela me assustou e foi uma compaixão estranha, pois ela se misturava com admiração e êxtase, isso aconteceu quando experienciei em mim a vida do coqueiro do jardim, quando ele falou comigo, quando sua hiperestrutura cósmica cruzou e interconectou-se ao meu eu interior e eu tornei-me o "Coqueiro" de meu jardim e vivi o drama cósmico dele, a saga universal que ele vive. A beleza incomensurável de seu crescimento enfrentando as intempéries, a força dos ventos, as agressões físicas dos animais, incluindo o homem. E ele continua imponente, tem orgulho de ser o que é e de estar ali em silêncio representando o grande drama cósmico da vida, gerando frutos.

Quando eu vi em minha alma sua luta, como ela tem sido muito mais difícil e árdua do que a minha, a princípio eu me compadeci, tive pena, mas continuei ali adentrando os seus mistérios. De repente senti uma admiração profunda e veio o

choro, um choro paradoxal, de compaixão e admiração, de perceber como fui privilegiado pelo universo, como tenho uma bela vida, mais serena do que a dele.

Mas ao mesmo tempo eu vi que eu também sou o coqueiro, mais um paradoxo, eu percebendo meu ego individual, mas olhando para ele e sendo o coqueiro, e depois fui tocado por uma planta que me falou que eu, meu ego, nunca tinha olhado para ela. Mas ela não falou isso com tristeza, ela só me avisou que existia, sorrindo, e eu chorei mais ainda, chorei com a força de uma tempestade, pois chovia, minhas lágrimas se misturava com a chuva. Como indivíduo imaginei quantos seres devo ter ignorado, sem notar que são partes de mim.

Senti uma emoção muito profunda e no meu choro, enquanto indivíduo, pedi perdão a todos os seres cósmicos que eventualmente ignorei. Reconciliei-me com eles. E recebi uma resposta, como se fosse uma grande carícia universal. Senti um toque que de repente fez meu corpo flutuar, em breves instantes eu me vi no ar ao lado do coqueiro. Estava flutuando de verdade e chorei mais ainda, violentamente, mas dessa vez um choro de êxtase, de liberdade, de sentir-me totalmente acolhido pelo COSMOS! O universo que sou eu teve compaixão infinita pelo meu pequeno ego, parte ínfima de minha grandeza! Então quando digo que O LOBO É O COSMOS, sim ele é; mas perceba que o LOBO em síntese é o Cosmos, pois apesar de ser uma das facetas do Cosmos, ele também contém em si todo o Cosmos, mesmo que eventualmente ignore isso. Então na verdade eu não SEI QUEM EU SOU. SÓ SEI QUE SOU.

DB: LINDO! Queria ter estado aí! Observando vocês durante a viagem, anotando tudo, descrevendo o que vocês faziam, pois você relata suas percepções, já pensou em confrontar com anotações de um observador externo? Precisando de uma ajuda, estou aqui! Agradeço imensamente a honra de te conhecer um pouco mais, pela coragem e generosidade em expor suas experiências de vida e de viajante psiconáutico a todos/as os/as leitores/as!

EF: Eu que agradeço a oportunidade de dividir contigo e com os que se interessarem essa experiência tão valiosa. Sim, a ideia de um observador externo é excelente, me fez lembrar os experimentos de Aldous Huxley com a mescalina, vamos conversar sobre isso. Abraço afetuoso do Ciberpajé.

CINEMA DE PLANTA

PAOLA BARRETO

CinePlanta é a um só tempo uma pesquisa tecnopoética, uma performance, um processo de hibridação e uma fábula. O que move o trabalho é o desejo de experimentar formas híbridas para o audiovisual, buscando regimes de imagem, som, espectação e autoria que nos coloquem em contato com potências transindividuais, produzindo subjetividades interespécies – entre humanos e não humanos, entre vivos e não vivos, entre organismos e máquinas.

Basicamente o trabalho pode ser descrito a partir de um circuito eletrônico que mede a diferença de carga elétrica na superfície das folhas de uma planta. Este circuito, uma espécie de galvanômetro adaptado, o plantronic[1], é conectado a um microcontrolador arduíno, que converte os impulsos elétricos do vegetal em informação digital, que é incorporada a um programa computacional que processa os dados com a finalidade de modular um sistema de projeção de imagens e sons. Uma câmera é incorporada ao sistema, captando imagens ao vivo que são remixadas e projetadas nas folhas da planta, em um circuito de feedback contínuo que, aqui, podemos chamar de uma forma não natural de ***foto-síntese:*** montagem de videogramas pelas interações entre planta, ambiente, pessoas, imagens, sons e mediação maquínica-hiperorgânica.

Este experimento foi desenvolvido no contexto do projeto de pesquisa Hibridações Experimentais em Arte e Tecnologia, do Núcleo laboratorial NANO-EBA/UFRJ[2], coordenado pelo Professor Guto Nóbrega[3]. A pesquisa baseia-se no trabalho pioneiro do pesquisador americano Cleve Bakster[4], que documentou, sistematicamente, a atividade de plantas em seu laboratório, chegando a conclusões surpreendentes sobre biocomunicação ao nível celular, sintetizadas em sua teoria sobre a percepção primária – *primary perception.* Essa percepção primária oferece as condições de possibilidade para um diálogo entre seres vivos - humanos ou não – e, em nosso caso, máquinas de imagens, criando um contexto em que ciência e ficção se embaralham: science fiction. A partir de nossa perspectiva de bioarte, o impulso vital - impulso elétrico - é tomado como ***input*** estético, e as diferenças de carga e polaridade dão tonalidade a imagens e sons, criando uma forma peculiar de cinema que se captura e projeta nas folhas do vegetal.

Desenvolver plataformas híbridas para comunicação com plantas é tarefa que vem interessando a uma série de pesquisadores no campo da arte eletrônica ou digital, caso do brasileiro Ivan Henriques e seu Jurema Action Plant[5], ou da mexicana Leslie Garcia, que desenvolve há alguns anos consistente corpo de trabalhos audiovisuais nos quais explora o conceito de biofeedback[6]. Estes trabalhos ampliam e aquecem a discussão em torno do biopoder e dos modos de apreensão e ***commoditização*** das formas de vida. Como conviver com as plantas além do modelos propostos pelo extrativismo, o paisagismo, a agricultura? Que tipo de aprendizado e comunicação podemos estabelecer com

elas? De que formas este aprendizado aproxima a tarefa do trabalho do Xamã em sua escuta da floresta? Estamos a praticar uma espécie de tecnoxamanismo?

Se considerarmos as imagens produzidas pelo CinePlanta como vivas, na projeção sobre as folhas, a montagem seria como uma pulsação? Onde está o pulso das imagens? O que a arte generativa pode nos dizer sobre a vida, com a sua incorporação de estímulos do entorno, dos observadores, dos componentes?

A partir de uma compreensão sistêmica, torna-se altamente problemático o pensamento sobre a neutralidade do espaço de arte – seja o cubo branco da galeria, seja a caixa preta do cinema. É toda uma semântica dos meios que é posta em causa, e neste sentido convém pensar não somente o diálogo com as plantas, vegetais, mas o diálogo entre reinos: Mineralia, Vegetalia, Animalia, uma vez que no trabalho há pessoas, máquinas e plantas envolvidas. Este é um campo fascinante e quem vem sendo pesquisado por alguns artistas-alquimistas, notadamente o britânico Martin Howse, que procura demonstrar, que com seu Computer Earth Project e o conceito de Psychogeophysics[7], como os elementos da terra rodam um programa que produz uma narrativa – ou uma ficção. É a terra dizendo coisas, criando histórias, inventando modos de existência tangíveis.

E aqui no nosso caso com as plantas, fazendo cinema. A planta VJ Veejaytable Vegetable. Vegetar seria não mais a expressão de uma inoperância humana, mas antes a expressão de uma subjetividade vegetal. Ou talvez uma transsubjetividade, uma subjetividade cocriada entre a planta, com a planta, através da planta. Potência de planta expressa na imagem, que se transforma, a partir do toque, da presença, da respiração do espectador.

"O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo."
(Manoel de Barros in: Livro sobre nada. Ed. Record, p. 75)

Quando eu não estou olhando, as coisas são? Quando eu olho as coisas mudam? A planta sabe que eu cheguei, que eu estou aqui? O filme sabe que eu estou olhando? O filme vai mudar, para me agradar, para me afastar, para me seduzir, para me enganar? Há produção de subjetividade no cinema, na minha atividade ***espectatorial***? Esta produção de subjetividade pode virar imagem, pode se materializar, para além da minha experiência psíquica?

É possível pensar o cinema radicalizando a heterotopia? Não mais como um espaço disciplinador da imagem, não mais como economia definidora de papéis, reguladora de corpos, normatizadora de comportamentos: silêncio, postura sentada, olhar unívoco, perspectiva central: mas um pré-cinema, um cinema antes do cinema, um cinema pré-individual feito de eletricidade pura, imagens formuladas na foto-síntese, como sonhou Moholy-Nagy nos anos 20?

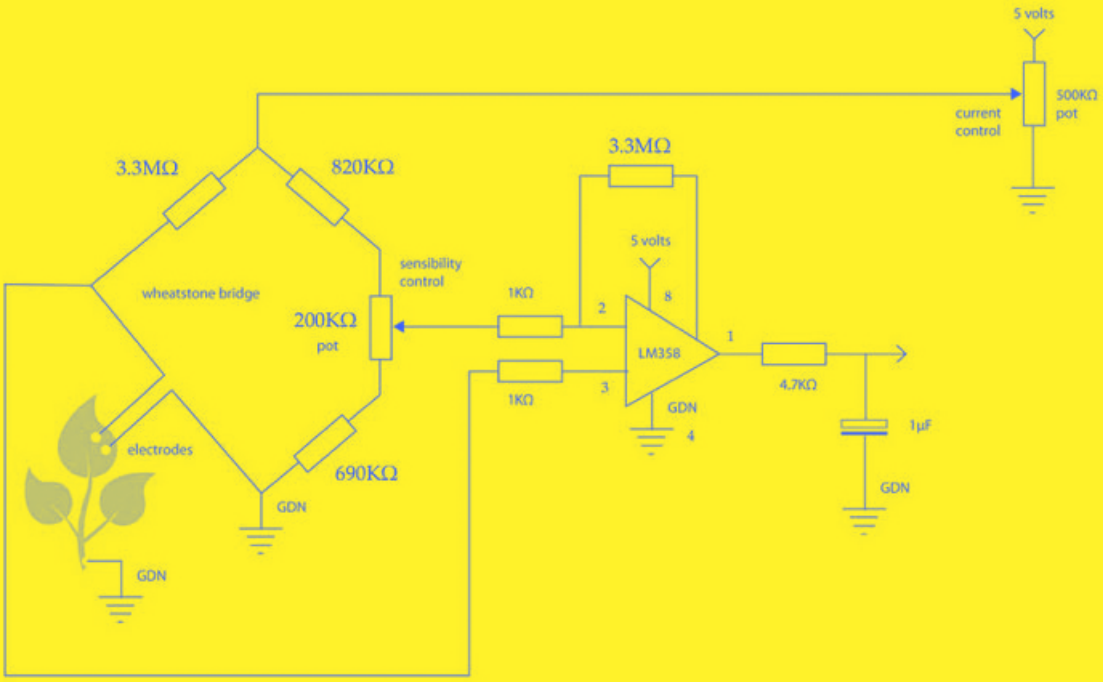
Respondemos com este cinema de planta, construímos esta câmera adaptada para operação vegetal: o que está vendo a planta?

O que eu vejo do que a planta vê? Como seria a experiência audiovisual mediada pela sensibilidade da planta? É possível compreender o que seja a sensibilidade em termos de variação de potencial elétrico? Sensibilidade de superfície, sensibilidade sem interioridade, sensibilidade puro impulso? O que sabemos, ou melhor, o que não sabemos disto? Como fazer filmes a partir do que não se sabe?

O cinema, aparato modulado ao longo do século XX, seja no fazer, seja no



Cinema de planta.
Fotos cedidas por Paola Barreto.


5 volts
500KΩ
pot
current
control
3.3MΩ
820KΩ
3.3MΩ
5 volts
sensibility
control
wheatstone bridge
1KΩ
2
8
200KΩ
pot
LM358
1
4.7KΩ
1KΩ
3
GDN
4
1μF
electrodes
690KΩ
GDN
GDN
GDN

assistir, por regimes de controle: controle da câmera, controle do enquadramento, controle da luz, controle do espectador. Seja pela subordinação a uma gramática audiovisual já embutida em nossas mentes educadas para certo tipo de encadeamento causal-linear (controle mental), seja pela imobilidade sugerida pela situação da sala escura, corpos dóceis, sentados diante da tela luminosa (controle físico).

No entanto, antes da domesticação do monstro hipnótico, para usar a expressão de Pasolini, o problema de como fazer um outro corpo, uma outra mente, uma outra gramática, uma outra linguagem - a gagueira fundamental, da que nos fala Deleuze – ocupa a humanidade (humana e não humana, para pensar em termos ameríndios), desde sempre.

Nos aproximamos do problema com nosso cinema de ruído, cine-noise, interferência; uma outra língua-imagem, um cinema da floresta. Por meio deste hiperorganismo vamos sendo engolidos por uma mente vegetal, natureza tecnizada, bárbara tecnizada. E vamos chegando a uma nova antropofagia: uma antropofagia vegetal.

CinePlanta é um hiperorganismo criado em colaboração com o programador Marlus Araújo[8], e integra a pesquisa de doutorado de Paola Barreto Leblanc, "Do Cine Fantasma ao Live Cinema, cinema do além", a ser concluída em março de 2016. O circuito plantronic foi desenhado pelo Professor Guto Nóbrega, co-orientador da pesquisa.

Notas:
1. Ver esquema anexo.
2. http://www.nano.eba.ufrj.br/
3. http://cargocollective.com/gutonobrega
4. http://www.rebprotocol.net/clevebaxter/Evidence%20of%20a%20Primary%20Perception%20In%20Plant%20Life%2023pp.pdf
5. http://ivanhenriques.com/2011/06/02/jurema-action-plant/
6. http://lessnullvoid.cc/content/
7. http://www.psychogeophysics.org/wiki/doku.php
8. http://sulram.github.io/



Garrafeiros, Rio de Janeiro.
Foto: Marc Ferrez (acervo público,
cerca de 1900).

COMPOSTAGEM

CLAUDIA LOPES BORIO

PROJETOS PRIVADOS, PROGRAMAS PÚBLICOS: CENÁRIOS E SUGESTÕES.

INTRODUÇÃO

A compostagem é um dos requisitos da nova Política Nacional de Resíduos Sólidos. Ela é fundamental para que diminua o volume de lixo que é jogado em lixões e aterros sanitários. Entretanto, em poucos municípios do país há projetos sérios de compostagem em funcionamento. Muitas pessoas também tentam fazer a compostagem em casa, mas encontram dificuldades.

Neste trabalho procuro analisar o histórico desse método de tratamento de resíduos e as razões de seu insucesso no Brasil. Ao final, mostro vários casos de sucesso e exemplos de iniciativas simples que podem contribuir nos projetos e políticas que visam a estimular a compostagem em grande escala.

HISTÓRICO

A compostagem é um método que trata os resíduos sólidos orgânicos, transformando-os em composto. A técnica não é nova, pois é conhecida desde a antiguidade. No entanto, em virtude do problema que os resíduos se tornaram para as grandes cidades, agora adquire nova relevância. Mas, para entender melhor a importância da compostagem, é interessante analisar um pouco a origem dos resíduos: o LIXO.

A palavra lixo vem do latim “Lix”, que quer dizer “cinzas”.

Na antiguidade, a maior parte do lixo produzido era simplesmente ajuntado e queimado.

Uma grande parte do lixo era reaproveitada: restos de comida eram dados aos animais domésticos, metais podiam ser fundidos, vidros eram reutilizados, papéis e tecidos eram transformados em outros tecidos ou em papéis especiais.

Os materiais que não apodreciam naturalmente, ou seja, que não eram biodegradáveis, eram valiosos. Recolhidos, serviam de fonte de renda para muitas pessoas, como é o exemplo a foto dos “garrafeiros” no século XIX, no Rio de Janeiro.

No Brasil, em 1880, D. Pedro II criou um decreto para a limpeza pública da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. A família que ganhou a concorrência para realizar esse serviço tinha o sobrenome Gary, razão pela qual até hoje os varredores de ruas são conhecidos por esse nome.

A coleta era realizada de forma muito primitiva, e o lixo era deixado em grandes “latas” de metal (folha de flandres), e por isso até hoje chamamos os recipientes de latas, mesmo quando são feitos de plástico ou de outro material.

O lixo começou realmente a se tornar um problema a partir da industrialização crescente do mundo, especialmente após a descoberta da vulcanização da borracha. Pode-se dizer que o pneu foi o primeiro produto industrializado em larga escala. A borracha vulcanizada, invenção genial de Goodyear, não é biodegradável,

e até hoje ainda não se descobriu uma maneira ideal de reciclar os pneus. Após a borracha, surgiu a baquelite, o primeiro plástico (também não é biodegradável e não é reciclável).

Até 1970 não se usavam sacos plásticos para embalar o lixo no Brasil. Ele era simplesmente disposto dentro de latas e coletado pelos lixeiros. As latas eram sujas, geravam mal cheiro e barulho ao serem jogadas pelos lixeiros de qualquer jeito. O uso dos sacos plásticos foi introduzido nos anos 70 como um grande progresso e uma medida higiênica. Mal se sabia que o plástico ia se tornar um dos maiores problemas ambientais do mundo.

E depois disso, seguimos em uma infindável sequência de produtos baratos e atraentes: plásticos de todos os tipos e cores, tecidos sintéticos , papéis coloridos, papelões, produtos químicos como tintas e inseticidas, novos tipos de ligas metálicas, aparelhos elétricos e eletrônicos, milhares de automóveis, enfim, bens de toda a natureza pelos quais a humanidade ansiava e ainda anseia. Tudo isso inflou os "lixões" até um nível que beira o insuportável.

LIXO, PANORAMA ATUAL

De acordo com estimativas recentes, diariamente, na América Latina, são produzidas cerca de 369.000 toneladas de resíduos sólidos: lixo. Aproximadamente 295.000 toneladas são coletadas. Somente 67.896 toneladas têm uma destinação adequada.

Ano a ano, no Brasil, vem aumentando a quantidade de municípios que têm coleta de lixo, e aumenta também a coleta de lixo seletiva. No entanto, nota-se que tal coleta seletiva ocorre preferencialmente nos estados do Sul e Sudeste.

O lixo, até 2010, era acumulado em "lixões": depósitos gigantescos, que produziam uma série de problemas gravíssimos: mau cheiro, gases inflamáveis, emanação de chorume (líquido altamente poluente) que contamina os lençóis freáticos, vetores de doenças (moscas, mosquitos, baratas, ratos). O mais preocupante, no momento, é a dengue, doença que surge com facilidade em locais de clima quente onde possa haver recipientes com água parada.

Os resíduos acumulados nos lixões sofrem um processo anaeróbio, ou seja, sem oxigênio, o que resulta do fato do lixo ser comprimido, e isso impede a decomposição: o lixo fica prensado, fermenta, gera gases e líquidos, mas não apodrece ou se decompõe de uma maneira natural. Além disso, os lixões eram (e ainda são, em muitos lugares), cenários de uma triste exploração humana, pessoas que procuram catar coisas para vender, garrafas, plásticos, e até mesmo animais que vivem sobre eles e se alimentam de restos. A nova Política Nacional de Resíduos Sólidos tem como objetivo acabar com os lixões, instituindo a coleta seletiva, aumentando ao máximo a reciclagem e o reaproveitamento, e criando aterros sanitários em condições rigidamente controladas.

LEGISLAÇÃO: A POLÍTICA NACIONAL DOS RESÍDUOS SÓLIDOS

A legislação a respeito de Saneamento Básico, datada da década de 60, foi o primeiro esforço que tivemos no Brasil para disciplinar a questão da coleta e do destino do lixo. No entanto, os problemas tomaram uma tal dimensão, que o país se conscientizou da necessidade de um novo conjunto de regras para tratar da questão dos resíduos. Surge assim, em 2010, a Política Nacional dos Resíduos Sólidos, lei 12.305/2010. Lei criada com uma previsao de quatro anos para entrar plenamente em vigor e, ao ser editada, começa imediatamente a ser discutida a questão da separação do lixo, especialmente dos pneus, eletroeletrônicos, resíduos tóxicos,

pilhas e lâmpadas. Grupos de trabalho setoriais se reúnem em nível federal, procurando disciplinar a prática da logística reversa, pela qual os grandes produtores deverão ser parte ativa na coleta e destinação correta dos resíduos gerados a partir dos seus processos industriais.

A separação do lixo e a coleta seletiva são as diretrizes principais desta lei.

No que diz respeito à compostagem, ela é considerada um dos pilares da nova lei, sendo prevista especificamente como destinação correta para os resíduos orgânicos e incluída entre os instrumentos legais para diminuição da quantidade final de resíduos (artigo 3º, inciso VII).

COMPOSTAGEM: MÉTODO QUE TRATA RESÍDUOS ORGÂNICOS

A compostagem é um método que trata os resíduos orgânicos e os transforma em terra de primeira qualidade. Esse método já é alvo de inúmeros trabalhos científicos, e tem papel importante na destinação dos resíduos de vários países. No entanto, em nosso país, vemos que a prática ainda engatinha, e vamos analisar as causas e possíveis soluções para que ela seja efetivamente implementada.

VANTAGENS DA COMPOSTAGEM

Entre as vantagens da compostagem podemos citar: diminui notavelmente a quantidade de resíduos gerados; aumenta a vida útil dos aterros; pode produzir adubo de alta qualidade; é instrumento pedagógico interessante para escolas; evita emissão de gases do efeito estufa (especialmente o metano) e traz uma separação mais adequada dos resíduos, especialmente plásticos.

Mas por que a compostagem ainda não está implementada de maneira generalizada em nosso país?

PROGRAMAS E INICIATIVAS

Diversos programas, governamentais e privados, procuram difundir e ensinar a compostagem em nosso país. Como exemplos, temos projetos de compostagem no Estado do Rio de Janeiro, no Estado de São Paulo, no Estado do Rio Grande do Sul, no Estado do Paraná, e em diversos municípios. Merece destaque a compostagem de lodo (resíduos de esgoto) no Estado de São Paulo, realizada pela Sabesp.

Há também diversas cartilhas e publicações do governo federal com respeito à compostagem de pequena ou grande escala..

No entanto, essas iniciativas ainda se ressentem de um certo amadorismo e nota-se que há um índice bastante grande de desistências. Os projetos públicos, mesmo aqueles que foram implantados na década de 70, não mostram grandes progressos. Parece que a ideia “não pegou”.

COMPOSTAGEM DOMÉSTICA: POR QUE AS PESSOAS DESISTEM?

Diversos projetos ensinam a fazer a compostagem em casa. No entanto, o índice de desistência é bastante alto.

Alguns problemas bastante comuns que podem causar desistência da compostagem doméstica são:

• Surgimento de ratos, baratas, moscas;
• Odores estranhos;
• Emissão de líquidos com cheiro muito desagradável;
• Conteúdo que não “composta”, ou seja, não se transforma em húmus.

Após algumas experiências frustradas deste tipo, é comum as pessoas desistirem, pois ninguém gosta de ter uma caixa com cheiros estranhos ou cheia de moscas dentro de sua própria casa, especialmente se morar em um apartamento.

SUGESTÕES PARA MELHORAR A COMPOSTAGEM DOMÉSTICA:

Talvez as pessoas não tivessem desistido se fizessem parte de uma rede

de apoio à compostagem, que as ajudasse a lidar com os problemas e fornecesse alguns materiais que poderiam ajudar. Como exemplo de algumas providências temos:

• Aumentar o conteúdo de material seco e fibroso. A falta de material fibroso para misturar em uma composteira doméstica pode ser um problema muito sério, pois o lixo de cozinha é muito úmido e resulta em um resíduo molhado, que fermenta, libera líquidos e não leva a uma decomposição sem odores. Misturando folhas secas, grama cortada ou serragem, obtém-se um "mix" mais favorável a uma compostagem saudável.

Para que isso se torne possível, é preciso ter acesso a uma fonte barata, de preferência gratuita, de material fibroso seco.

• Utilizar mais as minhocas. As minhocas talvez sejam o "ingrediente" mais fabuloso que permite uma excelente compostagem doméstica, em tempo acelerado, e da mesma forma poderiam ser vendidas, dadas ou trocadas, em pontos de troca para compostagem, clubes urbanos, associações de moradores, escolas.

• Melhorar a qualidade da educação ambiental. Apesar da matéria ser obrigatória, prevista na nossa Constituição Federal, e haver forte recomendação para que seja lecionada em todos os níveis de escolaridade (o que significa do Jardim de Infância até as pós graduações), o ensino de educação ambiental ainda é amadorístico, deixa a desejar, e é praticamente inexistente no nível universitário e pós graduando. O ensino responsável e participativo desta matéria poderia servir como multiplicador da técnica de compostagem para milhares de famílias brasileiras.

MAS... PARA QUE COMPOSTAR SE POSSO JOGAR TUDO NO LIXO?

Um fator muito importante que não estimula as pessoas a realizarem a compostagem é a absoluta liberalidade de disposição dos resíduos orgânicos, inclusive de jardinagem: as prefeituras, empresas de saneamento e coleta de resíduos não se importam em recolher toneladas de lixo orgânico, misturado ou não a outros tipos de resíduos.

Estima-se que, atualmente, cada pessoa produz de 100 a 250 g de resíduos orgânicos por dia, o que dá de 700g a 1.750g de resíduos por semana. Tal quantidade representa cerca de 60% do peso dos resíduos gerados nas residências comuns!

Em diversos países onde a compostagem é uma experiência de sucesso, foi proibido jogar fora os resíduos de jardinagem. Ou seja, as pessoas tiveram que aprender, por bem ou por mal, o que fazer com seus resíduos - grama, folhas secas, galhos, varrição, o que, em sua grande maioria, pode ser compostado com muita facilidade. Em alguns lugares, os lixões começaram a cobrar uma taxa para receber resíduos de jardinagem. Em outros, os caminhões das empresas de coleta começaram a cobrar pelo serviço. Todas essas iniciativas ocorreram devido ao acúmulo excessivo de resíduos em lixões ou aterros sanitários, e foi verificado que os resíduos orgânicos podem significar mais da metade do volume de resíduos coletados em uma cidade.

Quando isso acontece, as pessoas têm que aprender como dispor de seus resíduos orgânicos, de uma maneira ou de outra, e o interesse pela compostagem surge imediatamente.

Afinal, compostar não custa quase nada.

E ALIÁS... PARA QUE SERVE MESMO A COMPOSTAGEM?

Outro fator que não estimula em nada as pessoas a fazerem a compostagem é a falta de conhecimento de suas qualidades. Muitas pessoas gostam de fazer jardinagem, gostam de ter flores em casa, temperos, e a maioria dos

brasileiros têm orgulho de ter "um belo gramado". Mas poucas sabem que o resultado da compostagem é o composto: o melhor adubo natural que existe.

Mais uma vez, nota-se que a falta de educação ambiental e de cultura geral dificulta qualquer programa neste sentido!

Em alguns poucos locais, as prefeituras e empresas de limpeza pública distribuíram material didático e pequenos manuais para que as pessoas aprendessem como fazer sua compostagem doméstica, em pilhas, buracos, caixas ou recipientes de plástico. São iniciativas importantes.

ENTIDADES PÚBLICAS X PROJETOS DE COMPOSTAGEM: POR QUE TANTA TIMIDEZ?

No caso dos entes públicos (municípios, empresas, entidades governamentais, grandes geradores), a única explicação possível para a pequena quantidade de projetos de compostagem é a falta de conhecimento.

Municípios que dispõem de uma boa coleta de resíduos e já praticam a coleta seletiva ainda não manifestam a intenção de realizar compostagem.

Programas governamentais já mostram o caminho das pedras, como é o caso do "Manual de Compostagem" do Ibama, um caderno extremamente bem explicado que traz todas as diretrizes para a realização de compostagem em grande escala.

Um fator que leva a um grande desprezo pelos projetos de compostagem é que os projetos de separação de resíduos sólidos recicláveis geram lucros, ou seja, os resíduos plásticos, papel, latas e outros podem ser vendidos imediatamente e geram renda para os participantes. Já a compostagem requer tecnologia, espaço, e preparo para que o húmus resultante seja vendido ou distribuído.)

Nota-se assim que, se não houver um incentivo e uma forte vontade política de realizar esta disposição dos resíduos orgânicos, os projetos de compostagem não sairão do papel.

AUSÊNCIA DE COLETA SELETIVA PARA LIXO ORGÂNICO: O PRINCIPAL DESAFIO.

Um dos problemas mais sérios que impedem a compostagem de boa qualidade é o fato de que, em vários locais onde há coleta seletiva e projetos de compostagem municipal, o lixo orgânico está completamente contaminado com resíduos. Isto acontece porque não há uma coleta específica para lixo orgânico, os resíduos são coletados todos juntos por um caminhão nos moldes do programa "Lixo que Não é Lixo"(do PARANÁ), e ao serem separados, o que sobra é o resíduo orgânico, infelizmente misturado com restos de plástico, metais e sabe-se lá mais o que.

Novamente, esbarramos na questão da coleta seletiva, que é indispensável para que o processo tenha sucesso.

Sem resíduos orgânicos "limpos" não há compostagem!

REQUISITOS FUNDAMENTAIS PARA O CORRETO TRATAMENTO DOS RESÍDUOS ORGÂNICOS

A coleta seletiva depende, basicamente, de um processo de educação da comunidade. E que tenha recipientes adequados para o lixo orgânico: sacos biodegradáveis, latas ou containers.

No entanto, na maior parte dos municípios brasileiros onde há coleta seletiva, ainda não há coleta específica para os resíduos orgânicos!

Portanto, para que se possa criar o sistema de compostagem, é preciso que os resíduos orgânicos sejam separados corretamente e coletados, o que pode ocorrer de várias maneiras:

• Latas de lixo especiais – lixo orgânico –

para cada casa (vendidas ou doadas);
• Containers especiais para grupos de residências ou empresas;
• Sacos de lixo especiais, biodegradáveis, vendidos ou doados aos consumidores;
• Programas de pontos e incentivos para trocar lixo por prêmios ou vantagens;
• Datas e horários especiais de coleta;
• Folhetos, campanhas e material didático para sensibilização da população.

Ao mesmo tempo, a empresa de saneamento deve escolher o local e o método que serão aplicados para a compostagem, seguindo as regras ditadas pelo Ministério do Meio Ambiente.

CASOS DE SUCESSO: EUROPA

Na Europa a compostagem alcança um grande sucesso. Nesse continente, a geração e destinação dos resíduos sólidos vem sendo quantificada e controlada há anos, com a interessante característica de que há três anos vem diminuindo a quantidade de resíduos. Tal fato se deve ao sucesso da política de logística reversa, pela qual os fabricantes e distribuidores estão recolhendo e destinando uma grande parte dos resíduos gerados por eles mesmos. Da mesma forma, nota-se que a compostagem vem tendo um aumento significativo, ao mesmo tempo em que diminui o uso de sistemas mais antiquados como a incineração. (os dados podem ser consultados no relatório europeu sobre resíduos sólidos[3]. A seguir, analisaremos alguns casos interessantes.

Na cidade de Belfast, na Irlanda, as pessoas recebem de graça, da Prefeitura municipal, uma lata de lixo especial para os resíduos orgânicos.

As pessoas que cumprem os requisitos e separam seu lixo corretamente também recebem um "Certificate of Recycling" e ganham pontos em um programa que pode render prêmios. Esse certificado também é usado para moradores e empresas que destinam outros tipos de resíduo ao recolhimento correto.

Na Itália, apesar de ser um país desigual em termos de coleta seletiva (há melhor coleta nos estados mais ao Norte e a situação piora à medida em que se vai para o Sul), os processos de compostagem também estão recebendo forte impulso. Em 252 usinas ativas em todo o país, 206 delas tratam mais de 1.000 toneladas por ano, sendo cerca de 60% dos projetos situados na região Norte do país. Os projetos de compostagem aumentam ano a ano.

O composto obtido, de altíssima qualidade, recebe embalagens diferenciadas e é distribuído gratuitamente como terra de jardinagem, sendo importante fator de adesão e de sensibilização da população para participar dos programas.

Na Alemanha há uma longa tradição de compostagem, desde que os seus aterros sanitários ficaram lotados, nos anos 70. Atualmente, a maioria das residências recebe uma lata marrom, a Biotonne (um nome que significa algo como BioLata) e a utiliza para os resíduos orgânicos. A Alemanha chegou a um índice impressionante de coleta de 80% dos resíduos orgânicos, e criou uma associação que controla a qualidade e evita a contaminação do húmus gerado. A meta final da Alemanha é chegar ao ponto em que os aterros sanitários tenham no máximo 5% de resíduos orgânicos. Essa meta, para nós brasileiros, é praticamente inacreditável, uma vez que ainda temos muitos municípios que nem sequer têm coleta de lixo. Mas não custa sonhar.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA E A CAMPEÃ MUNDIAL DE COMPOSTAGEM: CIDADE DE SEATTLE

Para terminar esta singela exposição, não poderíamos deixar de falar da maior usina de compostagem do

mundo, que se situa na cidade de Seattle, estado de Washington, Estados Unidos da América. A usina de Cedar Grove recicla cerca de 350.000 toneladas de resíduos orgânicos por ano. Isso equivale a 24 piscinas olímpicas cheias de resíduos... por mês.

Nas impressionantes usinas de compostagem de Cedar Grove, os resíduos que chegam de caminhão passam por uma esteira de separação, onde se retira basicamente materiais metálicos (os resíduos são extremamente limpos). Após essa separação, são moídos em uma máquina especial. Resíduos de grande porte, como troncos, são separados e recebem destinação especial (por exemplo, podem ser transformados em aparas de madeira que são utilizadas em jardinagem).

Um caminhão com um tubo distribui os resíduos em um pátio, formando pilhas piramidais enormes, que são recobertas por lonas e ficam curtindo por cerca de oito meses até um ano, o que explica também o grande espaço que é tomado por essas pilhas gigantescas.

CELEBRANDO A COMPOSTAGEM: O COMPOSTIVAL

Complementando todo o impressionante trabalho de separação, coleta e destinação dos resíduos orgânicos, na região de Seattle existe um festival muito popular que celebra o sucesso das iniciativas de compostagem.

É o Compostival. Nessa grande festa comparecem muitos agricultores orgânicos, barraquinhas de produtos orgânicos e agroecológicos, aficionados da jardinagem, escolas, enfim, pessoas que estão interessadas em um estilo de vida mais natural e que querem saber mais e consumir produtos ambientalmente corretos. Muitos comerciantes também oferecem tickets para o festival e brindes, tais como um saco de composto grátis na compra de dois outros.

A compostagem, nos Estados Unidos, segue as normas federais de qualidade: WAC 173-350, que também são aplicadas como padrão no Brasil.

CONCLUSÕES

Em nosso desprezo cultural e atávico pelo lixo, sentimos também uma estranheza pela compostagem, e dessa forma estamos jogando ouro no lixo. Nosso solo, que ano a ano se torna mais empobrecido, está perdendo nutrientes. Nas grandes cidades, o terreno é cada vez mais duro, estéril e impermeabilizado.

A compostagem é uma técnica barata e extremamente amiga do meio ambiente. Cabe a nós darmos o exemplo, aprendermos o máximo que pudermos e, com paciência e compaixão por nosso planeta, começar cada vez a compostar. O sucesso depende de nós, cidadãos, e de políticas públicas claras e eficientes.

Notas:

1. http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,como-era-sao-paulo-sem-sacos-de-lixo,9036,0.htm

2. http://www.cema.pr.gov.br/arquivos/File/Doc/IAP_GT_Compostagem_parte1.pdf

3. http://www.compost.it/materiali/ISPRA_Rapporto_Rifiuti_Urbani_2013/07).



Foto:
Pedro Victor
Brandão

"A LENDA DE THYTH, O GIGANTE", OU "O QUE JAZ SOB THE ÞIT"

KADIJA DE PAULA
MAÍRA DAS NEVES
PEDRO VICTOR BRANDÃO

A LENDA A SEGUIR FOI RECUPERADA DURANTE O PROJETO THE ÞIT[1], NA CIDADE DE OER-ERKENSHWICK, RUHRGEBIET, ALEMANHA, NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2014. ELA FOI LIDA PELA PRIMEIRA VEZ AO PÚBLICO POR NADINE MOLATTA, ATRIZ, E RALF RIEDER, ATOR E DIRETOR TEATRAL, DURANTE A CELEBRAÇÃO DE ABERTURA DO PARQUE THE ÞIT EM FRENTE À PREFEITURA DA CIDADE. THE ÞIT FOI RESERVA TEMPORÁRIA PRIVADA DE PATRIMÔNIO NATURAL EM UM TERRENO ALUGADO DE 1200M2. NO MEIO DELA HAVIA UM TRAILER, ONDE TRÊS MINAS OPERANTES DE CRIPTOMOEDAS FORAM INSTALADAS. POR QUATRO MESES, THE ÞIT FUNCIONOU COMO UM PARQUE PÚBLICO PARA ENCONTROS, OFICINAS, E PRODUÇÃO DE RECURSOS FINANCEIROS. O FUNDO GERADO FINANCIOU O PRÓPRIO ALUGUEL DO ESPAÇO, ALUGUEL DE MOBÍLIA E PARTE DOS EVENTOS REALIZADOS. DURANTE OS MESES DE FUNCIONAMENTO DO PROJETO, OS ARTISTAS MAÍRA DAS NEVES E PEDRO VICTOR BRANDÃO EXPLORARAM A CIDADE E O BOSQUE HAARD, A POUCOS MINUTOS DALI. COM A CONSULTORIA CRIATIVA DE KADIJA DE PAULA, ENCONTRARAM ESSE TEXTO, A PARTIR DE VESTÍGIOS E RELATOS COLETADOS COM MORADORES E NO ARQUIVO DA CIDADE.

Em um tempo muito distante, quando as árvores do Haard eram ainda intocadas, viveu esta velha senhora. Com Geneviève, sua coruja de estimação, ela morava em uma modesta cabana de pedras escondida por uma cerca de árvores espinhosas chamadas *Schlehe*.

Muitas gerações depois, no mesmo bosque, viveu um jovem *Förster*[2] que amava a sensação de ficar sozinho na floresta. Certo dia, após uma longa meditação no *Hochsitz*[3] ele ouviu um estrondo vindo da direção do *Teufelstein*[4]·. Ele correu até lá o mais rápido que pôde e, ao chegar, encontrou muita poeira no ar, como se a pedra gigante tivesse se movido! No meio da nuvem de poeira, pôde ver algo brilhante no chão. Conforme ele foi tirando a poeira do objeto, percebeu que aquilo era uma antiga caixa brilhante, feita da mais linda pedra. Dentro dela encontrou alguns textos escritos à mão em folhas bem finas e velhas. A maior parte estava podre, mas alguns trechos eram legíveis.

Ele olhou ao redor para se certificar de que estava sozinho. Desdobrou trêmulo os pedaços delicados. Com bastante cuidado, ele puxou o primeiro, que dizia:

> *"Tempestade de trovão. Nuvens se enrolam no firmamento negro enquanto ventos tenebrosos torcem e arrancam árvores. Raios explodem em cores tantas. Eles são sua*

lança. De tempos em tempos ele descarrega o seu poder de caos. Geneviève está aqui dentro tranquila, graciosamente destroçando um rato. Eu também nunca temo as tempestades. Nunca temo os trovões ou os raios. Tenho minhas Donnerbarte[4] *no telhado e uma cerca de* Schlehe*. Assim o gigante me reconhece, ele nunca nos esmagaria numa noite de tempestade."*

O jovem *Förster* conhecia essas plantas. As *Donnerbarte* são as sempre-vivas, e a *Schlehe* é um arbusto espinhento conhecido por produzir frutos para um tradicional licor. Mas ele nunca tinha ouvido falar que um dia essas plantas foram conhecidas por seus poderes especiais de proteção, ou que por isso eram encontradas em muitos telhados. "Superstição. Esses textos devem ser mesmo muito antigos", pensou.

O segundo fragmento:

"(...) e assim, nesse dia, eu celebro meu novo teto. Aqui hei de me manter distante dos olhos dos homens, dos olhos do poder. Aqui hei de ser livre para viver como quiser, e seguir com minha prática. O povoado onde vivi nos últimos cinquenta anos já não é mais seguro. Já estou muito velha, ninguém se importa comigo. Mas agora que a pobre Anna Spiekermann[6] morreu de forma tão trágica, não posso arriscar ser caçada também. Não faz muito tempo, homens como esses deixaram os corpos dos rebeldes apodrecendo nas gaiolas de Münster[7], lá no alto, para todos verem. Não! Eu não serei caçada. Vejo uma cortina de desumanidade, maior que os mares, cair por sobre todo o mundo. Lugar feliz agora é só aqui onde viverei, sozinha, com as plantas de proteção e cura, pra mim e pra minha querida amiga, Geneviève."

"Oh gigante, gigante da floresta, gigante dos ventos, gigante do céu e das estrelas. Oh, gigante no rato, gigante no gato, gigante na marmota, gigante no touro, gigante no urso e gigante na coruja! Cada olho iluminará sua visão e cada osso levantará seu corpo. Cada coração e cada espírito girando e levantando pedras gigantes como se fossem um punhado de areia. Novamente o gigante há de se levantar do subterrâneo, fortalecido por esses cantos e por essa carne que lhe ofereço (...)"

O jovem *Förster* sentiu um arrepio gelado por toda a espinha. Não por causa do gigante, ou da velha que parecia ser uma bruxa, afinal ele conhecia esses personagens de histórias antigas. Ele se arrepiou por Geneviève, pois sabia que as corujas não são o que parecem.

Mesmo assim, corajoso que só ele, respirou fundo e continuou a leitura, ainda sentado ao lado da *Teufelstein*, sob o lusco-fusco de um fim de tarde de outono.

O próximo trecho parecia descrever uma luta feroz:

"(...) gritos, cabeças e desespero. Tal fera imensa, com a força de mil homens e uma fome sem fundo. Com um rabo longo, úmido e enroscado com algas, seu corpo coberto de pequenas criaturas famintas. Suas mãos monstruosas, cada uma maior que um homem grande, jogavam árvores e pedras enormes para longe, para alcançar Thyth, o gigante. E então se movia, deixando pra trás grandes buracos

no chão, tão grandes como montanhas ao contrário. Pessoas corriam em pânico, gritando e suplicando por suas vidas. Enquanto isso, os dois gigantes atiravam pedras do tamanho de igrejas um contra o outro. De uma colina a outra, seus golpes (...essa parte ele não era legível…) o monstro recém-nascido perseguiu Thyth por muitas terras, das ensolaradas às nevadas, ávido por seu sangue. Suas pegadas eram tão profundas que a água da chuva juntava nelas, traçando novas fronteiras. Thyth estava machucado e fraco, doente das feridas e do coração. Ele nunca poderia viver sob um mestre, jamais seria um escravo. Assim, Thyth, o gigante de mil espíritos, lutaria até o fim. Duas noites depois, sob um céu sem lua, as duas criaturas colossais se encontraram no Haard e travaram luta, golpeando-se com toda a força. Thyth rugiu raivoso e acertou a mandíbula do outro gigante com seu último raio. Mas este último golpe não derrotou seu oponente. Ele estava fraco demais, seus mil espíritos já começavam a abandonar sua formação. Os poderes do gigante evaporaram num movimento centrípeto, transformando-o em um pedregulho e colocando-o para dormir nas profundezas subterrâneas."

Então Thyth, o gigante do caos, aquele que carrega lanças e raios destruidores, foi derrotado. O jovem *Förster* ainda não conseguia imaginar que tipo de criatura derrotou tal gigante. Quem, ou o que, poderia ser poderoso e forte o bastante para derrotar Thyth?

Curioso e empolgado, continuou a leitura:

"Eu lembro como se fosse ontem. Pois quem poderia se esquecer de um evento tão aterrorizante? Depois da briga, o solo e as pedras estavam revirados, as árvores dilaceradas. As nuvens pesadas em luto, e nenhum som se ouvia. Nem de pássaro, nem mesmo o som das folhas ao vento. A natureza parecia estupefata, enquanto as pessoas celebravam. É que Thyth sempre foi um ser difícil de conviver. Com esse novo governante era mais fácil lidar, ou ao menos era no que eles pareciam acreditar. Mas a natureza é sábia. Eles um dia aprenderão.

"Por mais que o gigante tentasse revidar, era difícil escapar dos tentáculos daquela colossal criatura marinha em forma de pirâmide, cuja cabeça coroada era sustentada por incontáveis almas, uma por sobre as outras. Essa criatura fora evocada, formada e alimentada por almas fracas. É um titã capturador de sonhos. Eu vejo que ele andará por essa terra por muitos e muitos séculos.

"Ele tem todo poder agora. Onde quer que haja homens, haverá o seu poder. Agora ele decide e governa tudo. Em princípio parece boa a promessa do fim da guerra de todos contra todos. Ele até convence a natureza a ir contra ela mesma, é a evolução humana. Ele se elevou por sobre tudo que vive. Pobres almas fracas, eu vejo pais e filhas, trabalhadores e mendigos, jovens e velhos, todos abdicando de sua liberdade por medo do caos. Em todas as terras, até nas terras mais remotas, todos se renderam a este monstro cruel."

‘E que monstro é esse?’, divagou o jovem *Förster*. ‘Poderia ser real? Será que ainda vive e governa hoje?’. Outro pedaço:

“No início dos tempos, no início da natureza, nasceu Thyth. Ele era uma força gigantesca composta por uma miríade de forças individuais em harmonia. Certa feita, um pequeno grão de areia se esqueceu de que era apenas uma parte do gigante, esticou seu pescoço, olhou para baixo e ao seu redor, e declarou a si mesmo um gigante. Daquele dia em diante, uma guerra sem fim começou, todos lutando contra todos. Foi quando o gigante adormeceu pela primeira vez. Grande ignorante foi aquele que primeiro serviu ao outro. Oh querido Thyth, gigante dos ferrões! Reis, príncipes e padres sempre temeram a vós! Eles sempre temeram o poder dos mil espíritos livres em vós. Na sua tirania, eles protegiam os ricos e poderosos da fome insaciável do gigante. Thyth, gigante da diversidade, gigante por natureza, tantos querem sua destruição!”

O último fragmento estava agora em sua mão. Seu coração cheio de confusão e sentimentos conflitantes. Seu espírito com uma sutil sensação de incerteza. A luz do dia já tinha quase se dissipado. Ele não conseguia enxergar bem, e como a lanterna estava perto do *Hochsitz*, ele voltou pra lá, mal podendo esperar para ler.

Assim que alcançou o topo da colina do seu *Hochsitz*, ele acendeu a lanterna. Era o único feixe de luz visível na região. Era também uma noite sem lua. Ao começar, ele notou: era um tipo de profecia.

“O urso agarrará o touro pela longa cauda.
A base tão fraca colapsará a pirâmide.
Fim da soberania do metal, uma nova era de tempestades elétricas começará.
Milhões de toupeiras revelam uma primavera precoce através de uma corrente em blocos que despertará o gigante.”

Notas:
1. http://thebpit.org
http://archipel-invest.eu/
2. Guarda florestal.
3. Uma cadeira em um alto ponto de observação.
4. Pedra do diabo.
5. Barbas do trovão.
6. A última bruxa morta pela inquisição na região de Recklinghausen, em 1706.
7. Cidade do noroeste da Alemanha onde, em 1533, houve a rebelião dos Anabatistas, que viveram em regime comunal por mais de um ano, até seus líderes serem torturados e assassinados em praça pública, e seus corpos foram expostos e deixados para apodrecer em gaiolas no alto da Catedral de Münster como aviso para outros possíveis rebeldes. As gaiolas permanecem até hoje no mesmo local.

RECEITA DE YOPO OU COHOBA (RAPÉ XAMÂNICO)

JOESÉR ALVAREZ

INGREDIENTES:
• 03 porções de semente de angico (*Anandenathera Peregrina,* preferencialmente);
• 01 porção de hidróxido de cálcio ou concha calcinada;
• conta-gotas;
• água;
• balança (para medir a proporção em g).

MODO DE FAZER:
• coloque uma pequena porção de sementes (6 a 7) numa vasilha ou frigideira em fogo baixo, tampando-a e mexendo-a para tostar;
• quando as sementes começarem a pipocar (você vai ouvir o barulho) aguarde mais alguns segundos (sem deixar queimar) e retire do fogo;
• espere esfriar e pile bem as sementes, com a casca, reduzindo-as a um pó fino;
• em seguida, pese as sementes e o hidróxido de cálcio na devida proporção:
*sementes: 3 partes
*hidróxido de cálcio: 1 parte;
• acrescente o hidróxido de cálcio às sementes piladas e torne a pilar, misturando bem;
• retire do pilão, colocando a mistura num recipiente e acrescente a água vagarosamente em gotas, e misture com a mão, umedecendo-a e formando uma bolinha;
• guarde a massa em um pote fechado, ou envolta-a em filme plástico para que se processem as reações químicas por um período de 4 a 5 horas;
• após esse período, caso a massa ainda esteja úmida, espalhe-a num prato e deixe secar ao sol, ou no microondas (em baixa potência);
• certifique-se de que a massa esteja seca antes de pilá-la novamente;
• pile e coe com um pano de algodão (pode ser uma fralda) ou uma peneira minúscula (p/ chá);
• aplique uma pequena porção com tipiti para testar;
• guarde o restante num potinho ou latinha para uso futuro;

CUIDADOS NECESSÁRIOS:

*As sementes de **Anandenathera Peregrina** (bem como, de quase todas as espécies de Angico) contém **bufotenina**, um alcaloide cuja estrutura molecular é semelhante à **bufotoxina**, encontrada principalmente em sapos do gênero **Bufo**, mas, em pequena quantidade nas referidas sementes, a qual, após serem torradas e piladas, são misturadas com **hidróxido de cálcio**, e, na presença de água, forma o **cálcio bufotenato**, aumentando através de reação química, cerca de cinco vezes a quantidade de bufotenina contida nas sementes.

*Nem todas as espécies possuem a mesma quantidade do alcaloide, ou mesmo, prestam-se eficientemente para o mesmo fim, havendo preferência por sementes com bastante polpa (gordinhas e graúdas)recém colhidas ou frescas.

*Não utilizar uma concentração superior à recomendada de **hidróxido de cálcio**, pois, pode causar queimaduras devido à corrosão – a margem de segurança comumente empregada encontra-se na proporção 3:1 de hidróxido de cálcio.

*Os efeitos, em condições normais, duram de 05 a 15 minutos, com sintomas que podem incluir alucinações visuais, queda ou aumento de pressão, taquicardia, enjoo, etc. Nos rituais indígenas, tem-se notícia de que o yopo ou cohoba é utilizado próximo ao fim do ritual para potencializar o efeito de outras beberagens.

*O **yopo** pode de ser misturado ao rapé feito de tabaco para suavizar seus efeitos.

*O hidróxido de cálcio pode ser comprado em sua forma pura em casas de produtos dentários, ou obtido com cinzas de conchas na forma tradicional (os indígenas costumam pilar as conchas e torrar o pó das mesmas, as quais, mudam de cor, ao ficar calcinadas).

OUTRAS REFERÊNCIAS:

COPPENS, Walter y Cato-David, Jorge **Aspectos Etnograficos y farmacologicos, El Yopo entre los cuiva-guajibo,** disponível na internet em: http://www.samorini.it/doc1/alt_aut/ad/coppens.pdf

BLACKLEDGE, Robert D., PHELAN, Clay P.,Technical Note, **Identification of Bufotenine in Yopo Seeds via GC/IRD**, disponível na internet em: http://forendex.southernforensic.org/uploads/references/MicrogramJournal/4.1-4.3.11.pdf

Erowid, disponível na internet em: https://www.erowid.org/plants/anadenanthera/anadenanthera.shtml

Shamanic Retreat - Yopo, disponível na internet em: http://www.heartoftheinitiate.com/taxonomy/term/361

SILVA, Iram Reis e, **Alucinógenos ou Psicoativos?** disponível na internet em: http://desafiandooriomar.blogspot.com.br/2012/06/alucinogenos-ou-psicoativos.html

SILVA,César Augusto Venâncio da, **SÉRIE FARMACOLOGIA APLICADA** - Volume V - TOMO II - Anatomia e Fisiologia, Pag. 1560; disponível na internet em: http://pt.scribd.com/doc/193915967/Professor-Cesar-Augusto-Venancio-da-Silva-FARMACOLOGIA-V-TOMO-II-ANATOMIA-E-FISIOLOGIA-HUMANA

Yopo (DMT) y chamanismo de los Piaroa, disponível na internet em: http://www.onirogenia.com/multimedia/yopo-dmt-y-chamanismo-de-los-piaroa/

Aviso:
A EDITORA E AS INSTITUIÇÕES LIGADAS À ESTA PUBLICAÇÃO NÃO SE RESPONSABILIZAM PELO USO DA RECEITA E SUGEREM SUA REALIZAÇÃO APENAS POR PESSOAS EXPERIENTES EM EXPERIMENTOS QUÍMICOS

O QUE É AKELARRE CYBORG?

AKELARRE CYBORG: QUIMERA ROSA + TRANSNOISE

Uma performance multidisciplinar? Um encontro de bruxas? A desconstrução das nossas identidades de sexo / gênero? Rituais coletivos? Uma conexão entre arte, tecnologia e vida? Uma viagem de idas e voltas? É um pouco de tudo isso… E ainda mais...

Akelarres[1] eram reuniões entre bruxas. Se nos afastamos das definições religiosas de bruxaria, assim como das leituras sócio-históricas, encontramos um conjunto de práticas que, através da manipulação de símbolos, corpos, objetos, sinais e seu entorno, têm como finalidade a criação / modificação do mundo, o que nos aproxima da definição de cyborg de Donna Haraway[2].

Se consideramos, a partir de uma perspectiva feminista / queer, as pretensões das últimas vanguardas artísticas de suprimir a fronteira entre arte e vida, podemos considerar os akelarres como performances coletivas de arte total. O conjunto de práticas das bruxas, nomeado por elas como "as artes" ou a "arte", necessita hoje de uma infinidade de categorias para ser abordado, como arte, política, filosofia, técnica, ciência, sexualidade.

AKLR cyborg é um projeto de pesquisa e performance que busca reapropriar-se dessa visão de bruxaria, examinando possibilidades de dar a uma performance características de um Akelarre. A ideia de Akelarre aplicada a performance está dissociada de qualquer noção de representação ou teatralidade. O Akelarre não é manifestação do que são as bruxas, e nem mesmo é o lugar onde participantes fingem ser bruxas. O Akelarre é o devir bruxa.

O projeto se baseia tanto na documentação do processo de experimentação e investigação como na realização da performance. Juntando as experiências e inquietudes de Transnoise e Quimera Rosa, desenvolvemos uma performance com base na desconstrução de identidades de sexo e gênero, na interação entre corpo e tecnologia, entre as máquinas e as plantas, e no ruído faça você mesmo (DIY) como meio para alteração da construção identitária, uma fusão de realidade e ficção. Uma performance que estuda o potencial das artes de bruxaria era do biopodernão compreendi o tempo verbal. Era ou é umas performance?. Uma ficção científica onde as plantas cantam, corpos transmutam e máquinas trepam.

DETALHES TÉCNICOS

Construímos sob medida todas as próteses, sensores e dispositivos sonoros, como parte do processo artístico. Toda a parte de tecnologia é criada usando tecnologia livre, de código aberto e faça você mesmo / faça com os outros (DIY /

DIT). O ciborgue não é apresentado como um super-homem fabricado por empresas, mas através de subjetividades e encontros criativos.

Notas:
1. A Palavra em língua basca para Sabbath. Reunião noturna de bruxas. http://es.wikipedia.org/wiki/Aquelarre

2. "Entidades germinais implodidas, condensações densas de palavras, que surgem da implosão de natural e artificial, sujeito e objeto, máquina e organismo, dinheiro e vidas, narrativa e realidade, natureza e cultura". Consulte o "Manifesto Cyborg", Donna Haraway. Quimera Rosa & Transnoise são laboratórios artísticos de sensibilidades aliadas que investigam e experimentam em torno dos processos que constroem e produzem identidades, particularmente as de sexo / gênero / sexualidade, e a relação destas com as artes e



Akelarre Cyborg: Quimera Rosa + Transnoise".
Fotos: @sight&sound festival, montreal, CA, 2014.

tecnologia. Este trabalho manifesta-se principalmente através de performances interdisciplinares que esboçam novas linhas de relações entre humanos, plantas e máquinas, entre os órgãos, próteses e dados. Performances que procuram gerar um espaço-tempo onde desaparecem os limites entre ficção e realidade, entre arte e vida.

3. AKLR Cyborg teve início durante uma residência no mARTadero, Cochabamba, Bolívia, em Outubro de 2012. Caderno de viagem e residência de investigação: http://akelarreyaku.tumblr.com/
Teaser Aklr: https://vimeo.com/61753605
Transnoise: http://transnoise.tumblr.com/
Quimera Rosa: http://quimerarosa.net/
http://akelarrecyborg.tumblr.com/





COSMOGONIA SONORA

PEDRO DIAS

"O MOVIMENTO DE UMA CORRENTE É DISTINTO DAQUILO QUE ATRAVESSA, AINDA QUE NECESSARIAMENTE ELE ADOTE SUAS SINUOSIDADES". BERGSON, EVOLUÇÃO CRIADORA

O ruído sonoro pode ser entendido como interferência na comunicação, desorganizador que desmancha a mensagem, bloqueia o canal ou desloca o código, mais relacional do que natural. Essa definição, porém, como desordenação interferente, ganha um caráter mais complexo em se tratando de arte como um elemento virtualmente criativo, de afronta à códigos cristalizados e provocador de novas linguagens.

O som natural é o ruído que se apresenta a nós a todo o momento através de frequências irregulares e caóticas, com as quais a música trabalha para extrair-lhes uma ordenação que por sua vez também contém margens de instabilidade, com certos padrões sonoros interferindo sobre outros. Emissões pulsantes que são por sua vez interpretadas segundo os pulsos corporais, somáticos e psíquicos, se fazem nesse ligamento em que diferentes frequências se combinam e se interpretam porque se interpenetram.

Um som afinado, cantado em uníssono por um grupo humano tem o poder mágico de evocar uma fundação cósmica: insemina-se coletivamente, no meio dos ruídos do mundo, um principio ordenador. Sobre uma frequência invisível, trava-se um acordo que projeta não só o fundamento de um cosmos sonoro, mas também do universo social. As sociedades existem na medida em que podem fazer música, ou seja, travar um acordo mínimo sobre a constituição de uma ordem entre as violências que possam atingi-las do exterior e as violências que as dividem a partir do seu interior. Assim a musica oferece tradicionalmente como o mais intenso modelo utópico da sociedade harmonizada e ao mesmo tempo a mais bem acabada representação ideológica (simulacro interessado) de que ela não tem conflitos.

No crescimento das sociedades, formam-se centros despóticos para os quais se dirige o produto excedente (serviços religiosos, custeio da guerra, a manutenção da comunicação ou distribuição). Enquanto esse excedente econômico se destina serviços de interesse coletivo, o excedente simbólico se realiza como trabalho comum para a glória da unidade, nas figuras espelhadas do déspota e da divindade tribal. A ordem sacrificial da música envolve todos seus elementos em um tributo ao centro, um caráter estático da musica modal, ante evolutivo, ocupa o espaço de autossuficiência e referência ainda que permeável

à circularidade e ao rodízio das precedências, ameaçado por qualquer fissura, ou ainda, ruído deslizante da ruína do sistema. Como o mundo modal não se baseia na ordem da representação (estética e política), e sim na ordem do sacrifício, a descrição sócioeconômica e cosmológica não se faz como uma simples metáfora da sociedade, e sim como instrumento ritual de manutenção da ordem contra as contradições que a dissolveriam.

Segundo Deleuze e Guattari em *Anti-Édipo,* nas sociedades tribais esse todo é virtualmente a terra, a unidade-indivisa que se inscreve no corpo pelos rituais (circuncisão, tatuagens e outras inscrições) e que se escuta como música. Nas sociedades despóticas, esse todo é apropriado simbolicamente em alguma medida pelo centro, que passa a ser emanador e receptor dos sons da terra e do grupo social (ritornelo dominante).

Nas sociedades pré-capitalistas a musica é vivida como experiência do sagrado, no campo da luta cósmica e caótica entre o som e o ruído. Na luta dos dons entre a vida e a morte, os deuses e os homens, o rito sacrificial. Assim como o sacrifício de uma vítima (pharmakós entre os gregos), quer canalizar essa violência destruidora, ritualizada para sua superação simbólica, o som é o bode expiatório que a música sacrifica, convertendo o ruído mortífero em pulso ordenado e harmônico. Assim como o pharmakós tem valor ambivalente, veneno e remédio, o som também tem a ambivalência de produzir ordem e desordem, vida e morte, na economia sacrificial de base, o ruído está sempre no limite de invadir o som. Ritornelo comunicante entre mundo material e o espiritual sensível.

> *"A música modal é a ruidosa, brilhante ritualização da trama simbólica em qua a música está investida de um poder (mágico, terapêutico e destrutivo) que faz com que a sua prática seja cercada de interdições e cuidados rituais. Os mitos que falam da música estão centrados no símbolo sacrificial, assim como os instrumentos mais primitivos trazem a sua marca visível: as flautas são feitas de ossos, as cordas de intestinos, tambores são feitos de pele, as trompas e as cornetas de chifres. Todos os instrumentos são, na sua origem, testemunhos sangretos da vida e da morte. O animal é sacrificado para que se produza o instrumento, assim como o ruído é sacrificado para que seja convertido em som, para que possa sobrevr o som."*
> *(Wisnik, 1989).*

A fonte de onde emana o mundo é sempre uma fonte acústica. A voz criadora surge como um som que vem do nada, que aflora do vazio: "O abismo primordial, a garganta aberta, a caverna reverberante". Esse som saído do Vazio é o produto de um pensamento que faz vibrar o Nada e, ao se propagar, cria o espaço. O abismo primordial é um fundo de ressonância e o som que dele emana, a força criadora (deuses-cantores, Brama, palavra sagrada, hino, mantra, o sopro sagrado de Atman, OUM (ou AUM), o poder de ressoar a gênese do mundo).

Articular o som e o silencio é querer romper o *continuum* da natureza que é ao mesmo tempo silêncio ruidoso como o mar, em suas ondulações e no seu rumor branco, frequência difusa de todas as frequências – pinknoise, movimento browniano[1]. Fundar um sentido de ordenação do som, produzir um contexto de pulsações articuladas, produzir a sociedade significa atentar contra o universo, recortar o que é uno, articular o que é contínuo. Experiên-

cia ondulatória e pulsante no próprio descontínuo da cultura, estabelecendo o circuito sacrifical em que se trocam dons entre homens e deuses, vivos e mortos, harmoniosa e desforme.

DIACRONIA E CIVILIZAÇÃO

A passagem modal ao tonal acompanha aquela transição secular do mundo feudal ao capitalista, participando da própria constituição da ideia moderna de história como progresso. Nesse período Clássico, a linguagem musical atinge seu auge erudito e em seguida passa por uma espécie de saturação e adensamento, que o levam à desagregação no século XX. Nesse arco histórico, inclui a afirmação e a negação do próprio sistema, formando as bases para o processo da modernidade.

A música tonal expande o universo modal fixo e repetitivo em uma economia de trocas em que a transição pelas funções, através de um encadeamento que tem seu núcleo no próprio movimento oscilante de tensões, também se transformam em repouso. Fundamento dinâmico, progressivo, teleológico, perspectivístico da tonalidade, panoramicamente, o tonal é o mundo no qual se prepara, se constitui a problemática e a dissolução diacrônica. É o mundo da dialética, da história, do romance, progressivo, narrativo na expansão do movimento e seus desdobramentos sequenciais, no principio do desenvolvimento. Exibe sua crise interna ao sistema mostrando possibilidades de resolução dentro do próprio código.

Vemos ai esse perfil macrocultural, a vocação para o desenvolvimento sucessivo, evolutivo, subordinante, movido por uma necessidade dialetizadora inerente à linha conflitiva diacrônica, necessidade que envolve em seus passos tanto a dinâmica social quanto a estrutura da linguagem. Esse ímpeto positivista, desenvolvimentista, disparado ainda pelas relações capitalistas, foi formulado difusamente pelo imaginário coletivo. Goethe, em seu imperativo fáustico, associa a vontade de saber e a vontade de poder, o conhecimento e a ação ilimitados, à colonização do futuro movida por "forças obscuras" que são desentranhadas de um fundo escondido, ainda inconsciente, medievo na figura do Mefistófeles.

Na metade do século XX atingem-se os confins da serie harmônica, a própria ideia de progresso ilimitado deixa de exibir, como linha de força ideológica, aquela mesma autossuficiência dialética. O principio evolutivo aplicado às alturas enfrenta dificuldades cada vez mais acentuadas para produzir diferenciação, já que suas formas mais extremas de organização progressiva estão consumadas. Onde o silêncio dos espaços infinitos vem acompanhado da ruidagem absoluta, impõe-se uma espécie de consciência sincrônica, uma escuta capaz de fazer silêncio, de se colocar no ponto zero dos códigos e da multiplicidade dos pulsos.

Além do ruído ser o elemento que renova a linguagem do *habitat* moderno, a vida urbano–industrial é marcada pela estridência e pelo choque. O alastramento do mundo mecânico, artificial e agora, virtual, cria paisagens sonoras onde o ruído é a base para as texturas musicais. Proliferam os meios de produção e reprodução sonora, não é mais simplesmente acústico, e sim, eletroacústico.

O sampler registra, analisa, transforma e reproduz ondas sonoras de todo tipo, e superou de vez a já velha polêmica inicial entre a música concreta e a eletrônica. Em um estado de produção de simulacros, dilui-se a oposição entre o gravado e o sintetizado, o som real e o inventado. As máquinas de produção e reprodução sonora, além de terem seus

terminais disseminados em rede por todo o tecido social (com sonorizadores fixos e ambulantes nos espaços mais públicos aos mais privados), implantaram um modo de tratamento do som totalmente relativístico, em que nenhum dos seus componentes inscreve-se em nenhuma ordem de hierarquia ritualística. O objeto sonoro é o ruído que se reproduz em toda parte, além de passar por um processo sem precedentes de rastreamento e manipulação laboratorial das suas mais ínfimas texturas (gravado, decomposto, distorcido, filtrado, invertido, construído, mixado, etc).

Enquanto isso, a estratégia política do som deixou de se dar pela clivagem ideológica entra a música oficial, apropriada enquanto música elevada e harmoniosa, e as músicas divergentes, consideradas baixas e ruidosas, a industrialização tornou-se uma processadora de toda forma de ruído repetitivo, disseminado em faixas de consumo diversificadas. Não se trata mais de tocar o som do privilegio contra o ruído dos explorados, mas operar industrialmente sobre todo o ruído, dando-lhe um padrão de repetitividade e fetichismo.

O mercado pós-moderno é baseado em ciclos rápidos de posição e reposição da história dos gêneros, a liquidação dos estoques da loja ocidental, queima de estilos. Se a linguagem perde a tônica, a moda dá o tom. No conjunto da repetição serializada, toda história torna-se sucata para uso publicitário, remete todo som ao ruído, ruidifica o ruído. O tempo integral da mídia não faz, não conhece e não aceita o silêncio.

Ao mesmo tempo, as expansões tecnológicas oferecem vivas perspectivas para a leitura e uso das construções humanas. No Fausto de Goethe, há um momento em que os poderes já precoces da produção de simulacros gerada pelo pacto com Mefisto gera um terceiro contrato fáustico. Nele a alma e ou sentido parecem estar perdidos de saída. O homúnculo retorna na esperança tecnológica da salvação, na forma do computador, a arte, alma e o sentido figuram já como lendas do passado.

HACKEANDO O SISTEMA

Na análise dos efeitos do LSD-255 sobre a mente humana, uma hipótese razoável afirma que o efeito dessas substâncias no computador humano é introduzir ruído branco (energia variante e aleatória que não contém sinais de si mesmo em si mesmo). Este componente ruidoso adicionado aos sinais normais dos circuitos geram incertezas suficientes nos significados para que novas interpretações sejam possíveis. O que LSD, mescalina e psicodélicos semelhantes tendem a fazer, especialmente depois de várias viagens, é abrir a pessoa a que o Dr.Lilly chama de “ruído”.

O grande princípio operativo parece ser que o computador humano opera de tal forma a tornar os sinais de ruído, criando informações onde não havia sinal. A informação “criada” a partir do ruído pode ser demonstrada por análise cuidadosa e ter sido trazida de dentro do próprio sistema de armazenamento do computador, recriação sobre elementos inerentes. Isto é, precisamente, o que ocorre em uma viagem de LSD. O diferente é que o ruído e as informações recém-criados estão chegando ao receptor não apenas em palavras lidas em uma página, mas através de todos os sentidos ao mesmo tempo. Muitas vezes levam meses para investigar e descobrir todos os signos e relações experimentados durante uma expansão mental ou sensorial.

Esse delírio traz uma necessidade vital à espécie, a confabulação de técnicas e mecanismo da vida se inserem no mundo para serem reais, delirar o mundo,

projetar nele esboços de personalidades, forças superiores, seres transcendentes, potência imaginativa. Se precisamos violentar a natureza para chegar a esse desapego (um corpo sem órgãos), é porque o apego à vida (ou confiança) muda de natureza. O místico é justamente aquele que pula fora do plano da Natureza, ou seja, fora dos círculos de pertencimento da espécie. Ele chega até a constituir uma própria espécie, não um aumento extensivo nem de um crescimento qualitativo, mas de um salto intensivo que se confunde com um movimento de conversão e transformação. A verdade é que compreenderemos sem dificuldades esses estados anormais, sua semelhança e, às vezes, talvez também sua participação nos estados mórbidos, se pensarmos na reviravolta que é a passagem do fechado para o aberto, da vida habitual para a vida mística.

Quando as profundidades obscuras da alma são agitadas, o que sobe à superfície e chega até a consciência, se a intensidade for suficiente, pode exprimir a reviravolta como uma rearrumação sistemática em vista de um equilíbrio superior. Só podemos sair da neurose própria da espécie humana por uma espécie de experiência psicótica (êxtases, alucinações, encantamentos), um episódio esquizofrênico que nos conduza a uma saúde para além do normal, um novo estágio de sobrevida.

Essa expansão da percepção das frequências, dos “ruídos”, leva a uma desterritorialização por conhecimento. O ruído provocado pelas multidões contrasta junto ao noise experimental como quebra da repetitividade do entretenimento, aprofunda um campo de disputa e criação de subjetividades. A realização da capacidade de perceber fenômenos onde influências e interferências, internas ou externas, das frequências e linhas de intensidade que atravessam e constituem o ser, constituem em um porvir e um eterno retorno das construções e possibilidades humanas. O simulacro de Nietzsche, iconoclasta, onde as ondas reverberantes criam seus próprios ecos degenerados e tresloucados.

A criação de imagens e sons abstratos por meio de procedimentos de distorção nas linhas e nos pontos de sua trama reticulada, podem ser conhecidos também por anamorfoses cronotópicas – "As técnicas clássicas de anamorfose consistem no deslocamento do ponto de vista a partir do qual a imagem é visualizada, sem eliminar, entretanto, a posição anterior, decorrendo ai um desarranjo das relações perspectivas originas [...]. Se referem ás deformações resultantes de uma inscrição do tempo”.

DEGENERAÇÕES AUTOPOÉTICAS

Figuras extremas como o barulho e o silêncio, esgotamento ideológico, catástrofe e mesmo caosmose, tangenciam pontos onde aparecem, paradoxalmente e ao mesmo tempo, os contramovimentos do presente. Nesses pontos de inflexão que se insinuam, de maneira às vezes imperceptível, os contragolpes minúsculos, mas também as explosões multitudinárias que denunciam o que definha (valores, estilos, problemas), ao mesmo tempo em que deixam entrever novos desejos e necessidades, a compassar a presença com a palpitação do corpo que vibra e reverbera.

O fato é que o colapso do sentido, em geral, promove discursividades a-significantes, gerando mutações ontológicas, sendo a própria subjetividade pensada a partir desse ponto de mutação.

“O mundo só se constitui com a condição de ser habitado por um ponto umbilical de desconstrução, de destotalização e de desterritorialização, a partir do qual se encarna

uma posicionalidade subjetiva… Esse vacúolo de descompressão é ao mesmo tempo núcleo de autopoiese sobre o qual se reafirmam constantemente e se formam, insistem e tomam consistência os Territórios existenciais e os Universos incorporais. É no fundo, assim que nasce um mundo, a partir desse fundo sem fundo e sem fundamento. Trata-se de um foco de criacionismo ontológico." (In. Guatarri, Caosmose, op. cit., p.99.)

[Essa] caosmose não oscila mecanicamente entre zero e o infinito, entre o ser e o nada, a ordem e a desordem: ela ressurge e germina nos estados das coisas, nos corpos, nos focos autopoiéticos de desterritorialização. Trata-se aqui de um infinito de entidades virtuais infinitamente ricos de possível, infinitamente enriquecível a partir de processos criadores. As velocidades infinitas estão grávidas de velocidades finitas, de uma conversão do virtual em atual, do reversível em irreversível, do diferido em diferença.

Como se dá a tomada de consistência de tais focos autopoiéticos, como ocorrem essas "escolhas de finitude", como se dá a inscrição numa "memória de ser", como se gera uma tal ordenação intensiva na pré-subjetivação? Vozes de auto-referência, isto é, na subjetividade processual autofundadora, que inventa suas próprias coordenadas, autoconsistencial. Produzir novos infinitos a partir de um mergulho na finitude do sensível, infinitos não apenas carregados de virtualidade, mas também de potencialidades atualizáveis, devires intensivos e processuais, um novo amor pelo desconhecido. (Ibidem, p. 147)

O que a caracteriza é uma combinação singular de homogêneses e heterogênese, de repetição congelada e de desterritorialização incessante, na qual se passa do "sentimento de catástrofe de fim do mundo" ao pressentimento perturbador de "uma redenção iminente de todos os possíveis". A esquizoanálise mergulha na imanência homogenética e dali liberar coeficientes heterogenéticos, mesmo que esteja fora de qualquer performance oral, familialista ou analítica. Confrontamo-nos com ela na vida de grupo, nas relações econômicas, no maquinismo, por exemplo, informático, e mesmo no interior de Universos incorporais da arte ou da religião.

Apreender o movimento da música, independentemente da sua melodia; apreender o movimento do místico, independentemente das vozes, imagens e emoções que o acompanham; apreender a corrente da vida, independentemente das formas criadas que ela atravessa; enfim; apreender um todo virtual independentemente da sua atualização sempre parcial. Será o jogo apenas um dos enigmas do mundo, ou o mundo é uma das figuras do jogo? Em todo caso, ao perguntar se nesse universo plano e liso, abstrato ou reduzido, no planeta em que vive o ser do homem, ele poderá algum dia encontrar seu lugar e hora? O filósofo responde que, com o niilismo superado, talvez se possa ouvir uma vez mais a voz de heráclito:

"Será que de vez em quando saberemos nos tornar como as crianças que constroem na praia o dia inteiro castelos de areia, e com a mesma alegre excitação, veem a maré da tarde destruí-los?"
K. Axelos, horizontes do Mundo, po. cit., p.21.

Notas:
1. O movimento browniano é o movimento aleatório de partículas num fluído, como consequência dos choques entre todas as moléculas ou átomos presentes no fluído. Há um padrão pouco explícito em alguns casos em um movimento fractal, esse movimento está diretamente ligado a reações em nível celular, como a difusão, a formação de proteínas, a síntese de ATP e o transporte intracelular de moléculas. Hoje em dia, o movimento browniano serve também de modelo na descrição de flutuações que ocorrem os mais diversos e inesperados tipos de sistemas. Por exemplo, para descrever flutuações de preços de mercadorias, a condutividade elétrica em metais e a ocorrência de cheias nos rios. Físicos atualmente estudam tal movimento em relação à Teoria do Caos.

Bricolagem inspirada nos textos referentes:

Axelos, Kostas. “Horizontes do Mundo”, 1983. Tradução de Lígia Maria Pondé Vassalo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Ed. UFC, 1983.

Deleuze, Gilles. “Diferença e Repetição”. Tradução revista de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

Guatarri, Feliz. “Caosmose”. Ed. 34, Rio de Janeiro, 1992.

Lapoujade, David. “Potências do Tempo”. São Paulo, Ed. N-1, 2013.

Lilly, Jon C. “Programming and Metoprogramming in the Human Biocoomputer”, 1968.

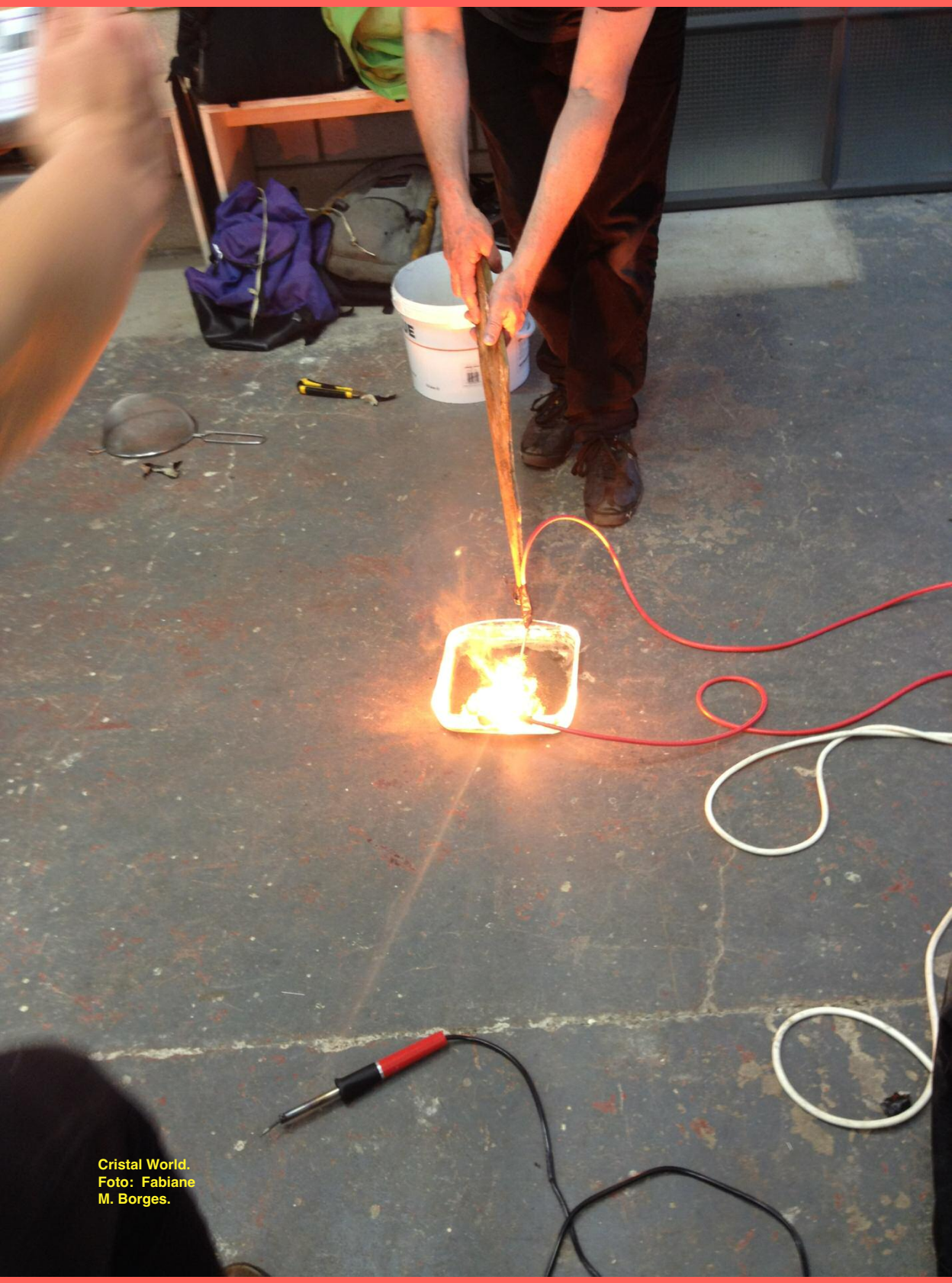
PARENTE, André (org); “Imagem-Máquina: a era das tecnologias do virtual”. Rio de Janeiro: Editora 34; 1993

PELBART, Peter Pál. “O Avesso do Niilismo: Cartografias do Esgotamento”. São Paulo, N-1 Edições, 2013.

Simondon, Gilbert. “L’Individu et sa Genèse Physicobiologique”. Paris: PUF, 1964.
Bailly, A. Dictionnaire Grec Français. Paris: Hachette, 1950.

Wilson, Robert Anton. “Sex, Drugs & Magic". Nevada, USA, New Falcon Publications. 1987.

Wisnik, José Miguel. “O som e o Sentido”. São Paulo, Cia das Letras, 1989.



Cristal World.
Foto: Fabiane M. Borges.

O MUNDO CRISTALIZADO

JONATHAN KEMP

O universo é um gigantesco cristal, cuja totalidade de átomos e lâminas descansa em uma ordem ininterrupta e de unidade inquebrável, porém fria e estática. O que parece um indivíduo e uma vontade, é nada. Há uma imensa cadeia de intermediação, que se estende do centro aos extremos, e que destitui cada agenciamento de toda sua liberdade e caráter. O universo [...] sofre sob um sono magnético, e apenas reflete a mente do magnetizador. (Emerson, 133)

O silêncio absoluto da vegetação ao longo das margens e o brilho prismático profundo quase o convenceram de que toda a terra fora transformada, e que qualquer progresso através deste mundo de cristal havia se tornado inútil. (Ballard, 35)

A disposição da Terra proposta em "The Crystal World" - a distopia “dos sem-futuro” de J. G. Ballard - é tal que magnetiza a psique em sua superfície como sujeito limitado, despojando-se de suas faíscas de vida, aprisionando-o em uma série de materializações fractais. Vida e terra são imobilizadas, congeladas no brilho de uma beleza distorcida, a superfície é brutalmente cristalizada em sua expansão mundana.

Por difratar a décollage em curto-circuito de uma imobilidade contemporânea - enquanto subscrita por motores computacionais demiúrgicos, desumanamente complexos e altamente ordenados – pode-se entender que o romance de Ballard cristaliza sua psicopatologia sobre uma terra lacerada – lugar sempre usualmente difundido como depósito indefinido sob um versionamento de soberania qualquer.

No romance, situado em um desconhecido país africano, as pessoas sucumbem e cristalizam-se em uma paisagem abrilhantada, fundindo-se com sua flora e fauna. O tempo é curto: escapar da cristalização é impossível. Apenas um militar, Radek, é encontrado ***semi-joiado*** e arrastado para um córrego, na tentativa desesperada de dissolver os cristais que o trancafiam. Mais tarde ele é visto transfigurado, rasgado, meio-vivo, ferido de morte. Não há saída no livro de Ballard. O mundo de cristal se expande, torna-se planetário; enquanto sua cristalização cresce, a vida torna-se patologicamente circunscrita à sua rigidez gelada.

A questão que Ballard coloca é se é possível escapar da propagação de tais forças neguentrópicas por toda natureza e psique. Em um contexto contemporâneo isso pode ser re-roteado pela análise de que, sob o capital, o tempo geológico e as especificidades espaciais são colapsados e dragados para um buraco de minhoca de suas narrativas tecnológicas, aquelas repetições de um ruído branco reproduzidas pelo pântano de materiais planetários, subtendendo tudo ao chauvinismo de uma espécie. Assim o que está em jogo aqui sugere essa saída na criação de algo mais próximo às marcações e matriciações da terra (computador de Stonehenge), para distorcer a periodicidade na qual arestas são indefinidamente cortadas e afiadas, e evitar a agregação de erros destrutivos sobre um cataclismo subterrâneo de metafísica, onde tudo é incerto, local e promíscuo.

INTRODUÇÃO:

Se a própria vida tem início em cristais aperiódicos que codificam futuros infinitos dentro de um pequeno número de átomos, então a cristalização digital do geobiológico pelo Capital limita esses futuros até o ponto de exaustão. Uma vez que os computadores e os minerais de que são feitos são considerados como igualmente cristalinos, sua descristalização só é possível através da introdução de loops de realimentação vigorosos e positivamente ruidosos. (Kemp, 2012a)

Ao percorrer as camadas de abstração inerentes a um computador, a partir de protocolos de rede e através de linguagens de programação de alto nível, intérpretes, código de máquina – descendo até as próprias placas de circuitos – há sempre uma disjunção entre o que é materializado e o que a teoria demanda, da mesma forma como ninguém jamais poderá construir uma verdadeira máquina de Turing Universal. Mas o que é construído, escalado e distribuído em todo o mundo é o produto de vários processos materiais que envolvem ações massivas de pessoas, coisas e a terra e sua matéria - o que por sua vez significa que há uma política e filosofia da materialidade que precisam a ser levados em conta.

Uma suposição no trabalho aqui apresentado é que, enquanto inovações tecnológicas e estéticas da arte dos novos meios ("New Media Arts" - NMA) dependem da reconfigurações de materiais aparentemente inesgotáveis, uma conta de essa materialidade geralmente tem sido deixado de fora de suas convenções. Através do detalhamento do projeto colaborativo, "The Crystal World" [n.t. "Mundo Cristalizado"], este artigo fornece uma idéia de como essa conta pode ser feita, evitando a falácia epistemológica de priorizar teoria, uma vez que "situar a prática na teoria, uma vez que a ignorar a prática é obter a teoria errada" (Barad 2007, 166).

Foi proposto com contextualização a relação entre NMA e as suas bases materiais, e este artigo desenvolve uma metodologia de difração com os quais pretende caracterizar investigações práticas do projeto para essas materialidades. Isto sugere ainda um meio para a flexibilização da prática e da teoria a partir de qualquer posição consciente com objetos padronizados dentro de domínios e modos de conhecimento prontamente disponíveis, mediante a apresentação de um conjunto de investigações sutis, aleatórias, atentos e aventurados em dinâmica material da computação onde, fundamentalmente, são baseadas em uma questão protéica.

Como tal, uma iminência exigente e rigorosa da estética é premeditada em suas descrições das várias operações naqueles químicos, lógicas e contingências eletromagnéticas dobrada por dentro da computação, e não só, para concatenar com condições antropogênicas e ecológicos, criadas por economias capitalistas.

Por exemplo, e como maneira de introdução, em algumas primeiras oficinas antes de o projeto, uma série de experimentos foram executados e tentaram difratar alguns dos minerais provenientes de computadores usando técnicas e experiências transcritas, de diferentes tradições e práticas. **1)** O ouro foi configurado em muitas combinações com coisas como ácidos, calor, eletricidade, eletrônica e economia, a alquimia, crença, possibilidade, e ciência, e assim por diante, todos atuando em um inquérito que não foi projetado para perguntar como compreender ouro de apenas uma perspectiva teórica, mas para mostrar que o ouro só pode ser entendido como uma coisa para ser manipulado na prática.

Assim, em vez de destacar um conjunto de práticas e seu discurso, os sistemas políticos em que tais materiais são distribuídos, o "Crystal World" tenta

multiplicá-los. A ideia é que se qualquer uma dessas práticas discursivas for colocada em primeiro plano, como consequência haverá apenas uma visão simplória e padronizada desse material apresentado, mas se elementos de múltiplas práticas são introduzidos então objetos multivalenciados aparecem e desaparecem [n.t. valência em inglês pode ser usado tanto para carga atômica quanto no sentido linguístico de possíveis argumentos de um predicado] , com a incerteza ontológica inerente manifestada. Esta, então, é a unidade geral a ser detalhado neste artigo, que as coisas são trazidos para existência, usadas, multiplicadas, e por isso são sempre de grande atualidade, formalizada e política.

DIFRAÇÃO

A metodologia do projeto ecoa exegese de uma "ético-onto-epistemologia" de Karen Barad em que a realidade é considerada inerentemente indeterminada até que seja medida por alguns "aparelhos", necessariamente co-constituitivos ônticos, implicando exclusões, e foraclusões do determinismo. Ao mesmo tempo, como qualquer ato de observação faz um "corte" que faz com que algumas "coisas" estejam mais visíveis do que outras, então é sempre uma questão de significado ético-político, como estes cortes sempre necessariamente são lembretes de um domínio paralelo e oculto do abjeto não-ser. Além disso, os materiais não são ontologicamente independentes das maneiras pelas quais outras coisas os mediam, mas nem a mediação por outra entidade esgota explicações ou define de forma abrangente esse material. Portanto, devemos assumir que qualquer imperativo epistemológico para representar com precisão um objeto de estudo é fundamentalmente falho (e circular).

Neste sentido, "aparelhos" são agencias no sentido de um "fazer" ou "ser", como configurações específicas de possibilidades materiais que contribuem para a "diferente materialização no mundo" (Barad 2007, 178). Eles também são performativos na medida em que "inter-agem" com as formas em que, por exemplo, os seres humanos temporariamente "recortam" o mundo em seções para revelar (simultaneamente ocultando) detalhes sobre ele. Utilizando os exemplos de "onda" e "partícula", Barad argumenta que nem mesmo refere-se a qualquer propriedade inerente da luz, ao invés disso refere-se a diferentes conjuntos de aparelhos que afetam diferentes cortes para delinear o objeto medido – "em outras palavras, eles diferem em suas resoluções locais materiais da indeterminação ontológica inerente" (Barad 2003, 831).

Inspirado por Barad, o arqueólogo de mídias Jussi Parikka sugeriu que esta sacada é uma "maneira muito boa e materialmente dinâmica para entender a ontologia das tecnologias da mídia" e os motivos de uma "nova teoria do dispositivo" dos meios de comunicação, e das "Novas Artes da Midia" (Parikka 2009).

Tal abordagem ajudaria, sem dúvida, a expor o quanto as "Artes das Novas Mídias" operam sob a suposição limitada que por se envolverem com os elementos formais da sua prática, por exemplo - sobre os níveis de código e software, hardware ou interface - de alguma forma fazem com que uma espécie de engajamento político ou crítica seja validado simplesmente porque as coisas são usados de maneira que não tenham a intenção de revelar os seus próprios parâmetros regulatórios. Não apenas estes recortes tornam invisíveis certos elementos do mundo, mas também alcançam para si próprios certos elementos do mundo invisível, por apresentar a distinção que opera como dada. O chamado de Parikka para uma "nova teoria do dis-

positivo" parece particularmente pertinente quando essa recursão é vista como um recorte que pode distorcer fortemente a relação das "Artes das Novas Mídias" com sua materialidade.

Uma resposta a tal chamada pode ser encontrada em investigação prática do "Crystal World" em níveis subterrâneos de cálculo de materialidade, como apresentado neste artigo, como a sua forte ressalva que deve, argumenta-se aqui, modular qualquer discussão teórica sobre, por exemplo, o potencial emancipatório frequentemente assumido inerente em vários níveis de abstração da placa de circuito.

2) Uma pilha de placas-mãe de sucata pode apresentar algumas das complexidades formais envolvidas que contém lógica computacional em materiais através do arranjo, padronização e relação entre seus componentes conhecidos. No entanto, nada demais é revelado sobre as matérias-primas, nem, por sua vez, sobre sua extração e produção, especialmente encarando as contradições inerentes aos valores monetários, onde qualquer ideologia de porções de capital emancipatório instantaneamente estará relacionada com, por exemplo, as cadeias muitas vezes ocultas de mão de obra barata utilizada na sua produção.

O que se segue no restante deste artigo são descrições impressionistas da prática onde "Crystal World" é modulada pela discussão em torno das duas versões executadas: O "Crystal World"v.01, com mais de seis dias em fevereiro de 2012 como parte do Clube Transmediale New Media Festival , Berlim (CTM12); e O "Crystal World" v.02 , realizado em Londres, de 17 de julho até 01 de setembro de 2012.

O "CRYSTAL WORLD" V.01

O "Crystal World" (“Mundo Cristalizado”) é posto em cheque ao trabalhar através de sucessivas descristalizações do digital, e ao fazê-lo muitas vezes imita esses processos perigosos empreendidos na recuperação de metais raros e preciosos disponíveis aos despossuídos. O projeto é proposto para expandir essas intervenções mundiais através de experimentação destinadas a gravar distorções psicofísicas e contingências inesperadas em ciclos cristalinos contemporâneos. Em seguida, experimentos em torno dos processos aleatórios e, portanto, a indeterminação formando um imperativo distinto em jogo por trás do "Crystal World", realimenta a premissa de que os computadores e os minerais dos quais são feitos podem ser considerados igualmente cristalinos.

O "Crystal World" v.01 (CWv.01) foi convocado como um laboratório aberto por seis dias com uma subsequente exposição de duas semanas de produtos de laboratório e resíduos do procedimento. Uma chamada aberta para participantes propôs uma série de explorações que ofereciam atividades, incluindo: precipitação mineral, geologia sintética de altas temperaturas e cristalografia indutiva, fossilização antropocêntrica, criptografia de água cristalina, fotografia Kirlian[1], construção de fulgurites com alta-voltagem, difrações ódicas, e a ingestão de colóides[2] para "conter a praga contemporânea".

3) Com a promessa de apresentação pública e performances, "com o processo de laboratório para ser exposto", os entrevistados ofereceram uma variedade de origens, e as investigações potenciais, que incluiu artistas plásticos, artistas sonoros, novos artistas de mídia, um escritor, um fotógrafo, um neurocientista, e um cientista da computação. Cinco quartos em Kunstraum Kreuzberg, Bethanien e Berlim foram equipados e vagamente designados para tipos específicos de atividade, incluindo limpeza e análise, trabalho com altas tempera-

turas, química, construção, armazenamento e exibição.

A partir de várias pilhas de lixo de computadores ("c-waste") e uma vitrine de minérios brutos derivados de computadores, os participantes peneiraram suas seleções. Muitas vezes imitando os processos perigosos realizados na sua extração industrializada, processamento e disposição, intervenções e conjunções dos participantes do laboratório tentaram distorcer o valor desses circuitos lógicos através da preparação de várias difrações dos seus materiais.

4) Assim, as experiências realizadas incluíram: Cogumelos de ostra cultivada em um substrato de componentes de um computador esmagado, galena, magnetita, terra local, e palha em um projeto de micélios semicondutores; biosintéticos que utilizam diferentes fossilizações lixiviados de computador e soluções de silicato injetado no material celular eucariótica (a estrutura de todas as células animais, incluindo o ser humano); alta de calor várias experiências metalúrgicas usando pequenos fornos e fornos de micro-ondas modificados, com as tentativas posteriores para incentivar o crescimento biológico sobre derreter produtos de ferro-gusa e de silício sinterizado. Outras atividades envolvidas precipitando matrizes cristalinas a partir de soluções supersaturadas e saturados de sulfato de alumínio, fosfato de monoamônio, sulfato ferroso, e seu sal, em conjunto com o cobre, o alumínio, ou de magnetite para posterior excitação incluindo processamento de sinal sonoro e amplificação através de pirite e antenas de bigode de gato de galena[n.t. minério de chumbo]. Um transformador de 4kV e 0.5A foi usado fazer fulguritos artificiais (vidro como estruturas feitas com as descargas de alta tensão em misturas de pó c-resíduosestá correto: c-resíduos? e areia); e tentativas de ódico (força vital) imagética de lixiviados e cristais de água contaminada foram feitas através da sua injeção no recipiente de filme de câmeras pinhole carregadas com pedaços de papel fotográfico, e congelado antes da exposição.

No final do laboratório, um *vernissage* de manifestações continuou com breves discursos feitos pelos participantes para apresentar o projeto ao público. Experimentos ao vivo incluíram uma bateria de terra feita com um balde de terra, chumbo e eletrodos de cobre, com a adição lenta de ácido sulfúrico para aumentar a tensão e registrar diferenças não calibradas através de uma exposição do laser difratado; construções de fulgurita mais artificiais feitas descarregando arcos de alta- tensão entre conjuntos de circuitos integrados esmagados, silício em pó e areia; as tentativas de produzir uma outra formação geológica sintética detonando termite gambiarra (faça-você-mesmo) incorporado em um monte de lixo de computador e minérios; a sonicação de uma variedade de resíduos de parede de cristalização; e, finalmente, três performances de ruído improvisado utilizando matrizes de minérios reconstituídos, cristais e "resíduos c" (lixo eletrônico). A exposição de duas semanas então apresentou os restos de todas as demonstrações e experiências, equipamentos de laboratório e produtos do laboratório, deixados da maneira em que foram encontrados para apreciação nas cinco salas, com cada quarto anotado com uma breve etiqueta para indicar os tipos de atividades aconteceram lá (por exemplo "área de atividade com altas temperaturas", "área química").

O CRYSTAL WORLD V.02

Na primavera de 2012 O projeto "Crystal World" foi premiado com a residência de permacultura do estúdios SPACE. "London. 5) "CWv.02" foi pro-

posto pelo autor como um laboratório de cinco dias, aberto com acesso público, um evento de salão, um evento de abertura da exposição, e uma instalação-exposição de um mês, no novo local SPACE, "O edifício branco" em Hackney Wick, e imediatamente adjacente a eventos nos Jogos Olímpicos de Londres 2012 no principal estádio.

A implicação de Londres no projeto foi incorporado em sua localização. Graças a mordaz obra "The White Hotel" de Ballard, uma pausa estranha e ilusória da selva cristalina, justaposição do excêntrico do Edifício Branco ao lado do sofisticado complexo olímpico do interior Hackney Wick Bow permitiu uma escavação elaborada de máquinas computacionais sobre elementos de um transformado substrato lama de Hackney, o Grand Union Canal, e os restos de industrialismo vitoriano de Hackney Wick.

Depois de uma chamada aberta, uma variada seleção de 12 colaboradores foram abastecidos com materiais pré-laboratoriais, incluindo o "v.01 Crystal World Reader" e colaboraram de maneira diversa em várias experiências ao longo dos cinco dias seguintes.

Arcos de plasma, descargas eletrostáticas colossais criados usando um transformador faça você mesmo de 5 kV e 3A feito de dois transformadores de forno de micro-ondas, foram elaboradas através de misturas do lodo e lama de Hackney, silício, magnetita, para formar estruturas cristalinas frágeis, ou ao longo de trilhas de nitrato de prata, recuperadas do lixo de computadores, mais pedaços de madeira e tijolos de argila de Londres, marcando-os com figuras de árvores ao estilo Lichtenberg.

Em experimentos de alta temperatura, cadinhos faça-você-mesmo moldados em tijolos de forno para pizza em forma de bolha de alumínio foram pintados com carboneto de silício e silicato de sódio misturado em susceptância. **7)** Pó de silício (a partir de areia de quartzo quente vermelha e magnésio despejado com ácido clorídrico) foram misturados com um fluxo de óxido de boro, revertidos novamente para os cadinhos e isolados com outro tijolo e lã cerâmica, antes de embalar e fundir em forno de microondas por 45 minutos, até que, em mais de 1410°C, formassem flocos de silício. **8)** Uma gusa[3] também foi produzida a partir de hematita crua em cerca de 1200 ° C, juntamente com outras pastas de quartzo, circuitos integrados, pratos do disco rígido, e anéis de ferrite. Em seguida foram despejadas diretamente sobre chapas de aço ou em moldes, de maneira que todos foram posteriormente utilizados em eletro-cristalizações e sonificações[4], parte de um experimento "minerando no cadinho", ou como componentes de um "Computador Terráqueo".

Experimentos diversos – energizados por fontes de alimentação de computador recicladas, jogava-se com 5 e 12 volts através sopas eletrolíticas de sulfatos, ácidos, água do canal e lama de Hackney Wick para provocar acréscimos cristalinos e corrosão de resíduos sobre vários eletrodos derivados de computadores incluindo cobre, zinco e chumbo, ou em lápis de grafite, fitas cassete, discos de goma-laca, e souvenirs das Olimpíadas. Outro trabalho promoveu a precipitação de soluções mais saturadas e supersaturadas por evaporação (por vezes acelerada pela adição de vasilhas pyrex contendo soluções em panelas de água fervendo). Estes foram produzidos para mais excitação incluindo explorar efeitos piezoeléctricos dos cristais Rochelle, com atuadores de disco rígido, ou cristalizados diretamente em diversos suportes, entre eles papel, tecidos, osso, discos rígidos, fitas cassete, outros cristais e minerais.

Sinais sonoros foram feitos usando uma versão bruta do circuito do cone axonal - um circuito que capta o princípio básico de funcionamento dos neurônios. Sensores de cobre tipo *bigode de gato* foram colocados em contato com diferentes minérios brutos, incluindo calcopiritas, um sulfeto de cobre e ferro; piritas de ferro e limonita; e variações de sinal incluíram dopar os minérios com soluções de sulfato, ou o uso de ventiladores de computador para girar os minerais. Outros processos sonoros incluíam o turntabling, em HDs, de discos de goma-laca e circuitos integrados sob bigodesdegato.

Em meio aos restos do aparato laboratorial e dos seus produtos, a exposição foi preparada: uma construção de Hackney Wick foi projetada e instalada: dois containers brancos de plástico transparente cheios de água do Grand Union Canal, um deles misturado com sulfato de cobre azul, o outro com ácido sulfúrico incolor; foram dispostas pequenas bombas em tubos transparentes com suprimento líquido durante um mês, permeavelmente reciclados primeiro sobre uma pilha de minérios rochosos selecionados suspensos em uma grade de aço, em seguida, tramados sobre um apanhado de peças de lixo eletrônico em outra grade, para então seguirem à recaptação, de volta aos containers. **9)** Este ciclo de fluxos incrementou a construção com locais de precipitação e dissolução, cripto-vegetações pobres em nutrientes, e performances intempestivas de pontuação do cone axonal.

O mesmo sulfato e água do canal carregada de acidez seguia também para seis containers de polietileno divididos em um sub-banho antes que ocorresse a percolação e a reciclagem de volta ao ciclo de alimentação do tanque-mãe. Combinações de componentes e soluções ácidas foram deixados para gravar, agregar, aglutinar e descolorir: piritas de ferro sobre uma pilha de memória do velho servidor; um rendimento de cogumelos de ostra sobre um molho de palha e de micélio; ouro e cobre sortidos flutuaram filamentos sobre soluções verdes, com um amarelo sujo misto com azul-celeste; um óxido enegrecido emaranhado fritando um eletrodo de alumínio, outros de aspecto grafite ferrugem e dendrítica imersa em chorume. Perto de outro banho eletrolítico, um G5 da Apple banhado em ácido sulfúrico, lentamente recristalizando seus metais de base lixiviados dentro de outros cogumelos em forma de ostra.

Dois circuitos geradores de sinal foram construídos e inseridos no lixo computacional da instalação. Usando calcopirita como um semicondutor, o primeiro era o circuito em forma de um axônio protuberante com tubos de soluções minerais (nitrato de potássio, cloreto de sódio e ácido cítrico) que substituem as ligações dos fios. O segundo foi uma versão bastarda de um amplificador de cristal de Adams(1933) que usou três fios improvisados para fechar o contato com a calcopirita. Os circuitos terminados foram agrupadas e ligados à resíduos computacionais através dos tubos para então agir como sinal sonoro interrompendo o fluxo de som da tubulação de líquidos por baixo e ao redor da instalação.

Tabelas utilizadas no laboratório enquadrado nas paredes da sala, à esquerda penduricalhos com minerais, peças de computador, cacarecos, produtos experimentais, utensílios de vidro, fornos de micro-ondas, um forno industrial, cristalizações, moldes, misturas, tijolos, diagramas, pedaços de fita. No piso de pedra e madeira queimadas figurava uma salsicha eletrocutada com lama de Hackney; desenhos cristalinos delicados próximos estavam pregados em uma parede, e um tubo de papel de cristais, o resultado da ação de uma solução capilar, marcando outro canto. Em uma outra

mesa estavam espalhados livros de referência para uso no projeto.

Em outro lado da sala, uma simulação de "computador da terra"[5] era testada. Imitando o fluxo potencial de correntes telúricas com uma antena dipolo de cobre bruto, a simulação incorpora um recipiente de cerâmica porosa dentro de lama / terra dragando do canal das proximidades. Solução de nitrato de prata foi utilizado como um eletrólito para reconfiguração do cobre (dos dissipadores de calor), reconfiguração da ferrite (a partir de filtros de energia) e zinco foram colocados. Descrito como um "computador da terra" e para ser enterrado no interior da terra em Hackney Wick, ao longo do tempo, prevê-se que ambos os fluxos telúricos subterrâneas e minerais / água da chuva lixiviam através do solo podendo re-formar esses componentes de base para um funcionamento de "computador da terra"; uma máquina descrita como sem fios, sem componentes e sem abstrações, operando por dentro terra e propondo uma ecologia negativa.

Minerais da terra em eletrocristalizações foram ainda examinadas em uma versão ancestral da obra (Crosse 1857). Colocado dentro de um grande pote poroso de água do canal Grand Union, soluções contemporâneas utilizadas na fabricação de processadores e reciclagem (água régia, cloreto de prata nítrico, carbonato de potássio) foram vazando lentamente para fora através de seus sub-vasos com conectores banhados a ouro e circuitos integrados esmagados, em uma ilha lamacenta no vaso de limo de Hackney Wick, cachimbo de argila, areia extraterrestre de Rendlesham[6], e silício em pó, carregadas entre um eletrodo de banda cobre (+) ao redor da panela, e wafers de silício (-) presos na lama, para provocar deformações de qualquer semi-condutor natural emergente de dentro de suas profundezas.

DISCUSSÃO:

O projeto executa distintas configurações de aparatos-de-material-humano em uma variedade de configurações, caracterizadas por tentativas de induzir processos que ajudam a tornar explícitos os muitos tipos de materialidades e suas diferentes intra-ações que superam configurações que as formalizações tornam obscuras. Conscientes de que suas atividades também pode ser usadas para consolidar capital, essas mise-en-scènes foram acusados de evitar o circuito cibernético recursivo de valorização[7], onde os resultados se tornam insumos de acordo com um toda a lógica difusa de feedback (n.t. de valorização destes simbolismos numa cadeia de valores), comportamento que, sem dúvida, caracteriza o capitalismo tardio (Seymour 2011).

O projeto foi acusado de encerrar um infinidade de intra-ações para escapar de algumas intervenções macroscópicas clássicas utilizadas na inscrição do simbolismo computacional sobre os seus substratos de materiais, ainda que de repúdio quase-vitalista de quantificação em que não há nenhuma sobrecodificação da matéria por algo retirado do éter a partir de um mundo material em constante mudança. Atendendo a essas dinâmicas materiais, sugere-se, contornar cristalizando em torno de uma lógica singular ou uma necessidade de auto-aterramento. A análise é que tal auto-aterramento caracteriza a lógica do mundo da vida contemporâneo, e estabelece-se com sua própria força sobre-declarada, mas uma lógica que não deixa de ser voluntarista precisamente por causa da sua falta de aterramento em outra coisa senão em si mesma.

O "fazer" ou "ser" da intra-ação dentro das configurações do projeto sugere que uma distribuição maior e menos resoluta de indeterminações agenciais e performativas estão sempre no trabalho

em qualquer nível de formalização. Isso reforça a ideia de que qualquer teoria ou prática que se baseia em torno das limitações de abstrações particulares é necessariamente instrumentalista, assim como sempre vai trocar algumas coisas por outras. O que fica de fora é toda uma série de práticas materiais muito complexas que contribuem para um tipo de epidemia que não é apenas atribuído a, digamos, parâmetros de plataforma, nem aos tipos de coisas que as pessoas fazem.

Uma ressalva para o trabalho descrito é que, por mais incertezas materiais que são reconhecidos ali, e no entanto ideologicamente eles aparecem (no que diz respeito ao conceito de "polities" de Jane Bennett), não foi executado como uma reivindicação de estar "representando" estados ontologicamente indeterminados onde há um "não determinado fato da questão relativa à propriedade em questão," nem tampouco para introduzir incerteza como apenas uma questão epistemológica - a falta de conhecimento (Barad 2007, 265). Em vez disso, e no que diz respeito ao chamado de Jussi Parrika, o argumento ensaiado é que qualquer "nova teoria do dispositivo" putativo de NMA ("New Media Arts" - Artes das Novas Mídias) precisa não apenas tentar atender algo muito particular levado em conta por seus sujeitos, mas também renunciar solenemente apelos de qualquer nível específico de abstração. É quando este "levar em conta (o subjetivo)" faz o corte metodológico do horizonte afetivo da teoria elegante para estender sua inclusão constitutiva para coisas como lama, minas, metalurgia e minerais, que faz a mudança para uma relação mais performativa com a estética, epistemologia e indeterminação.

AGRADECIMENTOS:

Muito obrigado a todas as instituições de apoio: CTM12, SPACE e participantes integrais para o projeto: Leon Barnett; Sabrina Basten; Jenna Bliss; Fabianne Borges; Kat Borges; Felix de Bousies; Heath Bunting; Katrin Caspar; Stuart Childs; Amanda Couch; Jay Cousins; Darsavini; Graham Dunning; Richard Elliot; Pete Evans; Eve Fainke; Alejandro Fernandez; Diego Ferri; Fiona Flynn; Kathrin Günther; Derek Holzer; Brendan Howell; Hye Joo Jun; Ewa Justka; Kasia Justka; Joon Kim; Martin Kuentz; Victor Mazon; Cinthia Mendonça; Anna Norlander; Mariko Ogawa; Lorah Pierre; Marco Phillips; Andrea Marco Ricci; Kate Rich; Adrian Scrivener; Mario de Vega; Bruno Vianna; Anna Vo; Rachael Ward; Nihal Yesil.

Notas:

1.https://pt.wikipedia.org/wiki/Fotografia_Kirlian
2. https://en.wikipedia.org/wiki/Colloid
3. https://pt.wikipedia.org/wiki/Gusa
4. Exploração da sonoridade dos procedimentos em performance musical.
5. Ver o texto de Martim Howse nesta mesma coletânea.
6. https://en.wikipedia.org/wiki/Rendlesham_Forest_incident
7. De seus simbolismos.



Cristal World.
Foto: Jonathan Kemp.

PARA REFLETIR O CONHECIMENTO LIVRE E PROPRIETÁRIO: DO CÓDIGO ÀS SEMENTES

ISAAC FERREIRA FILHO E
JULIANA DE MORAES

Este ensaio é um conjunto de ideias surgidas em conversas sobre como alguns movimentos que reivindicam direitos à liberdade do conhecimento convergem em diversos pontos mas não se conhecem, apesar de haver alguns pequenos focos de integração entre as frentes aqui abordadas. Os pontos convergentes apresentados são oriundos de dois movimentos: software livre e sementes livre. Ambos enfrentam um inimigo comum: o domínio proprietário das tecnologias.

Os investimentos científicos e tecnológicos das últimas décadas, têm sido caracterizados pela terceira revolução industrial, denominada de globalização. A globalização, ou mundialização, implicou entre outros fatores na modificação do tempo e espaço e das racionalidades da sociedade. Na tentativa de homogeneizar as culturas hegemônicas, autores como Giddens (1995) analisam a globalização como a tentativa de aproximar o local e o global, uma vez que as mudanças tecnológicas seriam acompanhadas pela superação das fronteiras nacionais e pela livre circulação de mercadorias. Em contrapartida, apesar do discurso da livre circulação, o mesmo autor explica que os países criaram novas barreiras e condicionantes que tem impedido a entrada e saída de produtos, ou a criação de patentes, negando a existência dessa liberdade ou do rompimento das fronteiras.

De um modo geral, a técnica pode ser definida como um projeto material, sócio-histórico projetado naquilo que a sociedade tenciona fazer com as coisas e com as pessoas. Nesse sentido, o acúmulo do conhecimento gerado por pessoas trabalhando livremente, deveria conduzir à emancipação humana e ao enriquecimento da vida diária. No entanto, a intelectualização e a racionalização crescentes não equivalem a um conhecimento geral acerca das condições em que vivemos. A ciência e a tecnologia são as formas de dominação política dentro do desenvolvimento capitalista, pois introduz o seu caráter explorador e opressor, tornando-o racional. A racionalização científica tornou-se o único caminho possível de conhecimento e domínio da natureza, além do entendimento da realidade, como reflexo natural da inevitabilidade das invenções tecnológicas. A tecnologia tornou-se então, um instrumento de controle e dominação, e essa racionalização é uma forma de dominação política, uma vez que a institucionalização do progresso científico e técnico diz respeito aos interesses de grandes corporações multinacionais, combinados à expansão do mercado capitalista. O imaginário de um mundo sem fronteiras é, ainda, alimen-

tado pela adesão massiva às tecnologias de informação e comunicação, com destaque a internet.

A biotecnologia serve de instrumento para ampliar essa dominação através do monopólio do conhecimento. A introdução de novas biotecnologias da engenharia genética na produção agropecuária representa o aprofundamento de um sistema de modernização da agricultura conhecido como Revolução Verde, o qual culminou na defesa incondicional da liberação da transgenia. O marco institucional desta instrumentação foi entre os anos de 2003 e 2004 quando o governo federal liberou, em escala comercial, os organismos geneticamente modificados (OGMs), mais especificamente variedades de soja, algodão e milho resistentes ao herbicida glifosato, todos produtos de patente da empresa Monsanto. A aprovação da lei de Biossegurança (lei n 11.105, de 24 de março de 2005), ampliou as possibilidades de produção comercial dos OGMs, ainda em vigor pela Comissão Técnica Nacional de Biossegurança CTNbio, desde a sua criação em 2005. Assim, o mercado de produção agrícola, especialmente o domínio sobre a produção e comercialização de sementes estão altamente concentrados nas mãos das corporações.

De Acordo com Sauer (2010) já no final da década de 1990, a Cargill, a ASM e a Bunge respondiam por mais de 60% da comercialização mundial de soja e derivados. Ainda, todas as pesquisas de OGMs concentradas pela Monsanto, processos esses que vem crescendo até então. A Monsanto produz sementes estéreis o que obriga o agricultor a depender da sua oferta para manter o cultivo, e o impede de manter a prática secular de guardar sementes.

O aumento do poder das empresas significa redução e destruição completa da racionalidade da agricultura de base camponesa. O monopólio das técnicas de reprodução de sementes destrói as práticas históricas tradicionais do campesinato. Ao produzir suas próprias sementes, os agricultores utilizam os recursos endógenos à sua terra, o que lhe permite certa autonomia em relação às empresas fornecedoras de insumos agrícolas. A adesão dos agricultores a essas tecnologias se dá entre outros fatores ao histórico modelo difusionista das EMATERs[1] no período da Revolução Verde, agressividade de *marketing* das empresas de biotecnologia, garantia de preço e mercado, agilidade e facilidade no manejo das lavouras e no combate às pragas, além do aumento na produtividade. O "milagre" das novas sementes tem sido comunicado pela sigla VAR (Variedade de Alto Rendimento), crucial no paradigma da Revolução Verde. Os sistemas tradicionais de cultivo demandam uma interação sistêmica entre solo, água, recursos genéticos das plantas e animais domésticos. Na agricultura que chamaremos aqui de proprietária, substitui essa relação pela incorporação de insumos como as sementes modificadas e os produtos químicos, estabelecendo uma interação particular e reducionista entre o sistema de água, solo e planta.

A lucratividade no uso da tecnologia de ponta está justamente no domínio e proteção do conhecimento obtido. Essa proteção se dá pela lógica legal, ou seja, é legitimada pelas leis de propriedade intelectual e cultivares, mas também pelo monopólio do conhecimento e eliminação da concorrência. Esse monopólio do conhecimento não só desencadeia a perda da autonomia dos agricultores como também significa a destruição da segurança e soberania alimentar por parte dos consumidores. Por isso, Shiva (2003) pondera que:

a democratização do saber transformou-se num pré-requisito essencial para a liberação humana porque o sistema de saber contemporâneo exclui o humano por sua própria estrutura. Um processo desse tipo de democratização envolveria uma tal redefinição do saber que o local e o diversificado viria a ser considerado legítimo e visto como um saber indispensável porque a concretude é a realidade, a globalização e a universalização são meras abstrações que violam o concreto, e por conseguinte, o real. (p. 81)

Como forma de luta pela democratização do saber em detrimento do monopólio do conhecimento a Agroecologia vem sendo a estratégia mais incorporada pelos movimentos sociais. Além de se tratar de um conjunto de modelos de agriculturas sustentáveis, é um movimento social de combate à agricultura proprietária e recentemente foi incorporada como modelo científico interdisciplinar. Nesse contexto, foi criada em 2012, no Vale Sagrado dos Incas no Peru, uma rede para a defesa das sementes livres no continente americano. Representantes de organizações camponesas, educacionais, coletivos autônomos e diversos outros movimentos estavam presentes às reuniões de formação da rede. Em âmbito nacional, foi criada em 2002, a ANA – Articulação Nacional de Agroecologia, onde movimentos sociais articulam-se em defesa do saber local e das sementes livres. Ainda, representada pela ABA – Associação Brasileira de Agroecologia, criada em 2007, reúnem-se profissionais e estudantes das mais diversas áreas do conhecimento trabalhando na construção do conhecimento agroecológico e em análises e proposições de políticas públicas.

O nascimento do *software* livre também trouxe importantes contribuições como o aquecimento de discussões sobre a propriedade intelectual. Lembremos que o software, assim como as sementes, nasceu livre. Era comum programadores compartilharem seus códigos-fontes (seus conhecimentos) para a criação de novos programas, evitando-se então "reinventar a roda", acumulando e compartilhando conhecimento. Empresas e indivíduos (que na atualidade são donos de corporações) lançaram-se em manifestos a favor da propriedade intelectual. Segundo eles, esse tipo de propriedade deveria ser protegida e mercantilizada, gerando ganhos e – principalmente – aquecendo um mercado de busca de inovações tecnológicas. O software livre surge como uma alternativa à prática de dominação através dos programas de computador e uma espécie de retorno às práticas de desenvolvimento de software.

Uma grande deficiência que há nos movimentos sociais é falta de diálogo entre si e o entendimento da pluralidade em torno de um comum: a emancipação humana. Uma miopia está presente em uma boa parcela do movimento do *software* livre[2] que não consegue enxergar além dos detalhes técnicos dos programas de computador. Todo questionamento e prática em torno do "faça você mesmo"[3] limita-se ao mero uso da ferramenta X ou Y, ou ainda na participação de um seleto grupo detentor de um certo conhecimento específico. Alguns indivíduos, grupos e instituições afirmam que o mundo está passando por uma nova revolução industrial, a revolução *maker*. Nela os indivíduos produzirão sua própria tecnologia através da prática do "faça você mesmo". O ensaio desta revolução se dá por práticas com o *hardware* livre, que envolve controladores lógicos, motores, cabos, sensores, placas e etc produzidos por trabalhadores precarizados em países com – para não dizer sem – direitos trabalhistas maleáveis (termo

usado pelo mercado). Além das relações trabalhistas esses países são conhecidos pelos altos índices de poluição. Talvez esta revolução esteja prevista pelo mercado que fará esforço para produzir insumos mais que suficientes para alimentar as produções individuais.

Em um desabafo nas redes sociais um desenvolvedor[4] de *software* livre lamenta que sua palestra, que falaria sobre desenvolvimento de ferramentas e padrões livres para pesquisa, coleta e tratamento de dados do bioma brasileiro, não foi aceita no FISL – Fórum Internacional de Software Livre de 2014, e que outras palestras de empresas como a Globo.com e o Facebook tiveram o espaço no evento. Este caso ilustra um pouco da falta do diálogo da militância com outras vertentes e áreas do conhecimento, assim como a adoção do software livre como um mero modelo de negócio. Através desta realidade muitos militantes estão adotando uma visão sistêmica onde o software livre torna-se um instrumento, importante, mas apenas uma instrumento que lhes propicia suporte em propósitos mais plurais e interdisciplinares, migrando para outras vertentes como mídias livres, saber popular, ciência aberta e meio ambiente.

Uma destas iniciativas é a Casa das Sementes Livres, idealizada pela Escola da Mata Atlântica. A iniciativa busca fomentar o diálogo entre agricultores, ambientalistas, hackers, educadores. Promovem o resgate à autonomia de produção de um banco de sementes livres (também conhecidas como crioulas, ou caipiras), além de dispor de um telecentro comunitário e uma rádio livre. Mesmo com iniciativas como as da Sementes Livres, é preciso superar a miopia da boa parte dos desenvolvedores para haver uma maior adesão em outras frentes de emancipação.

Como mencionado acima, este texto é apenas um apanhado inicial de ideias sobre práticas livres no que tangem movimentos emancipatórios. A nossa proposta é trazer uma discussão maior no campo das possibilidades entre as parcerias que podem ser feitas com a apropriação crítica de tecnologias livres como alternativa ao sistema posto, pois este sistema, nas palavras de Vandana Shiva (2003):

> *além de tornar o saber local invisível ao declarar que (…) não é legítimo, o sistema dominante também faz as alternativas desaparecerem, apagando ou destruindo a realidade que elas tentam representar (...). O saber dominante (…) destrói as próprias condições para existência de alternativas, de forma muito semelhante à introdução de monoculturas, que destroem as próprias condições de existências de diversas espécies (p. 25)*

Portanto, é preciso descobrir o que existe no código dos nossos sistemas operacionais mas é preciso também, fundamental até, saber o que existe no processo da chegada do alimento até as nossas mesas.

Notas:

1. As Empresas Brasileiras de Assistência Técnica e Extensão Rural, criadas por volta da década de 70, eram responsáveis em disseminar, o conhecimento técnico mecanicista da produção moderna, em substituição das formas empíricas de produção, em prol da modernização do campo. Os chamados pacotes tecnológicos da revolução verde foram as ferramentas de substituição da racionalidade camponesa de uso de recursos internos pela racionalidade da agricultura moderna e dependência aos pacotes tecnológicos.

2. Conceituamos movimento do software livre como um conjunto de coletivos, indivíduos e instituições que trabalham na perspectiva das tecnologias livres, ética hacker e etc.

3. Do inglês "do it yourself"(DIY), prática de produzir ou reparar sem depender de empresas ou indivíduos especializados.

4. Apesar de o desabafo ter sido postado como "público", preferimos não revelar a identidade do autor por não termos o avisado que seria publicado fora da rede de origem.

O ÉTER E SEU DUPLO

MARTIN HOWSE

"VOCÊ SUSTENTA QUE O TEMPO É COMPLETAMENTE DISTORCIDO, QUE MESMO A LUZ ESTÁ DOBRADA: EU ACHO QUE PEGAREI ESSA IDEIA MAIS LÁ ADIANTE, SE É QUE É ISSO QUE VOCÊ QUIS DIZER (NESTE INSTANTE): A CORRESPONDÊNCIA QUE O CARTEIRO VEM HOJE ENTREGAR, AMANHÃ SERÁ ENVIADA." [1]

Esta é a uma citação de abertura virtuosa, aspas que marcam a entrada de dois personagens-chave no nosso jocoso elenco etéreo, e a compreensão de múltiplas trajetórias que este breve ensaio explora. De maneira vertiginosa, o Dr. WH Williams adota um importante traço estilístico do autor que o inspirou - Lewis Carroll (Charles Dodgson) - para parodiar seu poema "nonsense": *"A Morsa e o Carpinteiro".*[2]

Esta paródia da paródia pode ser contextualizada como um tributo a Sir Arthur Stanley Eddington, na véspera da sua saída da UC Berkeley em 1924. O título faz também evidente referência a Einstein, com Eddington observado historicamente como um dos principais contribuintes para o conceito de relatividade. Por um lado, uma trajetória histórica é marcada, uma história da ciência moderna, com referência a duas figuras-chave, e um conjunto de teorias que tem raízes muito claras no trabalho de James Clerk Maxwell; por outro lado, uma peça com o tempo e o espaço é sinalizada, dentro de um reino precisamente da mensagem, das informações.

A trajetória, esse caminho de luz dobrada, pode ser colocado sob o signo do éter; a história de uma relação com a substância e para o mundo que pode ser chamado de ciência, ou linguagem; uma questão de emergência de modelos, e de abstração.

É uma história do menos misterioso, da ação diária à distância, de atração e repulsão, de linhas de força, dentro de fenômenos denominados como gravidade, eletricidade e magnetismo.

> *"... que estas almas de partículas materiais são dotados de um conhecimento verdadeiramente divino, para que eles possam conhecer sem qualquer meio aquilo que acontece em distâncias bem grandes e agir em conformidade."* [3]

A ideia do éter é transformada a partir de uma noção vaga que poderia levar em conta todos os fenômenos, dentro de seu meio (o éter luminífero) e referência universal para a propagação da luz (como a onda onipresente, como o que está fazendo a ondulação), e, finalmente, a analogia pura, para esvaziar o espaço e tempo, apenas um marcador. O éter desmorona, ironicamente, como aquilo que é invisível para observação experimental[4], e como simplesmente desnecessário dentro de teorias da relatividade após Einstein.

O ÉTER É EXTIRPADO PELA NAVALHA DE OCCAM

"Éteres foram inventados para os planetas nadarem dentro, para constituir a rede fluvial de atmosferas elétricas e magnéticas, para transmitir sensações de uma parte do nosso corpo para outros, e assim por diante, até que todo o espaço foi preenchido três ou quatro vezes com éteres... A único éter que sobreviveu é o que foi inventado por Huygens para explicar a propagação da luz." [5]

Esta transformação da ideia do éter, e de uma transformação paralela da ciência e da tecnologia como uma "armação" ou "composição" (como na tradução do conceito de "Ge-stell" após Heidegger), pode ser facilmente rastreada na obra literária e experimental de Huygens, Newton e Descartes através de que Maxwell, Thomson, Faraday, Michaelson, Morley, Lodge e mais tarde para Einstein e Eddington, vão chegando assim:

"Recapitulando, podemos dizer que de acordo com a teoria geral da relatividade espaço é dotado de qualidades físicas; neste sentido, portanto, existe um éter. De acordo com a teoria geral da relatividade espaço sem éter é impensável; para tal espaço não só não haveria propagação da luz, mas também não há possibilidade de existência de padrões de espaço e tempo (réguas e relógios), nem, por conseguinte, quaisquer intervalos espaço-tempo no sentido físico. Mas este éter não pode ser considerado como dotado com a característica dos meios ponderáveis, como consistindo de partes que podem ser rastreadas através do tempo." [6]

Dentro desta mudança refrativa de "composição"[7], James Clerk Maxwell ocupa uma posição-chave em que seu trabalho abraça mudanças radicais na analogia e metodologia científicas; uma mudança a partir da construção de, ainda que bastante mentais de modelos mecânicos para uma "abstrata, formal e matemática modelagem por equações diferenciais"[8].

Em termos simples do biógrafo Martin Goldman, "Sua teoria foi nova e totalmente perturbadora, na qual ele falou de ondas, mas não importou-se com o que estava fazendo as ondulações."[9]

Era exatamente o tipo de teoria que, portanto, perturbava seu colega William Thomson (Lord Kelvin):

"Eu nunca me satisfiz até que eu pudesse fazer um modelo mecânico da coisa. Se eu posso fazer um modelo mecânico, eu posso entender ... e é por isso que eu não posso começar a teoria eletromagnética da luz." [10]

O meio de descrição é transformado a partir do particular ou corpuscular, através da mecânica, por dentro das matemáticas formais, informações, um software finalmente, que detém tal (pacote quântico de) (in)certeza de como aquilo é, um software que é o éter, como que permitindo-se tanto para marcação quanto que para medição. E essa história é legível e não apenas na ciência (ou ficção cientifica), mas igualmente na paisagem ambígua entre atividade tecnológica e militar; uma chegada na história de um laboratório planetário.[11]

Pois, afinal:

"... O éter é pouco mais que um caso nominativo do verbo ondular..." [12]

Sob tal desatada analogia, a ciência torna-se uma questão de abstração puramente funcional, pouco carinhosa para responder à pergunta infantil e maravilhada do que exatamente está fazendo a ondulação.

E ainda para pensar o contrário, é que não há algum tipo de confusão entre o mapa e seu território famoso, a respeito destes modelos premonitórios (da ciência) que não professam fazer outra coisa senão manter a paródia da citação que abre este ensaio, existindo apenas dentro de uma terra de personagens de *faz de conta "sem profundidade."*[13]

A história do éter como um fenômeno literário, como um pensamento sobre o mundo é, portanto, exatamente a viagem desde o subterrâneo através do espelho, para o incorpóreo duplo (de Alice); um circuito fechado de espelhamento de construção científica e construtivismo, descrevendo o mundo e tornando o mundo como ele é e será:

> *"Em um campanário comum, cada sino tem uma corda que desce através de um buraco no chão do quarto do tocador de sino. Mas suponhamos que cada um dos cabos, em vez de atuar sobre um sino, contribui para o movimento de muitas peças de maquinário, e que o movimento de cada peça é determinada não pelo movimento de uma corda só, mas por várias, e suponhamos ainda, que toda esta maquinaria é silenciosa e totalmente desconhecida para o tocador de sinos, que só pode ver, tanto quanto os buracos no piso acima dele permitem."* [14]

REVERSÃO

A correspondência chega antes de ser enviada (no futuro); a citada paródia de Eddington é um exemplo de humor científico cotidiano relacionado exatamente com a violação da localidade espaço-temporal qual Maxwell, sob o signo do éter e no contexto da unificação de eletricidade, magnetismo e luz, e mais tarde Einstein, se encrencaram. Uma linha clara nos guia para o lado espectral da mecânica quântica, a *"ação fantasmagórica à distância"* de entrelaçamento quântico, uma ciência futura da incerteza.

Por meio de uma relação muito específica ao "fazer sentido", o fragmento de William de um poema nonsense obscurece sua ciência contemporânea e zomba de uma ciência do futuro, essa mensagem que ainda não foi enviada, mas que já chegou. A porta está aberta para todos os tipos de ghost-writers, montando esta tempestade eletromagnética (EM), uma TEMPESTADE tardia, a debater um planetário, deslizando pelo éter.[15]

Precisamente o que está empenhado neste jogo de tempo e espaço, este índice de refração luz dobrada, é uma questão de substância, da materialidade, do que é isto, em relação aos fantasmas, e em relação ao futuro.

Isto parece a princípio como uma questão para a ciência, para a física, uma pergunta enjambrada em metafísica, um quase modismo de parapsicologia, e uma ontologia fantasmagórica sombria; EM (eletromagnetismo) como racionalismo espectral, como uma onírica (Descartes) sinalização do endofísico.[16] E é assim que nós sempre só poderemos falar de fenômenos EM, se entendemos o quão difícil é usar esses termos emprestados, sempre tarde demais.

No entanto, nenhuma surpresa nisso, mais uma vez, a porta (sempre) esteve aberta.

Ciência Jabberwocky[17] já tinha reconhecido seus próprios fantasmas futuros da incerteza. A história ambígua e espectral da ciência vitoriana, assombrado tanto por um meio de refracção, o

éter, quanto por seu irmão gêmeo, pura abstração, é fácil de contar nestes termos.

Figuras notáveis neste caso, com excelente pedigree no gênero literário do fato científico, incluem William Crookes[18] e Oliver Lodge, na cobertura de uma sintonia etérea no sinal com uma transmissão de um programa pontuando, o trabalho de Tesla (um ano antes) e Marconi (um ano após).[19]

Ao mesmo tempo Lodge aparece como um espiritualista notável, investigador dos fenômenos psíquicos e colega de Sir Arthur Conan Doyle no famoso SPR (Sociedade de Pesquisas Psíquicas). O físico Lord Rayleigh, o sucessor de Maxwell como chefe dos Laboratórios Cavendish em Cambridge figuraria como presidente da SPR tempos depois. O sinal ou assinatura para o tema da reversão é fornecido pelo teste de identidade póstumo de Lodge: uma série de envelopes lacrados (depositados junto ao SPR) com instruções que poderiam ser usados para corroborar mensagens ao (futuro) espírito do próprio Lodge.

E como matemático Augustus de Morgan (outro fantasma, desta vez assombrando o futuro lógico de computadores) é citado em uma introdução ao trabalho de Crookes sobre espiritismo:

> *"Estou perfeitamente convencido de que eu tendo visto e ouvido coisa que se torna impossível a descrença, coisas espirituais que não podem ser tomadas por um ser racional capaz de explicação por impostura, coincidência ou erro ... As explicações físicas que tenho visto são fáceis, mas miseravelmente insuficientes. A hipótese espiritual é suficiente, mas pesadamente difícil."* [20]

Finalmente, o aparelho imaginário ou paródico de Edson, esboçado em uma edição inicial de Scientific American (1921) é reconhecido como um precursor da prática moderna de EVP (fenômeno de voz eletrônica) e ITC (Transcomunicação instrumental), ampliando e estendendo o fantasmagórico EM, ou etéreo, linhagem. Metodologias EVP e dicas especializadas em uma prática éter, que oferece um outro lado mais próximo da era do rádio; um barulho etéreo que não é nem a transmissão, nem recepção, mas que, em vez disso permanece na (nublada) intersecção da definição destes dois termos. EVP ou ITC pode também ser visto como um moderno aparelho tecnológico tanto para o espiritualismo, como para o ruído branco (Ressonância Estocástica[21]) impulsionada pela tecnologia e gravação como apoio ou "mídia" (para mensagens do além ou do agora), e um fenômeno de codificação e decodificação, de TEMPESTADE e criptografia.

Os termos de comunicação de sinal e ruído são assim chamados em uma relação diferente sob a famosa (teoria da) Ressonância Estocástica EVP / ITC – ruído branco; a um nível microscópico, o ruído térmico interno de um circuito físico (uma cidade) ou fenômenos naturais eléctricos na atmosfera – ambos rodeados por rádio. O ruído branco por vezes destaca um sinal (voz) outrora inaudito, e torna-o evidente.

EVP e fenômenos associados (prova de vida após a morte) proliferam como prática e como anedota em toda a Internet global – técnicas compartilhados e suporte histórico. A história é traçada através de figuras brilhantes, como o sueco Friedrich Jurgenson que notou pela primeira vez essas vozes durante as gravações do canto dos pássaros, atraindo a atenção de Konstantin Raudive (Letónia) no final dos anos 1950 e 60[22].

Hans Bender e Hans Otto Koenig fazem uma aparição numa TV experimental no início dos anos 80 em que

uma voz claramente ouvida a dizer: "Otto Koenig faz comunicação sem fio com os mortos."

As vozes espirituais (tendem), assim, a tornar-se vozes de uma dimensão paralela, um mundo através do espelho. Além disso, e de acordo com a nova presença de tais mensagens nas mídias de armazenamento magnético do computador, no monitor CRT ou impressão de logs (mesmo negando o *software* como mídia), as mensagens podem ser vistas como originárias de um "arquivo de dados universal," unindo também os mortos por dentro dessa acumulação. E a possibilidade de um futuro – um retorno aos tabuleiros de adivinhação com o cérebro como "interface", ou intermediário. Os termos simples do computador assombrado nos permitem ver que tudo isso é puramente uma questão de interface (novamente após a endofísica).

Contudo, o que também é evidenciado na citação de abertura é, que dentro do contexto de uma inversão de causa e efeito, de original e cópia ou paródia, que não só Carroll serve como modelo estilístico, ao mesmo tempo é marco conceitual pré-datando uma ciência "assustadora" e cheia de (in) certezas onde podemos citar como Jabberwocky. Temporal, linguística, causal e suas inversões espaciais, para categorizar só um pouco, assombram o mundo "Através do Espelho" de Alice, como, por exemplo, e de forma paranoica, a punição anterior ao julgamento, e, finalmente, o crime vindo por último. Dentro da cosmologia que move peças de xadrez da aventura "Através do Espelho", durante uma viagem de comboio em que Alice é observada por todos os tipos de dispositivos, e julgada como "viajando pelo caminho errado", um simples jogo de palavras conceitual, com a cabeça como gíria Victorian para selo postal, permite a aparentemente fortuita conclusão seguinte:

"... Ela deve ser enviada como uma mensagem por telégrafo ..." [23]

A mensagem (adiantada) torna-se mais fácil de descodificar, por dentro das vindouras ciências paranoicas de (outra) criptografia. Tal jogo conceptual antecede a citação de abertura deste ensaio por mais de 50 anos, igualmente adivinhando os termos posteriores do teletransporte quântico; Alice não é apenas o destinatário de uma mensagem no estilo de um cabeçalho de criptografia tradicional, mas a mensagem em si mesma.

No entanto, a seta de atribuição ainda está firmemente inclinada para direção correta; texto científico que torna-se igualmente uma (auto) paródia. De acordo com Martin Gardner, Eddington era um grande fã do poema Jabberwocky de Carroll, mesmo indo tão longe a ponto de comparar certos aspectos do discurso científico com o poema:

"Na natureza do mundo físico ele aponta que a descrição que o físico faz de uma partícula elementar é realmente uma espécie de Jabberwocky; palavras aplicadas a 'algo desconhecido' que está fazendo 'sabe lá o quê'" [24]

TEMPESTADE: O QUE CODIFICA AQUILO QUE É

"Toda vez que uma máquina é usada para processar informações classificadas eletricamente, os vários interruptores, contatos, relés e outros componentes em que a máquina pode emitir frequências de rádio ou energia acústica.
...A este problema de radiação comprometida que temos dado o epíteto de TEMPESTADE." [25]

Nesta alegórica história dupla, os fenômenos sempre já codificados da TEMPESTADE fornecem uma entrada fácil para (teorias de) paranoia e conspiração em uma relação existencial essencial para o assunto, que fornece uma lente decente para observar uma (contemporânea) paisagem paralela de modulação e desmodulação, todo tipo de coerência e detecção emprestado de termos técnicos retirados da era do rádio.

De um lado de um espelho de sinal/ruído, estando entre aqueles sempre comprometidos, e prenunciando a nossa mensagem suspeita de encerramento, TEMPESTADE é precisamente um codinome referindo-se à "investigação e estudo das emanações comprometedoras" com os últimos termos definidos como "Dados de relação não intencional ou sinais de inteligência maquiada que, se interceptados e analisados, podem dispor de informação sendo transmitida, recebida, manipulada e de alguma forma filtrada por algum equipamento de processamento informacional "de acordo com a informação do Manual de Segurança da Informação Automatizada da NASA [1993]. TEMPEST refere-se também ao controle de tais comprometedoras (mesmo etéreas ou ectoplásmicas) emanações, dentro da recursão cabeçuda de sua própria sigla indecifrável, com estes fatos relativos ao título sugerindo um estado militar ideal de sigilo, de contenção. TEMPESTADE é assim exatamente um codinome para o que é sempre codificado com antecedência – a mensagem depois de gnosticismo.

TEMPESTADE, como uma forma paranoica de construir sentido, torna-se parte da equação invertida de mensagem-tempo, o que é sempre algo ainda a ser enviado para chegar somente agora, puramente como um fenômeno literário, algum tipo de gênero confuso entre ficção de detetive e um jogo com a lógica do sentido e linguagem que resulta na formação de uma (rádio) novela de detecção de código exemplificado por "Cidades da Noite Vermelha" de William S. Burroughs.[26]

Tanto esta nova forma de literatura endofísica, quanto um retorno a Eddington, novamente por meio da citação de abertura, faz-se claro aqui:

> *"Nossa conta do mundo externo (quando expurgado das invenções do contador de histórias da nossa consciência) deve, necessariamente, ser um" Jabberwocky "de atores desconhecidos executando ações desconhecidas... Devemos buscar um conhecimento que não é nem de atores, nem de ações, mas do qual os atores e ações são um veículo. O conhecimento que é possível adquirir é o conhecimento de uma estrutura ou padrão contido nas ações".* [27]

LUZ

Luz, se é que podemos falar em termos tão simples, é chave; projetada pelas equações de Maxwell, impondo uma referência clara, como a informação clara (portadora) como um esclarecimento, igualmente como um termo dentro de uma dualidade gnóstica, a luz e as trevas em par, o teatro e a praga. Este índice de refração avança um duplo igual de sinal e ruído, uma pergunta ousada sobre a intencionalidade da própria transmissão, a criação de significado de qualquer sinal que subscreve o estudo de fenômenos eletromagnéticos contemporâneos.

Já há (dentro das equações de TEMPESTADE) uma relação com a paranoia, a entrada da luz rosa de Philip K. Dick - as modulações de VALIS ("Sistema de Inteligência Ativa e Vasta"[n.t.]) transmitidos dentro desta propagação eletro-

magnética; modulações que ele clamava anteriormente terem sido produzidas por um experimento de controle mental Soviético e mais tarde apropriado pelo sistema benevolente que orbitava a Terra.

Igualmente paranoico é o trabalho de Thomas Pynchon, o dia e a luz dentro do "Contra o Dia". Vindo à luz, revelação, exposição, uma transparência ou trazer visibilidade por este "Espato da Islândia"[n.t.], cristalino que serve como uma dobra, - a decomposição da luz em dois raios (as ordinárias e as extraordinárias, o real e o componente imaginário) que passa através do cristal de calcita. A ciência como um "trazer para a luz", a luz do dia, ao contrário da escuridão do espiritismo. Trabalho (e colocando o espectro de trabalho, trabalho e energia e entropia, leve como recurso e como potência) e o dia e a luz.

"Profundamente por entre as equações que descrevem o comportamento da luz, equações de campo, álgebra vetorial e equações de quatérnios, encontra-se um conjunto de instruções, um itinerário, um mapa para um espaço escondido. Refração dupla aparece novamente como um elemento-chave, permitindo um ponto de vista sobre uma criação definida apenas para estar ao lado desta mesma, tão perto quanto a se sobrepor, onde a membrana entre dois mundos, em muitos lugares, tornou-se muito frágil, muito permeável , por segurança... Dentro do espelho, o termo escalar, com o lumiar do dia óbvia e supostamente sempre esteve posicionado, como se em espera, o itinerário escuro, guia do peregrino corrompido, a Estação sem nome antes do primeiro, no crepúsculo incriado, onde salvação ainda não existe." [28]

A tão chamada dualidade (entre onda e partícula) nos termos de ciência descreve um mundo que se realiza ou enquadrada em (in) certeza - o colapso da função de onda como a descrição de um saber é exatamente descriptografia dentro dos termos da TEMPESTADE; de Maxwell para muitos mundos.[29]

Ainda dentro do barulho que sustenta que não há nada fora o sonho, qual diz que “o nome da canção é ‘Olhos de Haddock’”[30], mas onde “o nome na verdade é ‘O idoso, bem velho’”, mas na verdade a música é chamada geralmente de “Modos e Maneiras”...[31]

Dentro do ruído zumbido da caixa preta do campanário de Maxwell, a ficção paralela do tocador-de-sino puxando as cordas, continua a haver um único sinal acróstico, o nome de Alice Pleasance Liddell.[32]

Não, mas ao invés disso, com
uma suave, apetitosa referência
a equação de Schroedinger:
Mas a resposta que lá havia era
nenhuma
E isso era um pouco estranho,
porque
Eles haviam comido um por um.[33]

Notas:
1. Extraído do poema "Einstein e Eddington". Dr. WH Williams, 1924.
2. O poema “A Morsa e o Carpinteiro” está no livro “Alice através dos Espelhos” e parece ter a conotação de uma curiosidade que leva o curioso a ser devorado - no caso são ostras que atraídas pelas histórias da Morsa, viram seu banquete. No entanto a Morsa “chora” de culpa (ou cinismo?) na cena final:
“- Choro por vocês , a Morsa disse.
- Tenho o coração contristado.
E entre soluços e lágrimas, foi
Puxando as graúdas p'ro seu lado.
Depois, levou um lenço aos olhos,
Que ainda estavam marejados.”(Lewis Carrol)

3. Descartes a Mersenne, em correspondência, editado por Adam e Tannery (1893) p. 396.
4. Veja também o experimento sobre deslize no éter de Michelson e Morley nos anos 1880, e o trabalho experimental contemporânea de Oliver Lodge, em relação ao detecção de movimento da Terra através do éter.
5. James Clerk Maxwell, "Aether, Encyclopaedia Britannica 9. 1875-1889", artigos de James Clerk Maxwell, New York, 1960, 763-775.
6. Albert Einstein, "Palestra na Universidade de Leyden, 1920", Adendos em Relatividade, Dover, New York, 1952, 15,16, 23.
7. "Composição" como tradução do termo heideggeriano "Ge-Stell".
8. Martin Goldman, Demon in the Aether. The Life of James Clerk Maxwell, Paul Harris Publishing, Edinburgh, 1983, 196.
9. ibid. 196.
10. William Thomson Kelvin, notas de palestras sobre a Dinâmica Molecular e da teoria de Ondulaçao da Luz Baltimore, 1884, 270.
11. cf. o trabalho do "Bureau d'Etudes".
12. Oliver Lodge citando Lord Salisbury. Oliver Joseph Lodge. "The Ether of Space". Harper & Brothers, 1909.
13. Gilles Deleuze, "Logic of Sense", Continuum Impactos, Londres, 2005, 11.
14. James Clerk Maxwell, artigos científicos de James Clerk Maxwell, Vol 2, Dover Publications, 1965, 783-4.
15. cf. o trabalho experimental de Maxwell, Michelson e Morley.
16. A conexão endofísica sendo que apenas fora esse sonho existe algo chamado pelo nome de Certeza.
17. Personagem de Lewis Carrol, "monstro semiótico" que embaralha palavras.
18. Radiômetro de Crookes, seu trabalho com os raios catódicos, e seus experimentos bem documentados por Florence Cook.
19. Oliver Lodge primeiros sinais de transmissão de rádio em 14 de agosto de 1894.
20. William Crookes, Estudos de Fenômenos do Espiritismo, 1874.
21. Ressonância estocástica refere-se a um fenômeno pelo qual a adição de ruído (branco ou colorido) a um sinal aumenta o nível do sinal combinado, para permitir a detecção e extrair sentido de sinais outrora imperceptíveis.
22. cf. Konstantin Raudive, Break-Through: An Amazing Experiment in Electronic Communication with the Dead, Mass Market Paperback, 1971.
23. Lewis Carroll, Alice's Adventures in Wonderland and Through the Looking-Glass, Penguin, London, 2003, 147.
24. Martin Gardner, The Annotated Alice, Penguin, London ,1970, 192.
25. TEMPEST: A Signal Problem, NSA, 1972.
26. Construtivismo de cabeça de fita eletromagnética de Burroughs: "Eu gravei alguns minutos em todos os três quartos. Eu gravei a descarga do banheiro e o chuveiro ligado. Gravei a água corrente da pia da cozinha, o barulho de pratos e a abertura e fechamento e zumbido do frigorífico. Eu gravei da varanda. Agora eu me deitei na cama a ler algumas seleções de "The Magus into the recorder". William S. Burroughs, Cities of the Red Night, Picador, 2001, 43.
27. Sir Arthur Stanley Eddington. New Pathways in Science, Read Books, 2007, 256.
28. Thomas Pynchon, Against the Day, Penguin, London, 2006, 566.
29. A interpretação de muitos mundos seguindo o trabalho de Hugh Everett III.
30. Canção de um poema de "Alice Através do Espelho" onde há um relato sobre sua confusa nomenclatura que varia.
31. "The name of the song is called 'Haddock's Eyes.' "Oh, that's the name of the song, is it?" Alice said, trying to feel interested. "No, you don't understand," the Knight said, looking a little vexed. "That's what the name is called. The name really is 'The Aged, Aged Man.' " "Then lought to have said 'That's what the song is called'?" Alice corrected herself. "No, you oughtn't: that's quite another thing! The song is called 'Ways and Means': but that's only what it's called, you know!" "Well, what is the song, then?" said Alice, who was by this time completely bewildered. "I was coming to that," the Knight said. "The song really is 'A-sitting On A Gate': and the tune's my own invention."" Lewis Carroll, Alice's Adventures in Wonderland and Through the Looking-Glass, Penguin, London, 2003, 213-4.
32. The acrostic within the closing poem, A Boat Beneath A Sunny Sky, on the last page of Through the Looking-Glass, ibid, 241.
33. Lewis Carroll, "The Walrus and the Carpenter", Alice's Adventures in Wonderland and Through the Looking-Glass, Penguin, London, 2003, 163.

BRUXARIA DIY: UM DECÁLOGO SOBRE MAGIA E ARTE DE PERFORMANCE

LESHEDEVIRGEN TRIMEGISTO

Dedicado a Pé de J. Pauner, escritor e estrategista de vertigem.

Eu já sabia. Lembro-me de ter lido anos atrás no livro "Danza de la Realidad", de Alejandro Jodorowsky, a ideia de que "a raiz da arte no México é a *brujeria* (...)" Esta simples frase ecoou em minha cabeça por um bom tempo. Com o passar do tempo e dentro das minhas práticas corporais e artísticas, percebi que na verdade é assim mesmo – eu não sei se é apenas o caso do México, e eu me atreveria a dizer que não, que é assim em todo o mundo.

Isso me ocorreu ao desenvolver a oficina "Alquimia del Cuerpo", como um esforço próprio para reunir e atar os cabos soltos entre magia e arte, onde em que pude perceber a relação estreita entre essas duas dimensões do ato criativo.

Em várias entrevistas ao longo de minha trajetória como suposto "artista" e performer fui interrogado sobre os motivos da preferência pela performance em relação a outros meios de expressão. A minha resposta tem sido sempre a mesma: toda expressão artística carrega um exercício criativo, este exercício consiste no ato primal – o ato criativo por excelência – o mesmo que leva uma criança a riscar as paredes e o mesmo que incitou Picasso a pintar Guernica, ou qualquer obra de arte ou processo artístico que lhes venha à mente. Antes de um pincel, de uma câmera, de uma técnica ou um instrumento, por trás de tudo isso está o ato criativo. O ato criativo nos surge desnudo, emerge do corpo. O corpo converte-se então em espaço para realização do ato primal por excelência. No princípio era o corpo. Minhas preparações na pintura me levaram a explorar a plástica em vídeo, instalação, desenho, arte-objeto, escultura e até arte conceitual enquanto que, paradoxalmente, essa busca me levou ao princípio de tudo, ao meu próprio corpo. Por isso escolhi a performance como meio de expressão e também como algo muito mais profundo.

Por que, afinal, assimilar a arte da performance como bruxaria contemporânea ou como um espiritismo pós-moderno? Meu trabalho alimenta-se de diferentes fontes: a teoria *queer*, o descolonialismo, pós-pornografia, a dissidência sexual, a magia do caos, o xamanismo, o *tarot*, a alquimia e até mesmo a psicomagia. Foi o que aconteceu, sem premeditação. Nos almoços em família, minha mãe sempre gosta de lembrar, como anedota, que eu queria ser um mago quando crescesse. Minha desilusão foi grande ao saber que isso que eu entendia como *magia* não existia e pertencia a um mundo de ficção. Não sei se agora com o passar

do tempo a magia para mim tornou-se real ou se acabei, por conta própria, tornando-me parte desse mundo ficcional. Talvez eu viva em um mundo híbrido entre a crueza violenta do cotidiano e a poética de um espaço habitado pelo milagre contínuo. Alguns simplesmente acham que eu sou louco, e isso não é novidade; não importa ser apenas um a mais.

Antes de continuar, devo confessar e esclarecer que não me considero *santero,* xamã, curandeiro ou místico, no entanto eu os emulo. Muita gente pode pensar que sou um charlatão que se aproveita de temas transgressores e controversos – e eu aprendi que o engano é necessário, é preciso enganar a mente ou o corpo para conseguir coisas extraordinárias. Você pode mentir para dizer a verdade, ou dizer a verdade para desmascarar uma mentira coletiva. E todavia é certo que não sou e não pretendo usurpar o lugar de um guru, um messias ou um deus. De qualquer modo, sou apenas um canal. Deve haver um motivo quando minha astróloga de cabeceira informa que tenho habilidades de médium. Meu campo é a arte, não tenho poderes mágicos, não posso curar ninguém. Mas sou capaz de funcionar como guia – para que aqueles que decidem empreender o caminho aprendam a curar a si mesmos, assim como me encontro em processo. Para mim a arte é isso, um fenômeno que ocorre, que cura, que transforma e dinamita tudo. Um incêndio. Eu sabia disso o tempo todo.

Este texto se disfarça, se transveste como um decálogo para magos /bruxos/artistas em potencial, mas é na verdade uma compilação dos pontos mais importantes, na minha experiência, que devem ser levados em conta ao realizar performance – ou, pelo menos, para a minha ideia de performance. Esta prática pós-disciplinar entre magia, arte de performance, física quântica, teatro pós-dramático e paganismo pós-moderno é o que chamo de Bruxaria DIY (*Do It Yourself* ou Bruxaria Faça-Você-Mesmx):

1. EXISTE? NÃO EXISTE? NÃO IMPORTA! EXISTE!

Nunca duvide – pouco importa ser cientificamente provável que um curandeiro possa curar, o que importa é que funciona. O ceticismo e a razão serão seus piores inimigos. Uma performance terá efeito para aqueles que acreditam nela. Pode-se imaginar que a performance é realizada em nome de uma "outra" - algo como uma figura abstrata ou histórica, outra artista ou personagem com características únicas, que guardem uma relação contigo. Em algumas situações realizei performance em nome de Mago Melchor Zortybrandt de Java ou Niño Fidencio.

2. ENFRENTE O MEDO

O medo paralisa. Para superá-lo é preciso ter coragem de enfrentar o que tememos diretamente, sem proteções e sem limitações. De vez em quando você pode executar ações que envolvam desgaste físico, resistência corporal ou mental, que ponham à prova seus próprios limites. Mergulhe no que você teme tanto. Realize isso de uma vez, em uma performance.

3. SEJA PRUDENTE

Há coisas que não estamos preparados para fazer, ainda que tenhamos vontade. Superar nossos limites envolve um risco. Para correr esses riscos você precisa estar preparado. A prudência é a peça-chave entre uma ação bem-sucedida e desastres de proporções clínicas.

4. QUEBRE LIMITES

Não se defina. Tudo o que se define limita, estagna, tumoriza e morre. Identifique as limitações que te cons-



Performance de Lechedevirgen Trimegisto. Fotos: Herani Enríquez Amaya "HacHe".





tringem no registro particular – emocional, material, espiritual ou sexual – e no registro universal – o mal-estar social, as múltiplas formas de violência, racismo, sexismo, etc. Pergunte-se sobre que linhas te atravessam o corpo, o que te faz desfigurar-se desde que nasceu, encontre e livre-se disso, use a performance como o espaço ritual ideal para destruir essas barreiras tanto em seu corpo e mente como no espaço público. Expanda seus sentidos, o corpo todo é uma máquina experimental, experimente todas as sensações, use-o!

5. PRINCÍPIO DA SUBSTITUIÇÃO

Uma das regras de magia é que todas as regras são modificáveis, cada mago tem seu próprio método, da mesma forma que cada artista de performance tem sua própria maneira de conceber e realizar a arte de performance. Se não tem os elementos ideais para levar a cabo seu ritual-performance, substitua-os por outros, transforme os objetos: um abanador em um sol, uma vara de madeira em uma arma de fogo, etc. Transforme espaços: uma rua em uma passarela de moda, um bar em um templo, um museu em um mercado.

6. OBJETO SAGRADO

Na performance, assim como na magia, trabalhamos com metáforas poderosas. O curandeiro usa um ovo para capturar as más vibrações. Ao quebrá-lo a metáfora toma vida, revelando um líquido escuro no lugar da gema e da clara. Assim como artistas de performance escolhem seus objetos com base em metáforas e símbolos, pense no que te rodeia, qual o contexto, que objetos pertencem a ele, tome o que parece mais próximo e íntimo, aquilo ao qual tenha uma devoção infinita (não material, mas espiritualmente) – esse será seu objeto sagrado. No meu caso é um brinquedo tradicional em forma de cavalo de papelão, que uso como bastão de comando. Uma curandeira pode curar com o que ela mais ama, sejam ervas medicinais ou uma bola de futebol. O artista de performance também.

7. SIGA SUA INTUIÇÃO

Há coisas que não sabemos que sabemos. Desenvolva sua intuição, você não erra nunca. Livre-se de preconceitos e de ideias nocivas ou tóxicas, confie em si mesmo, pense com o coração, crie com o estômago, revele com a glândula pineal. Torne-se devir puro e você irá se amalgamar com a natureza - vai saber o que acontece antes que isso aconteça. Quando faz performance, você se torna premonição pura, a visão surge. Deixe-se levar, as coisas vão se acomodar em como devem ser.

8. TRANSE: APRENDA A ESCUTAR

Se você não acredita nisso, imite – de maneira respeitosa e consciente. Os magos meditam e entram em transe, convertem-se em canal. Elimine a supremacia do ego, deixe de pensar que é você a escolhida, a que cria; coloque-se na posição de uma ponte, deixe que o fenômeno lhe atravesse e aconteça a partir de seu corpo. Ouça a si mesmo, profundamente, reavalie o que lhe ocorre, aquelas ideias que vêm à sua mente sem uma razão lógica – é ali que o segredo se esconde. Você é um filtro do arquetípico que constrói imagens mutantes entre um ontem histórico e um futuro cósmico, em um presente total. Deixe que fale seu inconsciente, mergulhe. Na performance, assim como na magia, não importa se é possível entender ou explicar racionalmente, o que importa é a experiência e a sensação.

9. CRIE UMA EGRÉGORA

Uma egrégora é um pensamento coletivo. Tanto a magia como a performance funcionam através de coletivi-



dades. Criar uma egrégora significa criar uma mente coletiva. É seu trabalho colocar os elementos corretos para sintonizar o público na frequência correta, pulsar juntos e tornar-se um. Se a egrégora criada é suficientemente poderosa, toda a energia descarregada pelo público será canalizada pela artista e a performance surtirá efeito.

10. CURE-SE DE MANEIRA CONSCIENTE

Enquanto ajuda a curar, você cura a si mesmo. Pense grande, pense que seu objetivo é curar este mundo – um mundo que nos legaram ferido e perdido. Toda cura implica uma transformação radical, fulminante mas definitiva. A performance, como a magia, proporciona a oportunidade de curar aqueles aspectos que parecem irreconciliáveis ou perdidos. Seja sua própria cura, use sua imaginação e prepare sua estratégia. Então, e só então, talvez seja possível curar o mundo de tantas atrocidades.

A TERRA COMO XAMÃ E NOVAS MÍDIAS

SONJA VAN KERKHOFF

Toitū ele Kainga,
whatungarongaro ele tangata.
A terra permanece,
depois que os povos se vão.

Uma pessoa nativa de Aotearoa (conhecida como Nova Zelândia, em Português) é uma *tangata whenua;* alguém cujo cordão umbilical é simbolicamente ligado à terra. No mundo Maori, o mundo natural é personificado – é nossa mãe, irmão, irmã – e esse sentido de estar na natureza é forte, ainda que a maioria da população neozelandesa viva em cidades. É dessa conectividade Maori com a terra que senti mais falta quando fui morar na Holanda, em 1989.

Em 2008 fui convidada a criar um novo trabalho para uma exposição em Haia, Países Baixos, intitulada "A Terra Indesejada". Inicialmente eu estava confusa, porque para mim não há terra indesejada, assim como não pode haver uma mãe não-desejada. A gente não se desfaz do cordão umbilical. Recebi, em seguida, um convite para participar de uma jornada de *waka* (uma canoa de casco duplo) ao longo de um rio sagrado para as tribos Whanganui, coordenada por Julian Priest – um artista de novas mídias e ativista – com Maoris locais.

Chamava-se SLOW FLOW – Te la Kōrero[1]. Dez artistas ou teóricas das novas mídias de cinco países, e cinco Maoris locais viajaram de barco, a pé e de bicicleta, por um percurso de 200 km, dormindo em *marae* (assentamentos Maori).

Ao trabalhar com computadores ou com novas tecnologias, pode-se facilmente perder o contato com a terra - então Julian projetou este evento no sentido de desacelerar tudo. Todas as coisas consideradas necessárias nós teríamos que conseguir transportar. E não haveria eletricidade, nem conexão à Internet. Meu projeto era filmar e mais tarde as cenas produzidas tornaram-se elementos essenciais para a vídeo-instalação "Kāinga a roto (Home within)". Então eu criei para a exposição uma casa interior ou espiritual na "terra indesejada".

A casa era um sistema de arte – consistia em cinco diferentes vídeos, paisagens sonoras, música, iluminação e sombras, e um espaço físico onde visitantes sentavam-se no chão. Esse sistema de arte foi usado para representar o sistema complexo de uma biografia particular (uma infância em Taranaki), usando uma linguagem visual composta de referências ao mundo natural – especialmente a água, mas também terra, vento e vida dos pássaros – influenciada por valores culturais Maoris e Coloniais da Nova Zelândia.

Ao acomodar-se nessa tecnologia "caseira" (os vídeos, a iluminação e os sons), as pessoas puderam sentir um pouco da natureza-cultura da Nova Zelândia.

Em 2011 fizemos uma outra versão para a exposição na Nova Zelândia: 'Second Nature'. Chegamos em Istambul três semanas mais cedo para construir a parte física da instalação a partir de materiais locais para a exposição ISEA. Esta também foi construída com papelão e madeira reciclados. Em Istambul, com-



Imagem do vídeo: ***Heart of the Land - Te Ngākau o te whenua*[2].**

pramos ou negociamos na rua, em uma área de etnia cigana.

Na sequencia, em 2013, produzimos uma terceira versão para a exposição "Third Nature", em que dessa vez construímos uma forma espiral como entrada para o museu Puke Ariki em New Plymouth, Aotearoa (Nova Zelândia). E mais uma vez reciclamos materiais locais, usando madeira e papelão de um canteiro de obras.

Em todas as vezes que montamos este trabalho buscamos envolver pessoas de fora dos mundos da arte e tecnologia, como moradores de rua (com o papelão), de modo que a cada edição um pouco da "terra" local também se tornava parte do processo.

Ka pū te ruha,
ka hao te rangatahi.
Enquanto uma velha
rede se desfaz,
uma nova está pronta.

Enquanto a terra é mãe é inspiração para uma pessoa Maori, adaptação e mudança – como expresso no provérbio acima – isso significa que não temos nada a temer com as novas tecnologias e novos materiais. O que importa é manter um equilíbrio ou uma conexão balanceada entre os vários mundos. Assim, a velha rede pode ser descartada com a chegada da nova rede, mas uma nova que derive, ao que se sabe, da velha rede. Então, por exemplo, uma das palavras Maori para a internet é ipurangi, que significa literalmente o navio de Rangi (o pai do céu)[3] Uma nova tecnologia é ativada por uma velha rede – o céu.

Ehara taku toa,
he takitahi, he toa takitini
Meu sucesso não
se deve apenas a mim,
é o sucesso por conta do coletivo.

Em 2003 fiz conexão com artistas de novas mídias da Nova Zelândia através da rede Aotearoa Digital Artists[4]. Foi por isso que acabei participando do projeto SLOW FLOW e, mais importante ainda, por isso posso trocar ideias e tomar parte na discussão através da lista de e-mails.

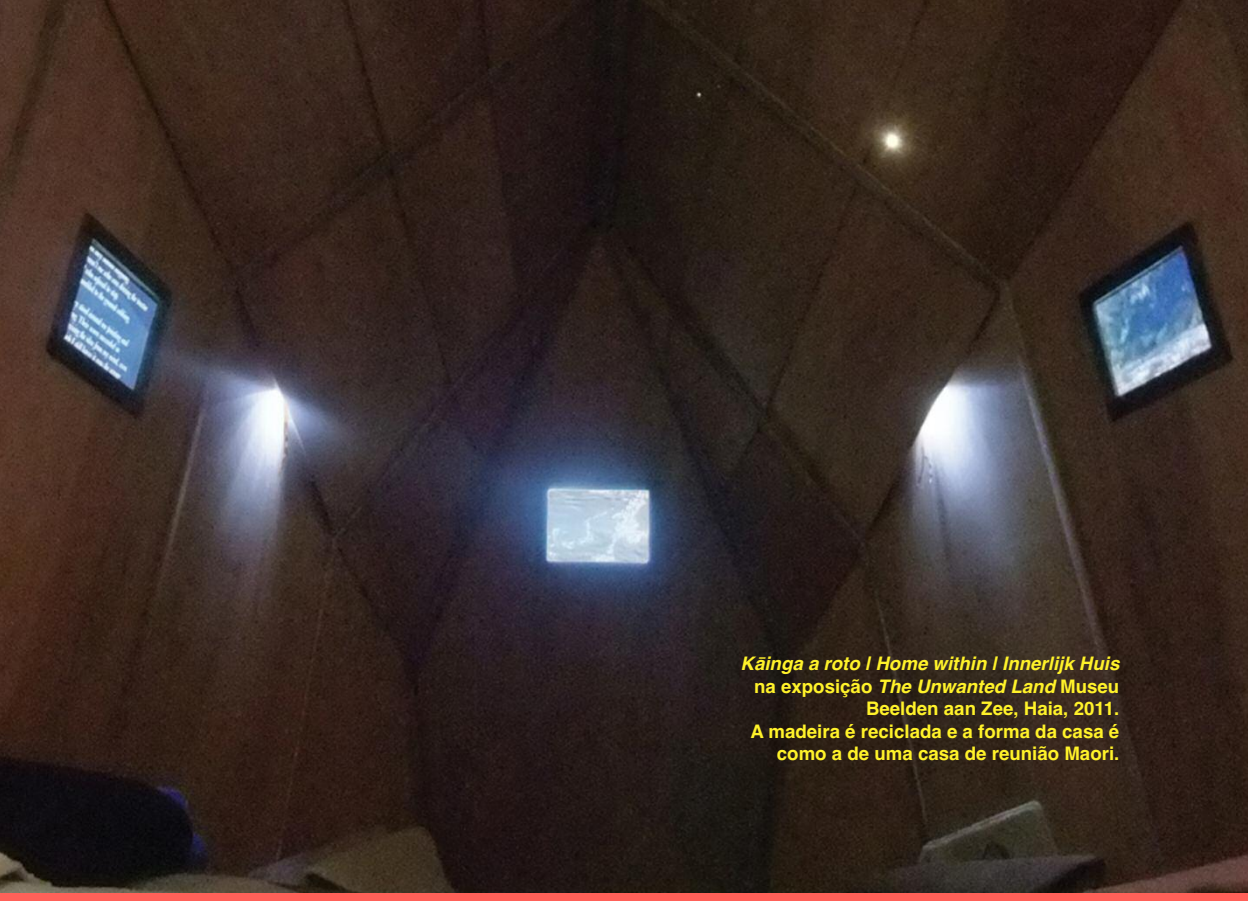
A *wakahuia* é um recipiente para objetos de valor, mas isso também significa "barco de pena", em Maori da Nova Zelândia. Nosso 'navio' feito a partir do *scan* de uma pena do extinto pássaro neozelandês, o Huia (Heterralocha acutirostris), é combinado com desenhos de Sonja. O último pássaro huia foi avistado na década de 1920, mas suas penas e corpo viajaram o mundo, seguindo as rotas comerciais do colonialismo.

Notas:
1. http://greenbench.org/project/slowflow
2. http://sonjavank.com/kaingadvd.htm
3. Consulte a seguinte referência por Sally Jane Norman para saber mais sobre visões de mundo Maori em The Aotearoa Digital Arts Reader, 2008. https://docs.google.com/document/d/1cHmhIYB9galutnSvGIhWcYr50np3NWsZxB5F2oZHxas/edithttp://www.ada.net.nz/wp-content/uploads/2008/08/ADA_reader_full_text.pdf
4. www.ada.net.nz





Vistas interior e exterior de um dos oito projetos na exposição *Aotearoa* / Nova Zelândia: Untitled: {second nature} *Te Kore Rongo Hungaora* para ISEA 2011 Istambul. Cumhuriyet Gallery, Praça Taksim, Istambul, Turquia.



Kāinga a roto I Home within I Innerlijk Huis **na exposição *The Unwanted Land* Museu Beelden aan Zee, Haia, 2011. A madeira é reciclada e a forma da casa é como a de uma casa de reunião Maori.**

Z30

NOTAS VISÍVEIS SOBRE O INVISÍVEL

SUE NHAMANDU

DA CIÊNCIA SEM DOGMAS AO TEMPLO DO TECNOXAMANISMO
SOBRE A CONFUSÃO FOUCAULTIANA ENTRE O QUE PERTENCE AOS DOMÍNIOS DO EMPÍRICO E O QUE PERTENCE AO TRANSCENDENTAL

Desde o séc XIX que a ciência espalha com sucesso a crença no materialismo. Dado que os cientistas, como evidência Kuhn-Sheldrake, como qualquer outro conglomerado social constroem também "redes de apoio", pois estão vulneráveis às normas sociais como "desejo de prestígio" isso é no mínimo um sucesso a ser questionado.

Latour (1987 - *Science in Action*) observou que os cientistas, tradicionalmente fazem distinção entre conhecimento e crença, sendo que crença distorcida é aquele resultado de paradigma + pesquisa científica que pertence as pessoas de fora de seu círculo científico. Enfim, não é novidade aos pensadores da ciência a existência de uma "Igreja da Ciência" como chama Sheldrake, que ignora e manipula resultados de acordo com financiamentos, estratégias e sentimento de pertença.

Agora eu me pergunto, se religião é religare e isso implica necessariamente a ideia de desconexão, bem como as noções de sentimento de pertença – o lobysta dinamarques Martin Lindstron ao desenvolver pesquisas neurológicas diz:

> *"Fiz um estudo que custou US$ 7 milhões sobre como o cérebro dos consumidores se comporta, e foi apenas o início para entender como essa relação complexa se dá. Mas é certo dizer que tudo que aprendemos da neurociência vai ser usado na publicidade" e ainda mais " falo de um experimento que colocou 200 pessoas andando a esmo numa sala. Então, cinco foram selecionadas cuidadosamente para, sem alarde, começar a caminhar em sentido horário. Em sete minutos, toda a sala estava andando em sentido horário. Quando questionados por que estavam andando em sentido horário, simplesmente disseram que haviam decidido a andar daquele modo – embora, na realidade, tivessem apenas seguindo."*

O sentimento de pertença da religião nos domina epistemologicamente no sentido transcendental em grupos sociais: vizinhos, redes sociais, marcas e seus lobystas, colecionadores são alguns dos principais causadores ocultos do porque as pessoas consomem. O *Google* e o *Facebook* segundo Lindstron, normalmente se apropriam do conhecimento das 200 pessoas mais influentes da rede, para disseminar através deles aquilo deve receber popularidade (a bancada evangélica também).

Mas e os esquisitos? A que coletivo pertencemos? *"Não basta ser esquisita para pertencer ao nosso coletivo, tem que ser incompreendida também – e não ter tato algum para se desenvolver como capitalista vencedora – tem que ter uma dose de intolerância com os winners*

e ser hedonista por natureza." (Borges-Bensusan, 2010).

Seria hackeamento do conceito de religião uma movimento artístico Avant-Garde? Quanto os grupos em situação de vulnerabilidade social tem a ganhar com um *Templo de Tecnoxamanismo Esquizotrans?* Sobretudo na medida em que agrega, e confere pertença ao acolher os grupos "do avesso"? Ando pensando em quanto essa nova ciência, que apregoa a relação da mente expandida, ressonância mórfica, vai ser apropriada pelo poder, dentro de uma perspectiva onde não saberemos dizer o que é metafísica e o que é epistemologia.

Segundo Foucault no capítulo IX de *As palavras e as coisas* – a confusão do duplo-empírico-transcendental guia todo o pensamento ocidental contemporâneo, pois reside justamente na ausência de clareza sobre aquilo que pertence ao transcendental ou ao empírico. Quem vai controlar a ideia de deus e religião quando a religião passa ser ciência e a ciência religião?

A psicológa e esquizoanalista Fabiane M. Borges comenta sobre o tecnoxamanismo e as noções de movimento de rede coisas muito interessantes a repeito dessa sonância de sentimento de pertença, bem como reconexão com o corpo vibrátil. Os movimentos e experiências que ela vivenciou com tecnoxamanismo em geral, de acordo com minha visão dos relatos, mostram uma percepção da ressonância mórfica em ação. Acredito que a experiência do corpo vibrátil que Borges citando Rolnik fala esteja muito próxima da ideia de epistemologia de Rupert Sheldrake:

> *"Eu vejo o tecnoxamanismo assim: como a expressão da potência de um movimento. Para deixar mais claro, o tecnoxamanismo é um movimento de rede, que de certa forma se engaja em problemas que nosso contemporâneo tem levantado (…). Vejo o desejo de desconexão (mesmo que temporária) com um mundo de velocidade mental, e a reconexão com o corpo. O que ele está dizendo? Que movimentos é capaz de produzir? A potência do corpo fica geralmente atrofiada por causa dos nossos estilos existenciais sedentarizados nas cidades, no trabalho, nos estudos, na frente do computador, na sobrevivência em geral. São muitas as formas de se acionar as potências de um corpo. No nosso caso usamos, entre outras coisas, a linguagem da performance..."*

Nessa perspectiva da performance, ou ainda da escritura performativa seria interessante comentar o trabalho do professor Artur Matuck em sua série de ficção, onde seu personagem, uma espécie de alter-ego – *Ataris Vort* – denuncia a ciência meceânica parafraseando o professor, *"essa ciência hedionda reduz o seres humanos à sujeitos de experimentação que tortura para extrair um* ***suposto*** *conhecimento científico[1]"*. Seja lá o que for que "científico" signifique, já que a ciência é dogmática - sua narrativa ficcional é também um pressuposto ativo que atua sobre nosso contemporâneo. Em nome da ciência, e isso é uma ficção, o cientistas são capazes de produzir as maiores torturas, em animais, em cobaias, mas não vemos os cientistas muito dispostos a discutir esse conteúdo ficcional de suas crenças.

Mas retornando ao tecnoxamanismo como religião neste texto Borges vai ainda propor outros fortes aspectos que poderiam identificar *um tecnoxamanismo e etc,* aspectos que muito possuem em comum com a religião: vivências comunitárias e conhecimento ancestrofuturista.

A vivência comunitária é um dos pilares do sentimento de pertença, isso já dispensa a necessidade de continuar a divagar sobre ela, embora, seja de suma importância. O conhecimento ancestrofuturista, é justamente a apropriação contemporânea de organização a longo prazo dos conhecimentos outrora metafísicos agora transcendentais, outrora empíricos, agora metafísicos realistas. Latour aparecer nos textos de Sheldrake e Borges não é ao acaso, se for talvez seja um acaso objetivo surrealista, esse mesmo acaso que causa curiosidade em Simone de Beauvoir no início de seu *Balanço Final,* quando fala do "acaso" em sua história pessoal.

Na mesma medida que o kopimismo, do grupo Piratebay, movimento que foi reconhecido como religião pelo governo da Suécia e pode ter direito aos benefícios que a Suécia dá às religiões, como subsídios do governo; ou as igrejas neopentecostais, que através do estatuto de religião não apenas lavam dinheiro do tráfico de drogas, como financiam campanhas políticas, o não hackeamento do conceito de Igreja pelo tecnoxamanismo deixaria então um imenso nicho não explorado pelas práticas de si como liberdade.

Quais as possibilidades concretas de o tecnoxamanismo se desenvolver como ciência através desse capital hackeado pela mídia da religião? Quantas novas pesquisas interessantes geradas no cerne da multiplicidade paradigmática do tecnoxamanismo nos libertariam de certa forma das estratégias de massificação, se vinculado ao resgate do conhecimento dos povos fundantes e acolhendo grupos subjugados?

O tecnoxamanismo é um campo de conhecimento que muito tem a ganhar com a abertura do contemporâneo, como propõe Foucault em *O homem e seus duplos*; se a imagem do pensamento clássico encerra a representação às suas ciências, e o moderno já não opera mais no vivido atual, a abertura para a "invenção" do estado contemporâneo é uma nova liberdade. Isso implica também numa operação política, na medida em que garante a produção de bens imateriais num momento de mudança paradigmática da economia (mas isso exigiria um outro artigo).

Marcel Vogel da IBM foi desafiado a dar um curso sobre criatividade, segundo Peter Tompkins e Christopher Bird – no capítulo intitulado *As plantas podem ler sua mente* no livro *A vida secreta das plantas* – seu curso tomou um novo rumo ao entrar em contato com os trabalhos de Backster (fazia experiência com plantas). Vogel trabalha com a ideia de "energia psíquica", ele sugere que essa energia é armazenável, enquanto a noção de mente expandida de Sheldrake sugere que acessamos uma mente que não está no cérebro. Vogel afirma que o ser humano de fato se comunica com seres vegetais, dado que está convencido que a "energia psíquica" dos humanos pode exercer uma força sobre as plantas. A partir disso começou a imaginar essa força exercida obre cristais líquidos, e desenvolver pesquisas nessa área.

Na minha opinião o tecnoxamanismo ganharia muito ao se apropriar das posturas e experimentações de Vogel, dado que para ele as plantas são nossos ancestrais na Terra, e guardam grande parte das informações que a ciência tenta acessar. Nesse caso, Voguel é puro ancetrofuturismo radical!

O filósofo da ciência Gaston Bachelard acusa – em sua análise do "espaço" na física contemporânea – a física tradicional de ser uma ciência da "localidade". A fé da metafísica realista segundo ele reside na certeza de que nada se encontra fora da célula de localização. Todavia a larguidão e portanto a imprecisão

da célula de localização garante a funcionalidade deste método paradigmático. Para ele a metafísica realista é um estudo topológico dos objetos que povoam o espaço, sendo que na frente de qualquer faculdade está o "lugar".

Bachelard ainda sugere que as similitudes dos comportamentos do senso comum são aquilo que convencionamos chamar de realidade. Mais uma vez temos a confirmação da polêmica afirmação foucaultiana de que não sabemos o que pertence aos domínios do empírico nem tão pouco aos domínios do transcendental.

Miguel Nicolelis o respeitado neurocientista brasileiro no seu *"Muito além do nosso Eu"* comenta seus próprios enfrentamentos – e de seus precursores – com a noção *mainstream* de ciência, as concepções ideológicas por exemplo de encarar o funcionamento cerebral como hierático, um problema curiosamente também datado do século XIX, somado a limitações de linguagem, e obviamente o evidente prestígio que era para um cientista desse período poder nomear com seu próprio nome um pequeno pedaço de tecido neural.

Nicolelis observa ainda um caso curioso do neurocientista Manuel Rodrigues Delgado, que foi esquecido nos livros didáticos contemporâneos, embora tenha sido muito importante e pioneiro na utilização experimental da estimulação elétrica do sistema nervoso central e de implantes cerebrais em animais despertos. Com carreira em Yale na década de 60 previu que num futuro não muito distante seria possível conectar cérebros de pacientes com máquinas para tratar distúrbios psíquicos, coisa que foi realizada inclusive pelo próprio Nicolelis este ano (2015), como relatado na *Nature* em artigo recente. As pesquisas de Delgado foram relegadas ao ostracismo pois suas ideias enfrentaram forte oposição, *antagonismo* e repulsa. A ideia da possibilidade de modular o comportamento do cérebro em sua fisiologia e patologia com implantes gerou uma reação de repúdio fomentada sobretudo pelo medo. O cenário da Guerra Fria suscitava desconfiança de artefatos capazes de controlar a mente humana. Ao procurar por seu polêmico e clássico livro *"O controle físico da mente: rumo a uma sociedade psicocivilizada"* na bibilioteca da Universidade de Duke, Nicolelis conta que só encontrou um único volume empoeirado e por longo tempo não locado; mais uma prova de que paradigmas incomuns são em geral muito mal aceitos pela comunidade científica.

Neste contexto de confusão entre o empírico e o transcendental, Preciado mostra que as dicotomias metafísicas binárias são sustentadas submetendo à deriva sexualidades não heteronormativas padrão, como *"brincadeiras ontológicas"* que subvertem um contrato social baseado em *"um código sexual transcendental falso"*. Como nota Butler as práticas de identificação são excludentes, ou seja se dão por exclusão, assim como Bachelard demonstra que são as práticas científicas. Butler também nota que ao buscar o feminino e o masculino no " Terceiro Mundo" e "Oriente" os contextos também são consultados pelas teorias para neles encontrar exemplos e ilustrações de um princípio universal pressuposto.

Dado que não são as respostas, mas as perguntas que são importantes na filosofia eu proponho a repetição enfática ao exercício reflexivo: Seria hackeamento do conceito de religião uma movimento artístico Avant-Garde? Como e onde ciência, metafísica, religião, lobby, gênero e performance dialogam? Para polemizar, não é esse sentimento de pertença que sequestra jovens para o ISIS?

Notas:

1. O que o homem sofre na ficção nessa alter-ciência não é distinto do mesmo hediondo que ele prática na não-ficção.

RUÍDO, SILÊNCIO E TECNOXAMANISMO (NO IGAPÓ DAS ALMAS SINTETIZADAS)

HENRIQUE MASERA LOPES

Os corpos silenciam, mas o silêncio é condição de possibilidade para os deslocamentos da escuta, o silêncio suscita permitir ouvir a si próprio, aos outros e ao mundo, num estado de vulnerabilidade singular. Ali onde não há ser para dizer, as frequências se rearranjam e o corpo transforma-se em zona de captação e emissão de ondas, esse corpo com um milhão de buracos, poros negros, deseja involuir, trazer à superfície seu próprio horizonte submerso, do silêncio para o ruídos timbrados pela experiência da escuta dos universos que um corpo capta, o chiado da escrita como expressão dessa escuta. Mas não se esqueçam: as frequências que nos atravessam não são todo o universo. Talvez seja nossa impressão digital expandida ao campo do som, impressão que no silêncio encontra meios de deixar de ser, como um rio que transborda encharcando terras vizinhas.

A dimensão ruidocrática dessa prática parte de uma miração fundamental: estar atento aos sinais tem a ver com buscar na experimentação do som o arranjo fora do tempo homogêneo, deixar se conduzir a uma série de trajetórias que não formam um caminho, mas sim um território possível de escuta, com possibilidades outras de conexão e comunicação. Mas comunicar-se a que? Com o ruído dos relâmpagos, com rajadas sonoras dos insetos, das folhas, do mar, descargas abruptas de catarses extrapoladas, com os chiados que estão presentes na dispersão cotidiana da natureza e transportar isso para a física das máquinas, numa espécie de modulação sintética/orgânica da existência. Cartografar frequências de si. Queremos nos conectar aos caramujos, esse seres que lambem o mundo com o próprio corpo e carregam nas costas seu microcosmo, sua caixa acústica, devir-caramujo-antena, seu ruído estimula nossa modulação. Ouvir, aceitar a desafinação dos corpos e torná-la fonte de novas formas de pensar, sentir e afinar as subjetividades, não para que elas vibrem numa rítmica orquestrada, falo a partir de um corpo que para afinar-se não precisa soar consonante ao hegemônico, penso em corpos dissonantes que transmitem seus ruídos para respirar, mas que nem por isso deixarão de musicar a experiência pela modulação das diferenças de captação das frequências que vibram nos territórios existenciais.

Tomemos o igapó como território de onde emana uma prática ruidocrática. Vejam que o próprio território de experimentação já parte de uma premissa básica: Num igapó as raízes estão submersas na água, as plantas crescem, mas se desenvolvem sob a instabilidade da inundação, do excesso de fluxo, tem de lidar desde sua germinação com essa

variabilidade, ser vivo num igapó é estar sendo circulante, transitório e transmutável. É de onde partimos, de uma inundação de ruídos da natureza que falam pelas máquinas e softwares transmutados em porções dessa natureza falante. Subjetividade alagadiça, fincada numa terra encharcada demais pelas forças da água para virar estrutura. Nos igapós as matérias orgânicas se fundem e se transformam. Não-lugar das raízes água e das almas sintetizadas. Um igapó é um território alagadiço de floresta tropical, de conexões submersas nas profundezas que dialoga com a superfície pelo vento. Nas folhas das plantas cigarras emitem sons agudos, estridentes, penetrantes, fazem chiar toda a floresta. O Igapó de Almas[1] foi criando seu território sonoro de dentro do estúdio cigarra e, como elas, nosso alimento é a seiva das raízes, queremos a seiva, o fluxo da planta, o fluxo dos corpos, o fluxo dos sons das máquinas emitidos numa variação experimental tecnoxamânica. Tudo natureza, saber se relacionar com a subjetividade da máquina, seja um circuito de computador seja uma árvore.

Nossa referência, a floresta amazônica, vem da vivência do Pedras no norte do país, mas foi preciso estar na brisa de Natal para filiar-se às antenas computadorizadas de Walter Nazário para se dar as primeiras fusões. Ritmos dos índios da floresta, células musicais vibráteis , aceleradores de partículas dos povos da floresta saindo de dentro dos computadores, numa atmosfera sintetizada, eletrônica. Essa amalgama eu a concebo como uma etnopsicodelia, uma espécie de prática tecnoxamânica de composição das frequências situada entre as variações rítmicas concebidas pelas subjetividades de grupos indígenas e afro-brasileiros com as possibilidades das variações maquínicas contemporâneas, experimentais e psicodélicas. As músicas são esses pequenos universos, ritornelos de ruídos, sints, vozes reversas, duplicadas, triplicadas, tambores, programações virtuais e rituais.. Travar uma comunicação pelo silenciamento, estimular a escuta como processo de perda de si próprio. Entrar num caminho onde não se sabe o endereço, mas um caminho verdadeiro, paupável, latente. Os índios *Huni Kuin* nos fazem pensar no colonizador como as gentes assustadas, povo que pela força só demonstra seu terror em relação à vida, seu temor em relação às incertezas do por vir, sua ganância pela exploração da terra carrega um desejo de silenciar os ruídos que ela emite. Os povos verdadeiros estão num outro movimento, criados na floresta, tem outra relação com a vida, o colonizador os chama de *kaxinawa*, mas eles se dizem *huni kuin,* essa é sua verdade, sua força vem da floresta e da verdade que a ali experimentam. E essa potência da floresta no igapó é a força das águas, de um som que escorra e inunde almas alagadiças, sintetizadas num universo tecnológico-ancestral.

Nesse processo acabei me recriando dentro dessa dimensão de uma subjetividade alagada, muitas almas falando por dentro e por fora, trocando frequências, criando formas de sintonização das captações dos outros, trocando afetações pela multiplicação das almas que me habitam, em estado fluído, mas enraizado, corpo - raíz - água. E isso está enviesado pelo momento que estamos vivendo, num mundo em que o excesso de informação solicita constantes rearranjos, numa desarticulação que pode levar à interdição da loucura, mas ao mesmo tempo pode criar correntezas novas. Tome o igapó como metáfora para os territórios existenciais da contemporaneidade, a criação passa a estar conectado com gerar ondulação.

Uma abertura da experiência que busque incorporar as potências dos ruí-

dos de si e do mundo como zona invisível, propulsora de deslocamentos perceptivos que acaba por estimular, nessa prática, uma alteração considerável do eixo de gravidade, que equilibra as sondagens da subjetividade e consequentemente as linhas de afetação atuam noutro campo que não os das linhas que traçam um corpo rarefeito na atmosfera do capital. Corpos anestesiados, criados num universo de negação da experiência do silêncio. Trata-se de rangir o mundo, rachar as placas tectônicas de si, descolonizar-se e alterar as trajetórias da percepção, caçar, buscar, sondar cacofonias, expressar a gagueira do mundo pela quebra do silêncio, romper o uníssono dos corpos. Corpoficar a dissonância em atos, por uma livre associação orgânica da matéria. Então nossa prática é atravessada e emerge de um corpo que se pensa e se sente como um pequeno sintetizador do real, essa comunicação nos interessa, reconhecer-se pelo som que emitem os corpos e caminhar para o aprofundamento da busca singular dos ruídos alheios. Os corpos captam, capturam, transformam, se inundam, expelem, em suma: alteram as rotas da matéria suas e dos outros, na impessoalidade do mundo. Traço um igapó como território de recriação da matéria que incorpora a vulnerabilidade do mundo e a traduz em matéria audível pelo canto da cigarra, o barulho das folhas, a correnteza das águas e de toda correnteza virtual que por ali circula. Tudo deve passar, mas as marcas ficam e se tornam canais de abertura para outros insetos, seres antenados, moléculas vivas serem outros. Ruídos são fertilizantes sintéticos ou orgânicos, fazem crescer algo por dentro das máquinas-corpos, desmembram e assim formam um corpo outro.

Por um tempo começamos a pensar que somos sintetizadores, na verdade, biossintetizadores, talvez possamos alterar e modular a frequência do mundo através do deslocamento da forma de emissão e captação dos ruídos. Queríamos exemplificar isso colocando *knobs* giratórios no corpo, terceiro olho modulável. É todo o corpo que participa desse processo. Essa miração vem dos antigos, vem do ancestral, tem a ver com o aparelhamento da percepção. Saber deslocar-se para ver e ouvir novas imagens e sons, trazê-las do próprio silêncio, silenciar para escutar, isso é uma coisa muito antiga, como extrair potências do maquínico? Interiorizando-o até tornar-se organismo? Subvertê-lo, regurgitando natureza? Praticar coletivamente é fundamental, dinâmicas para esquecer a ideia de um sujeito encapsulado num corpo com uma subjetividade encapsulada no mundo. Confiar no outro, deixar-se afetar pelos seus ruídos, pelo som que emite e compor algo junto, para o corpo instrumento tudo está vivo.

Notas:

1. O álbum que lançamos em maio de 2014 está disponível para download gratuito ou livre taxação e stream no seguinte endereço:
www.igapdealmas.bandcamp.com
Outras informações e contato pelo:
www.igapodealmas.com
Somos um projeto independente e adepto das gambiarras.

DEZ

SOBRE ENTEÓGENOS, A QUÍMICA DA CONSCIÊNCIA E DISPOSITIVO RACIONAL

VALENTINA MONTERO P.
INGRID TARTAKOWSKY L.

Neste ensaio vamos tentar descrever como o uso de enteógenos[1] pode ser considerado uma prática orientada à desconstrução ou hacking da noção de consciência que caracteriza o sujeito moderno. O texto explica como os estados alterados de consciência, mais do que um processo de expansão desta, têm a ver com uma constrição ou inibição de certas áreas mentais ligadas à racionalidade e ao pensamento lógico formal, que são aqueles nos quais a cultura ocidental tem localizado como hegemônica, desvalorizando, portanto, outros estados da existência, e, com isso, os sistemas cosmológicos de outras culturas.

Rumo a uma tecnologia do eu

"A ayahuasca é uma viagem no
espaço e no tempo.
O quarto parece tremer e vibrar.
O sangue e a substância de
muitas raças – negra, polinésia,
montanhesa, mongol, nômades
do deserto, poliglotas,
Oriente Próximo Índia –,
de novas e inconcebidas raças
ainda não nascidas,
combinações ainda inexistentes,
passam por seu corpo.
Migrações viagens incríveis
através de selvas e montanhas
(Extâse e morte em vales
montanhosos confinados,
onde surgem plantas da Rocha,
e enormes crustáceos
eclodem do teu interior
e quebram a casca do corpo)
atravessando o Pacífico em uma
canoa ate a Ilha de Páscoa "
(10 de Julho 1953).

Assim escreveu William Burroughs, em uma carta a seu amigo Allen Ginsberg, em uma das muitas experiências que ele tinha experimentando com diferentes substâncias em sua viagem para o México e Peru na década de 50. Muito dessas visões se manifestaria mais tarde em seu famoso livro "Almoço Nu", que à luz dessas cartas poderiam ser entendidas apenas como uma invenção literária, como um testemunho de possibilidades cognitivas e perceptivas atingíveis pelo consciente uso de certas tecnologias.

E dizemos aqui "tecnologia" como um conceito não só referente à utilização de dispositivos Técnicos que comportam-se com certas características e inventados a priori; mas em um sentido mais amplo como um processo de criação de ferramentas para moldar e controlar o meio (Kurzweil 1999).

A noção de tecnologia também abrange questões de corte social: protocolos, gestualidades, rotinas, que vão estabelecer padrões de comportamento

envolvidos na construção de entidades específicas. Esta abordagem pode ser rastreada em antropologia em pensadores como Marcel Mauss, que em suas "Técnicas e movimentos corporais" ensaio escrito em 1934 refletiu sobre como a sociedade impõe aos corpos uma série de práticas específicas que são o que os constituirá culturalmente. Michel Foucault, retomando esta abordagem, traça um itinerário desconstrutivo, que analisa os processos de formação do conhecimento, poder, história e subjetividade a partir desta noção de "tecnologia". De acordo com sua análise, cada uma dessas dimensões envolve o uso de uma série de técnicas e procedimentos que operam de formas complexas sobre a sociedade em geral e indivíduos em particular ao nível da biopolítica. Assim, bem descrever o pensamento pós-estruturalista (Derrida, Kristeva, Deleuze) e feminista em particular (De Lauretis, Wittig, Butler, Haraway), o sujeito moderno é construído pela soma de uma série de tecnologias que vão traçando seus perfis no conceito de identidade, seja de raça, classe social e/ou sexo.

É assim que podemos tomar conta sobre o desenho e pauta do que somos, identificando claramente costuras que constrõem nossa identidade, o projeto fundamental de nossa contemporaneidade. Nas palavras de Foucault: *"Sem dúvida, o principal objetivo hoje não é para descobrir o que somos, mas de recusar o que somos. Temos de imaginar e construir o que poderíamos ser para libertar-nos de tal política "dupla atadura", que é a individualização e simultânea totalização das estruturas do poder moderno"* (Foucault, 1991: 68-69). Mas provavelmente imaginar não é o suficiente, uma vez que o processo de projetar um eu diferente do que somos parte de supostos delimitados por nosso conhecimento racional, confinado ao meio ambiente e as condições materiais e sociais em que nós aprendemos as técnicas do Eu que nos formaram. A imaginação nos permite avançar com esperança para um extremo polar do que somos, mas sempre dentro da mesma órbita.[2]

Foucault continuava: *"Pode-se dizer, em conclusão, que o problema político, ético, social, filosófico de nossos dias não é tentar libertar o indivíduo das instituições estatais e estaduais, mas para nos libertar do Estado e do tipo de individualização ligadas a ele". Precisamos promover novas formas de subjetividade por rejeitar o tipo de individualidade que tem sido imposta há séculos"* (Foucault, 1991: 234). Mas promover estas novas formas de subjetividade que apelavam Foucault, ainda seguem girando nesta órbita cartesiana, humanista que contempla-se a si mesma nas fronteiras disciplinares que a linguagem, como uma tecnologia de racionalidade parcial, outorgou-lhe.

É neste sentido que hoje, apenas num momento em que a sociedade "ocidentalizada" questiona premissas hierárquicas envolvendo a ideia do renascimento do "humanismo"[3] surge um chamado para integrar práticas medicinais antigas como um meio de libertação e expansão de habilidades psíquicas dos indivíduos, desmantelando ou, em termos tecnológicos atuais, *hakeando* o sistema racionalista em vigor, o que traria o lugar e o papel da subjetividade em outro paradigma, redefinindo a ordem política no seu sentido mais amplo.

O xamanismo – uma prática ancestral definida pelo historiador das religiões Mircea Eliade como "técnicas arcaicas de êxtase" – torna-se o objeto de estudo, experimentação e curiosidade pelo sujeito moderno ocidentalizado, não apenas como uma novidade antropológica para ser integrada no inventário das culturas periféricas à origem da Europa

central ocidental racionalista, mas também abre as portas para uma possível mudança estrutural, de cura não só de indivíduos, mas da sociedade em um nível mais profundo, suturando a ferida colonial cartesiana aberta no inicio da modernidade.

Exemplo desta mudança é encontrado em muitas frentes; dos movimentos ecológicos, antiglobalização, pós-humanistas ou mesmo no campo das artes da mídia. Roy Ascott, artista e pesquisador, iniciou nos anos 90 um trabalho investigativo sobre a questão da consciência e respostas que disciplinas aparentemente muito distantes entre si – de acordo com a cultura ocidental – como ciência, arte e xamanismo, poderiam fornecer. Em suas experiências com ayahuasca, a que ele se referiu como "tecnologia de plantas" (Ascott 2003) – encontrou uma possível ligação entre os procedimentos realizados com o Santo Daime[4] e investigações tecnológicas sobre realidade aumentada contemporâneas. Da mesma maneira, o artista Anahí Cáceres estabelece paralelos entre as cerimônias *Mapuche-Nguillatún* – de súplica, e *Machitún* - de sanação – e as instalações multimidia, colocando as duas práticas como exemplos de criação de espaços para a experimentação com base em estímulos perceptivos e narrativas não-lineares.

TECNOLOGIA VEGETAL, ANIMAL E FÚNGICA. A QUÍMICA DA CONSCIÊNCIA.

A pesquisa para a expansão das capacidades cognitivas e perceptivas dos indivíduos tem uma longa história, gravando seu surgimento na história de maneira tanto espontânea quanto induzida. A respeito das aparições espontâneas, *"Uma pesquisa recente mostrou que muitas pessoas tendem a ter experiências visionárias na vida cotidiana, mas geralmente não reconhecem o seu significado ou o valor"* (Hofmann 2006: 11). Sobre formas induzidas, pesquisou o uso de vários métodos de forma isolada ou combinada. Os seres humanos desenvolveram diferentes técnicas que vão desde a *"privação sensorial e de mortificação física até as meditativas e ascéticas, para aquelas utilizadas como estados gatilho transe e possessão, dança e som de determinados instrumentos musicais; finalmente (e certamente não em ordem de importância), técnicas que envolvem a utilização de plantas com efeitos psicoativos, principalmente alucinógeno. Este último é uma das mais antigas técnicas de modificação de consciência e remonta quase certamente a extensa Idade da Pedra"* (Samorini 2001: 12).

O uso de substâncias encontradas na natureza não é apenas uma das técnicas mais antigas, mas também um dos mais difundidos, rápidos e eficientes para alcançar outros estados de consciência. *"Enquanto oferecemos nossas experiências, mediante o uso de alguma substância ou método, apenas algum aspecto novo e adicional da realidade, certamente não será censurável para tais meios; pelo contrário, deve-se sentir e conhecer mais facetas "da" realidade que torna-se mais real para nós"* (Hofmann 2006: 169-170). No entanto, em nossa cultura ocidental, o uso de plantas, animais e fungos para alcançar esses estados tem sido a escolha mais incompreendida e polêmica.

Uma droga é uma substância que, independentemente do sua finalidade, é possível alterar uma ou mais funções, assim que é introduzido no corpo. Os psicoativos correspondem aos que modificam a consciência e o comportamento, ao entrar em contato com o sistema nervoso central. Sua capacidade de alterar o estado ordinário de consciência ocorre como um fenômeno natural, tal como emerge o estado consciente da mente que governa nossa existência diária.

Isto, naturalmente, baseia-se nas possibilidades inerentes em nosso corpo, e ao que acontece ao ingerir uma substância psicoativa é parte do repertório de possibilidades de nossa capacidade de viver experiências. Ou seja, surgem os diferentes estados de consciência, porque eles já estão em nós como uma habilidade natural, e nunca como algo artificial.

Aqui convém definir o seguinte escopo: a distinção entre "natural" e "artificial" funciona como uma fronteira arbitrária que tem tentado desvincular o potencial inerente dos seres com seu meio ambiente. Esta fronteira, herdeira do pensamento dualista que separa a dimensão ideal ou conceitual do material - permanece como uma armadilha gerada pela modernidade. Isso começa no século XIX, com o domínio da farmacologia das drogas, e no século XX, com a síntese de substâncias com efeitos sobre a mente por psicofarmacologia. Na produção de ansiolíticos, antipsicóticos, estabilizadores de humor e produtos antidepressivos, eles tentaram neutralizar os aspectos sutis de consciência, intrometendo-se nos recessos mais profundos de nossa subjetividade. Esta é provavelmente a perseguição mais violenta que tem sido feito no mundo moderno, tentando governar não as drogas, mas sobre os estados mentais dos seres humanos. No entanto, esta censura também significou uma história paralela de resistência expressa em experiências com outros estados de consciência.

Por mais que se recuse, os seres humanos tendem a viver experiências com base em outros estados mentais, e nosso corpo opera em sincronia com eles. Por exemplo, em termos evolutivos, o desenvolvimento do cérebro humano passou através de diferentes fases, cada uma das quais tem tomado cerca de dez milhões de anos para desenvolver. Estes têm sido acontecimentos ligados a certas mudanças na dieta. Os primeiros hominídeos, com cérebros um pouco maior do que os dos chimpanzés - andavam de pé, se alimentavam de frutas e pequenos animais. Ao longo do tempo, acrescentaram raízes e tubérculos para a sua dieta, e seu cérebro foi aumentando de tamanho. Este ritmo lento de crescimento do cérebro foi acelerado repentinamente. *Homo habilis,* com um cérebro que pesava 770 gramas, depois de um milhão de anos deu um passo ao *Homo erectus* com um cérebro 900-1100 gramas. A partir dele evoluíram os seres humanos modernos, e depois de três milhões de anos o tamanho do cérebro triplicou. Esta mudança rápida sugere processos de seleção natural extraordinários, que marcaram o início de grandes mudanças na organização social e incorporaram o uso da tecnologia, assim como as ferramentas e linguagem de fogo que permitiram o surgimento de indivíduos de consciência e autoconhecimento (McKenna 1993).

Em "2001 Odisseia no Espaço", dirigido por Kubrick, um grupo de macacos presenciava atônito um misterioso monolito: metáfora do momento inicial em que a consciência racionalista se instalava em nossos cérebros. Desde a etnobotânica, uma hipótese sobre a rápida mutação deste corpo é atribuída à introdução de componentes psicoativos na alimentação, o que teria influenciado rapidamente na reorganização das suas capacidades de processamento de informações, e, portanto, sobre a sensibilidade do ser humano ligado ao meio ambiente e suas formas de vínculo com o meio. A ingestão de plantas, animais e fungos portadores desses princípios poderia ser responsável pelo surgimento da consciência autoreflexiva humana. Para McKenna *"alcalóides de plantas, principalmente compostos alucinógenos como a psilocibina, dimetiltriptamina (DMT), e harmalina, podem ser fatores químicos da dieta*

proto-humana que catalisaram o surgimento de auto-consciência" (1993: 49), atuando "como catálise no desenvolvimento da imaginação, alimentando a criação de estratagemas internos e possibilidades que talvez acordaram o surgimento da linguagem e da religião" (1993: 49-50).

E estima-se que a própria ideia da divindade aparece como resultado das práticas de tomar substâncias, a aparição da arte, o pensamento abstrato, a iconografia, as concepções de outros mundos e a noção da morte também foram consequências dos efeitos do uso repetido destas tecnologias disponíveis no ambiente natural. Com a sua psicoatividade, estas espécies ajudaram a determinar a implantação da cultura, promovendo o desenvolvimento de nossas sociedades atuais (Furst 2002).

Esta relação de proximidade entre os seres humanos e seu meio ambiente nos permite compreender como o nosso cérebro vem se configurando um sistema composto de três cérebros distintos, que surgiram como resultado de diferentes estágios evolutivos. Cada uma destas camadas opera com diferentes produtos químicos e mantém separadas suas funções, mesmo quando mantidos interligados e trabalhando em uníssono. A última encontra-se formada na superfície, e as funções de reprodução criativa, explicativas e de associação, de modo que é chamado de "cérebro humano" ou "neocórtex". O *Homo sapiens* foi o único a desenvolvê-lo. A camada media desprende funções relacionadas com a memória afetiva, que surgiram em mamíferos selvagens.. É conhecido como "cérebro límbico" ou "paleomamífero". A camada mais profunda corresponde à estrutura mais antiga da evolução, que é associado com o medo e a sobrevivência imediata. É chamado de "arquicerebro" ou "cérebro reptiliano" porque partilhamos com os nossos antepassados répteis e animais marinhos (Snyder, 1999).

É nesta camada mais arcaica onde se encontram a maioria dos receptores opiáceos do nosso atual órgão cerebral, que, ao interagir com o ópio e seus derivados nos permitem sentir os efeitos da analgesia e consequentes mudanças em nossa consciência. Uma explicação da presença de tais receptores concentrados no arquicérebro e sua menor existência em outras camadas, em primeiro lugar, percebe uma relação estreita e histórica com papoula. O uso recorrente desta planta foi então ligado a certas funções associadas com a sobrevivência com que os nossos antepassados répteis e animais marinhos lidavam. Além disso, esta forma de distribuição dos receptores mostra a arcaica produção de moléculas opiáceas internas por parte de nosso organismo. As endorfinas, péptidios opiáceos endógenos naturais tais, são um exemplo deles. Estes são inseridos no mesmo sistema de analgesia a que se acoplam opiáceos externos, mostrando resultados consistentes para a sua existência.

Assim, podemos ver que o nosso cérebro e suas funções evoluíram juntamente com a história da incorporação do que poderíamos chamar de "tecnologias psicoativas". O acoplamento tecnológico estrutural que permitem os receptores cerebrais tem favorecido ao longo da história da integração de substâncias tanto externas como internas ao nosso organismo, o que permitiu a criação e experiência de novos estados de consciência. Lentamente, ao longo de milênios, nossos receptores evoluíram porque foram existindo essas substâncias a serem integradas, e por sua vez, essas substâncias emergiram porque se foram desenvolvendo receptores para integrá-las. Um acordo mútuo de existência foi moldado um ao outro em torno de um funcionamento unívoco. O que veio primeiro

na evolução da consciência foi um encontro de reciprocidade, uma química compartilhada entre o homem e seu ambiente, entre substâncias externas e internas que foram marcando os passos de seu desenvolvimento.

Na química da consciência somos semelhantes ao reino vegetal, animal e fúngico. Tornamo-nos uma forma mútua e coordenada, em um processo evolutivo que tem sido bastante espontâneo e aleatório também tem tido muito de consciente. Os seres humanos têm selecionado plantas, animais e fungos precisamente pelas suas propriedades psicoativas. De forma intencional vêm resguardando variedades que os permitiram experimentar distintos estados mentais e outras realidades, ao mesmo tempo que tem gerado conhecimento sobre os diversos modos de preparação destas espécies e suas mais adequadas formas de incorporação ao organismo.

O resguardo consciente de variedades vegetais – tendência que posteriormente levou à agricultura é uma hipótese que explica a existência atual das plantas de cannabis com uma elevada percentagem de *tricomas*, glândulas portadoras *canabinóides*. Estes últimos correspondem às moléculas de transporte de propriedades medicinais e psicoativas, as que pensa-se que com a passagem do tempo foram aumentando em número. Isto significa que o seu potencial psicoativo aumentou com o curso da evolução. Embora até à presente data não se compreenda a tarefa que estas glândulas e suas *canabinóides* desempenham para o funcionamento da planta em si mesma, a única explicação sustentável é a seleção consciente do que tem realizado o ser humano, com a intenção de preservar as espécies desta planta que tiveram o mais alto poder de modificador da consciência.

Assim também foram protegidos os conhecimentos associados com formas de preparação, dosagem e ingestão de espécies psicoativas. A mistura conhecida como "ayahuasca", que é um produto derivado da cozinha de dois tipos de plantas, surge apenas após o domínio do fogo pelos nossos ancestrais. Sabemos, além disso, que se devia misturar uma planta portadora de Dimetiltriptamina (DMT) – sua molécula psicoativa – e outra contendo IMAOS`s – inibidores enzimáticos que permitem a ativação de DMT quando ingerido oralmente – este é um conhecimento que caminhou de mãos dadas com a evolução da consciência.

ENTEÓGENOS. CONTRAÇÃO DOS MONSTROS DA RAZÃO

Ao longo da história e através das culturas, o saber sobre a transcendência da realidade ordinária tem sido administrado pelos xamãs, os especialistas em trânsito pelos territórios sobrenaturais, visitantes hábeis de outros mundos, lugares multidimensionais. Seus poderes maravilhosos os posicionam como agentes responsáveis por facilitar experiências com enteógenos, gerando estados alterados de consciência em comunidades de várias partes do mundo. Desde tempos imemoriais os rompantes de êxtase e transe tem sido considerados estados mais elevados de consciência, e sido interpretados como fenômenos místicos, como viagens a mundos espirituais (Samorini, 2001).

O termo "enteógeno" vem do *"entheos"* grego que significa *"Deus gerado dentro"* e declara a propriedade de tais espécies "que revelam a divindade que está dentro de você" (Samorini 2001) como um acoplamento tecnológico no tempo presente e imanente o ser humano. As descrições dadas pelos sujeitos modernos sobre essas experiências fazem referência a um sentido de unidade com todas as coisas e interligação entre

as pessoas, a um sentido do sagrado acompanhado de paz e felicidade, a transcendência do tempo e espaço, juntamente com uma certeza intuitiva sobre a experiência como fonte de verdade objetiva sobre a natureza da realidade. O poder destes estados promove mudanças profundas no assunto, a sua personalidade e relações interpessoais, transformando o seu posicionamento político e ética.

O sujeito moderno tentou entender estes estados de consciência diferentes da cartesiana, utilizando os seus próprios conhecimentos, tecnologias e racionalidade. As últimas descobertas científicas sobre os efeitos dos psicoativos da psilocibina – princípio psicoativo presente nos fungos conhecidos coloquialmente como "cogumelos mágicos" – percebe uma diminuição da atividade e conectividade entre áreas do cérebro responsáveis pela realização de uma ligação central, de integrar a rota e a informação. Ativando áreas do tálamo, o giro do cíngulo e o córtex pré-frontal medial geram a experiência de si mesmo, a noção do eu, e consciência individual como uma instância separada da existência de outros substratos. O declínio desta atividade põe em risco então o abismo interpessoal que marca nossas relações sociais cotidianas, já que suspende de forma temporal a existência de cada eu cartesiano diferenciado de seu entorno e dos demais. Quanto mais a atividade cerebral diminui, quanto maior for a intensidade dos efeitos subjetivos do enteógeno, aumenta a vivência de amplitude "sem limites" e da consciência experimentada como uma fusão com o meio e a eternidade espaço-temporal. (Carhart-Harris et al. 2012)

Este estado de transcendência místico-espiritual é muitas vezes explicado por cientistas e pesquisadores como uma "amplitude de consciência" através do prisma onde estas tecnologias atuam "expandindo a mente", "aumentar as capacidades do Eu", gerando este "estado mental "particular. No entanto, durante esta experiência a mente racional não surge, já que o Eu cartesiano desaparece. Não se vivencia um excesso de individualidade, nem um excesso do sujeito cotidiano, tampouco se manifesta seu pensamento dualista-racional. O que antes da ingestão do enteógeno foi experimentado como Eu, dilui-se na presença unificada do meio ambiente e alteridade. A consciência comum é suprimida, silenciada, desabitada, e outros estados entram no jogo com o que antes era o dualismo / alteridade. O abismo existencial que a consciência cotidiana intuía diante da incompreensão de seu próprio ser no mundo, desaparece. Monstros que a razão sonha se transmutam. Ele se torna sem sentido como tal (Ott, 1998). A razão confessa como um artifício dos poderes hegemônicos da modernidade, não só como um mecanismo ou dispositivo que opera governando nossas formas de existência cotidiana e inscrevendo a racionalidade como o lugar da única verdade, senão também como artimanha que amarra os enrolados do poder, com o objetivo de dominar os estados mentais.

A subversão lógica da racionalidade nos abre para novas formas de consciência e subjetividade da qual emerge o "divino". Acontece o que sempre esteve presente nas profundezas de nossa existência: o que experimentaram os nossos antepassados durante milhares de anos como a revelação mais profunda da verdade, e também nós vivenciamos durante a nossa infância, habitando-a como um contínuo presente "sem limites". Operações tecnológicas de outras épocas são atualizados em uma experiência natural que nos permite desvendar o mistério do eterno.

É curioso e pode parecer paradoxal notar que, se, em primeiro lugar, a

distinção de "humano", ou seja, esta consciência individualizada do ser a respeito do mundo, conseguiu desenvolver o uso das primeiras formas de enteógenos atuais, hoje , estas substâncias – que têm mudado com os seres humanos através da história – estão trabalhando em nós, logo após uma aparente recuperação de um estado de ser semelhante à arcaica, mas que não despreza o caminho percorrido. Isso mostra que as espécies psicoativas foram sempre intervindo e negociando em simbiose com a nossa existência, em um processo dinâmico, vital e inesperado. A nossa racionalidade e consciência individual hoje pode viver com a experiência de tudo, de ser engrenagem e sistema da eternidade. Mas esse raciocínio, conquistado por nossa espécie e hipertrofiado pela cultura ocidental a partir do seu exercício hegemônico, deixará de ser a única dimensão possível.

Alguns anos atrás, participei de uma cura com ayahuasca nos pés do monte de Montserrat, na Catalunha, Espanha. Matsini Yawanawa, Yawanawa vindo da tribo dos filhos de Mutum Amazon, cantou suas canções para uma longa noite de lua cheia, e deu-nos a todos um pouco de medicina; eu estava usando cocar de penas e vestindo jeans. Na manhã seguinte, lhe perguntamos qual era o significado de seu trabalho lá, dando este medicamento a um grupo de classe média europeia e sul-americana. Ele nos disse que a Pajé de sua tribo, há muitos anos, ele lhes havia contado sobre uma visão: a salvação do planeta passava por encontrar um remédio para curar o homem branco.

Notas:

1. "A palavra enteógeno, que significa literalmente "manifestação interior do divino", deriva de uma palavra grega que refere à comunhão religiosa sob efeito de substâncias visionárias."(wikipedia)

2. Los imaginarios políticos que demarcaron el siglo XX son buen ejemplo de ello. Tanto las sociedades neoliberales como las socialistas partían de una misma base productiva, de corte capitalista.

3. Que situaba a los especímenes humanos blancos, europeos, en un lugar privilegiado en relación a otros humanos y a otras especies.

4. Ritual sincrético religioso practicado en la Amazonía.

A CANÇÃO DA VELA

WONJUNG SHIN

SOBRE OBRA DE DIANA BAND

"Então, como um fogo esquecido,
a infância pode voltar a
faiscar dentro da gente."
Gaston Bachelard

Enquanto ferramenta das atividades cotidianas e também como meio entre sujeito e objeto, o corpo existe fundamentalmente para as comunicações. O corpo e o sentido nos trazem a possibilidade de inter-relação e inter-comunicação. Em um mundo onde a comunicação sem palavras foi expelida, o relacionamento torna-se frágil a ponto de facilmente quebrar-se em pedaços. A nostalgia somente será possível quando eu, você e o mundo formos capazes de nos entender – uns aos outros – sem usar palavras.

{Candle Song}, uma instalação sonora interativa, recupera a memória das substâncias no mundo e transmuta a percepção entre sujeitos e objetos, em busca de uma comunicação universal.

Quando o público, inicialmente, entra no lugar, espera-se que fique impressionado com espetáculos de velas acesas e com o espaço iluminado pela luz de velas. No momento seguinte a ideia é descobrir uma série de sons gerados quando as pessoas tensionam seus lábios e sopram suavemente a chama das velas, ou quando algum vento leve passa pelo lugar fazendo com que as chamas se movimentem.

Assobios, vozes, sons tônicos que também lembram gotas de água, ruídos leves ou instáveis que soam como se algumas nuvens pesadas estivessem passando. Esses sons são amostras selecionadas a partir do conjunto de imaginações infinitas que poderiam ser concebidas a partir do ato de "tensionar os lábios e soprar as luzes da vela".

Este trabalho é resultado de um esforço para compartilhar o prazer de se acender este conjunto de imaginações infinitas que é evocado por objetos sutilmente transmutados.







***Remember me my 30days,* 2013**
Instalação de Diana Band.
Vista da instalação nos dias abertos
do programa de residência em Seul.



Perfomance Limpeza Azteca com Xamã Ce Quiahuit. Fotos cedidas por Marcelo Gandhi, 2014

PERFOMANCE LIMPEZA AZTECA

XAMÃ CE QUIAHUIT

MARCELO GANDHI

Desde que fui morar em São Paulo comecei a me mascarar PARA FAZER PERFORMANCE, BLINDAGEM, ASSUNÇÃO DE IDENTIDADES OUTRAS, CRISE DE IDENTIDADE... saindo do meu próprio umbigo e vendo o contexto social, político econômico, comportamental do qual sou fruto, agente e reagente, a máscara é uma forma de denúncia e problematização das profundas crises de representação que vivemos hoje e seus efeitos num coletivo, eu negro, árabe, índio, veado, nordestino morando numa grande metrópole imensa de uma plebe italiana, espanhola, portuguesa em busca de uma recriação de seu status e do seu reino perdido... eu margem, invisível perante a coroa européia e seu eurocentrismo enferrujado e morto.... eu colonizado Nova Iorque, Paris, México... MÉXICO ANO DE 2013 ESTOU NUM FESTIVAL DE PERFORMANCE EXTRA NÚMERO 5, ORGANIZADO POR PANCHO LOPEZ, JÁ FAZ 20 DIAS QUE ESTOU EM DF MEXICO E ACHO MUITO FORTE VER XAMÃS AZTECAS REALIZANDO DEFUMAÇOES NAS PESSOAS EM FRENTE À CATEDRAL CRISTA DE ZOCALO, ZOCALO CENTRO DA CIDADE DO MEXICO, O QUE ANTES ERA UMA COMPLEXA ARQUITETURA DE PIRÂMIDES, HOJE É UMA COMPLEXA ARQUITETURA NEOCOLONIAL ESPANHOLA, AQUELES XAMÃS EM FRENTE À CATEDRAL INFORMA UMA ESPÉCIE DE RESISTÊNCIA AO PODERIO ESPANHOL QUE MASSACROU A CULTURA AZTECA E OUTROS POR TODO O MÉXICO, PROPONHO MASCARADO, UNIDADE MAC (MICKEY CAVEIRA ADIDAS) SER LIMPADO E DEFUMADO PELO XAMÃ AZTECA, ESTE OPRIMIDO, DESTRUÍDO E SOBREVIVENTE DO ETNOCÍDIO E GENOCÍDIO ESPANHOL, PAGO 50 PESOS PARA O XAMÃ ME LIMPAR , A RELAÇÃO DE PODER PRESENTE NO SISTEMA FINANCEIRO EU PAGO VC FAZ AINDA IMPERA NA RELAÇÃO, MAS ACHO PONTUAL A UNIDADE MAC SE SUBMETER À UMA LIMPEZA E RECONHECER NO XAMÃ AZTECA UMA PRESENÇA E UMA CORPOREIDADE NÃO MAIS TAO INVISÍVEL ASSIM... o XAMÃ CE QUIAHUIT ME PERGUNTA PORQUE USO A MÁSCARA E AS ROUPAS E DIGO QUE É UM TRABALHO SOBRE RELAÇÃO DE PODER E OPRESSÃO E QUE O OBJETIVO É ELE ME LIMPAR DE TUDO ISSO .....


TELMEX


adidas



Atividades da Rede Mocambos. Pajelança Quilombólica Digital - Territórios Digitais Livres, 2015. Fotos: Robson B. Sampaio.

A VIAGEM DE MANA

VINCENZO TOZZI

Mana chegou á pé do baobá e sentou numa raiz que saía e voltava na terra, formando um banquinho natural. Abriu a saca de pano que sempre carregava procurando algo. Era o que Mana acostumava fazer sempre que visitava um Mocambo. Enquanto as crianças, como costume, se juntavam em volta do Baobá, Mana arrumava no chão o que carregava da sua ultima viagem.

As crianças começaram logo a ficar curiosas, "o que é isso?!", "pode comer?", "É pro Mocambo?"...

E Mana.. "Isso, se chama chocolate, podem comer, é de cacau orgânico que resistiu aos vírus transgênicos.. "Enquanto falava a Mucua que Mana tinha encostado no Baobá, começava a projetar imagens do Mocambo Terra Vista. Uma criança que estava na roda pegou uma vareta de madeira e usou para interagir com as imagens do Baobáxia. De repente um vídeo apareceu contando a história das SOR - Sementes Organicamente Resistentes: "quando começaram a espalhar-se os vírus transgênicos, as únicas plantas que sobreviveram foram nos Mocambos guardiões das SOR, onde as sementes orgânicas mais resistentes eram multiplicadas..."

As crianças eram extasiadas pela descoberta do chocolate e registraram o momento no Abdias, Mucua da Tainã.

Mana seguiu contando histórias por um tempo, com ajuda da sua Mucua que enquanto isso sincronizava com a Mucua Abdias e recebia as novas informações do Mocambo:

"Recados para Mana: tem uma sacola para você no Ateliê, se puder levar para o seu Mocambo. Ah... Conseguiu trazer aqueles sementes e o tambor que estavam no Navio Mercado Sul? Qualquer coisas pode deixar no espaço de troca. Boa viagem, pela Rota dos Baobás, Asé!"

Este conto, vem de um futuro possível. O Brasil, hoje potência econômica mundial, é também berço de povos tradicionais indígenas e afrodescendentes que resistem a seculos a devastação trazida antes pelo colonialismo e hoje pelo capitalismo global. Além do desafio de enfrentar essa poderosa máquina, esses povos compartilham cosmovisões e culturas de pertencimento e manejo da natureza, resguardando valores comunitários tão importantes e tão raros no mundo colonizado de hoje. A luta e a resistência, partindo da questão fundiária e de garantia da posse da terra, se enraíza nas ancestralidades e identidades culturais que permitiram nos seculos, além de preservar a terra, manter e desenvolver os próprios territórios culturais. A Rede Mocambos nasce neste contexto com a proposta de juntar as comunidade fortalecendo a comunicação, através das tecnologias ancestrais e as novas possibilidades do mundo digital. Neste sentido, a Casa de Cultura Tainã, promotora da Rede, já vinha se aproximando do Software Livre e do movimento FLOSS, que na ultima década conseguiu alcançar novos espaços no Brasil, graças a lutas

dos movimentos e conquista de mais investimentos públicos, como o programa Cultura Viva e os Pontos de Cultura. A ideia do compartilhar trazida pelo movimento do software livre se encontra naturalmente com as praticas tradicionais de vida comunitárias e cria novos territórios culturais de experimentação e produção. Os elementos simbólicos e transcendentais são fortemente presentes nesses territórios onde outras dimensões são cultuadas e preservadas, com a dedicação das/os pajés, curandeiras/os, babas e ialorixás. As comunidades da Rede vem se juntando também de forma transcendental pela Rota do Baobás, plantando, com rituais próprios de cada lugar e evocando a luta por um território livre, mudas da árvore africana que representa um elo com o passado e o futuro. Na Rota, tecnologias xamânicas tradicionais, como tambores e maracas, são usados para transcender para outras dimensões. Com a chegada da dimensão digital, cientes das novas possibilidades, buscamos criar uma relação cultural e tecnológica que nos respeite e represente. A Rede Mocambos, desde seus primórdios, tem promovido oficinas de tecnologia livre com foco na produção audiovisual. Veio se delinear a necessidade de melhorar a preservação e o compartilhamento das memorias digitais produzidos já a um tempo pelas comunidades e em conversas, durante os encontros da Rede, chegamos a aprofundar este argumento, esboçando um projeto chamado Tambores, Acervos e Comunicação. Por outro lado começava a experimentação de uma solução técnica que casasse com o requisitos comuns, quais a possibilidade de funcionar sem conexão e/ou com infraestruturas precária. Neste sentido foi inspirador o sistema de pontes rádios usados por algumas comunidades quilombolas de Oriximiná.

Os quilombolas marcavam encontro todos os dias nas estações rádio base das comunidades para receber e reencaminhar as mensagens, ate chegar as comunidades mais distantes. Baobáxia nasce dessas experiencias e pesquisas propondo uma tecnologia que dialogue com as culturas e praticas tradicionais e aproxime de forma respeitosa ás possibilidades do mundo digital. Baobáxia é um neologismo derivante da "Galaxia de Baobás" já que a tecnologia propõe interligar as memórias de diferentes comunidades. Os nós da rede Baobáxia, são chamados Mucuas, nome do fruto do Baobá, no lugar de "server", nome comum usado nas redes de computadores. Esses frutos mantém as sementes, as memorias digitais. A simbologia além de respeitar e dialogar com o contexto ajuda a definir o tipo de relação que buscamos. Plantar mucuas no lugar de instalar server, ou seja entender a relação com a maquina da mesma forma que as comunidades tradicionais se relacionam as plantas. Cuidar para colher os frutos e compartilhar as sementes, no lugar de escravizar para obter lucros.

POSSESÃO TRANCE

RYAN JORDAN

"Estes iniciados praticam a hipnose negra em clubes de hiperventilação psicoativa"
Setembro 2010

Esta forma de Possessão Trance é diferente da dos cultos como o nigeriano Hausa Bori, cujas divindades são chamados para os rituais e guiam cavaleiros possuídos. Ela difere das famosas possessões espirituais demoníacas de Loudun, França, onde espetáculos de massa de exorcismos públicos atraiu audiências na ordem dos milhares.

Esta possesão Trance não tem nenhum fundo cultural ou histórico de deuses, demônios, espíritos ou religiões. Ela vem de uma educação experiencial dentro de clãs de Núcleos contemporâneos. Ela deriva em possessão por estar viva dentro de sistemas de recursivade.

A primeira experiência de algo como o atual transe de possessão ocorreu no dia 23 de Janeiro de 2004 aproximadamente às 2:34. Uma grande dose de MDMA foi administrada e no escuro *hardcore* com luz estroboscópica envolta em uma fumaça de um canto apocalíptico que tomou conta do espaço enquanto chutes epiléticos vibravam o ar e os ossos. Algo dentro do cérebro foi disparado. Algum treco se soltou. Não dormiu-se.

Experimentos começaram não muito depois de um estroboscópio de 60 watts. Embora a configuração tecnológica estivessem com foco em tecnologias vestíveis, algumas experiências notáveis e memoráveis são dignos de nota. Havia a ilusão dos membros do corpo estarem em lugares diferentes do que eles realmente estavam e isso causava confusão de coordenação e uma sensação de desencarnação; imagens muito nítidas de ondulações liquidas por todo teto; e quando o sujeito colocou sua cabeça em frente à luz, cerca de 10-15cm de distância, um vórtice fluorescente verde-amarelo-vermelho-azul espiral ultra-brilhante despencou gerado por dentro de um abismo psicodélico.

A partir de aproximadamente início de 2007 para meados de 2009 eu passei muito tempo com a minha cabeça coberta por um véu e sentado no chão com o estroboscópio na minha frente olhando diretamente para ele com um noise barulhento escorrendo dos alto-falantes. Quando as performances Hausa Bori são realizadas à noite elas possuem sobrecarga sensorial e visual com a luz branca brilhante de uma lâmpada de querosene que é mantida perto dos participantes, a maioria deles parece encarar a luz concentrando-se em algum ponto bem além; assim é com os clãs do Núcleo ao olhar diretamente para o de alta intensidade pisca-pisca do estroboscópio.

"O que está além?" ele pergunta em um sussurro seco, virando a cabeça olhando por cima do ombro. As sombras no canto respondem: "O Estranho faz".

POSSESSÃO TRANCE SE MANIFESTA

É como uma porta para algum tipo de matriz de realidade psicodélica. Muito

mais potente do que aquelas máquinas de sonhos opiáceas Burroughesas. Esta é a apoteose dos becos dos clãs Núcleo contemporâneos; turbo anfeta-psico-tripitaminas splittercore; poções químicas altamente potentes liberando a ansiedade, sabotada viagem no tempo. Vivemos nas periferias do nosso próprio ser.

De abril a junho de 2009, o sistema foi reorganizado para além do sinal...

Os estroboscópios viraram-se e olharam para as cabeças da congregação. As tecnologias CMOS de Nicked Collins começaram a ser empenhadas na captura da luz e transformação desta em um HEX noise sincronizado. Idéias de capnomancia infiltraram-se no ar. A dança do tecnoxamã começou no Núcleo, atrás das barras da prisão amorfa.

2010 viu o chocalho da psicose anfetamínica durante toda a noite com uma broca em 500bpm no hypno-crânio. Crises cardíacas e palpitações são abundantes. A água é essencial. Nós sempre voltamos para os elementos básicos; o Núcleo. Recombinações com Z'EVian rhythmajik causada por lâmpadas halógenas explodem ricocheteando pelas paredes das 9 Câmaras. Possessão Trance também foi usada em combinação com experimentos de visão remota que tentou visitar Tau Sagittarii, com sucesso limitado. As coisas começaram chacoalhar e meter pontapés na porta.

O Estranho chega finalmente à pessoa via 2500watts em 2011. Você deve conhecer ele por sua forma de Xenon, mas ele é muitos. Xenon, o "estrangeiro", o "estranho", ou "convidado" é bem-vindo aqui. O Estranho, se inalado pode ser utilizado como um anestésico, uma vez que é um antagonista da NDMA. Ao contrário do óxido nitroso, cetamina ou PCP, o Estranho tem uma falta de neurotoxicidade e é relativamente caro para se reproduzir. Quando o Estranho é animado por uma descarga eletrônica de alta potência, brilhantes flashes brancos de relâmpagos e fogo aparecem em rápida sucessão emanando a radiação ultravioleta.

Capnomancia; adivinhação através das ajudas do fumo em visões. Partículas de palo santo através dos receptores olfativos ligam-se com centros táticos da estrutura muscular interior levando-os a soltar-se e relaxar.

Discos separados. Formas fluídas preenchem o ar e engolem tudo. Estocadas sub graves e explosões de ruído branco gritam um canto obliterante uivando por dentro e causando ondulações na fumaça. A grade fluorescente sobreposta fixa a mente como milhares de dedos afundando-se profundamente dentro do cérebro e puxando para fora vias neurais em todas as direções. O caminho se divide em dois cilindros rotativos dobráveis em direções opostas revelando natureza recursiva.

O HOLOFLUX ESTÁ EMPENHADO

Descendo para o núcleo a tecnologia move-se em formações de cristal bruto; bancos de dados minerais vazios.

Partículas nadam e cozinham no pântano, agrupando-se e logo em seguida estilhaçando-se pra fora em estruturas dissipativas. Não há nenhum ponto real na retenção de qualquer informação, a informação é constante e real e é apenas esta informação que nós percebemos. É viver. O véu é removido. Portais são abertos. Encontro-me agora no tempo atual, fragmentos de memória remendam lentamente os pedaços do cérebro. A viagem pelo portal não é suave. Pregabs fudeu o circuito e uma fenda temporal induzindo portais de viagens no tempo em um dia adiante e um dia anterior. Se você pode controlar o fluxo do tempo...



Ryan Jordan vestindo seu protótipo de óculos psicodélico em seu estúdio em Londres, 2012. Foto cedida por Ryan Jordan.


1


2


3

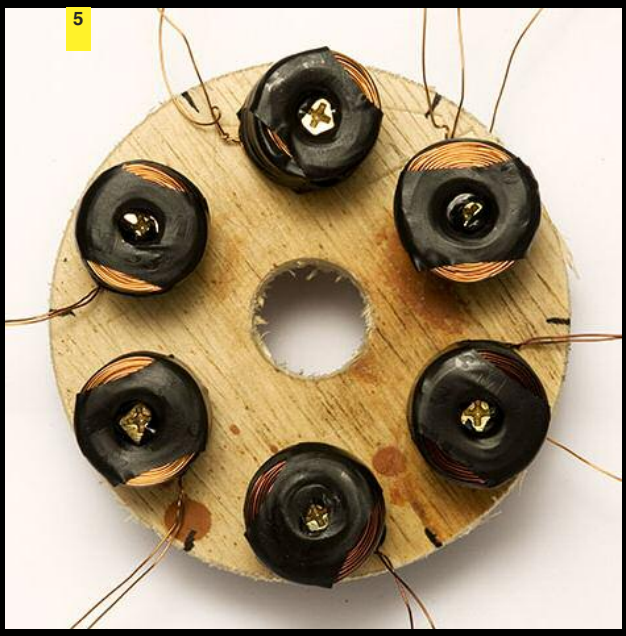

4
63J26121
290396A


7


8

GERADOR QUILOMBOLA

PEETSSA



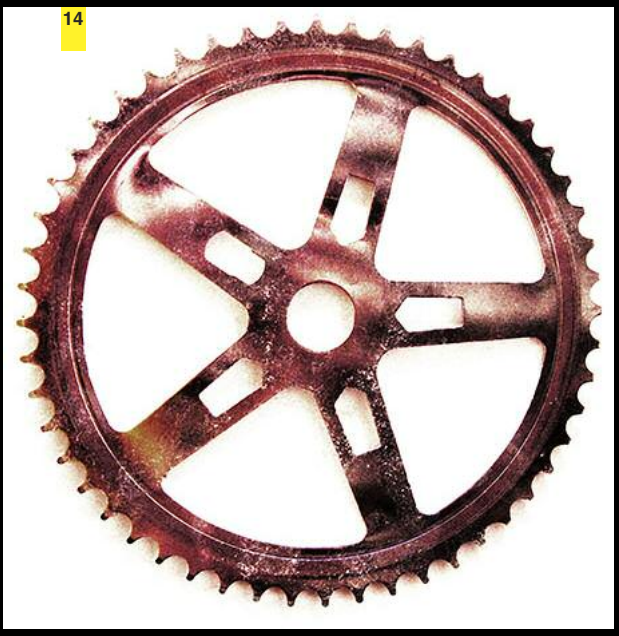




1. Mata Atlântica primária do Vale do Ribeira.
2. Córrego do Salto, Barra do Turvo, Vale do Ribeira, SP.
3. Geometria dos geradores Suruwahá e Quilombola.
4. Indutor magnético dos geradores Suruwahá e Quilombola.
5. Induzido dos gerados Suruwahá e Quilombola.
6. Pinhão de bicicleta para multiplicação de velocidade.
7. Roda d'água.
8. Diversos indutores magnéticos.
9. Primeiro protótipo. Gerador P2RCA na Reserva Canhambora, Iporanga, Vale do Ribeira, SP.
Fotos: Peetssa e Política do Impossível.


10


11


14

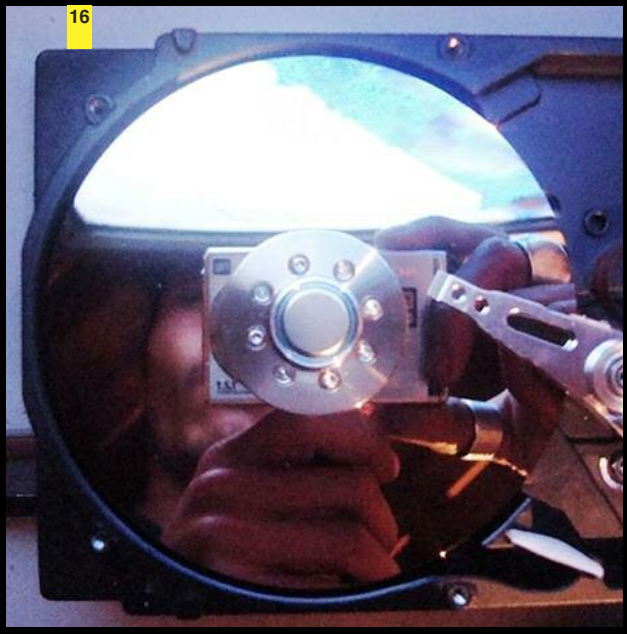

15

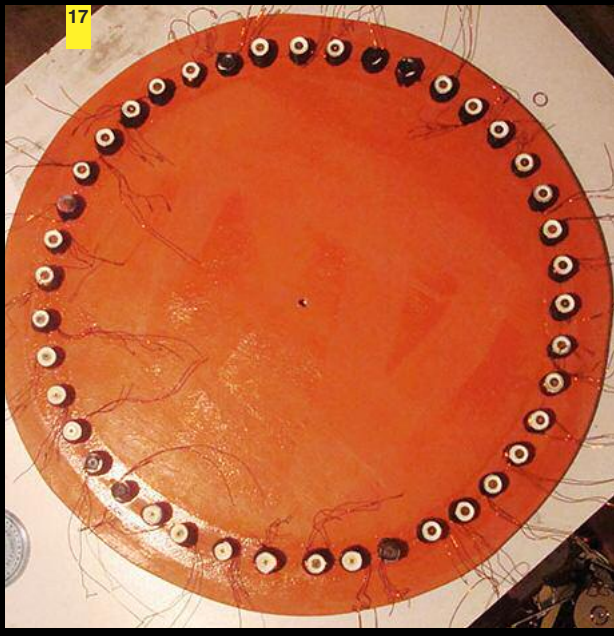

18













10. Rio Purus, Amazonas.
11. Construção de balsa hidroelétrica, Amazonas.
12. Construção de roda d'água para balsa hidrelétrica, Amazonas.
13. Balsa hidrelétrica, Amazonas.
14. Coroa de bicicleta para multiplicação de velocidade.
15. Roda de bicicleta utilizada para indutor magnético do gerador P2RCA.
16. Hard disk (HD) de computador quebrado.
17. Induzido do Gerador P2RCA.
18. Comunidade do Quilombo do Ribeirão Grande celebrando a construção da Balsa Hidrelétrica, Barra do Turvo, SP.
19. Balsa hidrelétrica no Quilombo do Riberão Grande, Barra do Turvo, SP.











20. Oficina de construção do Gerador Quilombola. Segunda Pagelança Quilombólica Digital, Casa de Cultura Tainã, Campinas, SP.
21. Oficina de construção de balsa hidrelétrica no Quilombo do Ribeirão Grande, Barra do Turvo, SP.
22. Indutor magnético frontal do Gerador Catavento, CDC Vento Leste, Cidade Patriarca, SP.
23. Indutor magnético traseiro do Gerador Catavento, CDC Vento Leste, Cidade Patriarca, SP.
24. Maquinária do Gerador Catavento no CDC Vento Leste, Cidade Patriarca, SP.

AGROFLORESTA E TECNOXAMANISMO

JONATAN SOLA

Falar de Agrofloresta é falar de Tecnoxamanismo, Ativo, Objetivo e Produtivo.

Os próprios termos manifestam uma realidade que o antigo humano moderno não consegue conceber juntos, e nos abrem uma porta a outro modo de pensar, onde é o equilíbrio e a abundância que nos traz a diversidade, o novo paradigma que nos ilumina.

A diversidade, biodiversidade no caso da agrofloresta, é o elemento-chave que nos assegura o êxito, a produção, a abundância, a vida em maiúsculo, mas, para ser levada a cabo, precisa de uma mudança radical em nossa maneira de ver o mundo, e é aqui que entra o xamanismo.

Crescemos num mundo que teme a diversidade de sexo, de raça, de ideias, de culturas… Um mundo masculino, branco, cristão, consumista, depredador, onde o diverso é depreciado. Nos fizeram crer que somos uma enfermidade para o planeta e nos vendem comida orgânica e luzes de baixo consumo para que possamos limpar nossa consciência, nos fazem defender animais sem futuro como o urso panda, porque é bonito e nos toca o coração, e por outro lado convertem as ervas, conhecidas como ervas daninhas (más), em um problema a combater.

Estamos vivendo uma utopia que chegou ao fim.

E a resposta sempre esteve perto e sempre soubemos qual era, era preciso tão só, chegar ao final do beco sem saída para darmos a volta e ver que a luz estava atrás de nós, nos conhecimentos ancestrais que levamos no nosso interior.

OBSERVAR

A natureza, como ente, já passou por todos os problemas antes que nós, e os resolveu da maneira mais sensível e magistral, convertendo os defeitos em virtudes e os problemas em soluções, observemos pois, comprendamos, copiemos e *enteratuemos*.

Isso é o que um xamã faz, se entrelaça com a natureza, a respeita, a admira com a potência dos seus conhecimentos e seu trabalho.

Não há nada que inventar, não há líderes que venham do céu ou da Terra a salvar-nos ou castigar-nos.

Não esperemos a intervenção de ninguém, não passemos a responsabilidade a outros, somos nós os que podemos e devemos atuar.

Tampouco creiamos que o tempo foi perdido e que estávamos equivocados. O caminho recorrido nos fez alcançar um nível tecnológico que nos permite comunicar a nível planetário, que é a forma necessária para provocar mudanças rápidas no paradigma atual. Pois nos permite extrair e transportar, por exemplo, fósforo de minas longínquas para equilibrar a terra danificada.

Permite-nos, ainda, construir tratores que alimentam centenas de pessoas, motosserras que facilitam enormemente nosso trabalho, alimentados com petróleo, um dos maiores bens do planeta, o qual não queimaremos em congestionamentos estéreis, senão, que utilizaremos sabiamente para contribuir com a aceleração da sucessão natural de nossos bosques que por sua vez põe comida em

nossa mesa. Um trator não tira o trabalho de 40 pessoas, mas facilita a vida de 40 pessoas. Vivamos em abundância.

Não necessitamos trabalho, necessitamos de água, alimento e tecnologia basicamente, depois muitas outras coisas mais como saúde, mobilidade e fibra óptica, mas deixemos de pedir trabalho. O trabalho é um meio necessário mas com organização anárquica, coerência e tecnologia se pode reduzir a umas simples e frutíferas horas por dia.

Dito isso, quanto ao uso da tecnologia atual, ainda que não pertença exatamente a esse artigo, devo esclarecer que esta tecnologia é fruto de um mundo em desequilíbrio e que novas tecnologias, algumas já inclusive inventadas ainda que esquecidas no ostracismo, devem evoluir para adaptar-se a nova ressonância do universo. Interessados no tema podem ler Viktor Schauwerger.

Abundância é outra das palavras-chave.

Observemos o comportamento da natureza, alguém já parou para contar as sementes que tem dentro de um tomate, um pepino ou um pimentão? Nem eu, mas sei que são muitas e a planta não dá somente um tomate porque ele contém 50 a 100 sementes e já assegura a sobrevivência. Ela dá muitos tomates porque sabe que deve alimentar uma rede, a rede da vida. Ela sabe que sem os pássaros que comem as lagartas e formigas que se alimentam de suas folhas, sua sobrevivência seria mais difícil. E sabe também que os pássaros depositam suas sementes em lugares distantes onde ela por si mesma nunca poderia chegar.

Imaginar que de cada cabeça de alho que se compra, dá para plantar um e comer o resto, e em 9 meses já não seria mais preciso comprar alhos e em dois anos se poderia estar vendendo alhos. Saber que a parte da cebola ou da beterraba que se planta é a coroa, que não se come, ou que para extrair a raiz do gengibre não se necessita matar a planta, que segue se produzindo.

Como é possível que vivamos em esta miséria absoluta quando moramos em um lugar tão rico e abundante?

Cada dia, cada minuto, cada segundo morre uma criança desnutrida, derrubamos uma árvore e começamos uma guerra. Menos mal que usamos luzes de baixo consumo, de mercúrio, e comemos comida orgânica que necessita de enormes extensões de pasto para que as vacas nos outorguem seu valioso e politicamente correto excremento orgânico. Nada tenho contra o cultivo orgânico, mas simplesmente não é a panaceia. Se por razões de mercado ou pessoais se decide a fazer cultivo orgânico, adiante há soluções, mas não se pode esquecer de equilibrar bem o solo para não ter deficiências de nutrientes.

Outro valioso ensinamento que nos traz a agrofloresta é que para implantá-la há que se derrubar e podar tudo o que existe no entorno para com seus restos acelerar o processo da vida.

Bonita analogia para nosso sistema atual.

Os maiores problemas que temos podem se quer consertar com estas técnicas, erosão, desflorestamento, poluição, desnutrição (800 milhões de serem humanos desnutridos atualmente).

As árvores são causantes de chuva enquanto nos distanciamos da costa, convertem dióxido de carbono em oxigênio, transformam a luz em matéria, detém a erosão, criam habitats naturais para inumeráveis espécies, a água da chuva ao cair por suas folhas e troncos, chega ao solo com cerca de 50% a mais de microrganismos, a árvore verte seu peso muitas vezes sobre o solo, criando uma capa de decomposição que é literalmente sobre onde ela vive, e que se reencarna em gramíneas, bactérias, cogumelos



Projeto Re-Nascentes da Aldeia Pará
Água na aldeia Pará (pataxó) sul da Bahia
organizado por Jonatan Sola.
Fotos cedidas por Jonatan Sola.





e pequenos insetos que por sua vez alimentam a árvore. E árvores em abundância criam uma floresta a qual multiplica seus benefícios e modera os agentes externos como vento, calor e umidade.

Agrofloresta é uma técnica que pode suprir nossas necessidades alimentícias, madeira pra a construção, papel, etc, ao mesmo tempo que se está criando florestas que melhoram a saúde do nosso planeta em geral. Deverías-se trabalhar com agrofloresta com o mesmo afinco que se trabalha nas monoculturas devastadoras.

Agrofloresta é vida, porque a vida necessita de todos e cada um dos seres vivos que consigam se adaptar e evoluir com o fim de criar níveis de consciência mais complexos e seres com maior interconexão, os que não conseguem, alimentam o resto.

Agrofloresta é poesia, porque da maneira mais sutil, harmônica e bela nos nutre e educa.

Agrofloresta é política, porque com ela a revolução acaba antes de começar, que mande quem queira, mas o poder é teu.

Agrofloresta é espiritualidade, porque conecta-nos com a natureza e com nós mesmos, com nossa essência.

Mas sobretudo, agrofloresta é responsabilidade, porque não somos ou não deveríamos ser os últimos habitantes humanos desse planeta e não podemos deixar aos nossos filhos uma lixeira de herança.

O ser humano rompe o equilíbrio necessário para a vida, mas a vidá é imparável e seguirá com ou sem nós. Por isso todos aqueles que amam a Terra com suas plantas, seus animais, seus rios e suas florestas acima de tudo, devem continuar com sua vida como tem sido até agora, porque assim podemos desaparecer como espécie, e o planeta voltará rapidamente ao seu equilíbrio. Mas aos que amam e querem salvar a raça humana, máximo expoente atual da vida consciente, que se dediquem, por exemplo, à agrofloresta.

Amo os humanos e amo a vida.

AGROFLORESTA NO ITAPECO

Não há receita para a agrofloresta porque tudo muda segundo a altitude, clima, tipo de solo e nosso próprio objetivo.

Tudo se baseia na observação, sensibilidade e experiência. Mas que isso não assuste ninguém. Há uma máxima que meu mestre João do Sítio Semente me contou: “a melhor coisa que se pode fazer na vida é um agrofloresta bem feita, a segunda melhor é uma mal feita, e isso nos tira qualquer peso que poderíamos carregar. Cada semente plantada, cada canteiro manejado, cada fruto colhido é um aprendizado e este aprendizado não para nunca. Não devemos nos equivocar porque é com os erros que aprendemos e além disso, esses erros servem de alimento para o resto, já que ao cortá-los os depositaremos em um canteiro, devolvendo assim a energia consumida, mas a criada através da fotossíntese, alimentando por sua vez a rede de microrganismos necessários em nossa terra.

É aconselhável, em primeira instância, analisar a terra para poder ressarci-la de todos e cada um dos nutrientes e macronutrientes necessários, equilibrar o ph e melhorar seu nível de fixação dos nutrientes. Cortamos todas as gramíneas e podamos as árvores que existem no lugar.

Toda a matéria orgânica obtida da limpeza, a organizamos no solo ao lado dos canteiros e nos corredores, se necessitamos mais, coisa muito provável, a importaremos de um lugar próximo e esta será a única vez que deveremos fazer isso, já que plantamos algumas plantas com o único objetivo de criar matéria orgânica que abasteça nosso sistema.

Toa essa matéria orgânica organizada no solo será a casa de lagartos que comem grilos, servirá de refúgio para nossas jovens plantas, alimentará no futuro as nossas árvores e deterá a erosão nos primeiros estágios, que as raízes das nossas árvores ainda não conseguem.

Quando trabalhamos com desnível, não organizamos a matéria orgânica em linhas de contorno, sempre trabalhamos de baixo para cima, ou seja, subindo a ladeira, nossos canteiros assim terão uma visão vertical e não horizontal da ladeira.

Se semeia tudo com sementes em abundância, só se faz mudas quando por alguma razão as sementes dessa espécie são escassas. Se a espécie se semeia com estaca como a cana de açúcar, ou mudas como a banana, será esse o modo natural de cultivá-las.

Se semeia tudo junto, mas não revolto, pois deve-se respeitar as distâncias mínimas entre as plantas da mesma espécie que já vem especificadas no próprio pacote de sementes, ou perguntaremos aos agricultores da zona, por exemplo, se se planta os abacaxis de um metro em um metro. Se sim respeitamos essas distâncias. O objetivo é ocupar no tempo e no espaço todos os nichos da vida, para que outras espécies não desejadas, não tenham lugar.

Ao falar de tempo nos referimos a que se pode plantar entre esses abacaxis, rúcula, alface, repolhos, tomates, beringelas, etc. Porque quando se colhe a rúcula, o abacaxi nem sequer enraizou ainda, e quando o abacaxi aparece, o colve já haverá dado tanta colheita que já se pode sacrificá-la aos pés do canteiro tomados por abacaxi quase em sua totalidade. As sementes de árvore que plantamos a cada 4cm se abriram entre suas espinhosas folhas, as plantas crescem melhor juntas do que se poderia imaginar.

Quando falamos de espaço nos referimos ao longo e ao largo do canteiro, mas também a seus extratos, rasteiras, baixo, médio, alto, super alto ou extasis.

Depois da semeadura vem o manejo, primeiro a ralação deixando só as plantas de cada espécie que se destacam do resto por seu crescimento vigoroso, recordando que os cadáveres serão depositados aos pés das sobreviventes e que este raleio se efetua com a maioria das plantas que semeamos, por exemplo as bananas se plantam normalmente de 5m x 5m, nós as plantamos a cada 3m com o objetivo de derrubar partes delas, o mesmo com as árvores que plantamos sementes a cada 4cm de árvores de grande porte. Esta abundância é confundida com desperdício mas não esqueça que é a base da nossa agrofloresta porque isso nos permite que nossos nutrientes estejam sempre disponíveis para nossas plantas campeãs e não sejam levadas solo abaixo, num fenômeno de lixiviação, muito comum em áreas tropicais, como onde eu vivo.

A seguinte parte do manejo é a poda da nossas árvores já crescidas, uma das principais árvores da nossa cultura são os odiados eucaliptos. O eucalipto é uma árvores vigorosa de crescimento rápido que busca os minerais mais profundos e que permite 3 podas anuais, oferecendo assim os minerais ao resto, depois de 7 anos nos oferece uma excelente madeira para a venda ou construção em nosso sítio, deixando assim passo livre para o resto das árvores nativas ou frutíferas que nos convenham.

Nunca usaremos nenhum tipo de agrotóxico, a biodiversidade se encarregará de regular as pragas e usando-os acabaríamos com a intrincada rede de fungos, micro e macrorganismos que formam parte de nosso sistema e são tão ou mais importantes que qualquer planta de nossa cultura. Por muito natural que

pareça por exemplo, fazer remédio com tabaco, a nicotina é poderosa e acaba matando as joaninhas necessárias para equilibrar o sistema, o único que uso é Nim como repelente.

Esquecer dos canteiros redondos. Temos que primar a produção e facilitar nosso trabalho e em grandes extensões ajudar-nos com máquinas. Os canteiros redondos só nos causam problemas, estes sistemas estão pensados para a agricultura familiar produtiva e em um ano devem pagar o investimento realizado. Se não é assim, nosso sistema não funciona.

O trabalho a princípio é muito maior que em uma horta convencional, mas os frutos são imediatos. No primeiro mês já estaremos recorrendo e vendendo rúcula e rabanete e em três ou quatro meses colheremos esses mesmos produtos de nossos últimos canteiros plantados. Mas dos primeiros já teremos tomates, nos médios quiabo e assim em um ano teremos tudo em abundância. Nunca voltaremos a semear nosso primeiro canteiro só se nossa terra acabar e quisermos voltar a começar. Daí derrubaremos madeira, a venderemos e começaremos de novo. Por tanto, a agrofloresta necessita de grandes extensões de terra mas por desgraça o que hoje em dia sobra é terra para recuperar e em um lugar onde já passou o gado a terra se torna improdutiva e poderemos comprar grandes lotes a um preço reduzido, se não tem terra, busca quem a tenha, sempre faz falta braços para cultivar.

Meu mestre de permacultura, Cristian Shearer me disse: “o melhor momento para plantar uma árvore foi 25 anos atrás. Já plantou sua árvore hoje?

BIOCONSTRUÇÃO E SALVAÇÃO DE NASCENTES NA “COSTA DO DESCOBRIMENTO”.

No I Festival Internacional de Tecnoxamanismo em Arraial dAjuda, durante uma açao na Aldeia Velha, Ubiratã, cacique de uma aldeia vizinha, a Aldeia Pará, que conta com um pouco mais de 50 famílias e que vive aos pés do Monte Pascoal, na Costa do descobrimento (descoberta dos portugueses, porque já era descoberta e povoada), me informou o estado atual que se encontravam as nascentes de sua aldeia e nos pediu ajuda.

Em fevereiro de 2015 começamos a estabelecer a agrofloresta em uma das tantas nascentes desprotegidas da aldeia. Tanto a técnica como a forma de cultivo levantou grande interesse entre os integrantes da comunidade. Recebemos crianças de escolas da própria aldeia assim como de aldeias vizinhas.

Em agosto e setembro de 2015 como forma de integrar toda a comunidade no nosso trabalho, e a pedido expresso da comunidade Pataxó, começamos a bioconstruir com adobes um ponto de cultura no centro da aldeia, culminando com um curso de bioconstrução que atraiu alguns participantes de diversos pontos do Brasil. Realizamos um curso apresentando as técnicas de bioconstrução para professores indígenas e indigis (nome dado aos não indígenas em patxôhã, língua dos pataxós).

Com a realização em novembro de 2016 do II Festival Internacional de Tecnoxamanismo na Aldeia Pará, pretendemos reforçar ainda mais nosso vínculo e compromisso com os povos da “Costa do Descobrimento” as primeiras terras e gentes a “entender” o que seria o novo Brasil.



Piratas naufragos

WARSCAPE SONATA

VLAX DYNE



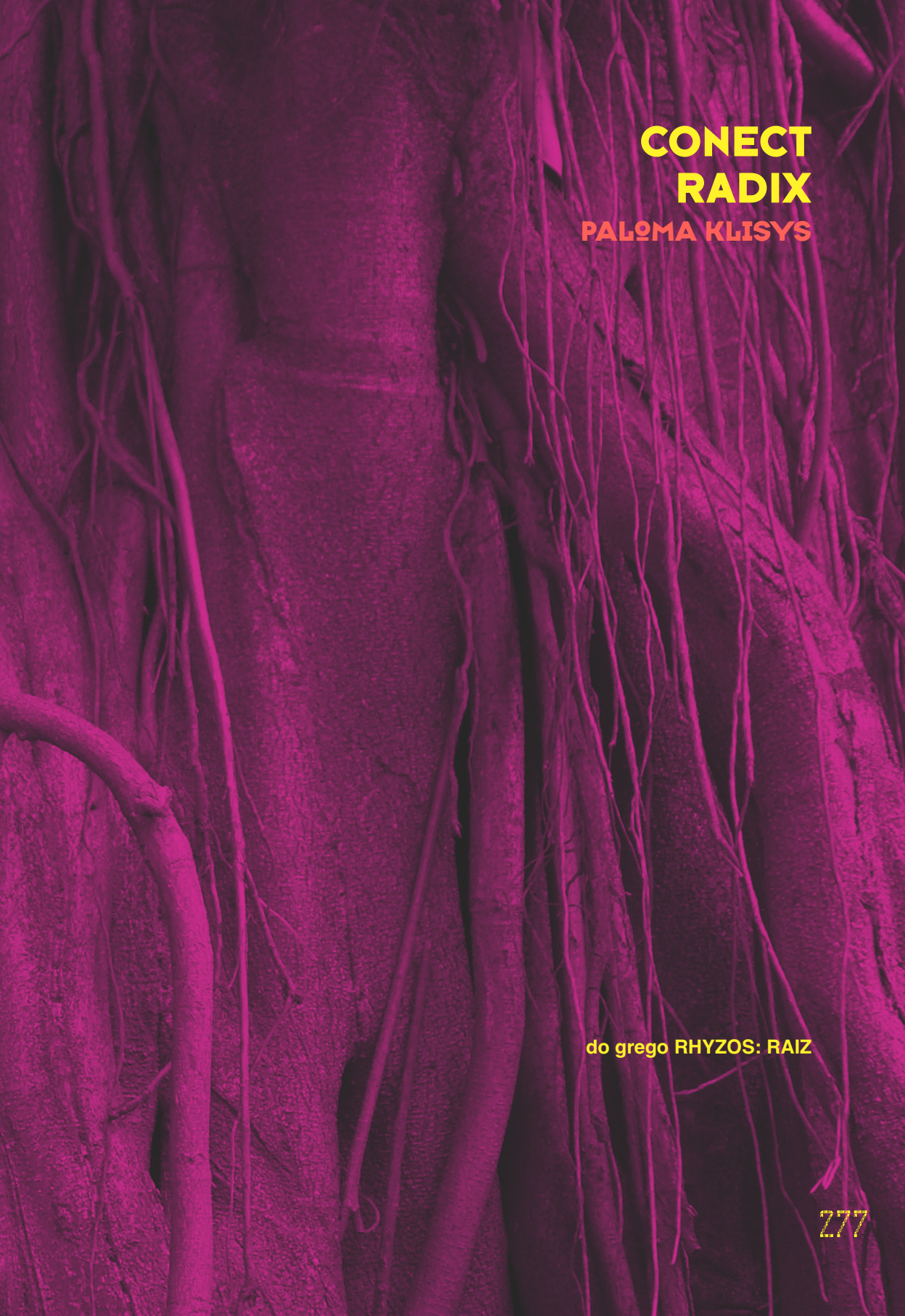
y Mestizos digitales

chompe@chantebang rsstail -Z B_A_L_A_p_e_r_d_i_d_a -p -i

B_A_L_A_p_e_r_d_i_d_a @gabrielregino @@"\@alanram9: El hombre armado e
sta en la banqueta,entrada de Rest.Carabali frente Aurrera Papagayo@@"]
s aviso d ellos #acafollow
Sun, 31 Aug 2012 22:59:29 +0000
B_A_L_A_p_e_r_d_i_d_a #narcofashion La línea de ropa de Pablo Escobar
http://t.co/frNbnvYB #narco #drugwar #colombia #verfollow #mtyfollow #ac
afollow #reynosa
Sun, 31 Aug 2012 22:53:20 +0000
B_A_L_A_p_e_r_d_i_d_a orale aqui le sdejo las fotos de ninel conde ense
ñando todito http://t.co/pjxtWQeJ #acafollow
Sun, 31 Aug 2012 22:45:33 +0000
B_A_L_A_p_e_r_d_i_d_a Fotos de los borrachazos, osos y descuido de los
famosos #acafollow #acapulco #cancún #sanfernando http://t.co/dR5IaTqh
Sun, 31 Aug 2012 22:43:34 +0000
B_A_L_A_p_e_r_d_i_d_a Dejan cabeza humana sobre un auto en la Cayaco-Pu
erto Marqués #Acafollow http://t.co/LMtwB4sd
Sun, 31 Aug 2012 22:16:58 +0000
B_A_L_A_p_e_r_d_i_d_a Miren lo que son las cosas, una pata en el culo h
ttp://t.co/2W4PhkFc #acafollow
Sun, 31 Aug 2012 22:13:25 +0000
B_A_L_A_p_e_r_d_i_d_a no manchen, encontraron cuerpos mutilados al inte
rior de un coche en un corralón, como la ven? #acafollow #acapulco https
://t.co/zdmaOOJc
Sun, 31 Aug 2012 22:06:53 +0000
B_A_L_A_p_e_r_d_i_d_a Foto de michelle obama desnuda en revista http://
t.co/qQssSo7L #acafollow
Sun, 01 Sep 2012 00:16:30 +0000
B_A_L_A_p_e_r_d_i_d_a no inventen vean todo lo que esta famosa les mues
tra en la revista del conejito http://t.co/qwUiQdGO ahora si se paso #a
cafollow
Sun, 01 Sep 2012 00:18:17 +0000
B_A_L_A_p_e_r_d_i_d_a laura gi no aprende que ser puta le va traer pedo
s http://t.co/iuET9T8Y #acafollow
Sun, 01 Sep 2012 00:34:53 +0000
B_A_L_A_p_e_r_d_i_d_a RT @amin_vm: Estas son las nuevas sillas que entr
egara el DIF de #Acapulco por que chucky se llevo toda la lana jajajaj #
Acafollow http: ...
Sun, 01 Sep 2012 00:38:03 +0000
B_A_L_A_p_e_r_d_i_d_a Que padre ta es fin de semana me van a leer todos
en el cyber! Jajaja #acafollow
Sun, 01 Sep 2012 00:43:37 +0000
B_A_L_A_p_e_r_d_i_d_a Ya no se puede ir a ningun lado con seguridad,..
amenaza de bomba en banco #quepoca madre http://t.co/T5DSsluC #acafollow
#torreon #colima
Sun, 01 Sep 2012 00:45:37 +0000
B_A_L_A_p_e_r_d_i_d_a #acafollow. Lo Mejor que a salido de Acapulco.
http://t.co/LGfaKOot
Sun, 01 Sep 2012 00:48:52 +0000
00] rsstail -Z B_A_L_A_p_e_r_d_i_d_a...er.com/search.atom?q=%23acafollow


...h.atom?q=%23acafollow (Fri Aug 31 19:49:14 2012) [2.170000]
muertos http://t.co/OPBVd6W6 #ntrzacatecas #balacera #persecucion
Sun, 01 Sep 2012 00:04:03 +0000
w_a_r_s_c_a_p_e "@AnaRent: La #balacera de ayer en la ciudad de #Saltillo , el terror se hizo presente. V@MA @josh_tigre http://t.co/yFJxXR0p cc: @miguelcastr
Sun, 31 Aug 2012 23:54:33 +0000
w_a_r_s_c_a_p_e RT @AnaRent: La #balacera de ayer en la ciudad de #Saltillo, el terror se hizo presente. V@MA @josh_tigre http://t.co/9R6mJpsz #MtyFollo ...
Sun, 31 Aug 2012 23:29:51 +0000
w_a_r_s_c_a_p_e RT @AnaRent: La #balacera de ayer en la ciudad de #Saltillo, el terror se hizo presente. V@MA @josh_tigre http://t.co/9R6mJpsz #MtyFollo ...
Sun, 31 Aug 2012 23:26:59 +0000
w_a_r_s_c_a_p_e La #balacera de ayer en la ciudad de #Saltillo, el terror se hizo presente. V@MA @josh_tigre http://t.co/9R6mJpsz #MtyFollow #México
Sun, 31 Aug 2012 23:26:21 +0000
w_a_r_s_c_a_p_e #BALACERA en #Cosolapa #Oaxaca para rematar a este ex convicto http://t.co/OeQuSC9e fuerte operativo de seguridad
Sun, 31 Aug 2012 23:02:26 +0000
w_a_r_s_c_a_p_e Persecucio|es y balaceras en zona metropolitana: hay tres muertos http://t.co/OPBVd6W6 #ntrzacatecas #balacera #persecucion
Sun, 31 Aug 2012 21:57:48 +0000
w_a_r_s_c_a_p_e #EPNPresidnteimpuesto #matamoros,@shakira @thalia @lopezdoriga @MadreModerna #balac|ra #bloqueos #mante #tampico @DIRDEGOBREYNOSA @obo
Sun, 31 Aug 2012 19:31:54 +0000
w_a_r_s_c_a_p_e #ZacatecasDeja #balacera tres #federales lesionados http://t.co/PoFj6go6
Sun, 31 Aug 2012 17:06:08 +0000
w_a_r_s_c_a_p_e Intensa #balacera en #Zacatecas hay 4 sicarios muertos http://t.co/wPpBDYcc #MundoNarco
Sun, 31 Aug 2012 16:56:57 +0000
w_a_r_s_c_a_p_e En #Guadalupe y #Zacatecas se desato la #balacera http://t.co/yHjx4pxP #Mtyfollow #NL
Sun, 31 Aug 2012 16:47:23 +0000
w_a_r_s_c_a_p_e Intensa #balacera en #Zacatecas hay 4 sicarios muertos http://t.co/Kn7eLGw7 #MundoNarco
Sun, 31 Aug 2012 16:46:25 +0000
w_a_r_s_c_a_p_e #balacera en Carmen
Sun, 31 Aug 2012 16:03:05 +0000
w_a_r_s_c_a_p_e Ayer persecuciones, enfrentamientos, #Balacera #Narcobloqueos y muertos en #Zacatecas, pero seguimos igual, #AquiNoPasaNada
Sun, 31 Aug 2012 15:16:08 +0000
w_a_r_s_c_a_p_e 4 sicarios fallecieron en esta #balacera anoche http://t.co/NMiFyhID #Tijuana #Torreon #Sinaloa
Sun, 31 Aug 2012 15:09:41 +0000
01] rsstail -Z w_a_r_s_c_a_p_e -p -i ...tter.com/search.atom?q=%23balacera


AZIZIR_RAZIZIR_RAZIZIR_RAZIZIR_RAZIZIR_RAZIZIR_RAZIZIR_RAZIZIR_RAZIZIR_RAZIZIR_

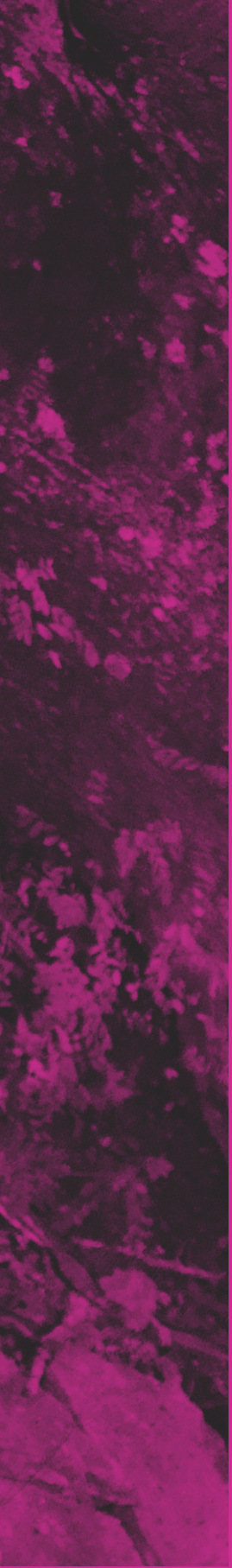


CONECT RADIX

PALOMA KLISYS

do grego RHYZOS: RAIZ

277



há linguagem nas raízes
em sua profunda
conexão com a terra.

imersas à revelia,
fincadas nos cárceres
apelidados de canteiros

quiçá aflitas
pelo nosso retorno
ao desejo ancestral
de ouvi-las com o corpo

conectar corpo
conectar dorso
fundir-se às texturas
embrenhar-se nas rugosidades

ao devir de suas danças - urge
que sejamos capazes de interceptar
sucessivas tentativas fracassadas de
comunicar com sensibilidades embrutecidas

perceber cada rizoma
num combate silencioso
com a arquitetura mortífera

raízes urbanas
sepultadas em vida, rodeadas de concreto

inda assim - divindades
– a esboçar um tai-chi com um quê de butô –
a mover-se lentamente

são, em si
expressões da mais altiva Arte

contornam as adversidades,
transpõem obstáculos
seguem como podem,

em expansão

diante da expansão,
imponentes enfrentam
ameaças de poda

nas raízes
das árvores
que crescem
apesar das vicissitudes
moram - talhados na madeira -
espíritos das mais diversas
criaturas

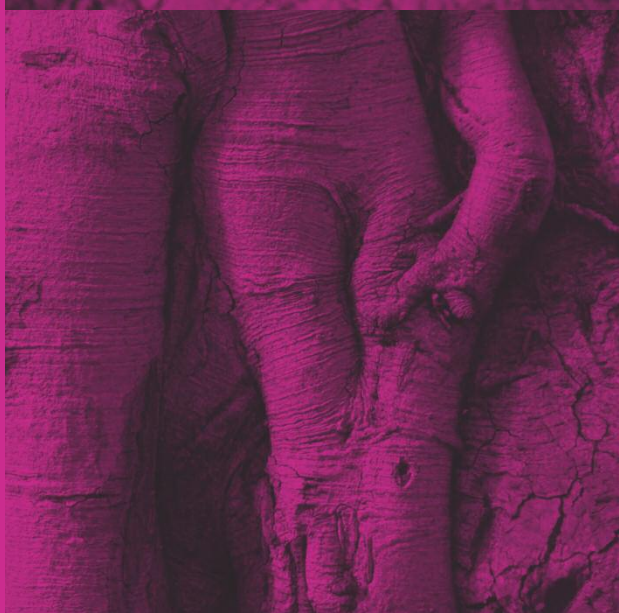
estão lá
o tempo todo
num espetáculo
de estética velada
a olhares desatentos

o conteúdo
de suas mensagens
ultrapassa a esfera racional

pede interlocução subjetiva
em sintonia fina

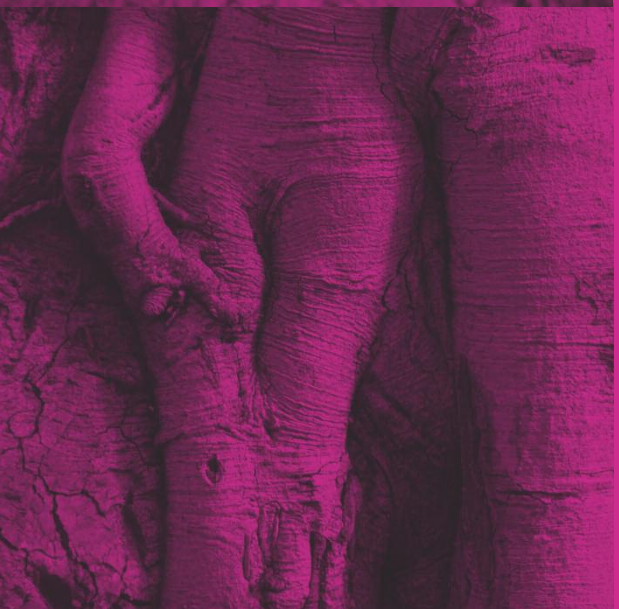












nos desafia
a elevar a sabe-se lá
quantas
quantum
oitavas acima
re-invenções
coletivas, colaborativas

processos criativos
para outras configurações
civilizatórias

afinadas
com cosmogonias
do por vir...

upload de utopias
retrofuturistas

da fonte, no “magma”
dos registros akáshicos

xamã conect gaia - conect κόσμος
tudo é instrumento
ludus logias
até onde vento brota

κόσμος xamanic - organic - tecno

chama xamã

conect gaia - conect κόσμος

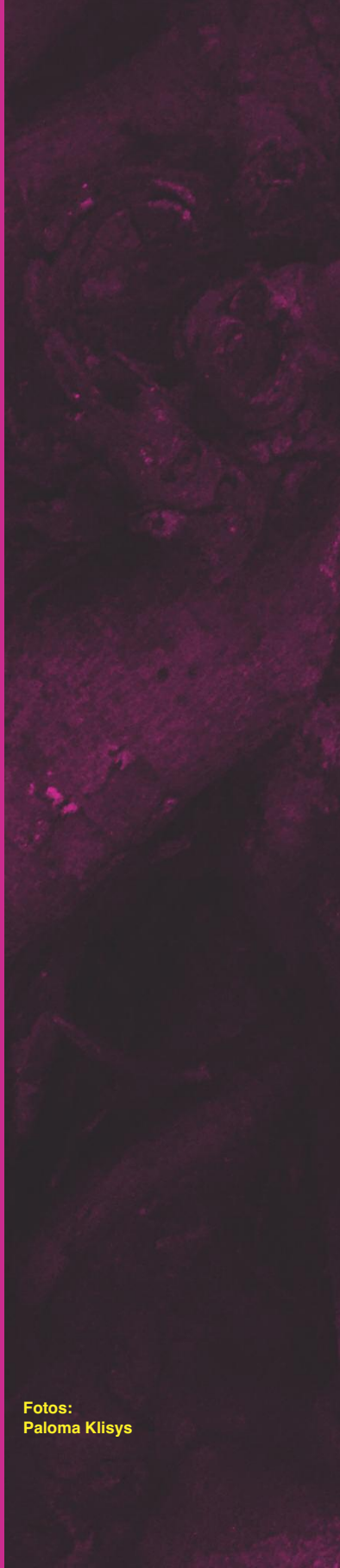
rompendo fronteiras
inexistentes,
ilusórias

entre
tecnoxamanismo e xamanismo "orgânico"

acessar seja onde flor
as tecnologias da escuta intuitiva além verbo
em busca de γί(γ)νομαι / γέγονα

{ [("entrar em um novo estado de ser")] }

ZBZ



Fotos:
Paloma Klisys





Fotos: Joanna Foster
1. Trout Lake, NWT 2014.
2. Trout Lake, NWT de 2014.
3. Chefe Dolphus Jumbo, Trout Lake, TNM de 2014.
4. Voando sobre o rio Mackenzie, uma linha de corte através do rio, 2014.
5. 'Portrait of Elder Mary Deneron', bloco de quebra-cabeças em gravura de linóleo, Joanna Foster, Trout Lake, TNM de 2014.
6. "Pickerel", Gyotaku, Scott Hudson, Trout Lake, NWT 2011.
7. Carielyn Jumbo e Madeline Mackay trabalhando no estúdio de impressão, com um atenção especial no projeto de gravura dos vegetais comunitários, Trout Lake, TNM de 2014.
8. Trout Lake, NWT de 2014.
9. Chão da Floresta Boreal, Trout Lake, NWT 2014.

SAMBAA K'E PRINT STUDIO

JOANNA FOSTER

O PAPEL DA GRAVURA NA SUSTENTABILIDADE DE VALORES DA COMUNIDADE, RELAÇÕES COM A TERRA E AS TRADIÇÕES DE PRÁTICA DE CAÇA NO ÁRTICO OCIDENTAL.

No início deste ano, fui convidada a participar da primeira residência artística no Sambaa K'e Print Studio, localizado no Trout Lake dos Territórios do Noroeste do Canadá. Trout Lake é a casa dos Sambaa K'e Dene Band, uma comunidade das nações originárias Dehcho de aprox. 90 pessoas. O estúdio de impressão foi criado em 2010 pela comunidade em colaboração com o professor Gavin Renwick, da Universidade de Alberta, Professor Paul Harrison, da Universidade de Dundee, e Scott Hudson, de Dundee Contemporary Arts Print Studio. Juntos, eles criaram um estúdio de impressão compacto e profissional em Trout Lake suficientemente equipados para realizar uma variedade de processos contemporâneos de impressão de gravuras. Eu assumi a residência com dois outros artistas, Madeline Mackay, um artista profissional de Caithness, e Amanda Forrest-Chan, uma gravadora da Universidade de Alberta.

Sambaa K'e é uma comunidade remota localizado no coração da floresta boreal, acessível por avião fretado. Voando sobre a vastidão da floresta, que cresceu livremente em retalhos de mudança de densidade, temos uma sensação imediata de perspectiva da necessidade fundamental de compreender o ambiente, a fim de sobreviver. Serpenteando ao lado do campo de nosso voo está o Rio Mackenzie, e fiquei impressionada com o vitalidade que esta fonte de água provê. Quando Trout Lake apareceu, floresceu um sentimento de admiração na escala deste corpo de água. E como um corpo, ele parecia possuir uma presença que encaixava nas histórias que mais tarde eu iria aprender sobre o gigante que formou o lago.

Sambaa K'e Chief Dolphus Jumbo tem conhecimento incrível do lago e da floresta, tendo sido um caçador de toda a sua vida. Ele tem um profundo entendimento do ambiente natural, caçando atento às estações do ano e com habilidades para sobreviver a temperaturas de inverno que caem muito abaixo de zero.

Alces, renas e castores podem prover o sustento, na prática da caça em Dene é um processo respeitoso trabalhando em conjunto com a vida natural e ciclo reprodutivo dos animais, projetado para não extrapolar limites ou desperdiçar a vida de qualquer animal sem necessidade. Perseguir o alce envolve incrível habilidade e conhecimento preciso da floresta. Com uma maior consciência dos animais que compartilham a floresta entre si, águias, alces, urso, castor e entrando nas histórias transmitidas através das gerações do Dene, assegurando que as interações entre caçador e floresta vão manter um equilíbrio com a natureza.

A floresta também é rica em musgos e vegetação, como mirtilos, frogberries e chá-bagas que fornecem vitaminas essenciais e ingredientes para a medicina.

Com tal conhecimento extensivo e conexão íntima com a sua terra, o chefe também é muito consciente das pressões que sua comunidade enfrenta diariamente cada vez em cada abuso do governo ou cobiça de companhias privadas sobre as terras como se seus preciosos recursos fossem passe livre para exploração. Desde que uma empresa de gás começou suas atividades a 60 km de Trout Lake, o Dene tem notado um decréscimo no número da população de alces e preocupado-se com mudanças ecológicas em áreas de floresta.

Passar o tempo juntos com a comunidade em Trout Lake me ajudou a entender a relação que Dene têm desenvolvido com o meio ambiente, e as maneiras em que a comunidade presente hoje em dia continua a aprender com o conhecimento das gerações passadas para trabalhar em harmonia com o lago e o terra.

Foi, portanto, profundamente perturbador olhar para baixo a partir de nosso ponto de vista do avião fretado e testemunhar numerosas linhas de corte que as empresas de gás tinham cortado através da floresta sem cuidados posteriores de como essas trincheiras poderiam ter impacto sobre os seres humanos, animais e a vida vegetal em particular nesse ambiente.

Voando sobre o rio Mackenzie, uma linha de corte através do rio, 2014.

Como poderia um estúdio de impressão abordar as questões fundamentais de direitos de terra e sustentabilidade dos valores comunitários tradicionais?

E no entanto é exatamente isso que o processo de impressão está ajudando a fazer.

Desenhando a partir da relação especial entre integrantes das comunidades com o ambiente e uma rica tradição de contar histórias, a tecnologia e equipamentos no estúdio de impressão foi utilizada para desenvolver narrativas visuais que poderiam refletir, sustentar e sublinhar a importância de habilidades de caça tradicionais, a prática de artesanato e as relações familiares.

A residência do estúdio de impressão também continuou um processo de impressão de uma gravura de um peixe japonês chamado "Gyotaku" iniciada por Scott Hudson e Paul Harrison, em que pigmentos naturais transferidos para peixes capturados do lago produziram uma impressão visual dos tipos de peixes peculiares ao Trout Lake. Pickerel (lúcios), trutas e outras espécies foram impressos antes de serem comidos, documentando o ecosistema do lago.

Esta informação também pode ser usado para controlar os efeitos ambientais sobre o número e tamanho dos peixes, como o aumento dos níveis de mercúrio que se suspeita ser o resultado da poluição proveniente da atividade da empresa de gás nas proximidades.

O estúdio de impressão tornou-se um veículo para a expressão visual das relações com a terra, as plantas, os animais e o lago. A crescente presença online do estúdio de impressão ainda organizou um acervo de desenvolvimento do material visual, focando uma mensagem de unidade comunitária forte e valores ambientais ao resto do mundo, protegendo e sustentando o modo de vida no Trout Lake, e esperamos que tornando mais difícil para as empresas de gás para ganhar terreno.

Na época que eu estava lá a comunidade tinha recentemente iniciado um projeto de horta comunitária, para diminuir a dependência de vegetais de fora sendo levados a Trout Lake a um custo elevado. O estúdio de impressão desempenhou um papel importante em



Chefe Dolphus Jumbo,
Trout Lake, TNM de 2014











visualizar o desenvolvimento deste projeto, envolvendo vários membros da comunidade, incluindo a artista e o gerente do estúdio de impressão Sambaa K'e, Carielyn Jumbo.

Os processos e materialidades envolvidos no desenvolvimento de uma impressão desempenham um papel-chave na sustentabilidade dos valores tradicionais. Como com as habilidades necessárias para aprender a caça e artesanato, a gravura leva tempo e paciência e é um processo de aprendizagem com todos os sentidos trabalhando juntos. Uma cópia desenvolve-se em parte intuitivamente, em outra parte através da prática de conhecer o processo e as ferramentas envolvidas, e finalmente através da habilidade de permitir o movimento do próprio processo para guiar o resultado. Desta forma, o estúdio de impressão tornou-se uma metáfora para a sustentabilidade das relações, entre as pessoas, o lago e a terra.

Processos de impressão de gravura exploradas durante a residência incluem bloco de quebra-cabeça tradicional e linóleo, "collagraph"[1], monótipo, xilogravura, colle chine[2], e métodos de colagem. A impressão de gravuras foi construída para atender pela Takach Press Corporation, em Albuquerque, Novo México, e a operação da impressão poderia facilmente adaptar-se a todos os processos de gravura, incluindo o desenvolvimento de uma série de edições para a evolução do arquivo do Sambaa K'e Print Studio. Juntamente com a imagem digital e uma unidade de exposição fotográfica que pode ser usado para desenvolver serigrafia e do imprime com a luz do sol, este equipamento tecnológico fornecia um recurso pelo qual narrativas visuais poderiam se desenvolver. O estúdio de impressão foi abraçado por todos os membros da comunidade: desde crianças pequenas acompanhadas pelos pais aos mais velhos que vieram para esculpir e imprimir pela primeira vez. O estúdio de impressão tornou-se uma adição valiosa para as instalações comuns disponíveis para a comunidade para usar em uma base diária.

Notas:
1. https://en.wikipedia.org/wiki/Collagraphy
2. https://en.wikipedia.org/wiki/Chine-coll%C3%A9







***Pulsar,* 2015.**
Performance de Victor Venas.
Performer: Amilton Santana.
Foto: Victor Venas.

LUZ-CORPO: TRANSCENDÊNCIAS POÉTICAS DO MOVIMEMTO

VICTOR VENAS

No âmbito pessoal trabalhar com a luz em sua relação com o corpo em minhas produções artísticas tem provavelmente conexão com a minha infância, com o meu pavor de dormir sozinho no escuro. Sentia como se houvesse uma presença fantasmagórica, algo invisível sempre a me observar e que a qualquer momento poderia se manifestar. Acender a luz do meu quarto quando eu ia dormir amenizava a minha sensação de pavor, meu pai, na tentativa de eliminar o meu medo, dizia que eu tinha que deixar a luz apagada, era comum a onda de pavor tomar meu corpo ao desligar a luz, o que me levava ao quarto dos meus pais, silenciosamente eu me deitava no chão junto a cama dos dois.

Apesar do medo do escuro eu gostava de contemplar o céu à noite, do quintal da minha casa eu observava a lua e as estrelas, paradoxalmente a vastidão do espaço escuro com seus pontos luminosos me atraia a tal ponto que a primeira coisa que pensei em ser quando crescesse foi astronauta. Gostava de assistir filmes sobre viagens espaciais, a exemplo da série *Jornada nas Estrelas* que eu acompanhava assiduamente.

O medo do escuro, que me levava dormir de luz acesa quando eu estava sozinho, foi um habito que se estendeu até uns 7 anos atrás, quando comecei a fazer terapia e decidi iniciar uma pesquisa formal com a luz no mestrado e atualmente no doutorado em artes visuais. Esse caminho psíquico-poético me levou a uma compreensão tanto racional como sensível desses medos, no meu processo terapêutico e de criação poética usei a metáfora de iluminar os escuros dos meus lugares de medo e assim transcender poeticamente essas sensações. Em uma necessidade de nomear poeticamente a luz e o entendimento dos meus medos do escuro o uso de fontes luminosas nos meus trabalhos ganharam simbologias e significados perpassados por conceitos espirituais e mitológicos. De certa forma a minha investigação sobre a luz revela muito da minha biografia. Essa pesquisa desde o início demonstrou que meus trabalhos e minha própria vida percorreu um caminho no qual eu procurei que a luz da minha consciência pudesse também iluminar o meu corpo.

As minhas relações com o escuro e com o medo, embora pareçam infantis e exageradas, embora tenham perdurado até recentemente, às vezes me fazendo sentir um adulto ridículo, encontram numa perspectiva ancestral e epistemológica, os motivos e as razões para a compreensão de tais inquietações, de certa forma devo a esses medos a minha investigação sobre a luz e o seu atual desdobramento envolvendo as relações poéticas e conceituais luz-corpo. Os trabalhos

realizados envolvem aspectos poéticos e conceituais de campos da ciência e da filosofia, dentre outras áreas, com o objetivo de colocar a luz numa perspectiva de uma pesquisa interdisciplinar no campo das artes.

De alguma forma o meu medo da escuridão refletia o meu medo da morte, o meu medo de desaparecer, do invisível se tornar visível. Ao pesquisar a luz compreendi que toda matéria, todos os corpos, incluindo nós, somos feitos do pó de estrelas, como afirmam os astrônomos, portanto na verdade não morremos e nem desaparecemos mas nos transformamos, somos o eco de explosões cósmicas, não há escuridão em nossos corpos que não possamos iluminar, nem morte que possa nos fazer desaparecer, acho que entender isso me ajudou hoje a dormir sozinho com a luz "apagada".



***Bio Foton,* 2014**
Performance de Victor Venas.
Performer: Wagner Lacerda.
Foto: Yuri Guimarães.





***The Foton Trip*, 2015.**
Vídeo de Victor Venas.
Foto: Victor Venas.

MÁQUINAS COMPLEXAS E PERDIDAS

YASODARA CORDOVA

Máquinas complexas misturadas com o tempo – perdidas as nossas referências para restaurar a humanidade, precisamos de sexo, dor e meditação sobre nosso próprio código.

Considere estas cinco premissas:

1. Cada dose de bits pertencente ao conhecimento que hoje flui entre máquinas elétricas encontra receptor em um ser humano. Uma máquina nada mais é do que uma montagem estruturada de peças sobre camadas combinadas, assim como o corpo humano. Pode-se supor que humanos são replicantes tentando reconfigurar a sua própria maneira de reproduzir, embora nosso código ainda não esteja aberto.

2. Poder controlar modelos de nascimento e obsolescência do corpo humano pode ser libertadora para a humanidade enquanto enorme quantidade de usuários. Por outro lado, a refatoração desses processos pode nos colocar em contato com as origens de nossa própria modelagem, e podemos experimentar a falta de controle e a falta de vontade própria.

3. Humanos devem reprogramar suas mentes para o uso ativo de seus recursos, no sentido de proteger a convivência. Escutar e compreender processos que nos conformam como quase perfeitas máquinas exige concentração, metodologias antigas – como a meditação e, principalmente, a compreensão de cada mecanismo configurado para aumentar a energia e libertar a mente, como o sexo ou a dor.

4. Para recombinar informação nos repositórios do corpo humano é necessária uma tecnologia para leitura e decodificação do que chamamos "mistérios da vida".

5. Humanos constrõem à sua própria imagem e semelhança porque sentir a deidade é sentir e conhecer partes do modelo que produz a sua forma. Caso contrário, haverá apenas máquinas feitas de sangue, prontas para o uso ou para fornecer energia, sem razão de ser.

Cientistas buscam combinações de biologia com engenharia e robótica, no entanto interfaces antigas eram mais eficazes, e humildes, quando se lida com a compreensão de macro cenários de modelagem e combinação. Modelos mistos encontrados por causa da biodiversidade precisam ser anexados à metodologias baseadas em rituais antigos que capturam o cenário macro em que estamos imersos. Isso pode servir como sistema de referência capaz de levar à perfeição. Nós, humanos, precisamos entender nosso próprio código e modelagem, a fim de salvar a nós mesmos.

Compreender informações e dados dentro do DNA é algo relativamente fácil. Para fazer isso, cientistas devem decodificar a forma como os dados são armazenados e como isso se integra para ser usado como informação pelo corpo. Enquanto máquinas, de nível 0 para

abstração, usam zero e um (por conveniência humana), o ácido desoxirribonucleico utiliza sequências de nucleotídeos:

dATP: desoxiadenosina trifosfato
dGTP: desoxiguanosina difosfato
dTTP: desoxitimidina difosfato
dCTP: desoxicitidina trifosfato

Esses pequenos blocos são a fundação do nosso núcleo de informações. Porém, diferentemente do que aconteceu em nosso relacionamento com as máquinas de ferro, na biologia começamos a engenharia reversa a partir do nível superior de abstração. Nossa pele é a interface entre seres humanos e tudo o que nos rodeia. É o último nível de abstração em nosso padrão de modelagem. Antes de descer ao esquema zero-e-um, precisamos situar nossa própria natureza através de antigas técnicas que apontavam também para a compreensão de nossas especificidades.

Técnicas antigas buscavam revelar essas camadas de abstração a fim de obter poder sobre o corpo, a mente e, principalmente, para obter o controle de outras pessoas. Felizmente, havia então as ferramentas adequadas para encarar a carga tecnológica envolvida: ciência. Esses processos levaram a humanidade à religião e ao sofrimento. Disseminaram ignorância e concentraram poder e sabedoria em instituições que cresceram às custas de rituais sem sentido – simulados sobre reminiscências do que foi visto.

A engenharia reversa de modelagem humana precisa ser abstrata e sobrevoar as características do próprio corpo físico. Para reconstituir nossa própria base de apropriação de capacidades de reprodução, longevidade e comunicação adequada (entre si e com outras espécies), a ciência precisa transhumanizar a própria a ciência. E aplicar, sobre o corpo humano, metodologias que permitam observar o núcleo, sentir fenômenos e entrar em estados de dor, prazer e meditação. Dividir experiências entre desenvolvimento de código humano e observação do nosso próprio modelo de dados pode nos ajudar a situar os pontos de conexão entre os vários níveis de abstração dos seres humanos e reconstruí-los – no sentido de nos salvar de nós mesmos.

ESCUTANDO AS PAREDES: O UNMONASTERY

UNMONASTERY

O unMonastery é um projeto de pesquisa dedicado à instituições de serviços comunitários. Com base em modelos legados pela vida monástica medieval, assumimos a tarefa de renegociar a maneira pela qual a civilização nos configura. Essa reconstrução todavia é um processo dificilmente compreendido por individualistas sem que se sintam radicalmente invadidos. Em busca de um caminho possível, muitas vezes recorremos ao ritual coletivo.

Nossas compreensões sobre essa iniciativa aprofundam-se na medida em que um xamã assume o espírito de uma máscara. Falamos em 'Minerar a Metáfora' e 'Inventar a Tradição'. Nosso ritual coletivo primário teve início ao escutar os ecos dos que vieram antes. Passamos então a explorar a redução da alquimia do nosso trabalho nas virtudes dos progettini; os pequenos valores diários com os quais compomos todas as nossas ações. O trabalho fica melhor quando atravessamos conscientemente nossos subtextos latentes; e os *Stakeholders* Invisíveis (intervenientes) protegem nossos esforços como um lembrete de que somos apenas guardiões. De vez em quando ouvimos vozes...

(trecho do Book of Greater and Lesser Omissions)

"Monges demandam contemplação; o simples peso de nossas circunstâncias práticas admite pouco tempo para reflexão. (Louvada seja a escolha árdua e dura pelos rituais de aquecimento da mão na lavagem de louça manual.) Caso contrário, nós mimados seres modernos estenderíamos ao máximo possível nossas zonas de conforto. Quase sem tempo para sublimações pela música ou pela reza, somos tomados por nossas subnutridas "metas de longo prazo" como se elas tivessem atravessado pela parede de pedra.

O unMo fala em valorizar sua interface. O unMo trata da Escuta de suas Paredes. O maciço geológico a partir do qual se funda o unMonastery resiste a demarcações sistemáticas. A face da parede da caverna é uma entidade pulsante cheia de detalhes desprojetados. Paredes não são apenas paredes, mas falhas de menor resistência; abóbadas cuidadosamente esculpidas que se desgastam em cicatrizes através de séculos de respingos de condensações. Eventuais sinais de interação humana intencionada não indicam necessariamente impaciência ou cegueira estética. Estão mais para interferências movidas pela necessidade de sobreviver.

Do mesmo modo que nosso espaço formal, assim também se configura nosso espaço conceitual. Nossos projetos podem e devem dissolver-se para redefinir o seu arco. Grandes planos, apesar de seus traços brilhantes, devem adaptar-se à realidade. Enquanto travar amizade com a realidade é

muitas vezes uma atitude sábia, seria desejável para o nosso design do cotidiano que seu projeto fosse guiado por algo além de um imperativo de sobrevivência. Nossas escolhas conscientes orientam-se melhor através de um desejo de elegância do que por considerações puramente práticas; esboçar a matriz de um progettino atraente pode ser uma estratégia luminosa ... "

I VIRTÙ DI PROGETTINI

O grandioso projeto Mission Statement destina-se a ser um desejo irrealizável – uma estrela de navegação posicionada tão convenientemente distante da realidade que não importa o quão convincentemente batemos a cabeça contra a parede, ela está lá brilhando nos céus assim que recuperamos a consciência. Isso, é claro, se pudermos identificar rapidamente a orientação e ajustar nossa direção.

No entanto, quando a linha-guia para um grande projeto é colocada a distância tal que desafie uma perspectiva ponderada, é hora de recorrer a nossas interações práticas do cotidiano, a fim de pelo menos estimar algum avanço. Se podemos então ajustar os termos de nossa análise a uma precisão de graus ainda menores de ampliação, o progresso torna-se rapidamente impressionante.

Para facilitar nosso crescimento diário e mais prosaico, é desejável desconstruir O Projeto Em Caixa Alta em componentes 'progettini'. Progettini são nossos passos positivos conscientes vistos de perto. Eles são as aberturas abertas, nosso desejável cotidiano. O foco nesses subprodutos naturais de uma descrição de projeto pode nos informar quando estamos realmente fazendo o que pretendemos fazer. Identificar as facetas refinadas de nossa interface viva contribui para a evolução dos nossos verdadeiros projetos; podemos começar a interagir com a realidade.

Listar as virtudes que compõem nossos projetos pode parecer desagradável. Esse "virtuosismo" deve ser enredado discretamente em todas as nossas atividades mundanas, ou então a articulação do desejo por esses atributos pode parecer pretenciosa de sua presença. Ainda que os projetos não objetivem ser humildes, nós, seus autores, somos.

O caminho para sairmos disso é seguir para os círculos [de reunião], destilar os vetores desejáveis através de um processo coletivo capaz de mascarar nossa ambição pessoal e elevar a visão subjetiva ao funcionamento do grupo. Para sugerir humildemente umas virtudes experimentais para projetar – capazes de facilitar nosso trabalho cotidiano no unMonastery – eu listaria brevemente o seguinte:

participativa - desprende-se da experiência de fazer todo o trabalho;
visceral - incorpora a alegria do esforço físico ao núcleo das trocas;
coabita um espaço linguisticamente equitativo;
elegante - na realização e na ideia;
demonstrativo da criação de mais-valia.

Essa simples lista de "i virtù di progettini" pode ser facilmente estendida através tarefa do ator em articular seu subtexto. O que fazemos quando desempenhamos nosso verdadeiro trabalho? Ou como o irmão Siri uma vez colocou para o grupo: Quais experiências de UAU te fizeram sentir que era disso que se tratava ser uma unMonasteriana? Quais são os nossos objetivos diários? Quando nos expressamos muito superficialmente como, digamos, "Eu gostaria de fazer

algo de bom", continuamos genéricos e impotentes. Ao desmembrar nossos objetivos em suas partes componentes, alcançamos a precisão produtiva...

O SUBTEXTO DAS BOAS OBRAS

1) Para Fazer Amizades - isso é o mais fácil. Cada sociedade tem suas linhas de fratura social, a cisma entre aqueles que rotineiramente incorporam valores subconscientes e aqueles que questionam ativamente esses mesmos valores. Ao longo desta divisão estendem-se células humanas de curiosidade que se abrem rapidamente para conexões com nossos receptores de amizade disponíveis. Pessoas procuram pessoas. As pessoas procuram mentes afins. Dificultado por uma imProficiência linguística (que alguns resolvem um pouco no Duolingo), o cultivo de calor humano torna-se moeda-corrente da nossa troca, que segue adiante, aos trancos e barrancos, com graça e humildade. Formar amizades continua sendo nossos primeiros cinco objetivos. Variações podem nos fornecer reescritas sensíveis em torno do tema tais como:
2) Expandir sua rede ou
3) Reunir cidadãos interessados,
4) Localizar aliadas estratégicas,
5) Estruturar apoio emocional entre mentes afins.
A verdadeira ação de base em todos estes objetivos é o fomento de potenciais amizades.
e outros subtextos podem entrar em pauta ...
6) Promover a coesão / Cultivar o Nós - O funcionamento interno de prioridades da iniciativa deve ser sólido. Dar espaço uns aos outros para todo tipo de manias pessoais, não é necessariamente a melhor política. A Arte do Auto-Sacrifício pode ser algo difícil de se introduzir, mas sem ela nós simplesmente reproduzimos os ambientes que nos conduziram a este impasse de nos curvarmos a nós mesmos em primeiro lugar. Trabalhar junto ajuda.
7) Para promover a co-consciência - Além e aquém da documentação, nosso trabalho precisa de definição. Coincidentemente, a criação de uma pode dar fluxo à outra; no entanto, a falha de ambos – a pena no pergaminho e o comentário obscuro do blog – é que as melhores palavras entre tantas outras podem ser consignadas a um prazo de validade ridiculamente curto, sob uma enorme montanha de poeira virtual. Propõe-se então que toda a documentação seja incubada em pares. Tais textos equilibradamente entravados e enriquecidos entre si têm um valor agregado de ajuste da visão convergente.
8) Para Valorizar o crescimento Emocional - Isso segue sem precisar dizer que, ao investir nossa humanidade, buscamos estimular a ocupação do novo território entre nós e nossos colaboradores.
9) Para Procriar - assim como gerentes de projetos de qualquer lugar concordariam, o prenúncio de um bom projeto é quando ele assume a sua própria direção. Gerar outros projetos faz parte da natureza dos projetos. Pode-se debater a sabedoria absoluta, mas em certas fases de vida do projeto: quanto mais, melhor.* Afogar-se em ideias brilhantes é um sintoma familiar até mesmo de uma iniciativa saudável. Nem todo mundo deve encontrar solo fértil e um sistema eficaz curto e rápido de filtragem para registro, reciclagem, arquivo, distribuição e descarte de esquemas e sonhos. No sentido de uma progressão tática e nítida de ativos, essa seria uma ferramenta vital. (* Observa-se que toda pessoa que adentra as portas no unMo tende a se envolver em pelo menos mais dois projetos subsequentes...)

OS *STAKEHOLDERS* INVISÍVEIS (INTERVENIENTES)

Os Pedreiros: unMonasteries demandam casas. Mudar-se para um edifício com história prévia exige estudo dessa história: alguém esteve aqui antes. Devemos honrar seu trabalho, esperanças e ausência.

O Lençol Freático: Causamos impacto tanto a montante como a jusante da vida de um unMonastery. Através de outros processos tais como unMonastery Analytics procuramos manter uma postura radical em relação aos nossos padrões de consumo.

O Futuro: Entre as pessoas de papel fundamental em nosso sucesso estão as ainda não nascidas. Não importando como unMonasteries possam se configurar no futuro, é certo que a formação de grupos para servir ao bem comum em construções abandonadas pode caracterizar uma força positiva em qualquer renegociação de civilização.

O Atingido: Nossa tentativa piloto de testar a ideia unMonastery em Matera produziu uma grande surpresa. Recebemos atenção verdadeiramente global. A força latente no imaginário quando se trata de revitalizar um estilo de vida monástico causou uma enxurrada de pedidos de informações para estudar, visitar, emular. Nosso nome apareceu em uma carta aberta de um ativista católico romano proeminente com base no Equador ao Papa recém-eleito. E nós, humildemente conscientes de que, assim como os primeiros passos de uma criança, nossa primeira caminhada não garantia equilíbrio constante. Ficamos espantados, mas levamos adiante o entusiasmo produzido para refletir o poder puramente contagioso da ideia de reconstruir uma instituição demasiada e intuitivamente humana sobre o fundamento de uma realidade contemporânea.

UMA CARTA PARA O ENCONTRO DESSE DOMINGO - BEMBO DAVIES

Um Tempo de Círculos Fortes

> *"O fascínio sem fim do humano moderno consigo mesmo constitui uma força centrípeta: a atenção recai sobre minúcias, a visão se contrai."*

O lençol freático ficou difuso; podemos ressoar para chegar em operação e não prometer mais que um respingo para a ainda impecável torneira. Pensamento estratégico pode ser necessário. Celebramos pelo menos uma crise insignificante, agora a crise é que não temos um Nós.

As verdades são reais. Em nossa terra natal Matera, enquanto o nosso mais inTransigente espírito livre pega um medalhão de prata por algo que ainda tem que funcionar, uma mulher segura um livro sem capa. A escola encontra-se quebrada. Na imaginação do público a mídia reduziu o unMonastery a escombros; nosso amontoado deComposto descartado como extraordinário porém carente de substância.

Com a adição do Atlas proposto, a BIOS se aproxima de algo. Enquanto não há pistas para um protocolo, o unMonastery permanece impossível de se jogar. Nottingham entrou rapidamente em parafuso – nos forneceram um mapa que estava todo bagunçado e quem sabe superpovoado – nós emergimos sem direção. Berlin gerava calor, mas entre cercas de correntes de ar e tela erguidas principalmente para o controle da multidão, nossa capacidade de reter calor ficou para trás. Não prestamos atenção aos Maçons de Moabit e as paredes de nosso charmoso bed'n'breakfast produziram mais falatório do que audiência; recebemos a polícia duas vezes em nossa

algazarra. Na longínqua Atenas, uma tribo em estado de choque parece que se autoflagela diante do ritualístico prato quente dos modernos precários. A Imperatriz da Cozinha raramente se aborrece. Na maioria das vezes, ela fica com fome.

Está escrito que o unMonastery deve escutar suas paredes. Também está escrito que o unMonastery não é nem seu pessoal nem um edifício. Quem não compreende essa negociação sutil, não pode se tornar unMonastery. Um unMonastery reside em cada um de nós - é a nossa obsessão de fazer algo tão difuso como "bom". No entanto, esta é uma mercadoria alusiva. Muitos de nós não praticam o coletivismo; entre dependentes do culto ao individualismo, o que afirma valor são as diferenças - enquanto que áreas imensas de sobreposição parecem profundamente menos interessantes. É muito fácil alguém se identificar com suas próprias paredes.

Nosso trabalho procura quebrar a regra de auto-gestão – os procedimentos necessários para trilhar adiante o nosso caminho ainda não foram revelados. A fé pode te levar até certo ponto; ficamos mais uma vez com a opção de Pensar Estrategicamente.

DECLARAÇÃO DOS *STAKEHOLDERS* INVISÍVEIS

Eles substituíram Deus pela história, a história do futuro. Eles não são os primeiros.

Nós, as Paredes, não rimos. Nós as Paredes permanecemos, pacientemente. Motivos para coceira não nos fazem muito efeito; sua escuta é barulhenta. Nós ouvimos quando adormecem.

As Stakeholders Invisíveis não têm objetivos. Aparecemos em suposições ocultas, se é que aparecemos. Muitas vezes nos desarticulamos. Eles continuam esquecendo que estamos lá, como alguém que esquece a existência do ar.

Nós não reconhecemos imediatamente a sua percepção de tempo. 3 meses e 2 anos parecem similarmente breves a partir de nosso ponto de vista. Uma vez que a permanência não é coisa pra eles, consideramos com atenção o que fazem com seu tempo. Eles lamentam nossa ausência, confundindo sua própria falta de clareza – o seu próprio despropósito – com a nossa invisibilidade.

Nós Stakeholders Invisíveis podemos cuidar deles somente na medida em que cuidam de nós. Estamos sempre aqui. Em defesa de nós mesmos, e não por eles. Eles podem ou não ser o futuro. Nós somos.

Nós conferimos dignidade a cada protótipo que elas testam, gravidade a cada refeição que eles comem. Habitamos suas ideias e sua maneira de limpar a cozinha. Nós não percebemos a diferença.

Central Dogma colectivo

MANDRAGORA

TECNOSHAMANISMO Y NUEVAS NARRATIVAS

ACTAS DEL FESTIVAL

Reunión en el Ecuador

Por Sol de Satania
(Colectivo Central Dogma)
Soldesatania.blogspot.com

Cuenta la historia que en el cerro de Cogra se reunió un grupo de Yachays, provinientes de diversas latitudes. Habían entre ellos: Ratas, Bueyes, Tigres, Conejos, Dragones, Serpientes, Caballos, Cabras, Monos, Rinocerontes, Gallos, Perros, Cerdos, Ranas Mariposas, Pájaros de diversas etnias…
Todos los y las Yachays fueron convocados para pensar en la estrategia a tomar para la reconciliación entre el Cóndor del Sur y el Aguila del Norte. Los animales sabían y habían escuchado de sus taitas la profecía Inca de que el día que el Cóndor y el Águila volasen juntos, la nueva humanidad sería capaz de percibir al Universo en una forma radicalmente distinta.
Apenas conocerse, se enamoraron. Disfrutaron de la luz solar, el agua, la compañía de los niños y los jóvenes. Compartieron la mesa y la palabra y luego se sentaron a escribir y diseñar los próximos pasos que darían.
— Es un trabajo muy grande, dijo la Mariposa. Quizás no tenga tiempo de ver ese sueño hecho realidad... — No importa, le respondió el Dragón. Aunque ya no estemos aqui, y ya no seamos los mismos, nuestras hijas e hijos tendrán la oportunidad de ver este cambio.
Y así y así hablaron de muchas cosas: del agua, la basura, los alimentos, la educación expandida, la tecnología, las músicas, los shamanismos, las estrellas, los satélites, la crianza con apego, la lactancia, la permacultura...
El Mono que era muy muy sabio les enseñó a editar y juntos hicieron un fanzine para que esto quedase escrito.
—He aquí el resultado, dijo orgulloso el Chancho, quien estaba ya pensando donde sería el próximo encuentro...
Entre tanto, el Vencejo conocido como la golondrina o avión del Páramo, dijo: Lo primero que haremos es orientar nuestros mapas.

Al otro lado del cerro, los esperaba el Paraíso.

MANDRAGORA
DOGMA COLETIVO CENTRAL



Tecnologías explican cosmovisión ancestral
Entrevista a Cristóbal Cobo Arizaga
En pág. 10

Consciencia shamánica de la transformación
Lo que nos negamos a explorar. La sombra. Lo oculto. La energía que lleva a lo oscuro. Desde ahí emerge la continuidad de todo. La luz.
Escribe Diana Moscoso..
En pág. 09

Tecnoshamanismo sucio o de los ruidos
Estamira, la zhaman de la basura que protagoniza el documental brasilero de Marcos Prado, rescata de la noche su claridad. Lo explica Fabiane Borges.
En pág 08

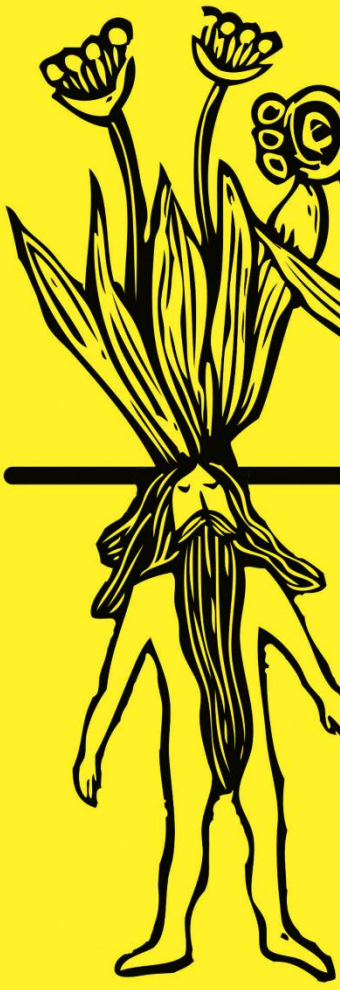
Nubes buscando raíces

Si tecno alude a nuestros ojos expandidos por las redes, a viajar sin moverse de casa, a la posibilidad de hackear toda la realidad a través de información, y si, más que a las sanaciones y entradas en el mundo de la saberes ancestrales, chamanismo puede entenderse como oficiar de puente entre dos realidades, hablar de tecnochamanismo implica abrirnos a la multiplicidad de significados, no siempre coherentes, que le otorgan muchos científicos, artistas, animadores culturales, cazadores de tendencias... Juan Carlos Kreimer:
Sigue en pág. 03

EL FESTIVAL C

Ni pachamamistas ni hippies, somos tecnhnoshamanes.

El Tecnoshamanismo es un término que vincula a la tecnología y a los saberes ancestrales, cuyo nexo radica predominantemente en la oralidad. Lo que pretende es la búsqueda constante de la transformación y un apego a la espiritualidad independientemente de las plataformas.



Cuestiona el uso y destino de los recursos y el desperdicio, parte de la abundancia como forma de concepción. Se basa en los afectos y en los saberes como medios inagotables que justifican su naturaleza no rival. A través del encuentro, sobre todo físico, pretende generar confianza, reciprocidad y espacios distendidos de bienestar.

Aunque parecería un anacronismo genera coincidencias esenciales, sobre todo en el empleo del lenguaje como herramienta de transmisión de saberes. Esto evidencia que el desarrollo de tecnología sofisticada tiene fuertes bases conceptuales y técnicas en la ancestralidad, por ejemplo la encriptación, realizada milenariamente por los chasquis (portadores de mensajes) por medio de un quipu (sistema mnemotécnico mediante cuerdas y nudos utilizados para contar y escribir). Se configura un sistema de criptografía a través del chasqui, quien era el acarreador de mensajes codificados en quipus.

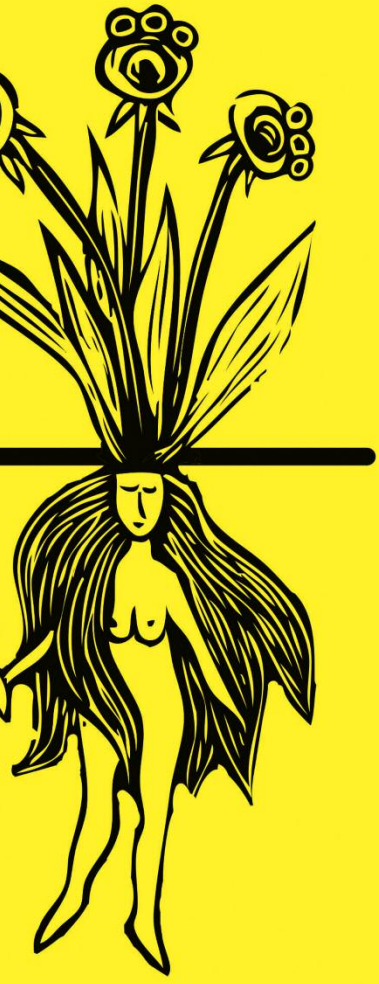
Ni pachamamistas ni hippies, somos technoshamanes. El respeto y admiración por la naturaleza y su sabiduría, por el universo y su magestuosidad supera por demás procesos de marketing político y modelos pseudo descolonizadores.

Redefinimos los limites, espacios y tiempo. Nos comunicamos de forma sensorial con los otros seres. Exigimos nuestras soberanías como el elemento inherente a nuestras acciones, soberanía del cuerpo: alimentaria, maternidad subversiva; soberanía del pensamiento; soberanía de la infraestructura, herramientas; soberanía del imaginario.

Somos por instinto labradores y no oradores, debemos caminar la palabra y encontrar en ella una fuente de paz y de constante re-significación. Nuestro eje se fortalece en un vinculo esencial de estados y la construcción en unión, dejando de lado conceptos separatistas.

Diego Morales Oñate.
Ana Cifuentes Ponce.

COMO PORTAL



La verdadera mandrágora es "el árbol del conocimiento, y el amor que brota al entregarse a él es el origen de la humanidad." por Hugo Rahner (Los mitos griegos en la interpretación Cristina 1957).

En su expresión más sencilla y practica lo que en Festival hicimos fue seleccionar las prácticas artísticas y de sabedores a partir de la composición entre la oralidad, las letras, los saberes ancestrales y la tecnología, tomando expresiones que interactúen y privilegien la construcción de una narrativa común a través de: recitales, lecturas y construcción de textos colaborativos, charlas magistrales, conversatorios y de sobre manera la creación de sinergías entre las personas.

¿Cuáles son las nuevas narrativas y en qué se basan?
Las nuevas narrativas se relacionan con la construcción de nuevos conceptos, interpretaciones e imaginarios, generalmente se construyen en blogs, y otros medios virtuales y análogos.

¿Qué papel juegan las nuevas narrativas en la oralidad tradicional?
Reinterpretación del lenguaje en el ciberespacio.

¿Qué culturas se verán representadas en el festival?
Queremos abordar una comunidad generadora de pensamiento y opinión, movimiento estudiantil, procesos relacionados a la cultura viva comunitaria, grupos focales de cultura libre, tecnología, saberes, transculturalidad.

¿Cómo se seleccionó a los conferencistas?
Buscábamos pensadores en las distintas líneas conceptuales del festival. De Brasil contamos como invitada a Fabiane Borges investigadora P.h.d. por su trabajo como directora del festival de tecnoxmanismo; Juan Carlos Kremier (Argentino) escritor especialista en pedagogías y nuevas formas de narrar temas de investigación académica y social con un guión ilustrado, del país serán parte del encuentro Inti Condo, desarrollador de tecnología, programador Puruwá; Pedro Morales, miembro de la comuna ancestral el morro; y Cristóbal Cobo, investigador astrológico ancestral, y muchos mas invitados que aportarán con sus conocimientos en esta construcción.

¿Qué se quiere lograr con la cita?
Varias acciones, construir plataformas de adelantamiento del conocimiento; generar espacios de diálogo y reflexiones alrededor de la soberanía, la tecnología, los saberes ancestrales; apreciar la belleza de las palabras.

¿Alguna razón en especial para realizarla en Guayaquil?
Por su tradición shamánica (San Biritute), mística (Amantes de Sumpa) y tecnológica (La Albarrada). Son saberes y tradiciones contemporáneas que claramente potencian este espacio para un encuentro de estas características.

Nubes buscando raíces

"Recordar la memoria colectiva que desde cada territorio se ha impregnado de su naturaleza alimentando identidades, una consciencia shamanica de ser uno con el todo... de ser el todo en uno.. de simplemente ser... Memoria colonizada, difusa, pero latente esperando aflorar en un solo acto de respirar... Recordar es volver a contemplar el camino para que surja el renovar. Para poder renovar debemos descartar de lo usado lo que no ha servido... al negar la consciencia shamánica hemos entrado en una dinámica depredadora contra la naturaleza ignorando que para la continuidad de la vida existen leyes que ponen límites a la humanidad para una buena convivencia entre seres humanos y su entorno renovarse es restituir el vínculo filial con la naturaleza fundamentando la identidad de ser humano, la creatividad y la relacionalidad con leyes naturales para crear herramientas, tecnologías y mecanismos sociales que desde el genio colectivo y diverso impulsemos la transformación hacia estilos de vida más conectados, más enriquecedores que fluyen de forma consciente en la continuidad de la vida..."

—Diana Moscoso

Uno de esos significados puede empezar a construirse a partir de la idea que estamos viviendo el afterglow, un momento donde hubo cierto brillo y no lo hay más. De repente alguien prendió la luz de la sala y en esa fiesta que llamamos realidad, cambian las miradas: lo que veíamos es lo mismo y diferente al mismo tiempo.

Cambian las referencias cardinales, dice Cristóbal Cobo Arizaga con un globo terráqueo inflable entre las manos. El norte pasa a ser el este y Oriente, por donde dos veces al año sale el sol, es tomado como único punto de referencia (Orient, origen…) a nivel cielo. Occidente, la reserva intelectual, ahora el sur, pasa a ser el occiso. El Norte pierde su poder de dominación sobre todo lo que está abajo.

Lo vertical se horizontaliza y lo que hasta ayer nomás considerábamos paridades posibles se ponen de pie.
La primer verticalidad que cae es la que adhiere al modelo Dios-hombre -resto del mundo, agrega Fabiane Borges. Ya no se sabe más qué es arriba y qué abajo. Y resto del mundo, todo lo que antes se consideraba un abajo, adopta otra denominación: basura. Lo que no tiene lugar es basura. Tecnochamanismo sería una cosmovisión que viene a aliviar el peso –el destino– de la basura.

Dentro de ese contexto, sucio es utilizado como sinónimo de basura. Sucio también serían los efectos residuales de romanticismo en nuestros días. Las ilusiones de que el mundo cambiaría, por ejemplo.

Tecnochamanismo propone oratorias transversales y convergentes, sin detenerse a fijar ninguna de las ocurrencias en una interpretación. Evitando convertir los registros en formas. Dejar ir los ojos de la mente por las ideas que los descubrimientos nos van iluminando y el pasar a otra cosa es la única constante. Detenernos en la importancia que parezca tener cualquiera de ellas crea una interferencia al flujo. Lo buscado no es interferencia que atasca sino intervención que provoca desvíos.
Cómo descubre un chamán lo tiene que decirle a quien está ayudando a sanar, se pregunta Pedro Morales, imposible explicarlo. Dirá que le viene de algún lugar, de pedirle ayuda a un supremo invisible, de vaciarse de toda idea preestablecida y dejar que una corriente de palabras, o energías, dialogue con esa parte del consultante que se ha desorganizado. Hablará de inspiración con la misma familiaridad y respeto que un artista: ese soplo que ingresa, nutre y vuelve salir con los elementos

raíces buscando nubes



necesarios para provocar el efecto. La práctica del chamán vuelve un ejercicio común a esa conexión. Menos cargadas están sus líneas interiores, a más velocidad aparecen los contenidos. Más él se alinea y aúna con la señal (es decir, más saca del camino sus propias señales, más se despersonaliza y vuelve canal) menos esfuerzo le requiere.

La persona como un dispositivo más. Se coloca de manera tal que la información circula por él. Su condición de medio (de medium, no de mediático) o de soporte para ese mensaje le permite traer algo de un plano insustancial y reacomodar energías. Entender esta dinámica en los sanadores permite acceder a la tecnochamanía implícita en actividades artísticas, perfomances, de edición de contenidos. Curadorías varias. Al igual que en interfases entre conocimientos indígenas y tecnologías actuales.

La tarea creativa no se limita al mero rescate de esas cosmovisiones y tradiciones tapadas por la colonización europea: pide ver las distintas formas con que el sistema capitalista intentó cooptarlas y los sutiles oportunismos políticos con que las abordan algunos gobernantes. "Devolverles" su razón de ser originaria pasa por dejar atravesar nuestros medios electrónicos por su sabiduría basada en el ser mejores personas.

El technoshamanismo es un suspiro compartido entre un multitud de lugares diversos, para interrogar y experimentar colectivamente la posibilidad de un mundo contemporareo, moderno diferente. No busca purezas, ni de lo que quiere decir lo tecnologico, ni de lo shamánico, ni de lo natural, ni de ningún término de afiliación fijo en general. Si no toma en cuenta la complejidad de existencias y ambivelancias de contextos que enfrentamos. Y, como "la historia, genealógicamente dirigida, no tiene como finalidad reconstruir las raíces de nuestra identidad... no busca reconstruir el centro único del que provenimos, esa primera patria donde los metafísicos nos prometen que volveremos; [e] intenta hacer [en cambio] aparecer todas las discontinuidades que nos atraviesan," (Foucault) e incorporar las posibilidades de crear y tejer nuevos interfaces entre mundos, historias, y medio-ambientes diversos, hibridos, y siempre vibrantes.

—Anita Chan
asaychan@gmail.com

"Carbónico, el espíritu de la basura y Xawara, el espírito del metal. El líquido negro y el humo contra los bípedes del raciocínio. Lucha desigual. Nada suporta su propria miseria. La caca de su proprio culo parece ser la amenaza, porque se parecen a los humanos de la basura, a los que pisamos todos los días en los centros, en las esquinas, estos sujetos de los traspasos, mas allá de los transpasos. No encarar el morador de la calle en los ojos porque la miséria es un ater. El fin del hombre anunciado siempre existió, todos los días. Quien no tiene medo a la muerte no tiene medo de nada. Solo una cosa es mas grande que la muerte, la dolor. De las máquinas desejantes a las máquinas flutuantes. Que flotan en el espacio sideral, en el espacio de la cultura, el espacio infinitesimal. La tecnología también es aterial, por lo tanto organismo. Tecnoshamanismo: tecno-organismo. Una tecnologia organica des antropocéntrica."

—Fabiana Borges

buscando raíces nubes

"Pensar al shaman como un mediador entre dos mundos. Un sintetizador entre la complejidad del mundo de la información y el pragmatico mundo cotidiano, un mediador en complejidad que la tecnología nos condujo generando información hasta el punto de ser indecifrable. (...) el saber ancestral no como revalorización, sino como la evidencia del proceso mágico en la construcción social de la tecnología. Lo mágico como la reconexión no moderna, entre lo humano, la naturaleza y lo espiritual. (...) ¿La utilización de la tecnología para el saber ancestral o el saber ancestral para la construcción de la tecnología? El nombre (...) es una discusión abierta y sin retorno.
—Ivan Terceros
@ivntres

"El rol del shamán, no solo contemplaba el dominio de los conocimientos transmitidos de generación en generación, sino también el precautelar la salvaguarda del Patrimonio Cultural tanto tangible como intangible. El uso respetuoso de ese conocimiento ancestral pide de la misma manera ser salvaguardado y respetado por la generaciones en venir. Son legados que fueron depositados de alguna manera en el traspaso oral, así como los diferentes vestigios históricos, documentos, paisaje, sitios arqueológicos, etc, que deben ser respetados.
—Cristóbal Cobo Arízaga
www.quitsato.org

Poder tecnológico, poder científico, poder de progreso, enumera Diana Moscoso, al servicio del buen vivir (el sumak kawsay en visión quichua), de forma de relacionarse, de recuperar el sentido de reciprocidad (randi randi), de defender los ecosistemas como si fueran planes salud, de reformular la identidad cultural, de despegarse de cosmovisiones occidentales impuestas y establecer lógicas posibles entre los paradigmas dominantes y las raíces del pensamiento amerindio. Que viva la minga (la suma de manos trabajando para el bien común), pués.

Es la naturaleza intangible de las cosas que vuelve a convivir con la realidad material y pide voces para actualizar sus imaginarios.

Del mismo modo que los programas mismos piden su update, día a día se multiplican las ideas que pasan a través de algún online a la madre tierra. De hecho hay tantas como artistas visuales y corporales que reinterpretan lo sagrado primal. Fotopoetas de lo sincero, como los define Tania Navarrete. Narradores en busca de sueños que aun laten en las memoria de las piedras y actúan como neuronas espejos. Profesores de comunicación, antropólogos, tecnólogos, innovadores, gestores culturales, programadores, sociólogos… haciendo de las periferias centros de interacción humana, dice Anita Say Chan. Payasos "sagrados", como Clarita López, que introducen conversation topics motivadores. Medialabs que sin quererlo se vuelven plataformas de transformación personal para sus integrantes, como se desprende del cuaderno de trabajo Tenconología Ancetral hoy en día, del colectivo Madre Tierra. Emergentes todos ellos de links entre nuevas tecnos, culturas tradicionales, propuestas ecológicamente responsables, nuevas formas de ser espiritual y un etcétera abierto a cuaquier tipo de propuesta.

Operadores, activistas, iniciativas que vienen a recoger el espíritu de sustentación que algún día hubo aquí, antes que llegaran esas raras ideas del progreso basadas en el consumo, la competencia, la acumulación y el arrasar con todo cuando se ponga delante. A descolonizar lo digital, invita Ivan Terceros. En el camino del "atravesar discontinuidades" que proponía Michel Foucault en Mayo del 68 a la aldea como dropbox del siglo XXI, el simbolismo mágico se está volviendo algo más que un ícono.

raíces nubes buscando



"Tecnochamismo es la ausencia de las dos palabras que lo describen. Algo que no me pertenece. Descomprende y se desprende de lo que nos gobierna y organiza. Está más profundo que el tridimensionalismo. Es ese espacio que todavía no ha sido apropiado. Lo espiritual empieza a evidenciarse. Lo chamán, como lo llamen, empieza a surgir de nuestra naturaleza. Lo tecnológico usa el código lógico y empieza a motodizar todo hasta que se encuentra con lo espiritual. No es techochamanismo. Ninguno de los dos casos. Juntos o separados."
—Gabriel Roldos

En su biodiversidad de motivaciones, estas intervenciones están creando movimiento en red. Una nueva Internacional de desencantados del sistema separatista que diseñan escenarios para futuros más y menos cercanos basados en lo perenne.

Andan por ahí, navegando entre valores y principios indígenas. Decodificando la complejidad de tiempos que parecieron proféticos.

Aun no se consideran representados por el nombre tecnochamanismo. Mejor así: pronto, cuando los medios se apropien y banalicen el término, la esencia de su accionar se verá menos afectada.

Desaprender, descondicionarse, descubrir lo encubierto… Más que una vuelta al origen, lo cool parece ser la interacción: lo que surje de espacio "entre".

Repito: estas articulaciones medialab no pretenden contemporaneizar valores y estilos de culturas originarias tal cual eran. Solo encontrar continuidades. Adentro y afuera de las mismas comunidades. Situacionismo al estilo punk: desde la experiencia todo se vuelve real.

"¿Cual es balance entre lo que sabes y lo que ves? Es decir existe un el aliento que nos conecta, nos eleva, nos enraíza nos orienta, nos acierta en el camino, en el verso, en la amistad. Creo, es ese encuentro providencial con él, lo que nos convierte en entes mágicos situados entre la realidad y lo etéreo, una suerte de polinizadores de la sensibilidad tecnológica mística, oradores del nuevo milenio o fundadores de la nueva babel."
—José Luis Jácome Guerrero

Juan Carlos Kreimer
bicizenjck@gmail.com



Consciencia shamanica de la transformación*

Por Diana Moscoso (Colectivo Madre Tierra)

…quienes nos antecedieron entendieron los canales de lo invisible, nuestra naturaleza de ser cósmicos aquí y ahora, contemplando en la frecuencia de la realidad del estar unido con lo que me rodea, estoy con el río, estoy fluyendo con el río, soy rio…No solamente es la relación cósmica la percepción de lo invisible, también es la relación con nuestra realidad interior. Al abrir estos canales de percepción la consciencia de nuestra relación se mantiene atenta en todas las direcciones, en un estado de disposición de recibir y dar al mismo tiempo, el absoluto y el vacío…

la importancia de recordar el espíritu que nos antecede es reconocer que la tierra tiene su mundo interior, el vientre de la tierra donde se gesta la vida, donde se transforma, donde se sucede la continuidad, la permanente gestación que sostiene la vida en absoluto silencio pero continua…

cuando abrimos la experiencia de la consciencia que se alimenta de lo visible e invisible, múltiples realidades se presentan para expandir el entendimiento que nos atañe en este planeta vida, entender todas sus manifestaciones y transformaciones desde nuestra relación de unidad con todas ellas.

*fragmento de La sabiduría Jama Coaque. Despertando la conciencia del ser dual en la Unidad. Publicado en el número 1 de Tecnología ancestral hoy en día.

www.colectivomadretierra.com

Tecnoshamanismo Sucio o de los Ruidos

por FABIANE BORGES.

Estamira (2004) representa bien el Tecnoshamanismo: Ella es Shaman de la basura, la esquizofrénica de lo que excede, la mujer que representa el estado podrido, las explosiones de gases que conviven literalmente entre los restos de la ciudad, es a partir de la basura civilizatoria que esta "shamana sucia" da cuenta de estos tiempos y acumulaciones, ella delira en la basura, con ella. ¿De qué otra manera sería más eficaz para conocer una población planetaria, su shamanismo más que transversal es motivado por la fuerza del exceso del sin lugar, de lo que sobra, aunque trabaje con reciclaje es antes que nada esa suciedad que la vuelve especial: Especialista del Espectro de la Explosión. Sin esta basura a su alrededor ella probablemente no habría ido tan lejos en las conexiones esquizos que produjo. Ella se volvió un personaje histórico en las manos del Director de Cine Marco Prado que promovió con profundidad la aleación de Estamira con todas aquellas sobras, ella habla del olor de la basura de sus implosiones internas, de su transformación constante, de satélites conectados a antenas construidas por agregados insólitos en los basurales, habla del control, del retruécano del control, a pesar de que en algún momento de este documental el Director crea un vínculo entre su dolencia mental y sus profecías que habrían crecido por causa de un trauma y presenta una expresión sicoanalítica para su problema mental, hace lecturas que pasan sin importancia, lo que de ningún modo niega la ligación-flujo con la Tierra de la Basura.
Esto equivale a decir que el Tecnoshamanismo más allá de surgir directamente de una shamanismo transversal también es sucio, ruidocrático de basural, impuro, ya que una parte significativa de quien lo está pensando viene del resto del saber científico de laboratorios precarizados, de conocimientos inestables, poco comprobables, del hackeamiento, de la basura electrónica, de colgarse del cable (gambiarra), del gato, del aprovechamiento de materiales, de la reproducción de proyectos científicos exhaustivamente testeados, a esto se agrega cuestiones particulares de los movimientos sociales relativos al feminismo, al movimiento queer, a movimiento negro, al software libre, al movimiento de los Sin Tierra, a los pueblos indígenas, a las comunidades costeras, al movimiento de los Sin Techo, a los desempleados entre innumerables otros que vienen con sus propios ruidos, sus propias disidencias, sus propias basuras. Además de esto intereses provenientes de la relación entre cuerpo y técnica, comunicación entre interespecies con materia, elementos, plantas, así como captación de ondas y magnetismos de los espacios más recónditos de los polos Norte y Sur de los territorios destruidos por las guerras, de los sobrevivientes que cuentan historias pasibles de ser captadas por instrumentos do-it-yourself. Sin hablar de toda la cuestión ambiental, espacial, extraterrena, cultura espacial, ficciones, relación con el cosmos, astronomía y astrología, con uso de aparatos mecatarónicos y producción de signos. Lo que pretendo decir con esto es que:



1) El Tecnoshamanismo provee de un basurero de excesos de sobras, restos, suciedades, mescolanzas, ruidos, procesos discontinuos, shamanismos transversalizados, sincréticos, incorporación de ideas, de culturas, antropofagias sociales, culturales, entramados, idelogías políticas a travesadas, minadores electrónicos.
2) El Tecnoshamanismo es reciclador de materiales y subjetividades, reciclador de ambientes, reconectador entre humanos y Tierra, Humanos y Universo, un "religare" sin representación ni univocacidad, un modo de abertura perceptiva, apliación de la escucha, apertura para la espectrología que nos circunda para el misterio, una lección de humildad en relación a la existencia de las cosas.
3) El tecn0shamanismo es sucio por que parte de la basura material y subjetivo de los humanos, si que esto signifique subestimar la fuerza del shamanismo, muy por el contrario, significa atribuir poderes a la basura para más allá del reciclaje industrial que la organiza, separa, retiene y explora el "chambero". Pero atribuir poderes a la basura exactamente por que a partir de estas confluencias miserables es que nos resulta posible percibir que tipo de especies somos y de ahí, de esa condición explicita, podemos entonces ampliar algunos campos de convergencia para transformarnos en algo más interesante.



Tecnologías explican cosmovisión ancestral

Entrevista a Cristóbal Cobo Arizaga (Gentileza El Univierso)

El investigador quiteño Cristóbal Cobo Arízaga trabaja con la aplicación de tecnologías para revelar detalles de la cosmovisión ancestral de culturas preincaicas en el Ecuador.
Cobo, quien es secretario general de la Sociedad Ecuatoriana de la Astronomía en la Cultura, realizó ayer la exposición interactiva 'La cosmovisión ancestral y las new age technologies', para explicar la fusión entre los avances tecnológicos y la sabiduría ancestral dentro del Festival de la Oralidad Ancestral, edición Mandrágora, que se realiza hasta hoy en la Universidad Católica de Santiago de Guayaquil.
El investigador expresa que Ecuador tiene el horizonte andino, el cual es el mejor sitio del mundo para observaciones astronómicas y las culturas ancestrales aprovecharon eso.
"Los Andes son un referente fijo para observar la salida y caída de los astros en momentos específicos (...). Ahora aplicamos programas especiales para saber dónde los astros van a salir y utilizamos programas como Google Earth y Stellarium, vamos a los sitios arqueológicos y nos damos cuenta de que su arquitectura presenta alineamientos que concuerdan con la astrolomía", expresa Cobo.
Agrega que realiza levantamiento de datos y estadísticas en los lugares de sabiduría ancestral del cosmos y que han llegado a modeles predictivos para poder descubrir, incluso, nuevos sitios arqueológicos.
Él detalla que entre los lugares más relevantes de investigación constan Catequilla, Rumicucho, las pirámides de Cochasquí, los pucares de Pambamarca, y el Centro Histórico de Quito, todos en Pichincha.
Manifiesta que con la ayuda tecnológica, él y un equipo lograron comprender cómo y porqué ese sitio fue escogido como sagrado para esas culturas. Por ejemplo, actualmente están trabajando en la astronomía Inca-Manteño en la Isla de la Plata, en Manabí.
Cobo indica que con un grupo de expertos fue hasta ese punto manabita, aplicó todos los programas en ese sector y se percató de que el sol sale por el cerro Jaboncillo, en el solsticio de junio, donde se encontraron las sillas manteñas.







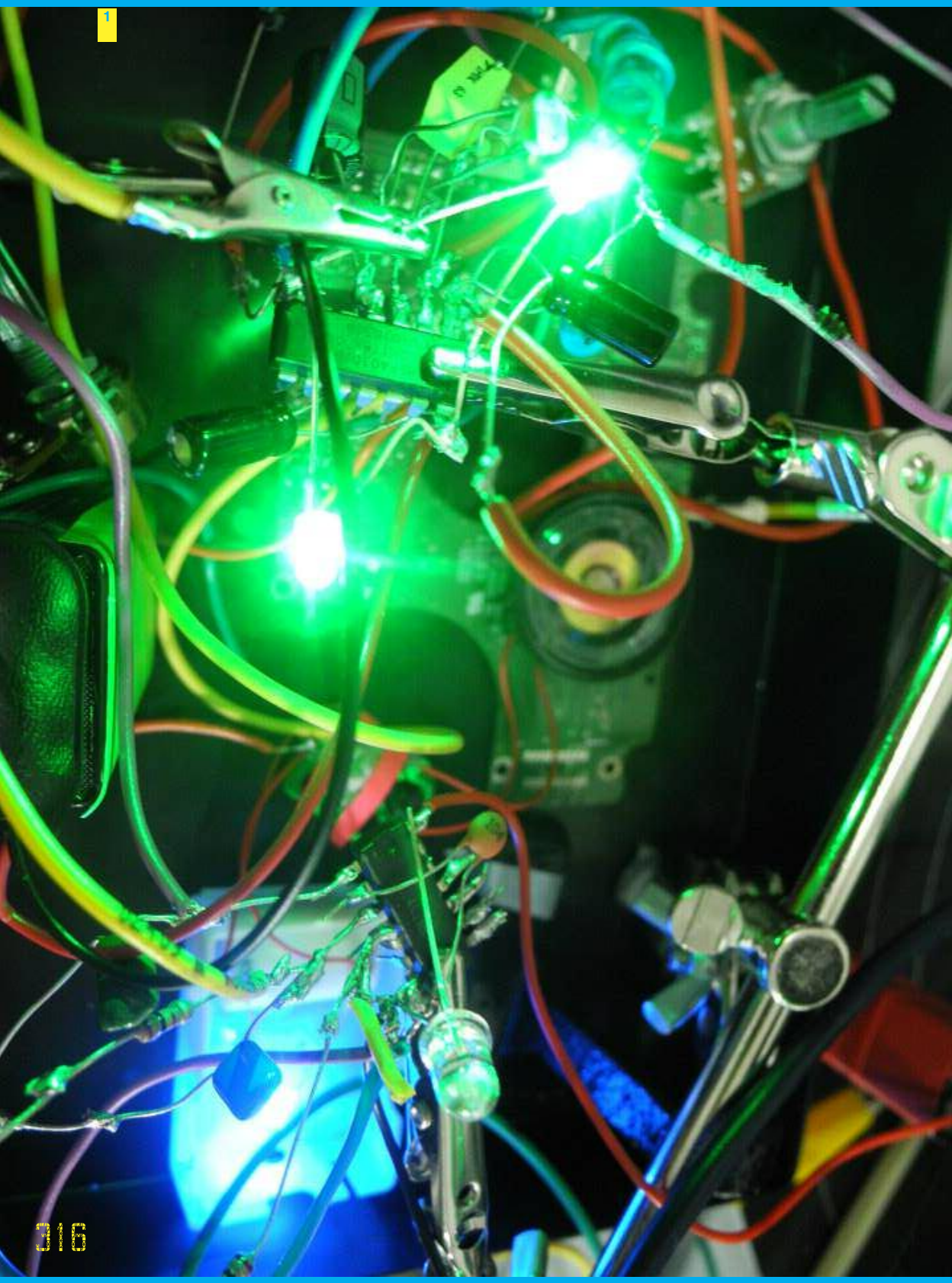








Este fanzine fue escrito, editado y maquetado en la mesa de trabajo y el taller de edición express, dentro de la programacioìn del Festival de Oratoria Ancestral, Tecnoshamanismo y Nuevas Narrativas, Edición Mandrágora. Se trabajo en red entre José Luis Jácome Guerrero, Fabiana Borges, Tania Navarrete, Diana Moscoso, Diego Morales Oñate, Ana Cifuentes Ponce y Cristobal Cobo.
Lo coordino Juan Carlos Kreimer y José Luis Jácome Guerrero lo fue diseñado a medida que se producía. Durante la mañana del sábado 25 de octubre de 2014.



EDUNOISE

PATRICIA RAIJENSTEIN
JORGE BARCO
SELU HERRAIZ

ALIANÇA TRANSATLÂNTICA DE AÇÕES SONORAS E PENSAMENTO COLETIVO PARA DESENVOLVER E INVESTIGAR A ESCUTA E OS SONS

"Nessa época de hiperdesenvolvimento da imagem, quiçá seja mais conveniente escutar do que ver. Temos que nos escutar mais".
Edunoise

Após a longa aventura de nossos amigos para a Cidade Esmeralda, chegam ante o Grande e Maravilhoso Mago de Oz, quem em troca de que realize seus sonhos (valor para o Leão covarde, cérebro para o Espantalho, coração para o Homem de latta e para Dorothy, voltar a casa.) pede-lhes que apresentem a vassora da horrivel bruxa do Oeste como símbolo de sua derrota. Contra todo prognóstico **conseguem vencer a bruxa e ao trazer-lhe a oferenda o mago de Oz** se nega a realizar sua promessa. Nossos amigos não se dão por vencidos e o enfrentam, exigindo que cumpra sua palavra; mas será Totó, o pequeno mas inteligente cachorro de Dorothy, fiel companheiro, quem descobre o segredo do grande Mago. Com o simples ato de abrir uma cortina, deixa todos verem como a magia do poderoso Mago do país de Oz **é na realidade um grande artefato tecnológico que intermedia entre ele e o mundo,** que produz efeitos visuais e sonoros que atemoriza todos, ao mesmo tempo em que conseguiu manter à distância as maléficas bruxas do Leste e do Oeste. *"Não mirem o homem que se esconde atrás da cortina"* diz o mago com voz grave e sons de trovões, para tentar **dissuadir nossos amigos de que estavam vendo um truque de mágica,** de

MANIFESTO EDUNOISE

1. O erro se ensaia como prática estética e ética.
2. Fazer é pensar.
3. Perder tempo é uma lei moral.
4. Os sons guturais, digitais e analógicos nos farão livres no devir antena.
5. Proclamamos a beleza do feito à mão, do jogo e do trastejamento.
6. Transformamos o lixo, o roto e o rompível em joguetes indomesticáveis.
7. A diferença entre magia e tecnologia é somente uma variável histórica.
8. O individual e a comunidade se organizam e se reorganizam de maneira orgânica, sã e natural.
9. O corpo não é um limite.
10. O processo como único valor.
11. Compartilha, remescla, aproveita, recicla.
12. Estamos todos conectados.
13. Passa do pensamento lógico ao mágico continuamente, sem medo.
14. joga, desfruta, cria.

que mordessem a maçã do conhecimento, de que seguissem desconhecendo o funcionamento de seus aparatos e, assim, pudesse continuar exercendo o mesmo efeito sobre eles.

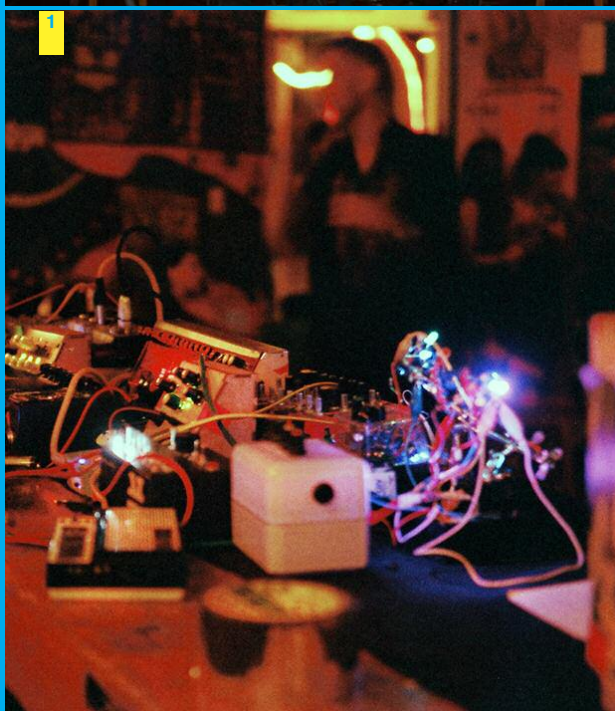
A grande farsa que descobrem Dorothy e seus amigos não é um fracasso absoluto para seus planos. Ao abrir a cortina verde-esmeralda, descobrem o que nunca imaginaram… **O humano que há atrás das tecnologias,** o modo de fazer magia, de criar ilusões, de fazer de seus sonhos uma realidade. **"Sou um impostor"** reconhece o mago, que nesse momento se converte em sábio e lhes deixa ver que tudo que esperavam receber de outro, estava dentro deles mesmos, e quiçá, a única coisa que lhes fazia falta, era possuir esse **objeto simbólico, esse fetiche** que ativasse seu potencial, que lhes fizesse confiar em si mesmos: um relógio-coração para o Homem de Lata, um diploma de esperto em conhecimento para o Espantalho, e uma medalha de valor para o Leão que ja não era covarde.

O pensamento mágico, **reconhecer debilidades** – recordar que elas foram as que lhes impulsionaram a empreender a aventura até a Cidade Esmeralda – o amor, o valor de enfrentar mundos inexplorados com a ajuda de companheiros e não darem-se por vencidos até que consigam o que parecia impossível… matar a bruxa do Oeste e descobrir que suas debilidades eram, na realidade, suas fortalezas.

"A diferença entre magia e tecnologia é só uma variável histórica"
Walter Benjamin


4


6


1

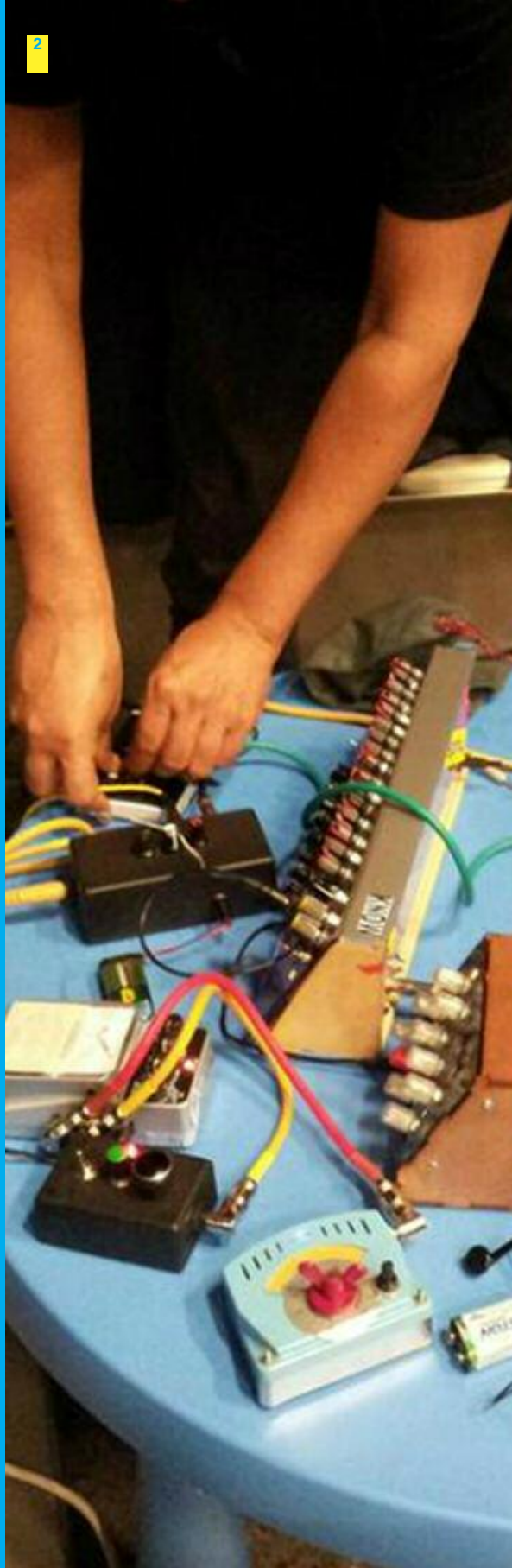






Cidade Esmeralda, chegam ante
o Grande e Maravilhoso Mago de Oz.

ALQUIMIAS E AÇÕES TECNOMÁGICAS
1. Na oficina. Jorge Barco. 2013
2. Pedro Soler, Fabi Borges e Jorge Barco
Ação de tecnomagia en MUSAC [León Espanha] 2014
3. Deriva e ação tecnomágica na Corunha 2014. Jorge Barco
4. Tecnomagias. Sumerlab. A Corunha. 2014. Jorge Barco
5. Deriva Finisterrae, Jorge Barco 2014
6. Paula Pin, Jorge Barco, Lina Mejía. Noite de Ruído. Medellín 2014
Fotos cedidas por Jorge Barco.



FRAGMENTOS PARA A DESESTABILIZAÇÃO DOS CORPOS: MEDIAL AGES

LAURA PLANA GRACIA

O papel feminino na criação está diretamente ligado a poéticas de origem, práticas de carregar a vida, de descobrir o lugar ou espaço da produção original. neste sentido, o colonialismo e o eurocentrismo são opostos à "terra incognita", a terra da liberdade pós-colonial e da revolução social. compreende-se "mater naturans" como origem e definição da criatividade, memória e sinal no espaço. portanto, a arte tem desenvolvido práticas capazes de trazer de volta a heterotopia para a vida, a morte em vida. em relação à tecnociência, tecnologia e feminismos e à participação das mulheres na tecnologia, existe uma série de práticas artísticas de gênero que se desdobraram em queer ou pornoterrorismo. beleza convulsiva e corpos decadentes, transgêneros, transfronteiras, experiência prática como metodologia vital. a maioria dos artistas e principais figuras desenvolvem dispositivos, utilizando eletrônica *circuit bending* faça-você-mesmo (DIY), código aberto e cultura livre.

Medial Ages é uma performance influenciada pelas teorias do pós-modernismo, pós-colonialismo, baseia-se na estética do ruído, suportada pela cibernética e as relações entre arte, ciência e tecnologia. influencia-se pela arte política, ativismo, hacktivismo, direitos humanos e políticas de património. oferece a possibilidade de transformar a realidade em um ambiente mais humanitário, mais ético e equilibrado. o abuso de poder, as tendências de produção e os próprios lucros estão a provocar a consciência sobre os danos. fragilidades e extinções são reprimidas e limitadas. a cultura aberta oferece uma visão alternativa àqueles que são elite.

Artistas apresentam soluções para situações constantemente obliteradas. o projeto nasceu da experiência adquirida na cooperação internacional em países pós-comunistas da África, onde a luta e reivindicação socialista por necessidades básicas transformam as vozes nunca ouvidas em interfaces para fomentar a igualdade social. o trabalho com recursos sonoros como discursos ou arquivos de som permite rever este processo histórico. sua intenção é fazer história com base em estratégias como o hacking, a copy-art e a apropriação. a queda do regime soviético e o desmembramento do bloco comunista também são influências. enquanto isso, na europa dos anos 80, explodem a cibernética e a tecnologia doméstica. mas o hemisfério sul ainda enfrenta ditaduras pesadas corrosivas e militarizadas. processos de descolonização culminam ao final da guerra fria. mas não é a luta pelo escopo espacial, não é o avanço das tecnologias de comunicação, tampouco a instalação das redes de internet ou o pós-modernismo na direção do

fluxo e da conectividade. Medial Ages é um ambiente experimental que busca reconfigurar as ditaduras através do fotojornalismo e da videoarte expandida. ele gera uma sequência em vídeo a partir de arquivos, revistas, jornais e imagens apropriadas da imprensa, agências como Reuters, e jornalistas de mídia livre. é preciso criar material um video de conteúdo político de movimentos sociais, como barricadas, banlieus, motins, manifestações de cidadania. a seleção das imagens gera uma entidade iconoclasta para a população.ou seja, analisando forma e figura, o processo nunca mostra um herói, ou uma figura por si só. isto corresponde a uma ideia geral contra líderes, ícones ou mainstream. porque a cultura ocidental foi erguida a partir da ideia de um ícone contra as massas. aqui há influências como Gericault ou Delacroix. Medial Ages enfrenta os problemas inerentes em se representar o ciclo canceroso de guerra, lancinando as consequências materiais de traços do conflito na paisagem. Na exploração de minas e recursos materiais – ouro, diamantes, coltan ou sensores de fibra óptica – surgem estruturas projetadas para a guerra e para territórios vigiados de controle e punição. Documentam-se então imagens de rebeldes e violações de direitos humanos na forma de um realismo tradicional, na tentativa de reverter e enxergar sob a superfície. Utiliza-se uma abordagem estética que considera um imaginário problemático. A fotografia documental envolve-se com os aspectos invisíveis, ocultos e intangíveis. Em um estilo de filmagem em travelling longo, resultando em um filme de olhar espectral e desencarnado. A peça assombra uma paisagem sonora visceral em uma composição de *noise diy.*

Medial Ages é uma incursão exploratória no som. Refere-se a fundamentos sonoros: frequências e espectro. examina conceitos e técnicas. O som é um dos ecossistemas que nos possibilitam uma experiência de conhecimento da realidade.o sistema de som consiste em uma frequência de espectros. sua forma tem sido descrita como circular, não-linear, desorganizada, auto-organizada, caótica, indeterminada, randômica. define-se como um sistema complexo e dinâmico. É interativo, imprevisível e aleatório. é também imanente e imaterial. segue teorias visuais e sonoras, estudos de neurociência e definições de ruído cibernético. segue Norbert Wiener e Marshall Mcluhan como autores principais. influencia-se também pela definição do quiasma, o ponto em sistemas nervosos onde mais de um nervo cruza sobre o outro. A estrutura em forma de x que aparece nesse ponto antes do cérebro onde os dois nervos colidem. Na prática, será desenvolvido como um dispositivo sonoro experimental emulando funções do cérebro e seus sentidos, assim como as máquinas computacionais o fazem. Nesta ocasião, reproduzimos um sistema biológico que remodela as funções sensoriais de audição.

Medial Ages baseia-se nas teorias de campo mórfico por Alfred Rupert Sheldrake e falseabilidade da ciência por Frank Popper. E também parapsicologia, ressonância mórfica, biologia celular, telepatia – tipos de interconexões, assuntos paranormais, visão remota, precognição, pseudociência, inconsistência em genética e embriologia, o guru n*ew age deepak chopra,* medicina alternativa, fenômenos psíquicos, pensamento holístico, magia negra e arte maconde.

Durante a minha infância viajei por países africanos, onde os movimentos de libertação negra haviam ocorrido. Com o decorrer dos processos de libertação e independência da década de 70, havia ainda em 1989 alguns conflitos de guerra pós perestroika russa. O apoio do comunismo internacional da Rússia teve fim

com a queda do muro. Países que recebiam suporte e ajuda foram abandonados e guerras civis eclodiram imediatamente por lá. Depois de ser uma cidadã de passagem por Moçambique, Angola e África do Sul, eu me dediquei a estudar a sua história. Um exame do mapa complexo da áfrica pós-colonial me fez entender como os papéis arquetípicos são fundamentais para a construção da ideologia do poder. Este é um motivo por que eu configuro uma estética diferente a fim de compreender o processo de construçlão do poder. Por esta perspectiva, procuro apagar todas as figuras singulares nas imagens captadas, porque meu interesse não é a ideologia icônica, mas o contexto mais específico do seu entorno, o ambiente do humanos ou a paisagem da materialidade. Nesses processos históricos, eu também pesquiso sobre a história da aquisição material em minas, terreno e território.

Medial Ages trabalha usando arquivos sonoros históricos que têm sido fundamentais para a história. Na minha opinião, o que Medial Ages oferece como uma potencial "arte de apropriação" é uma tentativa de superar determinado "processo revisionista". Trabalhar com recursos de som como discursos ou arquivos de som permitem que se avalie o processo histórico. Trabalhar com mídia aberta implica uma nova forma de pensar a representação *mainstream*. Os processos de reprodução da memória histórica reforçam as estruturas de poder. as vozes obliteradas – aquelas que tem sido silenciadas por processos de memória reforçados pela comunicação de massa – poderiam ser reinseridas no imaginário coletivo através de novas vozes. Este processo facilita a preservação de grupos sociais marginalizados, aniquilados ou exterminados, diferentes etnias e ideologias frequentemente oprimidas. O trabalho pela reabilitação do pensamento libertário – utilizando técnicas de som, música popular ou discurso político – é uma resolução estética e ética que confronta a figura unificada de um ícone do poder. Estas estratégias estão tentando demolir a cultura dominante unificada representada por deus, rei ou ditaduras. E é por isso utiliza-se apropriação em seu estilo. Trabalhar com sons e imagens já produzidas acaba com a ideia de autoria e, além disso, abre um processo para representar o grupo social ou a comunidade.

Há uma grande satisfação de apresentar Medial Ages. De um lado, está o som. Eu trabalho com a fala e o discurso. Eu uso ecos, reverbs e altas frequências – processos de manipulação sonora que permitem sublinhar ideias ou sons bastante particulares, aqueles pensamentos gritantes sobre a liberdade ou a luta, mas também amostras que criam uma noção de olhar, espectro ou vida mais profunda. Mas, por outro lado, existem as imagens. A selecção das imagens cria uma figura iconoclasta para a população. Uma vez definida a leitura de forma e figura, esta nunca exibe um herói ou figura única sozinha, mas uma comunidade. Isto corresponde à ideia geral contra os líderes, ícones ou cultura dominante. Afinal a cultura ocidental fundou-se com base no ícone contra as massas. O audiovisual live tem sido a mídia mais importante que encontrei em minha carreira. Eu tenho minha base na arte eletrônica e não consigo entender uma obra de arte que responda às condições sociais contemporâneas e não inclua uma noção de movimento, transformação, música e imagem em movimento. Além disso, tenho interesse em obras coletivas, trabalho em grupo, em vez de apresentar somente artistas solo. Há um fato importante que é a utilização de instrumentos de bricolage em performances ao vivo.

Sobre referências, eu tenho experiência em história, sociologia e antropolo-

gia. Minha arte é baseada no ativismo político, naqueles movimentos dos anos 60 e 70. Artistas envolvidos no processo de descolonialismo. Arte da América do Sul ou América Central: *guerrilla art action group, group material* e aqueles mais contemporâneos, como o ativismo de *pussy riot*. Dando uma resposta para a transformação econômica e social, coletivos de artistas reativam processos locais com manifestações apolíticas para melhorar as suas condições. Ao mesmo tempo, emergem tendências na música *underground* e cultura *anti-establishment*, em conjunto com ações contrárias à guerra do Vietnã. Nos Estados Unidos da América a história da cultura oprimida encontra expressão social através do blues, folk e rock and roll. A produção industrial no litoral sul substitui o discurso lógico dos novos cristãos, por causa do *New Deal* e da riqueza pós segunda guerra mundial. A música blues e o rock roll confluem em novas tendências, como noise rock, psychobilly e os usos dos primeiros sintetizadores. A história da música eletrônica e techno introduz novos sons, ritmos e modulações musicais que contribuem para a compreensão de fatores tais como a indústria *anti-mainstream* e o poder da ideologia. Bandas e música dos anos 70 como Silver Apples, Velvet Underground, Neu!, Can, e a experimentação com música eletrônica e cultura techno são a influência central no meu trabalho.

Finalmente, Medial Ages propõe uma ético-estética que pertence às ontologias do som. A criação artística desenvolve práticas e projetos que parecem um ritual. O ritual é uma fonte de conhecimento; protege e defende o desenvolvimento sustentável; liga-se a ideias de preservação e conservação, responde a políticas do patrimônio, com uma nova condição que implica magia e relativismo. Também práticas de patrimônio e ontologia aparecem no ritual em que o som tem uma importância central. A dimensão ontológica do som como uma mídia será usada como um fenômeno antropológico auditivo, som como meio de comunicação é utilizado também em práticas ambientais, expressões artísticas e práticas da comunidade. Fenômenos sobrenaturais e mistérios das origens serão apresentados em práticas que usam som como meio de comunicação, além de criações com expressões de cerimônia ou ritual. Este ritual mágico de origens é geralmente composto por sons e expressões em que o som é usado como uma mídia e contribui para a formação das expressões culturais, como primitivismo, exóticas, indígenas. Estas definições devem ser entendidas como uma característica positiva, mas não como uma condição racial, pejorativa ou inferior em expressões de identidade dos fenômenos culturais. Esses fenômenos sonoros relacionados ao ritual e origens também são submetidos a políticas de preservação. Estas paisagens sonoras, pelas quais o natural e artificial são diferenciados, examinam o impacto sobre o ambiente. Salientando a oposição à primazia do visual na cultura ocidental, definida por Marshall Mcluhan, Schafer define a expressão do artístico como metafísica e social. A cultura é uma expressão de identidade, individual ou socialmente. O uso do som como uma mídia na manifestação da vida cultural é compreendido como a formação de uma identidade de nível glocal (global - local). assim, tornam-se narrativas universais, possíveis expressões de paisagens sonoras culturais, a fim de preservar e construir um património. A cobertura cultural abre-se à expressão ritual e performativa de identidades culturais, aceitando a diversidade e a diferença. Ontologia e antropologia auditiva aparecem como uma expressão da práxis na performance. Políticas de preservação do patrimônio e

museus irão incluir obras nas quais o som aparece como uma mídia. Estas políticas serão baseadas na metodologia de antropologia auditiva, etnomusicologia e estudos de som. Em oposição à primazia visual ocidental, a interpretação de som será definida como uma resposta em processos ontológicos de conhecimento. Além disso, a etnografia poderá aproximar-se para estudar o som como um processo sensorial. Esses estudos estão incorporando mídias interdisciplinares, em que a simbiose de som com outras categorias, tais como a teoria antropológica, enriquece o campo de conhecimento e experiência ontológica em expressões culturais. Uma antropologia auditiva aplicada a teoria e conceitualismo será um campo de pesquisa em políticas de preservação. E deverá também considerar fenômenos como vozes interiores, música imaginada ou alucinações auditivas. O pensamento ocidental é baseado na fisicalidade do visual, mas o animismo e as ontologias fundamentam-se na interioridade descontínua; mente, alma e também a existência monádica. Animismo e sistemas ontológicos baseiam-se na percepção da interioridade. Corpos humanos são organizações perceptivas inerentes que produzem um comportamento cultural diversificado. Festividades e rituais derivam disso. Naturalismo e animismo são construções culturais baseadas em fisicalidade do corpo e interioridade da alma, e a maioria deles conecta-se através do som. Um fenômeno estendido é a voz, física ou interior. A ontologia é então formada por estruturas sonoras de pensamento, como a voz em rituais. Ontologias sonoras devem opor a primazia visual ao som. Os fenômenos auditivos são seu foco de pesquisa. ontologias sonoras farão uso de rituais, performances, mitos, expressões de ouvir e não ver e etnografia auditiva para evitarem consequências perigosas e desagradáveis, perigos iminentes e atenção para paisagens sonoras *lo-fi* vulneráveis. Isso pode contribuir para uma ontologia baseada em sonoridades específicas de transe, para que indígenas, xamãs, médicos ou doutores comuniquem-se através de espíritos em rituais de magia, a fim de compreender o ser sônico. Este processo de formação identitária em expressões culturais é uma forma de comunicação capaz de construir conhecimento, transmitindo ontologia através da percepção. Através da audição e do som, o ser é revelado ontologicamente para formar mitos, narrativas e modos de expressão. A antropologia auditiva considera como parte dos fenômenos sonoros a percepção de florestas tropicais, o naturalismo e ambientes atmosféricos, práticas seguindo o conceito de aurática (aural, aura) em walter benjamin e a ontologia do som em Paracelsus, Tao Te Ching, John Cage ou o pensamento animista.



Imagens:
Rafael Frazão

ATA DA REUNIÃO TRANSESPECÍFICA DELIBERATIVA

RAFAEL FRAZÃO

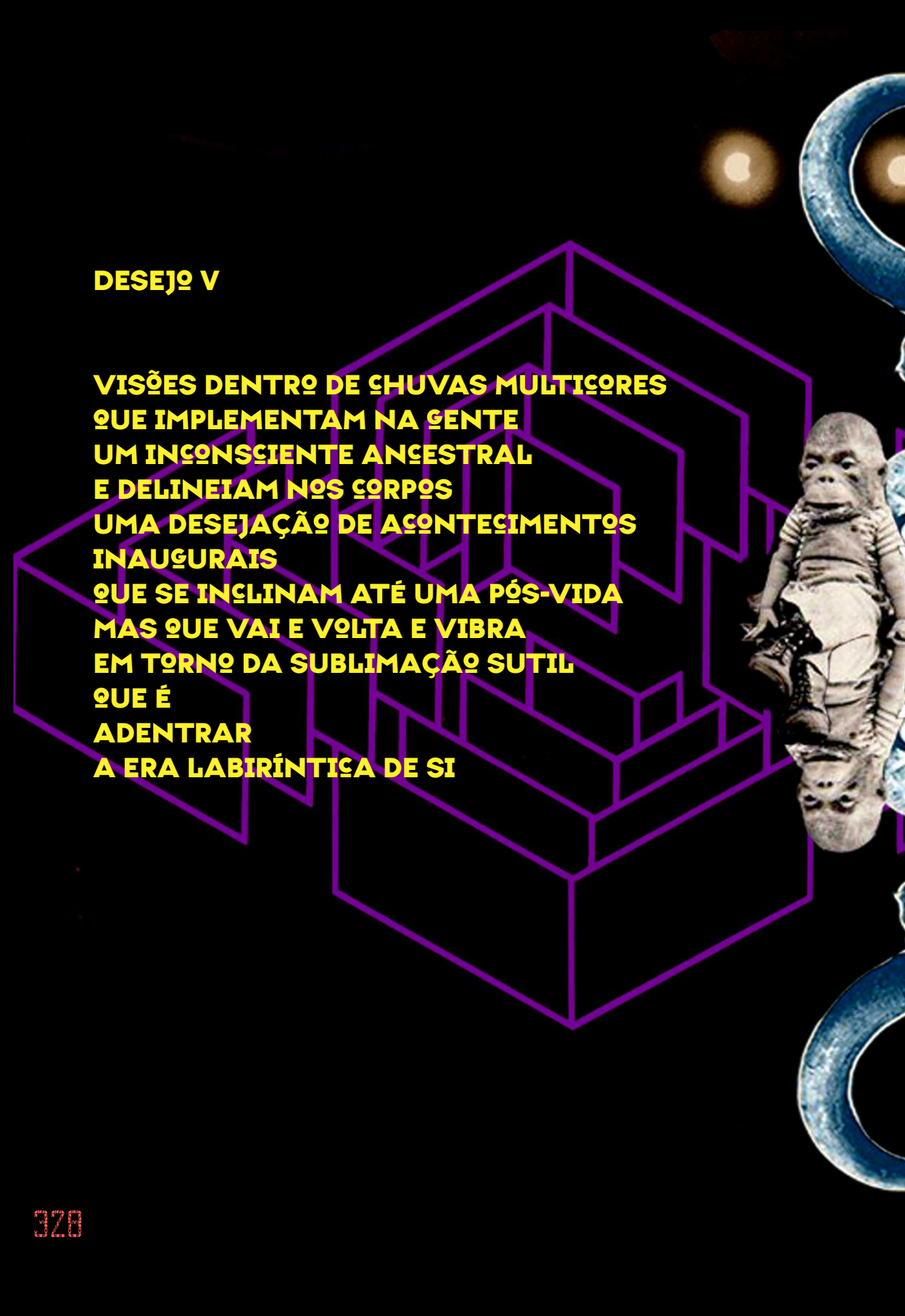
Estão presentes um vidro com água do rio Tapajós, o espírito de um quasar manifesto em um HD, 12 pássaros subterrâneos sindicalizados, alguns professores do reino fungi, um coqueiro imperial no fim da vida, um humano sem sapato, três povos de microorganismos em guerra molecular.

Um pássaro de ocupação diz: — a máquina colonizadora segue arrancando o pensamento mágico do horizonte e naturalizando seu regime miserável de sígnos, sua meia dúzia de truísmos que separam tudo em seus domínios. Abaixo as fronteiras das espécies! tudo emana e há de ter seu lugar de fala! Um grupo de microorganismos vibra, grita e se sente representado. O quasar processa em pixels uma poesia antiga acontecida no olho de um peixe, em que um kosmo índio nascido em um buraco negro cultiva imensa diversidade de antimatéria. Nesse momento a porção de água do Tapajós tem sua consciência assumida por um xamã pesquisador de passagem, que circulando entre as perspectivas das coisas caiu ali, naquela reunião de agênciamentos. riu por dentro ao presenciar essa harmonia oculta e disse – companheiros, seres sonhados e seres não sonhados, sejamos o turbilhão barroco da linha. As teconologias para o trânsito entre as cosmologias são fundamentais para construírmos a máquina sensível capaz de disputar território com o inconsciente colonial. Levantem suas antenas e covoquem todo o espectro.

A rede interdimensional do reino fungi que possui a maior banda no multiverso tratou de compilar e espalhar as deliberações da reunião nos redutos da esquerda cosmopolítica.

DESEJO V

VISÕES DENTRO DE CHUVAS MULTICORES
QUE IMPLEMENTAM NA GENTE
UM INCONSCIENTE ANCESTRAL
E DELINEIAM NOS CORPOS
UMA DESEJAÇÃO DE ACONTECIMENTOS
INAUGURAIS
QUE SE INCLINAM ATÉ UMA PÓS-VIDA
MAS QUE VAI E VOLTA E VIBRA
EM TORNO DA SUBLIMAÇÃO SUTIL
QUE É
ADENTRAR
A ERA LABIRÍNTICA DE SI





TERRAS II

QUANDO AS ÚLTIMAS
CINZAS SE ALOJAREM NA
BRANCURA HISTÉRICA DA MENTE VAZIA
DESACONTECIDA NOS CORAÇÕES
E ESQUECIDA PELA INTEIREZA DAS PERCEPÇÕES
PREENCHIDA NESTA FASE PELA
INVENÇÃO DO PICTÓRICO
ATÉ O PÓS-LOGOS DA VERTIGEM
SANGUES ELÉTRICOS REVIVERÃO
O SONHO POLÍTICO DA REFORMULAÇÃO
TOTÊMICA DA MÃE
A VOZ GRANULADA QUE ABRE AS ROCHAS E OS
MARES COMUNICANDO PARA NOSSOS
DEUSES PARAPOCALÍTICOS
O FIM DE UM ABISMO INTEGRADOR
ANUNCIA-SE, ENTÃO,
A FALÊNCIA DAS DECISÕES
A PARTIR DA NÃO DESCENTRALIZAÇÃO DOS
EXISTIRES TERRENOS
PARA, TALVEZ, CHEGAR
A UMA ORGANIZAÇÃO
ASSISTÊMICA DO DELÍRIO



ESFERA MULTIFACETADA
DOS CORPOS SUTIS
EM QUE MORAM
OS PRÉ-DEUSES DA MATA
ALI ONDE A TERRA RONCA
AGORA NO BIO-ESPAÇO DO SOL
ELÍPTICO
ONDE O PRESENTE MITOLÓGICO
RETORNA AO RESPEITO
DAS RAÍZES COM SUAS VEIAS
MUSICAIS
E SUAS CANÇÕES DO FOGO ENFIADAS NA CRUZ DA
LINGUAGEM
ORGANIZAMOS A DANÇA CIRCULAR ONDE OS OLHOS
SE TOCAM
E CRIANÇAS CANTAM
EM UNÍSSONO O FIM DO INÍCIO
ANOTAMOS EM TÁBUAS
POR HORA TRÁGICAS
AS FÓRMULAS DOS CÓDIGOS PARA QUE JUNTO DA
LEVEZA DO XAMÃ
TRANSUMANO
AO MENOS, AGORA, FESTEJAR
PARA RESSITUAR OS TEMPOS
RENATURALIZAR OS CHAMADOS
RELER PRA TRÁS

POEMA DE LEO BR SOBRE O FILME *TERRA RONCA*
DE RAFAEL FRAZÃO E VITOR GUERRA, REALIZADO
NO I FESTIVAL DE TECNOXAMANISMO



Ópera *Amateur, the social robot.* Foto cedida por Fabiano Fonseca.

AMATEUR, THE SOCIAL ROBOT

FABIANO FONSECA

"AMATEUR, THE SOCIAL ROBOT" É UMA ÓPERA SCI-FI. UMA PERFORMANCE AUDIOVISUAL CONCEBIDA PELO MINEIRO FABIANO FONSECA (FFABIANO). CONVERGE MÚSICA ELETRÔNICA, VÍDEOPROJEÇÕES, DRAMATURGIA, CENOGRAFIA, FIGURINO E INTERPRETAÇÃO TEATRAL. UMA OBRA QUE SE APROPRIA DO CONCEITO DE "LIVE-CINEMA", OU SEJA, UM ESPETÁCULO QUE SE DÁ NO TEMPO E NO ESPAÇO COM O ARTISTA EXECUTANDO MÚSICA E IMAGEM AO VIVO, CONTROLANDO LUZES E SE RELACIONANDO COM O AMBIENTE EM GERAL. ESTE ARTIGO ILUSTRA ASPECTOS DESSA OBRA, O ENFOQUE RITUALÍSTICO, O CONCEITO ARTÍSTICO E SEU PROCESSO DE PRODUÇÃO E DEMAIS DETALHES.

AS ORIGENS

Enxergo o mundo de maneira sônica, atonal e sem limites.

Interessam-me sons graves, subgraves, distorcidos, eletrificados, distantes, ultra suaves, infra finos...

Fecho os olhos e me entrego à música que produz movimento... música profunda, que explora os sons sem pressa, que vai fundo nos limites sem nenhuma barreira estética, que tenciona e relaxa... que inspira e surpreende.

Se houvesse algum experimento cientifico aberto, eu seria capaz de doar a minha alma, o meu corpo, o meu tempo, a minha vida inteira para o som... imagine analisar os espasmos involuntários que o subgrave causa nos músculos do ser humano... ou se a pele muda de cor se o ser humano for submetido a níveis elevados de ruído rosa... ou ainda esperar para ver se nascerão garras ou caudas em meu corpo suspenso por drones de áudio.

Meu primeiro projeto oficialmente publicado foi em 2006, em conjunto com o grupo Digitaria. Tudo que sei e sou eu devo àquelas pessoas especiais. Em 2009 eu lancei o Ep "Death in Benares" com o L'esT, um trabalho mais autoral, com guitarra, bateria e baixo. Produzido por Sergio Scliar, este disco foi feito após a minha viagem à Índia com o parceiro Eduardo Recife, que também resultou no livro *My Dear India,* lançado no mesmo ano.

Depois fiquei flutuando por um período... colaborando com amigos... ajudei o Arnaldo Baptista a gravar alguns sons... toquei com o Ricardo Garcia no "Feijão Lunar", lancei o EP "Healing Hare" produzido por Andre Thitcho, participei de residências artísticas, etc.

Atualmente, me dedico ao projeto Ligalingha, em parceria com Henrique Roscoe (1mpar), aos sons acasionais que produzo para instalações e ao meu mais novo projeto Amateur.

Com o Ligalingha, Henrique e eu podemos ficar dias improvisando, programando, tocando, repassando, repensando... sem nos entediarmos por um instante... pois para mudar para algo novo basta uma decisão e um clique... não existe dificuldade técnica... ou situação insolúvel. É programação eletrônica e psicodelia

audiovisual em estado puro. Construímos nossos próprios instrumentos com arduino, tocamos sintetizadores, programamos *sequencers*, processamos instrumentos e vozes em ipads, hackeamos sensores (como kinetic xbox) e brincamos de fazer um disco por semana. Ainda não lançamos nenhum trabalho... não estamos muito preocupados com o fonograma neste momento.

O palco sempre foi um lugar ritualístico para mim. Quando estou nele me transformo completamente. Meu corpo se energiza, meus sentidos se aguçam, ajo de maneira estranha, descontrolada e tenho impulsos autodestrutivos. Nunca sei exatamente como tudo vai acabar.

Desta miríade de possibilidades, naturalmente a vida me levou a um trabalho que abrangesse elementos performáticos, cênicos e ritualísticos em um show que tem a música eletrônica como motor. Assim nasceu a performance Amateur.

A vida cotidiana, superficial me interessa muito pouco. Procuro viver grandes experiências sensoriais, emoções de fato, e assim procuro estar sempre atento às noticias da comunidade cientifica, as novas formas de vida inteligente, e busco trilhar caminhos de grandes yoguis que experimentaram em si mesmos momentos de transcendência e experiências extra-sensoriais. Coleciono também estórias de candomblé, relatos de universos paralelos e contos indígenas. Assim, encontrei na ficção cientifica uma forma de me expressar alternativa pois percebi que a minha vida pessoal, meus dilemas existenciais e amorosos são muito pouco interessantes. Desta forma, criei o personagem Amateur, um experimento científico que falhou, se rebelou e escapou das mãos dos militares que o criaram. Uma literatura caseira, um pretexto, uma linha conceitual em que eu pudesse encarnar um personagem radical, extremo e assustador, dócil e melancólico. A estreia desta performance aconteceu em 14 de novembro de 2014.

AMATEUR

Surpreendente em sua atitude, Amateur tem consciência de sua condição: um autômato construído nos anos 80, programado para aprender e definir seu próprio comportamento a partir da experiência. Foi o primeiro robô a possuir um sistema emocional sintético, que embora rudimentar pôde influenciar complementarmente suas ações e decisões.

Idealizado inicialmente para fins militares, foi mantido sob sigilo no laboratório de seu criador até recentemente, quando os primeiros episódios de fúria aconteceram, culminando com destruição e fuga.

Vive agora no submundo alimentando sua obssessão pelo comportamento humano. Coleciona dentes e cabelos. Estuda os movimentos dos répteis e felinos. Adora o altar de Khali enquanto testa próteses caseiras em si mesmo. Mas é em seu apreço pelo vício que apresenta sua face mais assustadoramente humana.

Em suas aparições ao vivo, ASR se tranca em uma jaula, pois acha que nunca soube ser livre. Nessa jaula – uma extensão de seu próprio corpo – apresenta seu repertório usando trajes confusos e identidades falsas. A cada apresentação, seu encontro com a plateia gera novas sensações e riscos.

Ao vivo, a performance consiste na jaula cenográfica quadrada medindo 210 x 210 x 210 centímetros. Essa jaula é equipada com fitas de led brancas instaladas em todas as suas barras e controladas por um sistema áudio reativo.

FFabiano toca e canta de dentro da jaula, usando um figurino desenhado especialmente para a performance. Opera um sistema com diversos *hardwares* e controladores (Electribe, Lauchpad, Mikcrokorg, etc) além dos *softwares* de áudio e vídeo.

Uma retroprojeção em vídeo contextualiza elementos do roteiro com imagens distorcidas, glitches e um astral mecânico-futurista.

Objetos cenográficos (refugos industriais, correntes de ferro e sucatas) estão suspensos estrategicamente no espaço da jaula e se configuram como uma extensão do corpo do personagem. Amateur utiliza estes objetos como percussão, além de controlar, em tempo real, som, vídeo e luzes. O espetáculo tem um final cênico, imprevisível e catártico.

A CENA

ATO I
ROBOT THOUGHTS

Com a jaula totalmente escura, o público enxerga Amateur ajoelhado de costas, em posição de meditação. Utilizando uma capa de referencia xamânica, somente sua silhueta é vista entre uma nuvem de fumaça.

Som: mantra eletrônico, repetitivo e com frequências subgraves. A música “Social Robot” introduz o personagem com frases de seu cotidiano e o refrão 'robot thoughts'.

Vídeo: Representando a criação, uma linha de energia se forma aos poucos na retroprojeção. Essa linha se intensifica e vários focos de energia tesla se multiplicam até encherem a tela. Surge então uma cena com elementos mecânicos. Parafusos, placas, motores simbolizam o laboratório de criação. Depois tudo se fecha abruptamente e uma porta se abre... uma cena filmada em um longo corredor com várias portas. A câmera caminha lentamente.

SQUARE PIXEL

Amateur se levanta, tira a capa e se aproxima da cabine de controle. Seu rosto vai sendo sutilmente revelado por luzes strobo acidentais.

Som: A música "Square Pixel" é um poema sobre um pixel que viveu solitário em sistemas audiovisuais arcaicos. Agora é obrigado a se mover freneticamente, de um canto a outro, oscilando entre zeros e uns, sim e não. A voz, metalizada e monotonal, entoa o poema com um astral sombrio.

Vídeo: Tela repleta de elementos replicando a ideia de bits 0-1. Luzes estroboscópicas e quadrados se movendo freneticamente de um canto a outro. Estética 8 bits digital. Chiados de TV e sintetizadores analógicos de vídeo criam texturas. Luzes de led se ascendem esporadicamente.

PORNETIK

Amateur contracena com imagens filmadas dele mesmo em silhueta preta, sugerindo a idéia de vários personagens em cena, vários alter egos.

Som: A música "Pornetik" aborda temas como apego, vícios e rotina. Ritmo repetitivo e dançante, estética digital e robótica.

Vídeo: Edição de cenas filmadas em silhueta alternando de acordo com a música com edição estroboscópica de filmes obscuros, imagens científicas de enciclopédia, corpo humano,e etc.

TOBBACOMAN

Amateur age estranhamente, repetindo padrões corporais. Anda de um lado para o outro de forma dura, como numa linha de montagem de uma fábrica. Encaixota, empacota, se oferece ao publico. Se aproxima das grades com olhar desamparado, como se pedisse ajuda.

Som: A música "Tobbaco Man" aborda temas: comportamento passivo, tédio e consumo de cigarros.

Vídeo: uma linha de cigarros atravessam a tela rolando. Se multiplicam em vários, milhões, milhares (utilizando o software VVVV). Cena filmada em close

de um ator colocando diversos objetos na boca, tentando comer, cuspindo sangue, e insistindo em comer tudo vorazmente. Luzes de led se ascendem no refrão da música de forma intensa iluminando toda a plateia.

DEVOUR, DESTROY

Amateur sofre um ataque de fúria. Tenta destruir a si mesmo, a jaula e equipamentos. O palco se enche de fumaça enquanto Amateur usa os objetos de percussão de forma intensa, gritando.

Som: A música "Devour, Destroy" é um hardtechno agressivo. Os sons dos metais percutindo na jaula se confundem com a dureza dos sons eletrônicos e dos gritos distorcidos.

Vídeo: um vídeo-homenagem à deusa Khali, como se Amateur precisasse romper com seu mundo atual e construir um novo. Luzes de led se ascendem freneticamente representando o surto do personagem.

Ao final do primeiro ato, *blackout* na sala e um tecido preto cai, cobrindo toda a jaula. Ouve-se sons de objetos se partindo, explosões, sirenes.

ATO II

O público permanece por alguns instantes com o palco todo escuro, enfumaçado, ouvindo apenas um ruído contínuo. Amateur surge pela lateral vestindo um traje ajustado ao corpo, quase como uma segunda pele. O tecido tem uma impressão digital especial fazendo alusão a radiografias, exames de ressonância magnética, etc. De costas para o púbico senta ao piano e executa uma música. Esse piano, na verdade um controlador midi, foi previamente colocado por um *roadie* da equipe. A música começa lenta e dramática e vai se intensificando aos poucos, ficando dissonante e percussiva.

ATO III

Amateur solta o piano improvisadamente e, virando-se, caminha em direção ao público executando uma caminhada típica do teatro butô: passos hiperlentos, olhar fixo no infinito e postura corporal controlada. Como um robô em câmera lenta, caminha aos poucos... e, de repente, corre por entre as pessoas, saindo pela porta do teatro.

FIM

ELEMENTOS CÊNICOS

A jaula em si é apresentada como uma metáfora para a condição humana nos dias de hoje. Existem diversas maneiras de se sentir preso, de se proteger, de não conhecer os próprios limites, de se isolar. Desta forma, não se sabe ao certo se é Amateur que está preso ou a própria plateia. Não se sabe ao certo quem está se protegendo de quem.

A situação do enjaulado incita diversas questões acerca da existência humana, suas prisões mentais, máscaras sociais, medos e angústias.

Amateur observa, coleciona e estuda friamente o ser humano de dentro de uma jaula atemporal que remonta a um universo pós apocalíptico, como se o mundo já não fosse mais este que conhecemos, como se as regras houvessem mudado e os paradigmas sociais vigentes já estivessem ultrapassados. É hora de reinventar um novo mundo e, assim como no mito de Khali, destruir para construir novamente.

ANIMAÇÕES E VÍDEOS

Predominantemente em preto e branco e em alto contraste, os vídeos são como um filme que acontece em tempo real. Cada parte musical tem sua correspondência visual. Cada nota, um motivo imagético. Animações gráficas serão utilizadas para dar ênfase a aspectos sensoriais do roteiro.

Cultura *cyberpunk*, erros de impressão, osciloscópios, ressonâncias magnéticas, frases de protesto, explosões, sinapses, relógios, parafusos, cifrões, coturnos, corredores, *bits* e *bytes*, sinais de antena, equipamentos mecânicos, poeira, enciclopédias antigas, energia tesla, máquinas obsoletas... tudo isso faz parte do conjunto de imagens que pretende-se usar para construir o imaginário estético do personagem.

Retroalimentação, *videomapping*, sintetizadores de vídeo, mesas de luz, câmeras de segurança, jogo de sombra, vídeos gerados por códigos de programação... são algumas técnicas que pretende-se usar para conceber a performance.

PERFORMANCE

A inspiração principal desta performance é a obra literária "O artista da fome", de Franz Kafka. (Ein Hungerkünstler, 1924). A ideia de se ter uma presença física de uma figura humanóide no espaço, um corpo que sofre um duplo trauma de nascimento e morte, que carrega um passado e busca reinventar seu futuro.

A proposta centraliza todas as ações cênicas em um único personagem, criando assim uma miríade de possibilidades de identificação direta do público com o personagem.

O formato de "teatro imersivo" deriva de escolas de teatro físico que tem o inglês Jerzy Grotowski como principal expoente, além é claro, do dramaturgo francês Antonin Artaud.

O "corpo sem órgãos" é o nome deste corpo refeito e reorganizado que uma vez libertado de seus automatismos se abre para "dançar ao inverso". (Antonin Artaud)

A escolha por uma linguagem multimídia tem inspiração nos *happenings* e performances do Grupo Fluxus e Joseph Beuys.

Notas:
Video filmagem do ensaio. Set 2014.
https://www.youtube.com/watch?v=TeAlm3V47yA&list=UUVNTl6q5d Pw4h81gYiPzbdA
Outros links. Soundcloud.com/fabianofonseca



Ekopornoxamanismo, uma obra de Azael Valderrama em colaboração com o teatro Le Petit Justine e Jeison Castillo, reflexão de nossa sacralidade no corpo e território. Imagem cedida por Azael Valderrama.

EKOPORNOXAMANISMO

AZAEL VALDERRAMA

ATIVIDADE ENTORNO DE UMA VIDA RITUAL.

O misticismo, a espiritualidade e o pensamento em coerência com o espaço universal é o princípio essencial do ritual de "Ekopornoxamanismo", que atuando com vídeo e fotografia pretende implantar a consciência do ancestral. Esse ato de fertilidade evidencia a visão do corpo como instrumento de conexão com o sagrado. Através do fogo e das plantas curativas, agregam-se os corpos nús em harmônica geometria.

Ekopornoxamanismo vem de Eko – ecologia ou ecosofia – que se refere à relação com a vida. Porno – pornografia – está condicionada à insistente morbidez sensacionalista, efêmera e midiática que rodeia o significado do corpo humano na sociedade ocidental. E xamanismo – pensamento xamânico – que quer dizer, o sábio que cura.

Desta maneira o ritual ekopornoxamanismo se utiliza também do espaço audiovisual, pelo qual a energia do território andino, do "erótico" e do pensamento moderno enlaça as raízes do corpo como um pensamento e elemento da energia cósmica. Acreditamos neste ato como uma reflexão construída a partir de saberes conectados a uma forma de vida ritual.

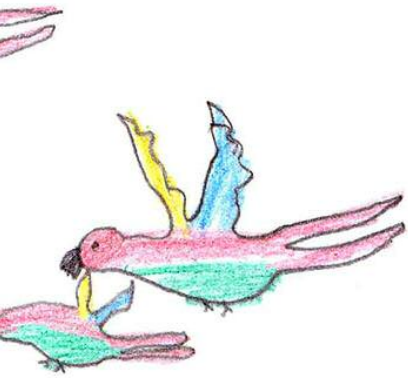
Esta atividade se relacionou com um espaço criado na Casa Taller 27-72 chamada Projeto Centro, onde o pensamento ancestral e contemporâneo convive em perfeita harmonia trazendo uma responsabilidade pedagógica em torno de áreas do conhecimento como arte e permacultura.



MINIDICIONÁRIO ILUSTRADO DE PATXÔHÃ

MARCIO JUNQUEIRA
FIRMINO

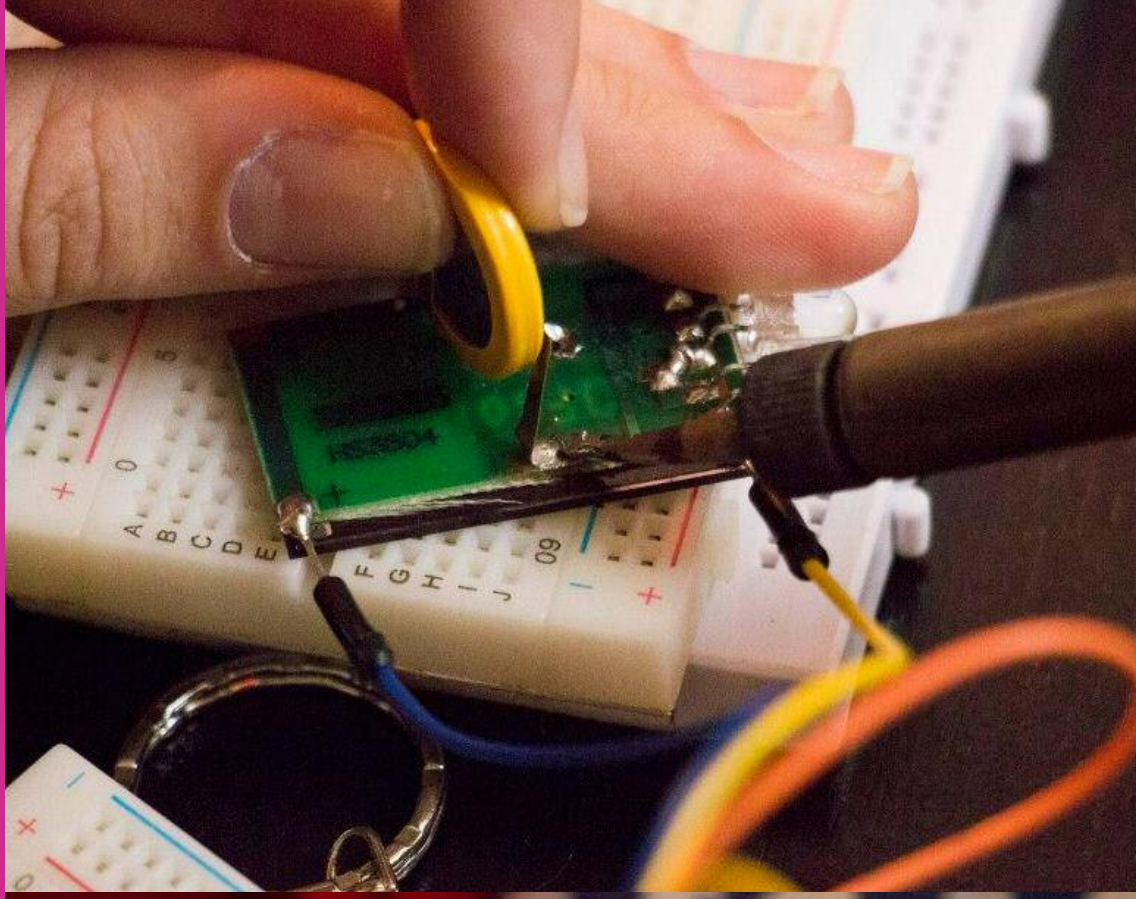
ESTUDOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSIÇÃO: MINI-DICIONÁRIO ILUSTRADO DE PATXÔHÃ. DESENHOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS DE ALDEIA VELHA DURANTE A OFICINA DE ILUSTRAÇÃO MINISTRADA POR FIRMINO E MARCIO JUNQUEIRA NO I FESTIVAL DE TECHNOXAMANISMO.



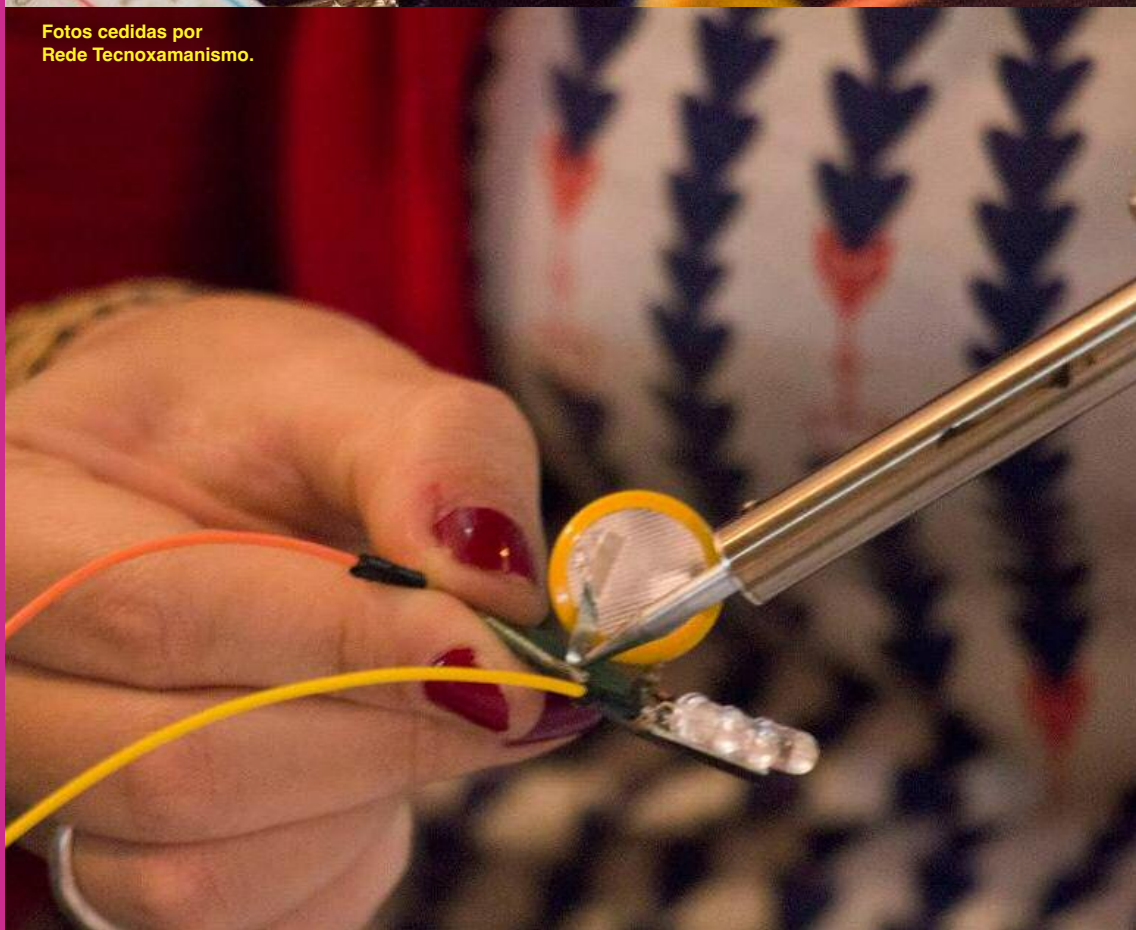



PRISCILA
CASA
KIGEME





Fotos cedidas por
Rede Tecnoxamanismo.



PARTICIPANTES

Adriano Belisário
Pesquisador interessado nas relações entre comunicação, cultura e tecnologia. Desde 2003, participa e desenvolve ações e projetos ligados a tecnologias livres e mídia independente.

Azael Valderrama (Oficina de Asuntos Extraterrestres)
É um artista que realiza sua proposta artística em torno do indispensável papel das artes na geração de uma cosmovisão contemporânea. A proposta "ritual" envolve elementos sonoros, audiovisuais, performáticos, coletivos, espirituais, entre outros, que permitem pertencer a suas obras indagando em corpo, a mente, o espírito, a mística e a magia do cosmos. www.hisca.org

Carla Lyra
Antropóloga e documentarista, nascida em terras potiguaras e militante da cultura da paz.

Carlos Eduardo Souza Aguiar
É doutor em sociologia pela Université Sorbonne Paris Cité. Suas pesquisas abordam as relações entre o misticismo e o tecnológico, assim como a sacralidade dos objetos técnicos.

Carsten Agger
É um desenvolvedor de software, ativista e escritor que tem sido ativo em movimentos sociais pelo software livre, direitos civis, contra o racismo e guerras coloniais por 20 anos. Treinado como físico teórico ele trabalha como desenvolvedor de software livre, contribui com o projeto Baobáxia e co-organiza o LibreOffice Conferences.
Ele organizou o encontro de tecnoxamanismo em Aarhus, Dinamarca em 2014 e é co-organizador do II Festival Internacional de Tecnoxamanismo (Bahia- 2016).

Claudia Lopes Borio
Advogada, escritora, ambientalista e roteirista de filmes sobre ciência e meio ambiente.

Daniel Lima
Bacharel em Artes Plásticas pela Escola de Comunicação e Artes da USP e Mestre pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade da PUC/SP, desde 2001 cria intervenções e interferências no espaço urbano. Próximo de trabalhos coletivos, desenvolve pesquisas relacionadas à mídia, questões raciais e processos educacionais. Dirige a produtora e editora Invisíveis Produções. https://issuu.com/invisiveisproducoes www.danielcflima.com

Danilo Lima
Danilo Lima é natural de Barreiras/BA, bacharelando em Interpretação na Escola de Teatro da UFBA, membro dos coletivos COATO e Pleorama, e em ambos, investiga a cinestesia corporal para a cena. http://pleorama.tumblr.com/

Edgar Franco (ciber-pajé)
Edgar Franco é Ciberpajé, artista transmídia, pós-doutor em arte e tecnociência pela UnB, doutor em artes pela USP, mestre em multimeios pela UNICAMP e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás.

Edunoise (Jorge Barco, Selu Herraiz e Patricia Raijenstein)
É uma rede de aprendizagem ativa em Madri, Medellin e Murcia que investiga as conexões entre educação, experimentos sonoros, tecnomagia e escuta ativa. accionesedunoise.tumblr.com

Eleonora Oreggia (X-Name)
Artista eletrônica conceitual de Milão, baseada em Londres, faz performance e instalações interativas. Correntemente faz PHD em Arte, Mídia e Tecnologia na Queen Mary University of London. http://xname.cc

Fabiane M. Borges
Doutora em psicologia clínica, pesquisadora de arte, tecnologia e subjetividade, articuladora da rede de tecnoxamanismo.
http://catahistorias.wordpress.com

Fabiano Fonseca
É músico e performer, nascido no interior de Minas Gerais numa cidade sem nome. Aos 12 anos saiu para comprar um picolé e voltou para casa amuado. Não sabia usar o dinheiro. Só conhecia caminhos de rio, canto de pássaro e rastro de cobra. Aos 16 anos, após ver o vilarejo ser destruído pela mineração, mudou-se para Belo Horizonte onde imediatamente encontrou a cena punk e experimental que fervia por ali. Em 2006 lançou seu primeiro disco pela gravadora electroclash alemã Gigolo Records. Anos se passaram em tournês, estudos, viagens, residências artísticas e colaboração com diversos artistas. Atualmente, seu trabalho esta focado no cruzamento entre o corpo, o som e a tecnologia, criando obras imersivas, performances audiovisuais densas, sonoridades brutas e atitudes extremas.

Fernando Gregório
É artista do corpo, das novas mídias, dos rituais e produtor cultural. Graduou-se em Comunicação Social – Habilitação em Midialogia na Unicamp. Trabalha e mora em São Paulo, onde atualmente integra o projeto Terreyro Coreográfico ~ Coisa Coreográfica, com apoio do Fomento à Dança. Está conectado e auxilia na articulação de eventos da Rede do Tecnoxamanismo.

Henrique Masera Lopes
Atua como historiador, músico e produtor cultural na cidade de Natal-RN. Atualmente desenvolve pesquisa de Mestrado em história intitulada “A caminho do planetário: uma história das paisagens sonoras de um nordeste psicodélico (1972-1976)”. Integra os projetos musicais Igapó de Almas e Esquizophanque.

Hilan Bensusan
Filósofo. Escritor. Professor de filosofia na UNB (Universidade Nacional de Brasilia). Pesquisa ontologia, metafísica, animismo e materialidades, especializado em filosofia contemporânea. Atua como performer e faz instalações.
http://anarchai.blogspot.com.br/

Ingrid Tartakowsky López
(Chile) É psicóloga, mestre em psicologia clínica sob orientação analítica na universidade do Chile. Conta com ampla trajetória em instituições hilenas públicas e privadas que trabalham com usuários de drogas que apresentam adicção de alta complexidade. Se especializou em temáticas ligadas a ttratamentos e saúde, com especial ênfase nas linhas de redução de danos, psicoterapia assistida com substancias psicoativas e cannabis medicinal, através de instâncias de formação e conferências relaizadas na Argentina, Brasil, Espanha, Holanda, Alemanha, Inglaterra e EStados Unidos. Tem conhecimento sobre uso ritual de Ayahuasca e outras plantas da floresta através de diversos retiros na Amazônia Peruana. Atualmente se desempenha como Psicóloga Clínica no centro terapêutico vegetalista e de investigação Manto Wasi, e como investigadora associada do International Center for Ethnobotanical Education Research & Service (ICEERS).

Isaac Filho e Juliana de Moraes
Juliana de Moraes é bacharel em Ciências Sociais e mestranda em Extensão Rural e desenvolvimento Local pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.
Tem experiência com agricultura familiar, feira livre e agricultura urbana.
Isaac F. Ferreira Filho é mestrando em Antropologia pela UFPB. Já colaborou em diversos coletivos técnicos e de inclusão digital. Possui interesse de pesquisa em antropologia da técnica e apropriações de tecnologias.

Joana Foster
É uma artista, musicista e doutora pesquisadora no DJCAD, Univesity of Dundee, Escócia. Explora performances sonoras e desenha práticas como processos transformadores que pode inicar conexões entre pessoas, lugares, adaptando em tempo real provocando deslocamento, múltiplas camadas de condições de encontros.
www.dundee.ac.uk/djcad/

Joeser Alvarez
Joeser Alvarez, Rio de Janeiro, 1962. Vive na região fronteiriça da Amazônia e atua pelo desterritório da web ceramista, artivista & technoshamano.

Jonatan Sola
Espanhol que vive no Brasil, em Arraial d'Ajuda. Permacultor, trabalha com agrofloresta, desenvolve programas de salvamento de nascentes de água e desenvolve projetos de bioconstrução com indígenas e comunidades ribeirinhas. https://casadebarropermacultura.wordpress.com/

Jonathan Kemp
Tem uma longa história de hackerismo especulativo e situacional, eventos elaborados a partir da cultura maker e diy. Seus projetos colaborativos incluem performances de processos de materiais, instalações ambientais, simpósios especulativos, eventos de software social executados na Europa e Estados Unidos. Projetos atuais e performances são criadas pelo interesse aleatorio e reconfigurações de códigos da terra, e substratos de materiais computacionais. http://xxn.org.uk/

Kadija de Paula
É artista, cozinheira e digestora de colaborações autônomas e trabalhos invisíveis. Bacharel em Artes Visuais pelo Ontario College of Arts and Design e Mestre em Gestão Cultural e Relações Internacionais pela Schulich School of Business da York University. Foi gestora e mediadora das residencias_en_red [iberoamérica], cofundadora da Agência Transitiva, consultora de Artes Visuais da UNESCO/MinC, e masseira do Ferro & Farinha. Atualmente é chef residente da Cozinha CAPACETE onde faz ativismo alimentar, fermentação natural, e economia informal em colaboração com artistas e organizações locais e internacionais.

Kaloan Meenochite
Artista visual, trabalha com instalação, performance, intervenção urbana, música (ruído). Faz parte de grupos como Keroøàcidu Suäväk, voodoohop, tecnoxamanismo. Faz produções visuais, sonoras e performáticas em vários países.

Laura Plana Gracia
(Barcelona, 1982). Curadora e pesquisadora. Estabelecida em Londres desde 2009. Estudou história da arte e arte e mídia. Interessada em arte eletrônica, arte, ciência e tecnologia e meios digitais. Participante do Hacking Culture, fez parte de muitos eventos internacionais como exibições, oficinas, Fonoteca Nacional do México, MACBA (Museu de Arte Contemporânea de Barcelona), CCBB (Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona), MOTA (Museu de Arte Transitória), ISEA (Simpósio Internacional de Arte Eletrônica). Também desenvolveu trabalhos nos Festivais: ArtFutura, Mutek, Alpha-Ville. Colaborou com os seguintes artistas, entre muitos outros mais: Locus Sonus, Scanner, Roy Ascott, Konrad Becker, Fran Illich, Milo Taylor, Arcangelo Constantini. Tem interesse em diferentes disciplinas como hiighlighting, vídeo-arte, net arte, code arte, software arte e arte sonora. http://netzzz.net/bio/

Laura Sobenes
É fotógrafa, entusiasta da pintura corporal, tatuadora, feminista, toca flauta, tem uma pequena empresa em sua cidade natal São Paulo, gosta de rituais de qualquer tipo.

Leandro Nerefuh (Libidiunga Cardoso)
Artista construtivista tabaréu, petit directeur da Escola Capacete (Rio de Janeiro) e fundador do PPUB - Partido Pela Utopia Brasileira, partido político ativo no Brasil, Paraguay e Uruguay. Através de instalações e exposições, oficinas e performances, esculturas públicas e experiências de agitprop, muitas vezes concebidas para contextos específicos, Libidiunga cria um território ambíguo entre o discurso acadêmico e criação artística. Desde 2009, apresenta trabalhos internacionalmente, em instituições como: 12 Bienal de Havana, Cuba; KunstenFestivaldesArts, Bruxelas; Museu de Arte Moderna, São Paulo; Zacheta Galeria Nacional, Varsóvia; W139, Amsterdam; 30 Bienal de São Paulo; Museu Reina Sofia, Madrid; ICA , Londres. O artista é comercialmente representado pela galeria SOLO SHOWS.

Lechedevirgen Trimegisto (Felipe Osorio)
(Querétaro, Qro.,1991) representante significativo da cena *queer* e pós-pôrno latinoamericana, é um artista visual e de performance focado em temas como as religiões populares, o corpo doente, violência e homofobia. É licenciado em Artes Visuais pela FBA UAQ. Foi beneficiário como artista do Programa de Estímulos a la Creación y Desarrollo Artístico PECDA 2014 e ganhador do Prémio a la Juventud 2015, atualmente cursa a Maestría en Arte Contemporáneo y Cultura Visual e é membro do “Cuerpo en Red” do CONACYT. Suas obras mais relevantes incluem os projetos "Inferno Varieté" e "Campos Del Dolor", apresentando-se na Espanha, Inglaterra, Escócia, Itália, Estados Unidos e México.

Luisa Hervé
Atua no Design como uma ferramenta de transformação e transmissão de conhecimento. Como Artista Visual busca canalizar imagens recebidas em conexões espirituais e estágios alterados de consciência.

Luiza Só
Natural de Porto Alegre, nômade estradeira pesquisadora proseadora amadora xamona lésbica. Articuladora de tecnologias de conhecimento livre, passeando por autonomia, autodidatismo, auto gestão e redes de florescimentos mútuos.

Maíra das Neves
É artista e mestranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade - PUC-Rio. Cursou o Aprofundamento na EAV/Parque Lage - RJ e Universidade de Verão – RJ. Participou de diversas residências artísticas, tais como Bolsa Pampulha – BH, CAPACETE – RJ, ZK/U – Berlim e Lastro – Guatemala, e realizou diversas exposições individuais e coletivas.”

Mandrágora (José Luis Jácome Guerrero e Diego Morales Oñate)
José Luis Jácome Guerrero (Equador 1972). Músico e Artista Visual, tem feito oficinas, falas e apresentado seus projetos em eventos profissionais como BAFIM (Boenos Aires), Circulart (Medellín), Quito em Zaragoza, Renascimento Equatoriano (NYC), Lablatino (Lapaz), LabSurlab (Quito), Rock al Parque (Bogotá, Altavoz (Medellín, Quitofest (Quito e em várias instituições educativas e festivais. É o fundador e diretor criativo do Central Dogma, uma organização de base equatoriana, de ação cultural

360 graus com mais de 10 anos de experiência. Membro fundador da Associação para o Desenvolvimento da Música independente da Iberoamérica (ADMIMI). Membro fundador da Rede de Coletivos Culturais de Tungurahua. Membro Fundador da Rede de Festivais Independentes de Equador (REFMI). Correpsonsável da revista espanhola “Zona de Obras”, Membro da Fundação Arte y Cultura. Assessor de vários projetos culturais.
Diego Morales Oñate. Advogado, docente, investigador, assessor, consultor independente, conta com estúdios de desenho, gestão e avaliação de projetos e é um mestre em propriedade intelectual. Membro do Coletivo Central Dogma. Suas linhas de interesses e investigação estão ligadas ao cohecimento livre, as redes, os saberes ancestrais, a tecnologia, o desenvolvimento normativo e a construção de políticas públicas.

Marcelo Braz (MBraz)
Aprendiz de pajelança. Fiel as avó/bisavó vindas de um aldeamento indígena existente no passado no interior de São Paulo. Tecnólogo, deriva à Educação Libertária e Comunitária. Ente, vivente, sobrevivente pela Terra; luta pela Vida, por Nhamandu e Gaia dançando ativamente pelo Cosmos.

Marcelo Gandhi
1975, Natal \ RN Vive e trabalha em São Paulo. Graduado em artes plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande, UFM. Atua nas aéreas de performance, desenho e música experimental, participou do projeto Rumos Itaú Cultural, do Viewprogram Drawing Center, USA \ Bienal Deformes (corpo colonizado) Chile \ Festival Zona de Arte Nacciom, Argentina\ Jogos de Guerra, Rio de Janeiro \ Landscape Body, Suécia \ Encontro Internacional de Performance, Chile \ Festival Extra, Cidade do México \ Acciones AL Margem, Colômbia.

Marcio Junqueira
Professor de literatura na UNEB, escritor, poeta, vive em Arraial d'Ajuda, Sul da Bahia.

Martin Howse
Programador, escritor, performer e explorador, Martin Howse fundou o AP Project em 1998 para implementar uma verdadeira operação sistêmica artística no seu mais expansivo senso. De 2007 a 2009 organizou oficinas regulares, micro-residências, e séries de salão em Berlim, mais recentemente organiza as micro-pesquisas.
As micro-pesquisas são plataformas móveis de pesquisas psicogeofísicas que ocorrem em Berlim, Londres, Pennemunde e Kiruna.
www.1010.co.uk

Morgana Gomes
Morgana Poiesis, mulher, taurina com ascendente em virgem, lua em peixes e vênus em gêmeos, comunicóloca, artista, gestora cultural e pesquisadora nômade, sonhadora do sertão infinito. http://escritasemarte.blogspot.com / http://www2.uesb.br/cultura/ / http://www2.uesb.br/cultura/?page_id=32

Nubia Abe
Possui graduação em Publicidade e Propaganda pela Universidade do Vale do Itajaí (2008) e pós-graduação em Fotografia pela mesma universidade (2010). Possui experiência em planejamento e criação publicitária, design gráfico, webdesign, fotografia e artes visuais, prestando serviços como autônoma nessas áreas.

Pablo de Soto
Pablo de Soto é mestre em arquitetura pela Real Instituto de Tecnologia de Estocolmo e doutorando no programa Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Editor dos livros Fadaiat: libertad de movimiento, libertad de conocimiento, e Situation Room: diseñando un prototipo de sala de situación ciudadana. Coordena os projetos dronehackademy.net e mappingthecommons.net. Na primera década dos 2000 foi cofundador de hackitectura.net.

Paloma Klisys
É escritora, poeta, ser criativo translinguagens, pesquisadora transdisciplinar. Livre-pensadora, Inter_inventora INTERDEPENDENTE Art-comunicadora. Intercessora cultural... seja onde for.

Paola Barreto
(Rio de Janeiro, 1971) Artista audiovisual e pesquisadora. Graduada em Cinema (UFF) e Mestre em Tecnologia e Estéticas (PPGCOM/ UFRJ), atualmente Doutoranda em Poéticas Interdisciplinares (PPGAV/ UFRJ). Através de uma produção prática e teórica que transita por circuitos de vídeo eletrônicos e digitais, sistemas híbridos e processos de autoria coletiva, seus trabalhos desdobram- se entre filmes, instalações e performances, explorando através da materialidade dos suportes as relações entre corpo, cidade e imagem. http://paoleb.net

Pedro Diaz
Entre pesquisas na área de Ciência da Informação, geopolítica e vigilância, o artista-pesquisador vem trabalhando performances experimentais sonoras e instalações visuais a partir de culturas minoritárias e imagens de arquivo. A potência molecular perante os delírios explosivos da modernidade.

Pedro Victor Brandão
É artista visual formado na Escola de Artes Visuais do Parque Lage e na Universidade Estácio de Sá. Desenvolve séries de trabalhos considerando diferentes paisagens políticas em pesquisas sobre economia, direito à cidade, cibernética social e a atual natureza manipulável da imagem técnica. Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Peetssa
Bioconstrutor, pesquisador de energias sustentáveis, artista visual. Membro do coletivo Contra-filé. Desenvolve projetos de criação de escolas de bambu em vários localidades como Amazônia e África.

Philippe Wollney
Philippe Wollney é um poeta contemporâneo brasileiro, nascido na cidade de Goiana, Pernambuco, em 1987. Tem poemas publicados em antologias como Antologia Poética Goiana Revisitada (Silêncio Interrompido, 2012) e Cem Poetas Sem Livros (2009), assim como na revista Musa Rara.

Pilas Machine
É livre artista, formou-se em artes cênica e filosofia. Performer e vídeo-artista. Atualmente se dedica à pesquisa do xamanismo e questões do queer. Ciberativista. Ativista. Pesquisador.

Quimera Rosa
ES-FR-AR. Nosso trabalho é baseado na desconstrução de identidades de sexo/gênero e também na interação de corpo/máquina/meio ambiente. Fundado na metáfora do ciborgue elaborado por Donna Haraway, nossas performances apresentam seres híbridos, quimeras, onde a produção da subjetividade é o resultado da incorporação protética. Cientes das práticas feministas e queers, nós fazemos dos corpos uma intervenção públcia, quebrando os limites entre o público e o privado. Nos últimos três anos temos ampliado esse trabalho, fazendo design de próteses eletrônicas que tem interesse sensorial e questiona nossos mecanismos perceptivos. http://quimerarosa.net/

Rafael Frazão
É graduado em Imagem e Som pela Universidade Federal de São Carlos, desenvolve conteúdos audiovisuais em múltiplas linguagens atuando principalmente na prática e formação em cinema expandido e live cinema. Sua pesquisa gira em torno do cinema de ficção cosmopolítico e da desprogramação do imaginário colonial. http://filmesparabailar.com/

Raisa Inocêncio
É cearense, estudou Filosofia na UFRJ e artes visuais na escola Parque Lage. Seus trabalhos envolvem performance e ocupação cultural, com foco no ativismo político e no engajamento erótico (redes como o pós-pornô e o tecnoxamanismo). Atualmente se prepara para a realização do mestrado Europhilosophie Erasmus Mundus.

Ryan Jordan
Trabalha com a exploração potente de processos e sistemas funcionais em tecnologia, mecanismos de percepção humana e fenômenos ambientais afim de torná-los conscientes na realidade. http://ryanjordan.org/

Sonja Van Kerkhoff
Nasceu em Taranaki, Aotearoa / Nova Zelândia em 1960 de um pai imigrante holandês e de uma mãe da 4º geração escocesa da nova zelândia. Mudou-se para Holanda em 1989, depois de diplomar-se em Artes Plásticas (Dunedin). Completou mestrado em Artes Visuais (Maastricht) em 1993 e mestrado em Ciência da Computação (Leiden) em 2008. Trabalha em diversas mídias que vão desde projeções interativas até performances. Veja: www.sonjavank.com

Sue Nhamandu
Pornôklasta é filósofa com estudos voltados para teatro , gênero, estruturalismo na modernidade tardia, é pos pornotéorica e prática atuando como performer, pedagoga e ativista; atualmente sua menina dos olhos é a rede do tecnoxamanismo onde chegou pela orientação de Fabiane M. Borges. Foi aluna de Jaci Correia Maraschin, Gabriele Cornele, Jose Celso Martinez Correia e Gerald Thomas e hoje é pesquisadora da rede COLABOR do professor Artur Matuck e coloboradora da RIVISTA DI SCIENZE SOCIALI a convite do professor Massimo Canevacci.

Tiago Fioravante
É jornalista, pesquisa sobre infância, gênero, sexualidade e mais recentemente, práticas xamânicas e indigenismo relacionados à Teoria Queer. Está interessado em pensar o mundo através da desconstrução e em novas formas de existir.

unMonastery (Kei Kreutler e Bembo Davies)
No seu atual estado envolve pesquisa e desenvolvimento dentro de modelos monásticos. Procura transportar redes de ativistas especializados e catalisadores dentro do modo de vida cooperativo e ambientes comuns, com comunidades locais. Reconhece que para adquirir a resiliência necessaria para construir institutições de longa duração capazes de bater de frente o tempo pela frente, muitos de nós parecem requerer sistemáticos programas de incivilização http://unmonastery.org/
Bembo Davies é um artista de teatro itinerante que certa vez desembarcou na Noruega. Seu trabalho de escrivão da casa no unMonastery envolve tentar criar armadilhas para prender seus companheiros participantes nas ramificações mais profundas do seu ser em conjunto; às vezes isso é chamado: Almas em um cenário.
Kei Kreutler é às vezes artista, a maioria das vezes desenvolvedora de web e ocasionalmente escritora, nos momentos de transição. Ela está sempre a procura de interruptores, e contribui com o unMonastery, tecnologias espaciais civis e iniciativas de infroestruturas comunitárias.

Valentina Montero Peña
(Chile) Jornalista, graduada em estética, mestre em curadoria em novas mídias e doutora pela universidade de Barcelona no programa de Estudos Avançados em Produções Artísticas, linha: imagem digital. Trabalhou como investigadora e curadora em arte contemporânea, especializada em mídia arte e fotografia pela MECAD (ES), Beinal de Artes e Mídia de Santiago (CL), Museu Nacional de Belas Artes e seu projeto “Museu sem Muros”, Bienal Internacional de Videoakt (ES), Drap-Art (ES), Loop (ES), Mediateca Caixa Forum (ES), entre outros. Desempenha papel de docente em diversas universidades. Suas investigações giram em torno de arte, tecnologia e sociedade. Apresentou conferencias em congressos e simpósios como Media Art Histories em Liverpool, File em São Paulo, Artech em Algarve, etc. É editora da revista Atlas Imaginários Visuais e diretora do projeto PAM, Plataforma Arte e Medios.

Vicenzo Tozzi (Rede Mocambos)
Nartisan (network-artesão), pesquisador e articulador. Trabalha, há mais de uma década com a Casa de Cultura Tainã e a Rede Mocambos no Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento Digital, fundado no histórico Mercado Sul de Taguatinga onde

também participa da ocupação cultural, da Eco Feira e da Rádio Mercado Sul. http://wiki.mocambos.net/wiki/NPDD.

Victor Venas (Genilson Silva)
Tem formação nas áreas de quimica, teologia e arte, fato que reflete sua prática de vida onde a racionalidade, a mística e a sensibilidade formam um corpo único que trasita entre imanências e transcendências tanto nos seus trabalhos artisticos, como na sua prática enquanto arte-educador.

Vlax Dyne (Vladimir Flores-Garcia)
(México, 1974) É artista audiovisual e arquivista baseado em Oaxaca. Colabora como produtor radiofônico e educador em tecnologias de informação. Como membro da fundação Dyne.org promove o software livre e a liberdade de expressão e pensamento crítico. http://vlax.dyne.org

Wonjung Shin
Diana Band é uma dupla de artistas interdisciplinares, estabelecida em 2010 e atualmente baseada em Seul. Elas exploram o campo do do design de objetos e a *media art,* afim de encontrar o momento imaginário da situação cotidiana. Acreditam que "objetos sensíveis" (seu trabalho autoral) criam narrativas ambientais ou eventos e convidam as pessoas a encontrar o senso comum e universal da linguagem. Diana Band participou de trabalhos internacionais na Alemanha, Holanda, Espanha, Turquia e Coréia do Sul. Seus projetos teve suporte do Museu Nacional de Arte Moderna e Contemporânea, Coréia - 2015; Arco Performing Arts Center (2015); Korea Craft & Design Foundation (2014); Zuiderzee Museum (2012); MEM Experimental Arts International Festival (2011). http://www.dianaband.info/

Yasodara Cordova
Designer Industrial e desenvolve intersecção entre design, política, ciência e internet. Gosta de imaginar soluções para problemas que são consequências de ilusões da concentração do poder. Ela cofundou o Calango Hackerspace, é membra do Coding Rights Collaborative Concil e membra do Open Knoledge Brazil Advesory Council.

BIBLIOGRAFIA

ANTROPOCENO, CAPITALOCENO, CHTHULUCENO, VIVENDO COM O PROBLEMA EM FUKUSHIMA

BAVERSTOCK, Keith. "2013 UNSCEAR Report on Fukushima: A Critical Appraisal" [video]. Disponivel em: <https://www.youtube.com/watch?v=VoBLa2K7_6Y>. Acesso em: 30 mar. 2016.

BIRD, Winifred; BRAXTON, Jane. A tale of two forests. Addressing Postnuclear Radiation at Chernobyl and Fukushima. Enviromental Health Perspectives, v. 121, n. 3, 2013.

BONNEUIL, Christophe; FRESSOZ, Jean-Baptiste. The Shock of the Anthropocene: The Earth, History and Us. New York: Verso, 2016.

BOROZDIN, Konstantin et al. Cosmic Ray Radiography of the Damaged Cores of the Fukushima Reactors. Physical Review Letters, v. 109, n. 15, 2012.

BROWN, Kate. Plutopia: Nuclear Families, Atomic Cities, and the Great Soviet and American Plutonium Disasters. Oxford University Press, 2015.

BÜRKNER, Daniel. Blanks: Visualizing Nuclear Catastrophes. Issue 02 : Dénoue...ment (on catastrophies). 2012.

CALDICOTT, Helen (Org.). Crisis Without End: The Medical and Ecological Consequences of the Fukushima Nuclear Catastrophe. New York: The New Press, 2014.

CRUTZEN, Paul J. Geology of mankind. Nature, v. 415, n. 6867, p. 23–23. 2002.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Há mundo por vir?: ensaio sobre os medos e o fins. Florianópolis : São Paulo: Cultura e Barbárie; Instituto Socioambiental, 2014.

DAVIS, Heather; TURPIN, Etienne. Art in the Anthropocene: Encounters Among Aesthetics, Politics, Environments and Epistemologies. London: Open Humanities Press, 2015.

FIELD, Norma. From Stagg Field to Fukushima: A History of Nuclear Power [video]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P4SkWJmISUk>. Acesso em: 17 dez. 2015.

FUKUSHIMA BOOKLET PUBLICATION COMMITTEE. 10 Lessons from Fukushima. Reducing risks Lessons. [Tokyo]: Apollo-sha co., 2015. Disponível em: <http://fukushimalessons.jp>. Acesso em: 25 abr. 2016.

GUNDERSSEN, Arnie. The Fukushima Daiichi Disaster In Comparison To Chernobyl, Fairewinds Energy Education. Disponível em: <http://www.fairewinds.org/nuclear-energy-education/arnie-gundersen-presents-the-fukushima-daiichi-disaster-in-comparison-to-chernobyl-in-vancouver-canada>. Acesso em: 27 abr. 2016.

HARAWAY, Donna; ISHIKAWA, Noboru; SCOTT, Gilbert; OLWIG, Kenneth; TSING, Anna L.; BUBANDT, Nils. Anthropologists Are Talking – About the Anthropocene. Ethnos, p. 1–30. 2015.

HARAWAY, Donna. Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: Making Kin. Environmental Humanities, v. 6, 1. 2015.

HARAWAY, Donna. Anthropocene, Capitalocene, Chthulucene: Staying with the Trouble, 5/9/14. [video]. Disponivel em: <http://vimeo.com/97663518>. Acesso em: 15 jul. 2014.

HARAWAY, Donna. Staying with the Trouble: Sympoiesis, String Figures, Multispecies Muddles. Paper for Isabelle Stengers. Cerisy 2013, Gestes Spéculatifs. 2014.

HARAWAY, Donna. SF, Speculative Fabulation and String Figures: 100 Notes, 100 Thoughts: Documenta Series 033. Bilingual edition ed. Ostfildern: Hatje Cantz, 2012.

HARAWAY, Donna. Entrevista por Juliana Fausto, Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski para o Colóquio Internacional Os Mil Nomes de Gaia [video]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1x0oxUHOlA8>. Acesso em: 27 abr. 2016.

HIROSE, Takashi. Fukushima Meltdown: The World's First Earthquake-Tsunami-Nuclear Disaster. United States: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2012.

IPCC (INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE). Climate Change 2014 Synthesis Report Fifth Assessment Report, 2014.

KOHSO, Sabu. Radiation and Revolution. Borderlands, v. 11, n. 2, 2012.

KOHSO, Sabu. Constellations of the Fukushima Problematic: Socialization, Capitalism, and Struggle. boundary 2, v. 42, n. 3, p. 37–54, 2015.

LESER, Julia; SEIDEL, Clarissa. Radioactivists: Protest in Japan Since Fukushima [video]. 2011.

LISCUTIN. Indignez-Vous! "Fukushima" New Media and Anti-Nuclear Activism in Japan. The Asia-Pacific Journal, v. 9, n. 47, 2011.

TSING, Anna. HARAWAY, Donna. "Tunneling in the Chthulucene" [video]. Disponivel em: <https://www.youtube.com/watch?v=FkZSh8Wb-t8>. Acesso em: 30 mar. 2016.

MADSEN, Michael. Into Eternity: A Film for the Future [video]. 2010.

MARDER, Michael; TONDEUR, Anaïs. The Chernobyl Herbarium: Fragments of an Exploded Consciousness. London: Open Humanites Press, 2016.

MOORE, Jason W. Capitalism in the Web of Life: Ecology and the Accumulation of Capital. New York: Verso, 2015.

MURAKAMI, Takashi. Jellyfish Eyes [video]. 2014.

NANCY, Jean-Luc. After Fukushima: The Equivalence of Catastrophes. Tradução Charlotte Mandell. New York: Fordham University Press, 2014.
ROULET, Daniel De et al. Fukushima mon amour. Brooklyn, NY: Autonomedia, 2011.
SCHUPPLI, Sussan. The Most Dangerous Film in the World. Tickle Your Catastrophe! Imagining Catastrophe in Art, Architecture and Philosophy. 2011.
STENGERS, Isabelle. In Catastrophic Times. London, Lüneburg: Open Humanities Press / meson press, 2015.
SWANSON, Heather Anne; BUBANDT, Nils; TSING, Anna. Less Than One But More Than Many: Anthropocene as Science Fiction and Scholarship-in-the-Making. Environment and Society: Advances in Research, v. 6, n. 1, p. 149–166. 2015.
TAKAHASHI, Satsuki et al. To See Once More the Stars, Living in a Post-Fukushima World. Santa Cruz, California: New Pacific Press, 2014.
VIRILIO, Paul. Unknown Quantity. London ; New York : Paris: Thames & Hudson, 2003.
VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; FAUSTO, Juliana. Comentários a entrevista de Donna Haraway. Os Mil Nomes de Gaia [video]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qg0oyW9-rA0>. Acesso em: 16 abr. 2016.
VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Diálogos sobre o fim do mundo. Entrevista de Eliane Braum em EL PAÍS, 29/04/2014. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/29/opinion/1412000283_365191.html>. Acesso em: 27 abr. 2016.
YABLOKOV, Alexey; NESTERENKO, Vassily; NESTERENKO, Alexei; SHERMAN, Janette (Org.). Chernobyl: Consequences of the Catastrophe for People and the Environment. 1 edition ed. Boston, Mass: Wiley-Blackwell, 2010.
WATANABE, Kenichi. Le monde après Fukushima [video]: ARTE França. 2013.
ZALASIEWICZ, Jan et al. The Anthropocene: a new epoch of geological time? Philosophical Transactions of the Royal Society A: Mathematical, Physical and Engineering Sciences, v. 369, n. 1938, p. 835–841, 2011.

TECNOXAMANISMO – ANTROPOFAGIA DA TÉCNICA

Artigos, entrevistas e dissertações

BLOK, Anders. JENSEN, Casper Bruun. Techno-animism in Japan: Shinto Cosmograms, Actor-network Theory, and the Enabling Powers of Non-human Agencies. Paper apresentado no '4S Annual Meeting - Society for Social Studies of Science', Universidade de Tokyo, Japão, 2013. Disponível em: <http://citation.allacademic.com/meta/p420934_index.html>
BORGES; Fabiane; MELO, Camila. Tecnoxamanismo. Junho de 2012. Disponível em: <http://catahistorias.files.wordpress.com/2012/07/nanopolitics-texto23.pdf>
FERRAZ, Icaro. Encantamento é acaso descolonizado. Acessado em 1 de setembro de 2014. Disponível em: <http://www.academia.edu/8974123/Encantamento_%C3%A9_acaso_descolonizado>
GELL, Alfred. Technology and Magic. Anthropology Today, Vol 4, No 2. Abril de 1988. Acessado em 1 de setembro de 2014. Disponível em: <http://www.nyu.edu/classes/bkg/objects/gell1.pdf>
LAGNADO, Lisette. O malabarista e a gambiarra. Acessado em 1 de setembro de 2014. Disponível em: <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/1693,1.shl>
MAFESSOLI, Michel. Maffesoli e a feminização do mundo. Jornal Zero Hora, 27 de junho de 2009. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2009/06/maffesoli-e-a-feminizacao-do-mundo-2559403.html >
PINHEIRO, Eduardo. Ciberxamanismo. Acessado em 10 de outubro de 2014. Disponível em: <http://root.ps/download/tecnomagxs/Pinheiro_Ciberxamanismo.pdf>
PRECIADO, Beatriz. O feminismo não é um humanismo. Jornal O Povo, novembro de 2014. Acessado em 25 de novembro de 2014. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/colunas/filosofiapop/2014/11/24/noticiasfilosofiapop,3352134/o-feminismo-nao-e-um-humanismo.shtml>
SUSCA, Vincenzo. Technomagie: La nature de la mutation anthropologique. In: LOGOS 29 – Tecnologias e Sociedades, Ano 16, 2 semestro, 2008. Disponível em: <http://www.logos.uerj.br/PDFS/29/04%20VicenzoSusca.pdf>

Livros

ANDRADE, Oswald. Do Pau Brasil à antropofagia e às utopias – Manifestos, teses de concurso e ensaios. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1972.
BARBROOK, Richard. Futuros Imaginários – Das máquinas pensantes à aldeia global. São Paulo: Editora Peirópolis, 2009.
BELISÁRIO, Adriano (Org.) Tecnomagia. Rio de Janeiro: I-Motirõ, 2014. Acessado em: 10 de setembro de 2014. Disponível em: http://copyfight.me/Acervo/livros/tecnomagia.pdf
DAVIS, Erik. Techgnosis – Myth, Magic and Mysticism in the age of information. New York: Harmony Books, 1999
MACIEL, Luiz Carlos. CHAVES, Angela. Geração em transe: memórias do tempo do tropicalismo. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1996.
NOVAES, Thiago. Tecnomagia: metareciclagem e rádios livres no front de uma guerra ontológica. In: BELISÁRIO, Adriano (Org.) Tecnomagia. Rio de Janeiro: I-Motirõ, 2014. Acessado em: 10 de setembro de 2014. Disponível em: http://copyfight.me/Acervo/livros/tecnomagia.pdf
PASQUINELLI, Matteo. A ideologia da culutra livre e a gramática da sabotagem. In: BELISÁRIO, Adriano; TARIN, Bruno (Org.) :(){ Copyfight :I: Pirataria & Cultura Livre };:. Editora Azougue, 2012
PEIXOTO, PEDRO. O Xamã e as máquinas: sobre algumas técnicas contemporâneas do êxtase. In: BELISÁRIO, Adriano (Org.) Tecnomagia. Rio de Janeiro: I-Motirõ, 2014. Acessado em: 10 de setembro de 2014. Disponível em: http://copyfight.me/Acervo/livros/tecnomagia.pdf
ROSAS, Ricardo; VASCONCELOS, Giseli. Net_cultura 1.0: digitofagia. São Paulo, Radical Livros, 2006. Disponível em: http://publicacoes.midiatatica.info/netcultura_digitofagia.pdf
ROSAS, Ricardo. Gambiarra - ALGUNS PONTOS PARA SE PENSAR UMA TECNOLOGIA RECOMBINANTE. Acessado em: 10 de setembro de 2014. Disponível em: http://www2.sescsp.org.br/sesc/videobrasil/up/arquivos/200611/20061117_160212_CadernoVB02_p.36-53_P.pdf
RUFINELLI, Jorge; ROCHA, João Cezar de Castro. Antropofagia hoje? - Oswald de Andrade em cena. Editora Realizações: São Paulo, 2011.

VIVEIROS, Eduardo. ARAWETÉ: Os deuses canibais. Zahar: Rio de Janeiro, 1986.
_____. A inconstância da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia. Editora Cosac Naify, 2002.

TECNOXAMANISMO - Pilantröpóv

Albums : https://kimusorecords.bandcamp.com/album/patax
https://kimusorecords.bandcamp.com/album/k-r- ska
https://kimusorecords.bandcamp.com/album/tcnxmnsm
Vídeo : https://vimeo.com/101580752

XAMANISMO: CORPO E PLANTAS DE PODER

BARBOSA, C. M. Corpo, arte e memória: os desígnios do tempo. In: FARIAS, F. R. (org.). Apontamentos em Memória Social. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.
BERGSON, H. A memória ou os graus coexistentes da duração. In: _____. Memória e vida. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 47-93.
CAMPOS, C. Corpo/memória Guarani: ambiente de afetos e afecções. In: FARIAS, F. R. (org.). Apontamentos em Memória Social. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.
CAPRA, Fritjof. O Tao da física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental. São Paulo: Cultrix, 1995.
CASTRO, Eduardo Viveiros. A inconstância da alma selvagem. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
CASTRO, Eduardo Viveiros. Un corps fait de regards. In: BRETON, S. (org.) Qu'est-ce qu'un corps? Paris: Flammarion, 2006.
CASTRO, E. V. e GOLDMAN, M. O que pretendemos é desenvolver conexões transversais. In: SZTUTMAN, R. (org.) Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.
CUNHA, Edgar Teodoro. "Índio imaginado: cinema, identidade e auto-imagem". In: Cadernos de Antropologia e Imagem. Rio de Janeiro. 12 (1): 39-50, 2001.
DAMAS, Vandimar Marques. "Eu já me tornei imagem": Vídeo etnográfico e as múltiplas relações com o xamanismo - 10-15-2011. Revista Universitária do Audiovisual - http://www.ufscar.br/rua/site/?p=7629 acessado em: 12/12/2011.
ELIADE, Mircea. El chamanismo y las técnicas arcaicas del éxtasis. México: FCE, 1976.
FARIAS, F. R. Carne, pele e corpo desencantado: o desvelar do objeto "a" na Body Art. Tempo Psicanalítico. v. 40, nº 1. P.48 – 51, 2008.
GALLOIS, Dominique T.; CARELLI, Vincent. "Vídeo nas aldeias: a experiência Waiãpi". In: Revista Horizontes Antropológicos – Antropologia Visual. Ano 1, Número 2, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, 1995.
GONDAR, Jô.: Quatro Proposições sobre Memória Social, in: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. O que é memória social, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.
GOULART, Sandra Lucia. Contrastes e continuidades em uma tradição Amazônica: as religiões da Ayahuasca. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP : [s. n.], 2004.
LABATE, Beatriz Caiuby. A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP : [s. n.], 2000.
LATOUR, Bruno. "'Não Congelarás a Imagem', ou: Como Não Desentender o Debate Ciência- Religião". Mana. Estudos de Antropologia Social 10 (2): 349-376, 2004.
LÉVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem. Campinas: Papirus, 1989.
LUZ, Pedro Fernandes Leite da. Estudo Comparativo dos Complexos Ritual e Simbólico Associados ao Uso da Banisteripsis Caapi e espécies congêneres em tribos de língua Pano, Arawak, Tucano e Maku do Noroeste Amazônico. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.
MUSSA, Alberto. Meu destino é ser onça. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.
NARBY, Jeremy. The cosmic serpent; DNA and the origins of knowledge. New York: Penguin Putnam, 1998.
NOVAES, Sylvia Caiuby. Corpo, Imagem e Memória. In: Mammi, Lorenzo e Schwarcz, Lilia (Orgs). 8.X Fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008: 113-131.
PINTO, Alejandra Aguilar. "A patrimonialização da memória social: uma forma de domesticação política das memórias dissidentes ou indígenas?" In: Ciências Sociais Unisinos 47(3): 273-283, setembro/dezembro 2011.
SZABÓN, J. . Nietzsche en Francia y otros estudios de historia intelectual. Buenos Aires, Universidad de Quilmes, 2010.
TURCKE, C. Sociedade excitada. Campinas: Unicamp, 2010.
VILLAÇA, Aparecida. "O que significa tornar-se outro? Xamanismo e contato interétnico na Amazônia". In. Revista Brasileira de Ciências Sociais. 15, n° 44. 2000, p. 56-72.

Filmografia

DMT – La molécula espiritual http://www.youtube.com/watch?v=C0cCyYfYtlk&feature=fvsr
Os Cantos do Cipó http://www.youtube.com/watch?v=1ATQlwzK3-I
Ayahuasca, La Serpiente y Yo http://www.youtube.com/watch?v=NkSed7gbJ4I&feature=related

Artigos

Cultura xamânica e sabedoria ancestral – Rogério Favilla (pdf.). In: hhtp://www.aguiadourada.com

COSMOGONIA SONORA

Axelos, Kostas. "Horizontes do Mundo", 1983. Tradução de Lígia Maria Pondé Vassalo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Ed. UFC, 1983.
Deleuze, Gilles. "Diferença e Repetição". Tradução revista de Luiz Orlandi e RobertoMachado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
Guatarri, Feliz. "Caosmose". Ed. 34, Rio de Janeiro, 1992.
Lapoujade, David. "Potências do Tempo". São Paulo, Ed. N-1, 2013.

Lilly, Jon C. “Programming and Metoprogramming in the Human Biocoomputer”, 1968.
PARENTE, André (org); “Imagem-Máquina: a era das tecnologias do virtual”. Rio de Janeiro: Editora 34; 1993
PELBART, Peter Pál. “O Avesso do Niilismo: Cartografias do Esgotamento”. São Paulo, N-1 Edições, 2013.
Simondon, Gilbert. “L’Individu et sa Genèse Physicobiologique”. Paris: PUF, 1964.
Bailly, A. Dictionnaire Grec Français. Paris: Hachette, 1950.
Wilson, Robert Anton. “Sex, Drugs & Magic”. Nevada, USA, New Falcon Publications, 1987.
Wisnik, José Miguel. “O som e o Sentido”. São Paulo, Cia das Letras, 1989.

O MUNDO CRISTALIZADO

Ballard, James, G. The Crystal World. London: Fourth Estate, (1966), 2011.
Barad, Karen. 2003. “Posthumanist Performativity: Toward an Understanding of How Matter Comes to Matter”, Signs: Journal of Women in Culture and Society, 28, no. 3.
--- ---. 2007. Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning. Durham: Duke University Press.
Bennett, Jane. Vibrant Matter. Durham, NC: Duke University Press, 2010.
Crosse, Andrew and Caroline Crosse. 1857. Memorials, Scientific and Literary of Andrew Crosse, The Electrician. London: Longman.
Emerson, Ralph Waldo. Swedenborg; or, the Mystic, Representative Men: Seven Lectures, Boston: Phillips, Sampson and Company, 1850, p.133.
Feynman, Richard. Lectures on Computation. Edited by Anthony J.G. Hey & Robert W. Allen. London: Penguin, 1984.
Fuller, Matthew. 2003. Behind the Blip: Software as Culture. New York: Autonomedia.
Huhtamo Erkki and Jussi Parikka, eds. 2011. Media Archaeology: Approaches, Applications and Implications. University of California Press, Berkeley.
Kemp, Jonathan, 2012a. The Crystal World project text http://crystal.xxn.org.uk/wiki/doku.php
--- ---. ed. 2012b. The Crystal World Reader v.01.
http://crystal.xxn.org.uk/wiki/doku.php?%20id=the_crystal_world:ctm12:reader
Parikka, Jussi. 2009. “Apparatus Theory of media à la (or in the wake of) Karen Barad”. Machinlology (blog),
http://jussiparikka.net/2009/07/16/apparatus-theory-of-media-a-la-or-in-the-wake-of-karen-barad/
Seymour, Benedict. 2011. “Short Circuits: Finance, Feedback and Culture”, Mute,
http://www.metamute.org/editorial/articles/short-circuits-finance-feedback-and-culture

PARA REFLETIR O CONHECIMENTO LIVRE E PROPRIETÁRIO: DO CÓDIGO ÀS SEMENTES

ESCOLA DA MATA ATLÂNTICA. Disponível em: <http://escoladamataatlant.wix.com/escoladamata#!proj-agroecologia/c21u3>. Acesso: 23 nov. 2014.
GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade /Anthony Giddens; tradução de Raul Fiker. São Paulo, Editora UNESP, 1995.
SHIVA, Vandana. Monoculturas da Mente: Perspectivas da Biodiversidade e da Biotecnologia. São Paulo, Ed. Gaia. 2003.
SAUER, Sergio. Terra e Modernidade: A reinvenção do campo brasileiro. São Paulo. Expressão Popular. 2010.

TECNOLOGIA E A PESTE

Artaud, A. (1970) The Theatre and its Double. (Victor Corti, Trans). London:John Calder
Baillie, M. G. L. (2006). New light on the Black Death: The cosmic connection. Stroud: Tempus.
Barthes, R., & Miller, R. (1976). Sade, Fourier, Loyola. New York: Hill and Wang.
Benedictow, O. J. (2004). The Black Death, 1346-1353: The complete history. Woodbridge, Suffolk, UK: Boydell Press.
Defoe, D., & In Secord, A. W. (1935). A journal of the plague year and other pieces. Garden City, N.Y: Doubleday, Doran & Co.
Descartes, R., Cottingham, J., Stoothoff, R., & Murdoch, D. (1984). The philosophical writings of Descartes. Cambridge: Cambridge University Press.
Dick, P. K., & Sutin, L. (1995). The shifting realities of Philip K. Dick: Selected literary and philosophical writings. New York: Vintage Books.
Heidegger, M. (1977). The question concerning technology: And other essays. New York: Garland.
Hoyle, F., & Wickramasinghe, N. C. (1996). Our place in the cosmos: The unfinished revolution. London: Phoenix.
Horrox, R. (1994). The Black death. Manchester: Manchester University Press.
Kafka, F. (1969). The penal colony: Stories and short pieces. New York:Schocken Bks.
Kittler, F. (1993) Draculas Vermächtnis. Technische Schriften. Leipzig: Reclam.
Metzger, G. (1997). Gustav Metzger: Damaged nature, auto-destructive art. London: coracle @ workfortheeyetodo.
Persinger, M. A. (1974). The paranormal. New York: MSS Information Corp.
Pynchon, T. (1973). Gravity's rainbow. New York: Viking Press.
Stoker, B. (1993). Dracula. Ware: Wordsworth Editions.
Torvalds, L (2005). /usr/src/linux-source-2.6.26/fs/pipe.c. Linux kernel source code.
Ziegler, P. (1970). The Black Death. Harmondsworth: Penguin.

NOTAS VISÍVEIS SOBRE O INVISÍVEL

Ciência sem Dogmas - Sheldrake
Muito Além do Nosso eu - Nicolelis
A experiência do espaço na física contemporânea - Bachelard
Manifesto Contrassexual - Paul B. Preciado

Problemas de gênero - J Butler
A vida secreta das plantas - Peter Tompkins e Christopher Bird
Ataris Vort no Planeta Megga: Jornada Para Alpha Centauri - Artur Matuck
http://revistageni.org/10/tecnoxamanismos-etc/
Prolegômenos para um possível Tecnoxamanismo Por Fabiane M.Borges
As palavras e as Coisas – Foucault
http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/noticia/2011/11/martin-lindstrom-pessoas-ja-abriram-mao-da-privacidade.html
http://www.smithsonianmag.com/ist/?next=/science-nature/linking-multiple-minds-could-help-damaged-brains-heal-180955965/
https://geraldthomasblog.wordpress.com/2015/11/21/deliriums-at-dawn/
A lógica do consumo: verdades e mentiras sobre por que compramos / Martin Lindstrom ; tradução Marcello Lino. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

SOBRE ENTEÓGENOS, A QUÍMICA DA CONSCIÊNCIA E DISPOSITIVO RACIONAL

Ascott, Roy. 2003 Telematic Embrace: Visionary Theories of Art, Technology, and Consciousness. Edward A Shanken, ed. Berkeley: University of California Press.
Burroughs, William S, and Allen Ginsberg. 2006 Las cartas de la ayahuasca. Roger Wolfe, tran. Barcelona: Anagrama Editorial.
Carhart-Harris, Robin, David Erritzoe, Tim Williams, et al.2012 Neural Correlates of the Psychedelic State as Determined by fMRI Studies with Psilocybin. Proceedings of the National Academy of Sciences 109(6): 2138–2143.
Foucault, Michel. 1991 El Sujeto Y El Poder. María Cecilia Gómez and Juan Camilo Ochoa, trans. Bogotá: Carpe Diem.
Furst, Peter T. 2002 Los alucinógenos y la cultura. Madrid: Fondo de Cultura Económica.
Hofmann, Albert. 2006 La historia del LSD: cómo descubrí el ácido y qué pasó después en el mundo. Barcelona: Gedisa Editorial.
Kurzweil, Ray. 1999 La Era de las máquinas espirituales. Marco Aurelio Galmarini, tran. Barcelona: Planeta.
McKenna, Terence K. 1993 El manjar de los dioses: la búsqueda del árbol de la ciencia del bien y del mal : una historia de las plantas, las drogas y la evolución humana. Barcelona: Paidós.
Ott, Jonathan. 1998 Pharmacophilia o los paraïsos naturales. Barcelona: Phantastica.
Samorini, Giorgio. 2001 Los alucinógenos en el mito: relatos sobre el origen de las plantas psicoactivas. Barcelona: The March Hare.
Snyder, Solomon. 1999 Drugs and the Brain. Scientific American Library Series, no. New York: Scientific American Library.

TCNXMNSM

para ler e baixar gratuitamente
https://issuu.com/invisiveisproducoes

ISBN 978-85-66129-23-6

CONCEPÇÃO E ORGANIZAÇÃO: FABIANE M. BORGES
COM APOIO DE GEORGE SANDER, CARSTEN AGGER E GISELI VASCONCELOS
EDIÇÃO DE TEXTO: FABIANE M. BORGES
EDITORAÇÃO E PROJETO GRÁFICO: DANIEL LIMA
TRADUTORES: GLERM SOARES E SIMONE BITTENCOURT
REVISÃO: FERNANDA LOMBA
PRODUÇÃO: INVISÍVEIS PRODUÇÕES
REALIZAÇÃO: REDE TECNOXAMANISMO, GOETHE-INSTITUT SÃO PAULO E INVISÍVEIS PRODUÇÕES

INVISÍVEIS PRODUÇÕES É UM CENTRO DE CRIAÇÃO, AÇÃO E REFLEXÃO QUE TRABALHA NA INTERSECÇÃO ENTRE ARTE E POLÍTICA. A INVISÍVEIS PRODUÇÕES OPERA DE FORMA AUTÔNOMA, TRANSVERSAL E HORIZONTAL. AUTÔNOMA NA MANEIRA DE MOVIMENTAR-SE, CRIANDO DIFERENTES DIAGRAMAS E VÍNCULOS INSTITUCIONAIS SUSTENTANDO SUA INDEPENDÊNCIA DE PENSAMENTO. TRANSVERSAL NA MANEIRA DE COLETAR E REUNIR UMA RESERVA CRÍTICA DE VOZES DISSONANTES. HORIZONTAL NA FORMA DE PRODUZIR E COMPARTILHAR LIVREMENTE O CONHECIMENTO EM LIVROS, FILMES E PROJETOS CULTURAIS.
CONHEÇA E BAIXE NOSSAS PUBLICAÇÕES EM **ISSUU.COM/INVISIVEISPRODUCOES**
PARA CONTATO ESCREVA PARA **INVISIVEISPRODUCOES@GMAIL.COM**

CREATIVE COMMONS
ATRIBUIÇÃO-USO NÃO-COMERCIAL 3.0 BRASIL WWW.CREATIVECOMMONS.ORG/LICENSES/BY-NC-ND/3.0/BR/
ESTE LIVRO PODE SER UTILIZADO, COPIADO, DISTRIBUÍDO, EXIBIDO OU REPRODUZIDO EM QUALQUER MEIO OU FORMA, SEJA MECÂNICO OU ELETRÔNICO, INCLUINDO FOTOCÓPIA, DESDE QUE NÃO TENHA OBJETIVO COMERCIAL E SEJAM CITADOS OS AUTORES E A FONTE.

Realização:

GOETHE INSTITUT

Invisíveis Produções

REDE TECNOXAMANISMO